A TERCEIRA VISÃO
T. LOBSANG RAMPA

PREFACIO DO AUTOR

Sou tibetano. Um dos poucos que atingiram este estranho mundo ocidental. A estruturação e a gramática deste livro deixam muito a desejar, mas nunca recebi uma lição formal de inglês. A minha escola de inglês foi um campo de concentração nipônico, onde aprendi a língua, o melhor que podia, com as prisioneiras inglesas e americanas, que eram minhas doentes.

Agora o meu amado país foi invadido — como fora previsto — pelas hordas comunistas. Só por essa razão ocultei o meu verdadeiro nome e o dos meus amigos. Tanto lutei contra o comunismo que sei que os meus amigos que se encontram em países comunistas sofreriam se a minha verdadeira identidade fosse revelada. Como estive em mãos dos comunistas, assim como dos japoneses, sei por experiência própria o que a tortura pode conseguir. Mas o assunto deste livro não é tortura, mas uma nação amante da paz que há muito tempo é incompreendida e vilipendiada.

Algumas das minhas afirmações, segundo me dizem, talvez não sejam acreditadas. Duvidar é um direito de quem me ler, mas o Tibete é uma nação desconhecida do resto do mundo. O homem que escreveu, acerca de outro país, que "as pessoas galopavam sobre o mar às costas de tartarugas" foi escarnecido e troçado. O mesmo aconteceu àqueles que tinham visto peixes, dizendo serem fósseis vivos. Contudo, estes últimos foram recentemente descobertos e um espécime levado para os Estados Unidos num avião frigorífico. Ninguém acreditou nesses homens. Mas eventualmente provou-se que as suas palavras eram verdadeiras e exatas. E assim acontecerá comigo.

Escrito no Ano do Carneiro de Madeira

T. LOBSANG RAMPA

Capítulo um

A INFÂNCIA NA CASA PATERNA

"Olé! Olé! Quatro anos de idade e não te agüentas em cima de um cavalo! Nunca serás um homem! Que dirá teu nobre pai?" Ao dizer isto, o velho Tzu deu no pônei — e no infeliz cavaleiro — uma vigorosa palmada na garupa e cuspiu na poeira.

Os telhados e as cúpulas douradas da Potala cintilavam sob a luz brilhante do sol. Mais de perto, as águas azuis do lago do Templo da Serpente encrespavam-se com a passagem das aves aquáticas. De mais longe, das distâncias do trilho pedregoso, chegavam os gritos de incitamento dos homens que apressavam os pachorrentos iaques[1] que começavam a sair de Lhasa. De mais perto subiam os "bmmn, bmmn, bmmn" das trombetas marinhas, enquanto os monges músicos praticavam nos campos, afastados das multidões.

[1] Os Bos Grunniens Lin. *Bois do Tibete, usados para carga e montaria. (N. do T.)*

Mas eu não tinha tempo para contemplar essas coisas banais e cotidianas. A minha tarefa era mais séria, e consistia em manter-me no dorso do meu relutante pônei. *Nakkim* também tinha outras preocupações no seu cérebro. Queria ver-se livre do seu cavaleiro, para pastar, rebolar-se e espernear com as patas no ar.

O velho Tzu era um chefe de disciplina carrancudo e inflexível. Fora sempre severo e duro, e agora, como guardião e instrutor de equitação de um garotinho de quatro anos, faltava-lhe, às vezes, paciência. Um dos homens de Khan, ele com outros, fora escolhido pela sua corpulência e força. Media quase dois metros e dez e a largura era correspondente. Os ombros

bem chumaçados da roupa aumentavam ainda mais a sua largura natural. Existe no Tibete oriental um distrito onde os homens são extraordinariamente altos e fortes. Muitos medem mais de dois metros e dez, e tais homens são geralmente selecionados para agir como monges-policiais em todos os mosteiros de lamas. Todos enchumaçavam os ombros para aumentar a sua autêntica corpulência, enegreciam as faces para mostrar um ar mais feroz e andavam munidos de longos cacetes, prontos sempre a usá-los em qualquer infeliz malfeitor.

Tzu tinha sido um monge-polícia, mas servia agora de ama-seca de um principezinho de pouca importância! Estava por demais aleijado para poder andar muito, e por isso todas as suas viagens eram feitas a cavalo. Os ingleses, em 1904, haviam invadido o Tibete sob o comando do Coronel Younghusband, causando imensos danos. Ao que parece, tinham pensado que a melhor maneira de conquistar a nossa amizade era bombardear as nossas casas e matar o nosso povo. Tzu tinha sido um dos defensores, e durante os combates parte do seu quadril esquerdo tinha ido pelos ares.

Meu pai era um dos homens mais importantes do governo tibetano. Tanto a sua família quanto a de minha mãe estavam incluídas nas dez primeiras famílias, e por isso, em conjunto, meus pais exerciam uma influência considerável nos negócios do país. Mais adiante darei pormenores acerca da nossa forma de governo.

Meu pai era um homem corpulento, volumoso, com cerca de um metro e noventa de altura. Tinha razão para alardear a sua força. Na sua juventude podia levantar do chão um pônei, e era dos poucos que podiam lutar com os homens de Khan e levar a melhor.

A maioria dos tibetanos tem cabelos negros e olhos castanho-escuros. O meu pai era uma das exceções: o cabelo era castanho e os olhos cinzentos. Entregava-se com freqüência a explosões de cólera súbita sem que pudéssemos perceber as razões.

Poucas ocasiões tínhamos de ver meu pai. O Tibete atravessava um período muito confuso da sua história. Os

ingleses tinham-no invadido em 1904 e o Dalai-Lama tinha fugido para a Mongólia, deixando meu pai e outros membros do gabinete a governar na sua ausência. Em 1909, o Dalai-Lama voltou para Lhasa depois de ter visitado Pequim. Em 1910, os chineses, encorajados pelo êxito dos ingleses, assaltaram Lhasa. O Dalai-Lama retirou-se novamente, desta vez para a Índia. Os chineses foram escorraçados de Lhasa em 1911, ao tempo da revolução chinesa, mas não sem que primeiro tivessem cometido crimes atrozes contra o nosso povo.

Em 1912, o Dalai-Lama voltou para Lhasa mais uma vez. Durante a sua ausência, em todos aqueles dias tão difíceis, a meu pai e aos outros membros do gabinete coubera a responsabilidade de governar o Tibete. Minha mãe costumava dizer que a disposição de meu pai não voltara jamais a ser o que fora. Não tinha, com certeza, tempo a perder com os filhos, e nunca conhecemos o que fosse o amor paterno. Eu, especialmente, parecia exacerbar-lhe a ira, e fiquei entregue às impaciências de Tzu, "para endireitar ou quebrar", como meu pai dizia.

Tzu considerava as minhas fracas exibições em cima de um pônei como uma afronta pessoal. No Tibete, os meninos das famílias aristocráticas são ensinados a montar antes quase de saberem andar. Ser bom cavaleiro é essencial num país onde não há carros e onde todas as viagens têm de ser feitas a pé ou a cavalo. A nobreza tibetana pratica a equitação horas a fio, dia após dia. Agüentam-se de pé na estreita sela de madeira com o cavalo lançado a galope e atiram num alvo móvel, primeiro com espingarda e depois com arco e flecha. Às vezes, os bons cavaleiros lançam-se a galope através das planícies, em formações regulares, e mudam de cavalos saltando de uma sela para a outra. Eu, aos quatro anos, tinha as maiores dificuldades em agüentar-me só numa sela!

O meu pônei, *Nakkim*, era peludo e tinha uma cauda comprida. A sua cabeça fina tinha um ar inteligente. Tinha uma quantidade espantosa de recursos para se ver livre de um cavaleiro inexperiente como eu. A manha favorita era dar uma

corridinha para a frente e parar de repente com a cabeça baixa. Quando eu deslizava desamparadamente ao longo do pescoço e lhe chegava à altura da cabeça, ele levantava-a de repente, de forma que eu dava um salto mortal completo antes de atingir o chão. Depois ficava parado a olhar paia mim com um ar presumido e complacente.

No Tibete nunca se anda a trote; os pôneis são pequenos e os cavaleiros parecem ridículos num pônei a trote. A maioria das vezes um furta-passo suave é suficientemente rápido para as necessidades, reservando-se o galope para exercícios.

O Tibete é uma teocracia. Nenhum interesse tínhamos pelo "progresso" do mundo exterior. Nunca desejamos outra coisa senão ser deixados em paz, para poder meditar e subjugar os impulsos da carne. Os nossos sábios sabiam de há muito que o Ocidente cobiçava as nossas riquezas, e sabiam também que logo que os estrangeiros chegassem a paz desapareceria. Agora que os comunistas entraram no Tibete provou-se que tinham razão.

A minha casa era em Lhasa, no bairro rico de Lingkhor, na estrada de contorno que rodeia Lhasa, à sombra do Pico. Há três estradas circulares, e a mais afastada, Lingkhor, é muito usada pelos peregrinos. Quando nasci, a nossa casa, como todas as de Lhasa, só tinha dois andares no lado que dava para a estrada. Ninguém pode olhar de cima para o Dalai-Lama, por isso o limite são dois andares. Como essa proibição, na realidade, só tem significado durante a procissão que se realiza uma vez por ano, muitas casas têm nos telhados planos, durante onze meses do ano, uma estrutura de madeira fácil de desmontar.

A nossa casa era de pedra e fora construída havia muitíssimos anos. Tinha a forma de um quadro, com um grande pátio interior. Os animais domésticos viviam no térreo e nós no primeiro andar. Tínhamos a boa fortuna de possuir um lance de degraus de pedra; a maioria das casas do Tibete não tinha mais que uma escada de madeira, e nas casas dos camponeses havia só um pedaço de pau entalhado por onde se subia, correndo sérios riscos de esfolar as canelas. Com o uso, esses paus

entalhados tornavam-se muito escorregadios; as mãos besuntadas de manteiga de iaque engorduravam-nos, e o camponês que se distraísse fazia uma descida rápida demais até o chão.

Em 1910, durante a invasão chinesa, a nossa casa fora parcialmente destruída e a parede interior do edifício tinha sido demolida. O meu pai fê-la reconstruir com quatro andares. Essa parte não dava para a estrada, e assim não olharíamos por cima da cabeça do Dalai-Lama quando passasse em procissão. Por isso, não houve protestos.

O portão que dava acesso ao nosso pátio interior era pesado, negro e muito velho. Os invasores chineses, por não terem sido capazes de lhe forçar as vigas de madeira sólida, tinham demolido a parede. Bem por cima desse portão ficava o escritório do administrador. Dali ele podia ver toda a gente que entrava e saía. Era ele quem contratava e despedia o pessoal e quem, providenciava para que os serviços domésticos corressem eficazmente. Ali, à sua janela, enquanto as trombetas da tarde soavam nos conventos, vinham os mendigos de Lhasa receber uma refeição que os sustentasse durante a noite. Todos os principais nobres proviam às necessidades dos pobres do seu respectivo bairro. Por vezes, apareciam condenados presos por correntes, porque no Tibete há poucas prisões e os condenados vagueiam pelas ruas mendigando o seu sustento.

No Tibete, os condenados não são desprezados nem considerados párias. Todos nós sabemos que muitos de nós seríamos condenados se as nossas faltas fossem descobertas e por isso os que são atingidos por esse infortúnio são tratados com compaixão.

Em quartos à direita do gabinete do administrador viviam dois monges; as suas funções eram as de capelães domésticos, e a sua missão era rezar diariamente pedindo a proteção divina para as nossas atividades. Os nobres de menor linhagem tinham um capelão só, mas a nossa posição obrigava a dois. Antes de qualquer acontecimento de importância, esses sacerdotes eram consultados e pedia-se-lhes que dedicassem preces aos deuses

para obter o seu favor. De três em três anos, os monges voltavam para os seus lamastérios e eram substituídos por outros.

Em cada lado da nossa casa havia uma capela. As lamparinas de manteiga mantinham-se permanentemente acesas em frente dos altares de madeira esculpida. As sete pias de água benta eram limpas e renovadas várias vezes por dia. Tinham de estar limpas porque os deuses poderiam querer beber delas. Os monges eram bem alimentados e comiam à mesma mesa com a família para que pudessem rezar eficientemente e dizer aos deuses que a nossa comida era boa.

À esquerda do gabinete do administrador vivia o especialista em leis, cuja tarefa consistia em assegurar que os negócios da família fossem conduzidos de maneira correta e legal. Os tibetanos são muito cumpridores das leis e meu pai tinha de dar um exemplo impecável nesse particular.

Nós, as crianças, meu irmão Paljör, minha irmã Yasodhara e eu, vivíamos na nova ala, no lado do pátio mais afastado da estrada. À nossa esquerda ficava a capela, à direita a sala de estudo, onde praticavam, também, os filhos dos criados. As nossas lições eram longas e variadas. Paljör não habitou por muito tempo o seu corpo. Era fraco e incapaz de suportar a vida dura a que éramos submetidos. Antes de completar sete anos deixou-nos e voltou para o País dos Muitos Templos. Yaso tinha seis anos e eu tinha quatro quando ele morreu. Lembro-me de quando o vieram buscar. Estava estendido e parecia uma casca vazia, e os homens da morte o levaram para o esquartejar e dá-lo de pasto aos abutres, de acordo com o costume.

Passei a ser o herdeiro da família e o meu treino foi intensificado. Tinha quatro anos e era um cavaleiro menos que medíocre. Meu pai era um homem rigoroso e um príncipe da Igreja, e nessa qualidade tinha de certificar-se de que o seu filho adquiria disciplina severa e podia servir de exemplo aos outros, como modelo de criança bem educada.

No meu país, quanto mais elevada é a classe a que um menino pertence mais rigorosa é a sua preparação. Alguns

nobres começavam a pensar que os meninos deviam ter uma vida menos severa, mas meu pai não era dessa opinião. A sua atitude resumia-se nisso: um menino pobre não podia esperar qualquer conforto mais tarde, por isso devia-se ter com ele bondade e consideração enquanto era novo. Mas um menino das classes abastadas teria toda a espécie de conforto e riquezas quando crescesse e, por isso, devia ser tratado com aspereza durante a infância e a adolescência para que adquirisse experiência das agruras da vida e tivesse respeito e consideração pelos outros. Essa era também a atitude oficial do país. Sob esse sistema, os meninos fracos não resistiam, mas os que sobreviviam estavam preparados para todas as eventualidades.

Tzu vivia num quarto do andar térreo, perto do portão principal. Na sua qualidade de monge-polícia, convivera durante muitos anos com gente de todas as espécies e era-lhe difícil suportar a sua vida de recluso, longe de tudo isso. Vivia perto das cocheiras, onde meu pai guardava os vinte cavalos-, os pôneis e os animais de trabalho.

Os empregados das cocheiras tinham um ódio mortal a Tzu, porque ele era implicante e gostava de interferir nos seus trabalhos. Quando meu pai saía a cavalo, tinha de levar uma escolta de seis homens armados. Esses homens usavam uniforme e Tzu andava sempre a observá-los, para se certificar de que todo o equipamento estava em perfeita ordem.

Por motivo que desconheço, esses seis homens costumavam levar os cavalos até junto da parede e depois, quando o meu pai aparecia, já montado, atiravam-se para a frente a galope ao encontro dele. Uma vez, descobri que, debruçando-me de uma das janelas da despensa, podia tocar num dos cavaleiros. Um dia, nada tendo que fazer, passei cuidadosamente uma corda pelo forte cinturão de couro, enquanto ele ajeitava o uniforme. Fiz um laço com as duas extremidades da corda e passei-a por um gancho que havia dentro da janela. No meio da atividade que havia no pátio ninguém reparou em mim. Meu pai apareceu e os cavaleiros galoparam ao seu encontro. Cinco. O sexto tinha sido puxado do cavalo, e começou a berrar dizendo que os demônios

o estavam agarrando. O cinturão se quebrou com o peso e na confusão que se estabeleceu consegui puxar a corda e desaparecer sem ser visto. Mais tarde diverti-me muito quando lhe dizia: "Quer dizer, Netuk, que você também não se agüenta num cavalo".

Os nossos dias eram duros: estávamos de pé dezoito horas por dia. Os tibetanos supõem que não é bom dormir quando há luz do dia porque os demônios do dia podem vir e levar a pessoa adormecida. Até os bebês são mantidos acordados para não serem levados pelos demônios. Mesmo os que estão doentes têm de permanecer acordados, e para isso chama-se um monge. Ninguém é poupado; até os moribundos têm de ser conservados conscientes tanto quanto possível para que saibam qual é a estrada a seguir através das regiões fronteiriças do outro mundo.

Na escola, aprendíamos línguas: tibetano e chinês. Os tibetanos têm duas formas diferentes, a comum e a honorífica. A comum usa-se quando se fala com os criados ou pessoas de condição social inferior à própria; a honorífica, quando se trata com pessoas da mesma classe ou da superior. Quando falamos com o cavalo de uma pessoa de classe social elevada temos de utilizar o estilo honorífico! O nosso aristocrático gato, se atravessasse o pátio, pé ante pé, entregue aos seus assuntos privados, seria interrompido por um criado nos seguintes termos: "Dignar-se-á o ilustre senhor gato a interromper o seu passeio e beber este humilde pires de leite?" Mas, indiferente aos termos em que se lhe dirigiam, o "ilustre senhor gato" nunca atendia a petição a não ser que tivesse vontade.

A nossa sala de estudos era bastante grande; tinha sido em tempos usada para refeitório de monges que nos visitavam, mas, desde que as obras tinham acabado, aquela sala fora destinada a sala de aula para todas as crianças da propriedade. Éramos ao todo uns sessenta. Sentávamos no chão de pernas cruzadas, em frente a uma mesa, ou melhor, a uma bancada baixa que tinha cerca de quarenta centímetros de altura. Sentávamo-nos de costas para o mestre para não sabermos quando ele estava olhando para nós; assim tínhamos de estar sempre trabalhando.

O papel no Tibete é feito a mão, e por isso é caríssimo, caro demais para ser utilizado por crianças. Devido a esse fato, só usávamos lâminas finas de ardósia de cerca de trinta centímetros por trinta e cinco centímetros; os "lápis" eram uma espécie de giz duro que se encontrava nas montanhas de Tsu La, num ponto que ficava a uns três mil e quinhentos metros acima do nível do mar. Eu procurava sempre pedaços de giz de tom avermelhado, mas minha irmã Yaso tinha grande preferência pelos tons de violeta-pálido. Era possível obter uma grande quantidade de tons: vermelho, amarelo, azul e verde. Algumas cores, segundo creio, eram devidas à presença de diversos minérios. Fosse qual fosse a razão, gostávamos do nosso giz colorido.

A aritmética aborrecia-me mortalmente. Se setecentos e oitenta e três monges comiam diariamente cinqüenta e duas tigelas de *tsampa,* e cada tigela continha cinco oitavos de uma pinta[í], qual devia ser a capacidade da vasilha para conservar a quantidade necessária para uma semana? A minha irmã Yaso podia resolver estes problemas com a maior facilidade. Eu não era tão esperto.

[1] Medida inglesa de capacidade equivalente a 0,568 l. (N. do E.)

Na talha da madeira é que ninguém me levava a melhor. Era um trabalho de que eu gostava e em que era bastante hábil. A impressão, no Tibete, é toda feita com blocos de madeira talhados, e por isso a arte de entalhar é considerada uma técnica valiosa. Mas as crianças não podiam ter madeira para estragar. A madeira é muito cara porque tem de ser transportada da índia. A madeira do Tibete é dura demais e o veio não é apropriado para trabalho de talha. Usávamos para talhar uma rocha macia, quase uma espécie de greda, que se podia cortar facilmente com uma faca bem afiada. Às vezes usávamos queijo rançoso, de iaque!

Uma das lições diárias que nunca se dispensavam era a recitação das leis. Tínhamos de as recitar logo que entrávamos na aula, e outra vez antes de sairmos. As leis eram as seguintes:

Paga o bem com o bem;
Não brigues com gente pacífica;
Lê as Escrituras e compreende-as;
Ajuda os teus semelhantes;
A lei é dura para com os ricos para lhes ensinar compreensão e eqüidade;
A lei é suave para com os pobres para lhes mostrar compaixão;
Paga as tuas dívidas com pontualidade.

Para que não houvesse possibilidade de as esquecer, essas leis estavam gravadas em placas fixas nas quatro paredes da classe.

A vida, porém, não era só estudo e canseiras; brincávamos quase tanto quanto estudávamos. Todos os nossos jogos tendiam a enrijar-nos e a preparar-nos para sobreviver à dureza do clima tibetano, com as suas temperaturas rigorosas. Ao meio-dia, no verão, a temperatura chega a ser de trinta graus, mas nesse mesmo dia ao anoitecer pode chegar a quarenta graus abaixo de zero. No inverno, é às vezes muito mais baixa.

Aprendíamos a disparar com arcos e flechas, o que além de ser imensamente divertido contribuía para nos desenvolver os músculos. Usávamos arcos feitos de teixo importado da índia e às vezes fazíamos bestas com madeira local. Como éramos budistas, nunca disparávamos sobre alvos vivos. Criados escondidos faziam os alvos subir ou descer por meio de longas cordas — nós nunca sabíamos em que direção os alvos se iam mover. A maior parte dos rapazes podia atirar mantendo-se de pé nas selas de pôneis lançados a galope. Mas eu nunca consegui me manter montado o tempo suficiente! Nos saltos a vara a história era, porém, outra. Aí não havia cavalo para preocupar-me. Corríamos tão depressa quanto podíamos com uma vara de quase cinco metros e quando a velocidade era suficiente saltávamos apoiando-nos na vara. Eu costumava dizer que os outros andavam tanto tempo a cavalo que não tinham força nas pernas, mas eu, que tinha de usar as pernas, podia de

fato pular. Era um sistema excelente para atravessar rios e eu ficava muito satisfeito ao ver aqueles que tentavam seguir-me mergulharem um atrás do outro.

Outro dos nossos passatempos eram as andas. Costumávamos mascarar-nos e brincar de gigantes e às vezes organizávamos combates em andas — aquele que caía era considerado vencido. As nossas andas eram feitas por nós; ali não podíamos ir comprar as coisas na loja da esquina. Tínhamos de usar todo o nosso poder de persuasão sobre o fiel de armazém — que geralmente era o próprio administrador — de forma a podermos obter as peças de madeira de que precisávamos. O veio tinha de ser apropriado e as peças tinham de ser isentas de buracos de nós. Depois era preciso obter os pedaços em forma de cunha para os suportes dos pés. Como a madeira era muito escassa para ser desperdiçada, tínhamos de esperar a melhor oportunidade para fazer o pedido.

As meninas brincavam com uma espécie de peteca; um pequeno pedaço de madeira era perfurado numa das bordas e nesses orifícios colocavam-se penas; a peteca era atirada com os pés de umas para outras; as meninas levantavam as saias o suficiente para as pernas terem liberdade de movimento e chutavam a peteca de maneira a mantê-la no ar, sem lhe tocarem com a mão; se o fizessem ficavam desclassificadas. Uma menina vigorosa mantinha a peteca no ar às vezes durante uns dez minutos antes de falhar um pontapé.

Mas o maior interesse no Tibete, ou, pelo menos, no distrito de Ü, que é o de Lhasa, era o lançamento de papagaios. É a esse que se pode chamar o esporte nacional. Só nos podíamos entregar a esse esporte em determinadas estações do ano. Em tempos remotos, tinha-se descoberto que se se lançassem papagaios nas montanhas a chuva caía em torrentes, e nesse tempo acreditava-se que os deuses das chuvas ficavam zangados. Por isso, o lançamento de papagaios só era permitido no outono, que no Tibete é estação seca. Em certas épocas do ano, os homens não gritam nas montanhas porque a percussão das vozes leva as nuvens saturadas da água da Índia a

liquefazerem-se demasiadamente depressa e a provocarem chuvas nos sítios menos convenientes. Agora, no primeiro dia do outono, lançam um papagaio solitário do telhado da Potala. Dentro de minutos, papagaios de todos os feitios, tamanhos e cores aparecem sobre os telhados de Lhasa, flutuando para cima e para baixo, agitados pelas fortes brisas.

Eu gostava imenso de soltar papagaios e esforçava-me para que o meu fosse um dos primeiros a subir ao céu. Construíamos os nossos papagaios, geralmente, com uma armação de bambu coberta de seda fina. Não nos era difícil obter materiais de boa qualidade, porque era um ponto de honra para cada lar apresentar um papagaio da mais alta classe. Tinham um formato de caixote que habitualmente adornávamos com um feroz dragão com asas e cauda.

Travávamos batalhas nas quais tentávamos derrubar os papagaios dos nossos rivais. Prendíamos cacos de vidro à cauda dos papagaios e cobríamos parte da linha com cola misturada com vidro moído na esperança de cortar as linhas dos outros e capturar o papagaio que caísse.

Às vezes, saíamos cautelosamente à noite e fazíamos subir os nossos papagaios com pequenas lamparinas de manteiga dentro da cabeça e do corpo. Desse modo, os olhos adquiriam um brilho avermelhado e os corpos mostravam as suas cores diferentes contra o fundo escuro do céu noturno; gostávamos de assim proceder quando esperávamos a chegada das caravanas de iaques que vinham do distrito de Lho-dzong. Na nossa inocência de crianças, pensávamos que os camponeses ignorantes desses lugares longínquos desconheciam a existência de invenções "modernas" como os nossos papagaios, e por isso julgávamos que os assustaríamos.

Também costumávamos colocar três conchas diferentes em certas posições dentro dos papagaios, de forma que quando o vento soprava sobre eles produziam um som queixoso e fantasmagórico. Pensávamos que se assemelhavam assim aos dragões que expeliam fogo e ululavam na noite e esperávamos assim assustar ainda mais os feirantes das caravanas. Sentíamos

arrepios de contentamento ao longo da espinha ao imaginar aqueles homens enrolados nos seus cobertores, aterrorizados, enquanto os nossos papagaios pairavam por cima das suas cabeças.

Ainda que então estivesse longe de o,saber, as minhas brincadeiras com papagaios haviam de me ser muito úteis mais tarde, quando me vi obrigado a voar neles. Naquele tempo, não passavam de uma brincadeira, mas de uma brincadeira que entusiasmava. Tínhamos um jogo que podia ser bastante perigoso: construíamos grandes papagaios — aparelhos enormes com dois metros e meio ou três metros de comprimento e largura e com asas em ambos os lados. Colocávamo-los em terreno plano próximo a uma ravina onde houvesse uma corrente de ar vertical particularmente forte. Montávamos nos nossos pôneis com uma das extremidades da corda atada à volta da cintura e depois galopávamos tão depressa quanto os pôneis podiam. O papagaio saltava, ia subindo mais e mais até ser apanhado pela corrente de ar; o cavaleiro era então arrancado da sela com um puxão, pairava a uns dez metros do chão e vinha descendo lentamente. Alguns, que se esqueciam de tirar os pés dos estribos, eram violentamente puxados pela cintura, mas eu, que de qualquer maneira não era grande cavaleiro, deixava-me cair, e era um prazer deixar-me levar pelo ar. Sendo, por temperamento, de natureza insensatamente aventurosa, cedo descobri que, se no momento da subida desse, um certo puxão à corda, podia subir ainda mais alto e com outros puxões judiciosos nos momentos propícios podia prolongar o vôo durante mais alguns segundos.

Em determinada ocasião puxei com mais entusiasmo, o vento cooperou, e fui levado para o telhado horizontal da casa de um camponês, onde estava armazenado o combustível para o inverno.

Os camponeses tibetanos vivem em casas com telhados planos, circundados por um pequeno parapeito, e aí conservam o estrume de iaque, que, depois de seco, serve de combustível. Esta casa, particularmente, era construída de tijolos de barro em

vez de pedra, que é mais usual, e não tinha chaminé: o fumo da lareira escapava através de um buraco aberto no telhado. A minha chegada súbita na ponta de uma corda desmanchou o arranjo do estrume e, ao ser arrastado pelo vento, varri com o meu corpo a maior parte do combustível, que tombou pelo buraco sobre os pobres camponeses.

A minha aparição não foi um sucesso; quando surgi entre eles, tombando pelo buraco, fui recebido com gritos de raiva e, depois de o furioso proprietário me ter sacudido a poeira dos calções, fui levado à presença de meu pai para receber dele a segunda dose da mesma receita corretiva. Nessa noite tive de dormir deitado de bruços!

No dia seguinte, encarregaram-me da tarefa pouco agradável de andar pelos estábulos e apanhar estrume de iaque, e levá-lo para a casa do camponês e a colocá-lo no telhado, o que era um trabalho pesado para quem, como eu, ainda não completara os seis anos de idade. Toda a gente ficou satisfeita, menos eu; os outros meninos fartaram-se de rir à minha custa; o camponês ficou com mais do dobro de combustível; e o meu pai teve uma oportunidade de demonstrar que era um homem reto e justo. E eu? Passei a noite seguinte outra vez de bruços, e não foi em conseqüência de andar muito a cavalo.

Talvez se considere que tudo isso era dureza demasiada, mas no Tibete não há lugar para os fracos. Lhasa fica a três mil e quinhentos metros acima do nível do mar e sofre temperaturas extremas. Outros distritos são ainda mais altos e as condições de vida ainda mais duras, e os fracos podem facilmente fazer perigar a segurança dos outros. Por essa razão, e não porque sejamos um povo com instintos cruéis, o treinamento dos jovens é tão perigoso.

Nos lugares mais elevados, as pessoas vão em procissão mergulhar os bebês recém-nascidos em torrentes geladas para verificar se são suficientemente resistentes para poderem viver. Vi com freqüência tais procissões aproximarem-se da margem dos pequenos ribeiros, a uns cinco mil e quinhentos metros de altitude. A procissão pára nas margens e a avó toma o bebê nos

braços. À sua volta agrupa-se a família: pai, mãe e parentes chegados. O bebê é despido e a avó curva-se e mergulha na água o pequeno corpo, até ao pescoço, de forma a que só a cabeça fique exposta ao ar. Na água gelada, o bebê torna-se vermelho, depois azul, até que os seus gritos de protesto cessam. O bebê parece morto, mas a avó tem grande experiência e retira o pequenino da água, seca-o e veste-o. Se o bebê sobreviver é porque era esta a vontade dos deuses. Se morrer, foi assim poupado a muito sofrimento na Terra. Não há dúvida de que, num país tão gélido, esse processo é imensamente prático: é muito melhor que morram alguns bebês do que se formar uma legião de inválidos incuráveis num país onde os recursos médicos são escassos.

Com a morte de meu irmão, tornou-se necessária a intensificação dos meus estudos, porque quando atingisse os sete anos de idade teria de iniciar o treino para a carreira que os astrólogos indicassem. No Tibete, tudo se decide de acordo com a astrologia, desde a compra de um iaque até a escolha de uma carreira. Aproximava-se o dia do meu sétimo aniversário, em que minha mãe tinha de oferecer uma grande festa para a qual seriam convidados os nobres e personagens de alto nível social para ouvir as previsões dos astrólogos.

Minha mãe era uma senhora gorducha, de rosto redondo e cabelo negro. As mulheres tibetanas usam na cabeça uma espécie de armação de madeira à volta da qual arranjam os cabelos de maneira ornamental. Estas armações são coisas muito complicadas, às vezes de laça carmesim, incrustadas de pedras semipreciosas e com embutidos de jade e coral. Com o cabelo meio oleado, arranjado à volta, o efeito era às vezes brilhante. Também o seu traje é muito garrido; nos seus vestidos empregam as cores vermelha, amarela e verde. Na maioria dos casos, põem um avental de uma só cor, com uma listra horizontal de um tom que contraste com o todo, sem prejuízo de uma certa harmonia. O tamanho do brinco que usam na orelha esquerda depende da classe a que pertencem. Minha mãe, que

era de uma das famílias mais importantes, tinha um brinco com mais de quinze centímetros de comprimento.

Nós acreditamos que as mulheres devem ter direitos absolutamente iguais aos dos homens, mas na ordenação dos negócios domésticos minha mãe excedia até esses direitos e era uma ditadora indiscutível, uma autocrata que sabia o que desejava e obtinha o que queria.

Na azáfama de preparar a casa e os jardins para a festa, ela estava no seu elemento. Tinha de organizar tudo, dar ordens e elaborar novas idéias para brilhar mais que os vizinhos. Nisto ela era única: acompanhando sempre meu pai nas suas freqüentes viagens à Índia, a Pequim e a Xangai, tinha um rico cabedal de idéias estrangeiras ao seu dispor.

Uma vez marcada a data da festa, os monges-escribas escreviam cuidadosamente os convites em papel grosso, feito a mão, que era sempre usado nas comunicações mais importantes. Cada convite, que tinha cerca de trinta centímetros de largura por uns sessenta de comprimento, levava o selo da família do meu pai e o da de minha mãe por também pertencer a uma das dez famílias mais importantes. Como meu pai e minha mãe tinham um selo conjunto, esse também figurava, elevando o total a três. No fim, os convites eram documentos impressionantes. Amedrontava-me saber que toda aquela azáfama era unicamente por minha causa. Não sabia eu então que a minha importância era muito secundária; o que contava era o acontecimento social. Se me tivessem dito que a magnificência da festa daria grande prestígio a meus pais, tal afirmação não teria para mim qualquer significado; por isso continuava amedrontado.

Mensageiros especiais foram contratados para fazer a entrega dos convites; cada um deles montava um cavalo puro-sangue e tinha um bordão fendido onde ia alojado o convite. O bordão era encimado por uma réplica do escudo de armas da família e decorado com orações impressas que esvoaçavam ao vento. No pátio havia um pandemônio com todos os mensageiros prontos para partir ao mesmo tempo. Os cavalariços estavam roucos de

gritar, os cavalos relinchavam e os enormes mastins negros ladravam furiosamente. Antes de partir, os homens engoliram um último trago de cerveja tibetana, as canecas foram pousadas cuidadosamente, todas ao mesmo tempo, os portões a,briram-se com fragor e o grupo dos cavaleiros partiu a galope soltando gritos selvagens.

No Tibete, os mensageiros entregam a mensagem escrita mas ao mesmo tempo comunicam a sua versão oral, que pode ser completamente diferente. Em tempos distantes, os bandidos costumavam atacar os mensageiros e, seguindo as instruções contidas nas mensagens, assaltavam uma casa mal defendida ou uma procissão. Tornou-se então habitual escrever uma mensagem enganosa que às vezes atraía os bandoleiros a ciladas onde podiam ser facilmente capturados. Esse costume de enviar mensagens escritas e orais era, portanto, uma sobrevivência do passado. Mesmo agora as duas mensagens eram às vezes diferentes, sendo a oral reconhecida como a correta.

Dentro de casa continuava a balbúrdia em ritmo acelerado. Todas as paredes eram lavadas e pintadas, os soalhos eram raspados e polidos até se tornar perigoso andar em cima deles. Os altares de madeira esculpida nos quartos principais eram cobertos de laça nova e punham-se em uso muitas novas lamparinas de manteiga. Algumas eram de ouro, outras de prata, mas estavam todas tão brunidas que era por vezes difícil distingui-las. Minha mãe e o administrador corriam constantemente de um lado para o outro, criticando aqui, dando uma ordem acolá, e, de uma maneira geral, dando à criadagem uma vida de inferno. Tínhamos então mais de cinqüenta criados, mas tornava-se necessário contratar pessoal extra para a ocasião. Todos estavam estafados, mas todos trabalhavam com boa vontade. Até.o pátio era raspado e esfregado, a ponto de as pedras parecerem ter acabado de vir da pedreira. Os intervalos entre as lajes eram cheios de argamassa colorida, o que lhes dava um aspecto mais festivo. Depois de tudo pronto, os criados foram chamados à presença de minha mãe e receberam instruções para envergarem roupas novas e limpas.

Na cozinha, ia uma atividade que não se pode descrever; a comida era preparada em quantidades enormes. O Tibete é um frigorífico natural, e é possível preparar alimentos e guardá-los durante um tempo quase infinito. O clima é frigidíssimo e ao mesmo tempo muito seco, mas, mesmo quando a temperatura sobe ligeiramente, a secura do clima mantém a comida armazenada em boas condições. A carne conserva-se durante um ano e os cereais estão em perfeitas condições ao fim de um século.

A religião dos budistas não lhes permite matar, de forma que a única carne que se consome é a de animais que tombam dos rochedos ou que foram mortos por acidente. As nossas despensas estavam bem fornecidas com carne de tal proveniência. Há carniceiros no Tibete, mas pertencem a castas intocáveis, e as famílias mais ortodoxas não têm com eles qualquer espécie de contato.

Minha mãe tinha decidido preparar para os convidados um acepipe raro e dispendioso. Ia-lhes apresentar botões de rododendros de conserva. Semanas antes, os criados tinham partido a cavalo até aos contrafortes de Himalaia, onde cresciam os melhores botões. No nosso país, os rododendros crescem até tamanhos enormes e com uma pasmosa variedade de cores e perfumes. Os botões são colhidos antes de atingirem a maturidade e são cuidadosamente lavados: essa precaução é indispensável porque o mais ligeiro "toque" pode arruinar toda a conserva. Depois, cada flor é mergulhada numa mistura de água e mel numa grande jarra de vidro, e tendo-se o especial cuidado de extrair todo o ar. A jarra é selada e durante semanas coloca-se diariamente ao sol, virando-a a intervalos regulares de maneira que todas as partes da flor sejam sucessivamente expostas à luz. A flor se abre lentamente e enche-se de néctar, da água com mel. Algumas pessoas gostam de expor a flor ao ar durante alguns dias antes de servir, de forma a secá-la e endurecê-la, sem que com isso perca o aroma ou a aparência. Outras também costumam polvilhar as pétalas com um pouco de açúcar para imitar a neve. A prodigalidade obrigou meu pai a resmungar:

"Com o que gastou nessas flores podíamos ter comprado dez iaques com crias". A resposta da minha mãe foi tipicamente feminina: "Não seja bobo! Temos de fazer boa figura; além disso, essa parte dos preparativos é da minha conta".

Sopa de barbatanas de tubarão foi outro acepipe. Foram mandadas vir da China, cortadas em fatias. Alguém disse que sopa de barbatanas de tubarão é o maior petisco do mundo. Para mim aquilo tinha um gosto horrível; foi um suplício ter de engolir a mixórdia, especialmente porque, com o tempo que lhes levou a chegar ao Tibete, até o fornecedor teria dificuldade em reconhecê-las. Para usar um eufemismo, já estavam "pouco frescas". O fato, para alguns, até constituiu um requinte para o paladar.

O meu prato favorito eram os brotos de bambu, também mandados vir da China. É possível cozinhá-los de diversas maneiras, mas eu os prefiro crus, com uma pitada de sal. Gosto mais dos rebentozinhos recém-abertos, e o cozinheiro também era da minha opinião, porque só chegaram à mesa os maiores.

Todos os cozinheiros no Tibete pertencem ao sexo forte; as mulheres não servem para mexer a *tsampa* ou para condimentar com acerto. As mulheres tiram uma mancheia disto, pegam num punhado daquilo, e temperam ao acaso, esperando que acabe dando certo. Os homens são mais rigorosos; têm mais cuidado, e por isso têm possibilidades de ser melhores cozinheiros. As mulheres servem para limpar o pó, tagarelar, e, claro, para mais uma ou duas coisas, mas para fazer *tsampa* não são aproveitáveis.

Tsampa é o prato de resistência dos tibetanos. Algumas pessoas vivem de *tsampa* e chá desde a sua primeira refeição da vida até à última. *Tsampa* é feita com cevada que se torra até ficar bem dura e de um dourado escuro. Depois de quebrada a casca dos bagos de forma a expor a farinha, estes são torrados outra vez. Põe-se então a farinha numa bacia e junta-se-lhe chá quente com manteiga derretida. Mexe-se a mistura até ter a consistência de massa de pão. Junta-se sal, bórax e manteiga de iaque de acordo com o paladar. O resultado — a *tsampa* — pode

ser enrolado, feito em pãezinhos, ou moldado em feitios decorativos. Comida isoladamente, a *tsampa* é uma refeição sem grande paladar, mas não há dúvida de que é um alimento compacto, concentrado, capaz por si só de alimentar em grandes altitudes e em todas as condições.

Enquanto alguns dos criados preparavam *tsampa*, outros faziam manteiga. Os nossos métodos de preparação de manteiga não podem recomendar-se como muito higiênicos. As nossas desnatadeiras são grandes odres feitos de pele de cabra com o pêlo virado para dentro. Enchem-se com leite de iaque ou de cabra, retorce-se a abertura, dobram-se e atam-se até ficarem hermeticamente fechados. Depois são levantados e atirados ao chão até formar manteiga. Havia um pátio preparado especialmente para fazer a manteiga, com protuberâncias no chão com uns quarenta centímetros. Os odres cheios eram levantados ao ar e deixados cair sobre essas protuberâncias, que tinham o efeito de misturar o leite. Era muito monótono ver e ouvir talvez uns dez criados a levantar e atirar os odres horas a fio. Às vezes um odre mais maltratado ou mais velho rebentava. Lembro-me de ver uma vez um dos criados, homem verdadeiramente possante, a alardear a sua força. Estava trabalhando num ritmo muito superior a qualquer dos outros e o esforço intumescia-lhe as veias do pescoço. Um dos companheiros disse: "Está envelhecendo, Timor; é pouca a sua velocidade". Timor grunhiu com raiva, agarrou a boca do saco com as mãos poderosas, levantou o odre e deixou-o cair. Mas tinha empregado força demais. O odre caiu mas deixou ficar nas mãos erguidas de Timor o pescoço atado. Tombou em cheio numa das protuberâncias e um repuxo de manteiga meio feita saltou para o ar e atingiu a cara estupefata de Timor, enchendo-lhe a boca, os olhos, os ouvidos, o cabelo, escorrendo-lhe pelo corpo, cobrindo-o com uns doze ou quinze litros de uma lama amarelada.

Minha mãe acorreu atraída pelo barulho. Foi a única vez que a vi sem fala. Talvez tivesse sido a raiva provocada pelo desperdício da manteiga, ou talvez pensasse que o desgraçado

estava a afogar-se; o que é certo é que pegou na pele de cabra rebentada e bateu com ela na cabeça de Timor. Este perdeu o equilíbrio e estatelou-se no meio do lamaçal gorduroso.

Trabalhadores desajeitados como esse Timor podiam estragar a manteiga. Se atiravam os odres com pouco cuidado para cima das pedras protuberantes faziam desprenderem-se os pêlos dentro dos odres e estes misturavam-se com a manteiga. Ninguém se importava que tivesse de tirar uma ou duas dúzias de cabelos soltos da manteiga, mas quando vinham às mancheias as pessoas protestavam. Quando tal sucedia, guardava-se essa manteiga para as lamparinas ou para dar aos mendigos, que a aqueciam e depois filtravam através de um pedaço de pano. Guardavam-se também para os mendigos os "enganos" da cozinha. Se uma casa queria fazer ver aos vizinhos o seu alto nível de vida, preparava comida realmente de primeira ordem que punha à porta, para os mendigos, como se fossem "enganos". Esses cavalheiros, felizes e bem alimentados, andavam depois de casa em casa a louvar a boa comida que lhes tinham dado. Os vizinhos respondiam ao desafio preparando para os mendigos uma boa refeição. A vida de um mendigo no Tibete não é de desprezar. Nunca passam grandes privações; usando com habilidade os truques da profissão, podem até viver bastante bem. Na maioria dos países orientais mendigar não é vergonha. Muitos monges andam de mosteiro em mosteiro mendigando sempre. É um hábito aceito, que não é considerado menos edificante que, por exemplo, esmolar para obras de caridade noutros países. Aqueles que alimentam um monge itinerante praticam uma boa ação. Também os próprios mendigos têm o seu código. Quando se dá uma esmola a um mendigo ele não voltará a importunar e conservar-se-á afastado durante algum tempo.

Aos dois padres privativos da nossa casa também estava consignada uma tarefa nos preparativos para o grande acontecimento. Benzeram todas as carcaças de animais armazenadas nas nossas despensas e rezaram pelas almas dos animais que tinham habitado aqueles corpos. Acreditamos que

se um animal morre — mesmo acidentalmente — e é comido por pessoas, essas pessoas contraem uma dívida para com o animal. Tais dívidas são pagas por meio dessas rezas levadas a cabo pelos monges, que pedem que o animal venha a reencarnar-se, na sua próxima vida terrestre, num ser mais elevado. Nos lamastérios e nos templos alguns lamas devotavam todo o seu tempo a rezar pelas almas de animais. Os nossos padres tinham a missão de orar pelos cavalos que montávamos, antes de uma viagem longa, intercedendo para que os animais não se cansassem demais. Exatamente por causa disso os nossos cavalos nunca trabalhavam dois dias seguidos. Se um cavalo era montado hoje, tinha de descansar no dia seguinte. A mesma regra se aplicava a todos os animais de trabalho. E eles sabiam disso. Se por engano se escolhia para qualquer serviço um cavalo que tinha sido montado no dia anterior, o cavalo ficava quieto e não arredava pé. Quando se tirava a sela, voltava-se para nós a abanar a cabeça como quem diz: "Bom, ainda bem que *essa* injustiça não foi cometida!" Os burros eram piores: só depois de estarem completamente carregados é que se atiravam ao chão e rebolavam com a carga.

Na casa, havia três gatos, todos eles de serviço permanente. Um deles vivia nas cocheiras e exercia sobre os ratos locais uma disciplina severa. Tinham de ser ratos cautelosos se queriam continuar a pertencer à espécie e não ser o almoço de um gato. Outro vivia na cozinha. Era mais velho e um pouco maluco. A mãe tinha-se assustado com os canhões da expedição Younghusband, em 1904, e ele tinha nascido prematuramente e fora o único da ninhada que vingara. Chamava-se por isso Younghusband. O terceiro era uma matrona muito respeitável que vivia conosco. Era um modelo de devoção maternal e envidava todos os esforços para que a população felina não sofresse baixas. Quando não estava ocupada cuidando dos próprios filhotes, costumava seguir minha mãe pela casa toda. Era pequena e negra e, ainda que comesse tremendamente, parecia um esqueleto ambulante. Os animais do Tibete não são instrumento de distração nem escravos; são seres com uma

missão útil a cumprir, seres com direitos exatamente como qualquer ser humano. De acordo com a crença budista, todos os animais, todas as criaturas, de fato, têm alma e voltam a nascer depois da morte, reencarnados em estágios sucessivamente mais elevados.

Começamos dentro em pouco a receber as respostas aos nossos convites. Mensageiros chegavam a galope aos nossos portões brandindo os bordões fendidos. O administrador descia do seu escritório para fazer as honras aos mensageiros dos nobres. O homem arrancava a mensagem do bordão e declamava a versão oral num só fôlego. Depois, dobrava os joelhos e tombava no chão com sutil arte histriônica para indicar que tinha esgotado toda a sua energia para entregar a mensagem à Casa de Rampa. Os nossos criados representavam também os seus papéis cercando o mensageiro caído: "Pobre homem, fez uma viagem bem rápida. Rebentou o coração com a pressa, não há dúvida. Pobre e nobre homem!" Uma vez desgracei-me completamente interrompendo a cena: "Isso é que não. Eu bem o vi a descansar lá adiante para ser capaz de fazer o último pedaço da jornada a correr". Será mais discreto deixar tombar um véu de silêncio sobre a cena dolorosa que se seguiu.

Por fim, o grande dia chegou. O dia que eu temia, em que decidiriam por mim a minha carreira, sem que eu tivesse parte na escolha. Os primeiros raios do sol espreitavam sobre as cristas das montanhas distantes quando um criado entrou esbaforido pelo meu quarto adentro.

"O quê? Ainda na cama, Terça-Feira Lobsang Rampa? Caramba, que preguiçoso! Já são quatro horas e temos muito que fazer. *Levante-se!"*

Empurrei os cobertores e pus-me em pé. Para mim aquele dia havia de decidir o caminho da minha vida.

No Tibete toda a gente tem dois nomes próprios. O primeiro indica o dia da semana em que nasceu. Eu nasci numa terça-feira, portanto Terça-Feira era o meu primeiro nome. Depois vinha Lobsang, o nome escolhido pelos meus pais. Mas se um rapaz entrava para um lamastério, tinha de receber outro nome,

o seu nome de lama. Receberia eu outro nome? As horas que se iam seguir o diriam. Com os meus sete anos, o que eu queria era ser um barqueiro, vogar sobre as águas do rio Tsang-po, a uns sessenta quilômetros de distância. Mas, um momento: *Queria?* Os barqueiros são casta inferior porque usam barcos de pele de iaque estendida sobre uma armação de madeira. Barqueiro? Casta inferior? *Não!* O que eu queria ser era um soltador profissional de papagaios. Era muito melhor: ser tão livre como o vento era muito melhor que passar a vida num barco degradante de pele de iaque a vogar ao sabor da torrente. Soltador de papagaios, essa seria a minha escolha: e construiria papagaios maravilhosos, com cabeçorras enormes e olhos luminosos. Mas os lamas-astrólogos iriam dizer a sua palavra. Talvez tivesse deixado as coisas para tarde demais; já era tarde para saltar pela janela e fugir. O meu pai depressa mandaria os criados atrás de mim para me irem buscar. Não, e afinal eu era um Rampa e tinha de seguir nos passos da tradição. Talvez os astrólogos decidissem que eu deveria ser um soltador de papagaios. Tudo o que me restava era esperar. . . e desejar.

Capítulo dois

O FIM DA MINHA INFÂNCIA

— Eh! Yulgie! Está-me arrancando a cabeça! Se não tomar mais cuidado fico tão careca como um monge.

— Fique calado, Lobsang. Tenho de botar o seu rabicho bem direito e bem oleado ou sua ilustre mãe ralha comigo.

— Mas, Yulgie, não é preciso tanta violência; está-me tirando a cabeça.

— Ah! Não tenho tempo para me preocupar com essas coisas! Estou com pressa.

E ali estava eu, sentado no chão, enquanto um criado violento me dava corda ao rabicho, até que o estafermo do rabicho ficou

tão rígido quanto um iaque gelado e tão brilhante quanto o luar sobre um lago.

A minha mãe andava numa dobadoura, girando de um lado para outro com tal rapidez que eu quase julgava que tinha várias mães. Havia ordens a dar à última hora, preparativos finais, e muita conversa nervosa. Yaso, dois anos mais velha que eu, mexia-se de um lado para outro como uma mulher de quarenta. Meu pai tinha-se fechado no seu escritório particular e estava assim ao abrigo da barulheira. Quem me dera ter podido ir para junto dele!

Por qualquer razão minha mãe tinha decidido que iríamos todos ao Jo-kang, a catedral de Lhasa. Ao que parece, era preciso dar uma atmosfera religiosa aos preparativos finais. Por volta das dez da manhã (as horas no Tibete são muito elásticas), fomos chamados ao ponto de reunião pelo gongo de três tons. Montamos todos os nossos pôneis: meu pai, minha mãe, Yaso, mais umas cinco pessoas que incluíam um eu muito renitente. Atravessamos a estrada de Lingkhor, que deixamos ao sopé da Potala. A Potala é uma montanha de edifícios com uns cento e quarenta metros de altura e uns quatrocentos de comprimento. Passamos a aldeia de Shö, ao longo da planície de Kyi Chu, até que, meia hora mais tarde, paramos em frente de Jo-kang. À volta desse edifício, amontoam-se pequenas habitações, lojas e tendas para atrair os peregrinos. Há mil e trezentos anos que a catedral ali está para dar boas-vindas aos devotos. No interior, o chão de rocha mostra estrias com muitos centímetros de profundidade, cavadas pela passagem dos pés dos peregrinos. Os que então lá havia moviam-se com reverência à volta do circuito interior, e cada um, ao passar, dava uma volta nos moinhos de oração, repetindo sem cessar a *mantra*[1]*: Om! ma-ni pad-me Hum!*

[1] *Um hino védico: um texto sagrado usado como um encantamento, (N. do E.)*

O telhado é suportado por enormes vigas de madeira, enegrecidas pela idade, e por todo o templo paira o cheiro

pesado do incenso, constantemente queimado, e que se evola como nuvens de verão na crista de uma montanha. À volta das paredes alinhavam-se as estátuas douradas das divindades da nossa fé. Biombos de metal forte, de malha larga para não obstruir a vista, protegiam as estátuas da cobiça daqueles cuja cupidez era mais poderosa que a sua reverência. A maioria das estátuas familiares estava parcialmente submersa nas pedras preciosas amontoadas à sua volta pelos crentes que lhes tinham pedido favores. Castiçais de ouro maciço seguravam as velas, que ardiam permanentemente, e cuja luz jamais se extinguira durante os últimos mil e trezentos anos.

Dos escuros recessos vinham os sons de sinos, gongos e o som cavo dos búzios. Fizemos o nosso circuito como mandava a tradição.

Findas as nossas devoções, subimos à plataforma do telhado. Só os privilegiados ali podiam subir; meu pai, como um dos guardiães, subia sempre.

Talvez seja interessante explicar a nossa forma de governos (sim, no plural).

À frente do Estado e da Igreja, e servindo de tribunal de última instância, está o Dalai-Lama. Qualquer cidadão tem o direito de apelar para ele. Se o apelo ou pedido é razoável, ou se foi cometida uma injustiça, o Dalai-Lama toma as medidas necessárias para que o pedido seja atendido ou a injustiça retificada. Não é exagero dizer que toda a gente do país o ama e reverencia. É um autocrata; usa o seu poder e o seu domínio, mas *nunca* os usou para benefício próprio, sempre a bem da nação. Sabia com muitos anos de antecedência da projetada invasão comunista e do eclipse temporário da liberdade, e foi por isso que um certo número entre nós recebeu treino especial para que as artes religiosas não fossem esquecidas.

Abaixo do Dalai-Lama, havia dois conselhos, e foi por isso que escrevi "governos". O primeiro era o conselho eclesiástico, e os seus quatro membros eram todos monges com a categoria de lamas. Eram responsáveis por todos os assuntos referentes

aos mosteiros e conventos, e todas as questões eclesiásticas tinham de lhes ser submetidas.

A seguir, vinha o conselho de ministros. Este conselho era constituído por quatro membros, três leigos e um eclesiástico. Eram responsáveis por todos os assuntos referentes ao Estado e pela integração da Igreja e do Estado.

Dois oficiais que poderemos chamar primeiros-ministros, porque na realidade essa era a sua função, serviam de oficiais de ligação entre os dois conselhos e traziam os pontos de vista destes à presença do Dalai-Lama. A sua importância era enorme durante as raras reuniões da Assembléia Nacional, um organismo composto por umas cinqüenta pessoas que representavam as famílias mais importantes e os mosteiros. Só se reuniam durante as mais graves emergências, como em 1940, quando o Dalai-Lama se refugiou na Mongólia durante a invasão de Lhasa pelos ingleses. A propósito desse incidente, muita gente no Ocidente concebeu a estranha idéia de que o Dalai-Lama foi covarde em ter "fugido". Ele não "fugiu". As guerras do Tibete podem ser comparadas a uma partida de xadrez. Se se dá xeque ao rei, ganha-se a partida. O Dalai-Lama era o nosso "rei". Sem ele, nada havia que justificasse a luta: ele *tinha* de colocar-se num lugar seguro para manter a nação unida. Aqueles que o acusam de qualquer espécie de covardia não fazem a menor idéia do assunto.

A Assembléia Nacional podia ser aumentada para quatrocentas pessoas quando se reuniam todos os dirigentes das várias províncias. As províncias são cinco: a capital, que é o nome que às vezes damos a Lhasa, encontra-se na província de U-Tsang; Shigatse é no mesmo distrito; Gartok é o nome do Tibete ocidental; Chang, da província do norte, e Kham e Lho-dzong, respectivamente, das províncias oriental e meridional. Com o correr do tempo, o Dalai-Lama foi aumentando a sua autoridade e governando com assistência cada vez menor dos conselhos e da Assembléia, e nunca o país foi tão bem governado.

A vista do terraço do telhado era realmente soberba. Para o ocidente, estendia-se a planície de Lhasa, verde e luxuriante, salpicada de árvores. A água rebrilhava por entre o arvoredo; os rios de Lhasa desciam lentamente para se irem juntar ao Tsang-po, a sessenta quilômetros de distância. Para o norte e para o sul estendiam-se as grandes cordilheiras de montanhas que fechavam o nosso vale e que faziam com que parecêssemos isolados do resto do mundo. Os mosteiros abundavam nas vertentes mais baixas. Mais acima, as pequenas ermidas equilibravam-se precariamente nas vertentes vertiginosas. Para o ocidente, erguiam-se as montanhas gêmeas da Potala e Chakpori, esta última conhecida como o Templo da Medicina. Entre as duas coruscava à luz da manhã a Porta do Oeste. O tom do céu, de um violeta profundo, era sublinhado pela brancura imaculada da neve que cobria as montanhas distantes. No alto, esvoaçavam nuvenzinhas leves e esfumadas. Mais perto, na própria cidade, olhávamos sobre a casa do conselho, aninhada contra a parede norte da catedral. A tesouraria ficava ali próxima, e à sua volta apinhavam-se as tendas dos negociantes e o mercado, onde se vendiam as coisas mais variadas. Ali pertinho, ligeiramente para o oriente, um convento encostava-se às instalações dos que se encarregavam dos mortos.

Nos terrenos da catedral havia um constante vaivém de visitantes ao mais sagrado de todos os lugares santos do budismo; ouvia-se o pairar dos peregrinos vindos de muito longe para trazer as suas dádivas na esperança de obter uma bênção sagrada. Alguns traziam animais salvos das mãos dos carniceiros e comprados a muito custo com o pouco dinheiro de que dispunham; é grande virtude salvar uma vida, seja ela de animal ou de ser humano, e dessa dádiva lhes adviria grande benefício.

Enquanto olhávamos para aquelas cenas antigas, mas sempre novas, ouvíamos o subir e o descer das vozes dos lamas a cantar salmos, o baixo profundo dos mais velhos e o falsete dos acólitos; ouvíamos o rufar e o ribombar dos tambores e a voz dourada das trombetas. Sons como os produzidos por uma gaita

de foles e soluços abafados e a sensação de ter sido apanhado numa rede hipnótica de sensações.

Os monges entregavam-se às suas tarefas particulares. Uns, de togas amarelas; outros, de togas purpúreas. A maioria vestida de vermelho, os monges "ordinários". Os que traziam muito ouro eram da Potala, assim como os que traziam vestimentas cor de cereja. Acólitos vestidos de branco e monges-polícias vestidos de castanho afadigavam-se por entre a multidão. Todos, ou quase todos, tinham uma coisa em comum: por mais novas que fossem as vestimentas, todos tinham remendos que reproduziam os remendos das vestes do Buda. Estrangeiros que vêem monges tibetanos, ou fotografias, às vezes comentam a "aparência remendada"; esses remendos fazem parte da veste. Os monges do mosteiro de Ne-Sar, que tem mil e duzentos anos de existência, são os que se remendam melhor, porque usam remendos de um tom mais claro!

Os monges vestem as capas vermelhas da ordem; há muitos tons de vermelho resultantes dos diferentes processos de tingir o tecido de lã. Mas de castanho a vermelho-rubro é tudo vermelho. Alguns monges com posições oficiais que exercem as suas atividades exclusivamente na Potala usam umas jaquetas douradas, sem mangas, por cima das vestes vermelhas. No Tibete, a cor do ouro é a sagrada — porque o ouro é inoxidável e portanto se mantém sempre puro — e, como tal, a cor oficial do Dalai-Lama. Alguns monges ou lamas de alta hierarquia que fazem parte da comitiva pessoal do Dalai-Lama têm permissão especial para usar capas douradas *sobre* as vestes vermelhas.

Enquanto observávamos a cena do telhado do Jok-ang podíamos ver muitas figuras vestidas de dourado e aqui e ali um dos oficiais do Pico. Olhávamos para as bandeiras de oração que adejavam ao vento e para as cúpulas brilhantes da catedral. Mas a minha mãe quebrou o encanto: "Bom, estamos a perder tempo; estremeço só de pensar no que os criados devem estar fazendo. Vamos!" E assim partimos, montados nos nossos pacientes pôneis, ao longo da estrada de Lingkhor, cada passo mais

próximo daquilo a que eu chamava "a provação", mas que a minha mãe considerava o *seu* "grande dia".

Quando chegamos a casa, a minha mãe deu uma última vista de olhos para se certificar de que tudo estava em ordem, e fizemos uma refeição para nos dar forças para os acontecimentos do dia. Sabíamos bem que em tais ocasiões os convidados ficariam satisfeitos, mas que os da casa, coitados, permaneceriam com fome. Quando a festa começasse, não teríamos tempo para comer.

Com grande barulheira dos vários instrumentos, os monges-músicos chegaram e foram conduzidos aos jardins. Vinham carregados com trombetas, clarinetas, gongos e tambores; e pendurados ao pescoço traziam címbalos. Dirigiram-se para o jardim, falando animadamente e reclamando cerveja para lhes dar a disposição necessária para bem tocar. Durante a meia hora seguinte só se ouviam roncos horríveis e mugidos estridentes enquanto os monges afinavam os instrumentos.

De repente, rebentou no pátio um verdadeiro pandemônio; tinham-se avistado os primeiros convidados, que chegavam numa cavalgada de muitos homens com pendões desfraldados. Os portões abriram-se com fragor e os criados formaram em duas alas, uma de cada lado da estrada, para dar as boas-vindas aos recém-chegados. O administrador estava à porta, ladeado pelos seus dois assistentes, carregados com um sortimento de lenços que são usados no Tibete nas saudações. Há oito qualidades de lenços e é necessário apresentar a variedade que compete à pessoa cumprimentada, caso contrário pode-se cometer uma grave ofensa! O Dalai-Lama só oferece e recebe lenços da melhor qualidade. Chamamos a esses lenços *khata*, e o processo de os ofertar é o seguinte: o doador, se é da mesma classe que a pessoa a quem cumprimenta, mantém-se bem afastado com os braços estendidos a todo o comprimento. O que recebe procede da mesma maneira. O ofertante faz uma pequena vênia e coloca o lenço sobre os punhos do presenteado, que faz por sua vez uma vênia, pega no lenço, volta-o nas mãos em sinal de aprovação e depois o entrega a um criado. No caso de a

pessoa oferecer um lenço a uma pessoa de classe mais elevada que a sua, ajoelha-se com a língua de fora (uma forma de saudação tibetana que corresponde a tirar o chapéu) e coloca a *khata* aos pés do recebedor; este, em tais casos, coloca o seu próprio lenço sobre o pescoço do ofertante. No Tibete, toda a oferenda deve ser acompanhada pela *khata* apropriada, assim como todas as cartas de parabéns. O governo usa lenços amarelos em vez dos normais, que são brancos. O Dalai-Lama, se quer fazer grande honra a alguém, coloca um lenço sobre o pescoço dessa pessoa e ata à *khata*, com um nó triplo, um cordão de seda vermelha. Se ao mesmo tempo mostra as mãos com as palmas para cima, a honra é na verdade muito grande. Nós, tibetanos, acreditamos firmemente que toda a história de uma pessoa está escrita na palma da mão, e o Dalai-Lama, mostrando assim as suas mãos, prova as suas intenções amigáveis e inteira confiança. Mais tarde, eu próprio fui honrado dessa maneira duas vezes.

O nosso administrador estava à entrada com um assistente de cada lado. Fazia uma vênia a cada novo recém-chegado, aceitava a *khata* e passava-a para o assistente que estava à sua esquerda. Ao mesmo tempo, o assistente da direita entregava-lhe o lenço de qualidade apropriada para retribuir a saudação. Ele colocava-o ou sobre os pulsos ou sobre o pescoço do convidado, conforme a sua categoria social. Todos aqueles lenços eram usados vezes sem conta.

O administrador e os assistentes estavam cada vez mais atarefados. Os convidados começavam a chegar cada vez em maior quantidade. Alguns Ide propriedades próximas, outros da cidade de Lhasa, outros de distritos mais afastados, todos trotavam ao longo da estrada de Lingkhor e voltavam para o nosso caminho particular que ficava na sombra da Potala. As mulheres que tinham vindo a cavalo de longas distâncias traziam máscaras de couro nos rostos, para lhes proteger a pele do vento e do pó. Em muitos casos, essas máscaras eram pintadas com retratos primitivos dos donos. Chegadas ao seu destino, tiravam as máscaras e os casacos de pele de iaque. As pinturas das

máscaras sempre exerceram sobre mim grande fascinação, porque, quanto mais feias e velhas eram as mulheres, mais belas e jovens eram as feições pintadas na máscara!

Em casa andava tudo num alvoroço. Iam desenterrar dos depósitos almofadas cada vez em maior número. No Tibete não usamos cadeiras; sentamo-nos de pernas cruzadas em almofadas com cerca de setenta centímetros de lado e vinte centímetros de altura. São estas mesmas almofadas que nos servem de camas, mas, claro, para esse fim usamos várias juntas. Para nós são muito mais confortáveis que cadeiras ou camas altas.

Ao chegar, davam imediatamente chá com manteiga aos convidados, os quais eram conduzidos a uma das salas transformadas em refeitório. Ali podiam escolher petiscos para apaziguar o apetite até a altura de começar a festa a sério. Tinham chegado já umas quarenta mulheres das famílias mais importantes, acompanhadas das suas damas de companhia. Algumas eram recebidas pela minha mãe, enquanto outras passeavam pela casa, observando o mobiliário e calculando o seu valor provável. Toda a casa parecia invadida por mulheres de todas as idades, tamanhos e feitios. Apareciam dos cantos mais extraordinários, e não hesitavam um segundo em perguntar a qualquer serviçal que passasse quanto tinha custado, ou quanto valia, este ou aquele objeto. Portavam-se, em suma, como a maioria das mulheres em toda a parte do mundo. A minha irmã Yaso passeava pela casa com vestidos novos e o cabelo arranjado da forma que ela considerava a última moda, mas que a mim me parecia horrível, mas eu sempre fui difícil de contentar em tudo o que se relacionasse com mulheres. O que é fato é que nesse dia elas pareciam estar sempre a meter-se debaixo dos pés.

Outro grupo de mulheres complicava ainda mais as coisas no Tibete; todas as mulheres de sociedade timbram em possuir grandes coleções de vestuários e grandes quantidades de jóias, que é preciso mostrar; para o fazer, claro, seria preciso mudar de vestuário muitas vezes; por isso empregam-se moças especiais — moças *chung* — para servirem de manequins. Estas então

passeavam pela casa vestidas com os trajes de minha mãe, sentando-se aqui e ali para beber inúmeras chávenas de chá amanteigado, e depois desapareciam para se ir vestir com outros vestidos e adornarem-se com outras jóias. Assim se misturavam com os convidados e tornavam-se, para todos os efeitos, verdadeiras assistentes da minha mãe na tarefa de receber as visitas. Durante o dia, essas moças mudavam de roupa talvez umas cinco ou seis vezes.

Os homens estavam mais interessados nos espetáculos organizados nos jardins. Fora contratado um grupo de acrobatas para animar a festa: três deles seguravam um poste com cerca de cinco metros de comprimento, enquanto outro subia por ele e se equilibrava no topo, de pernas para o ar. Depois os outros reviravam o poste com um repelão, deixando-o tombar, e ele dava um salto mortal e ficava de pé no chão. Alguns rapazes que tinham observado a cena correram imediatamente para um canto do jardim para os imitar. Encontraram um poste com uns dois metros e meio a três metros, ergueram-no ao alto e o mais atrevido trepou e tentou equilibrar-se sobre a cabeça. Mas caiu mesmo em cima dos outros. Como eram todos de cabeça dura, a não ser um ou outro galo do tamanho de um ovo, não houve maiores prejuízos.

Minha mãe apareceu depois; conduzia o resto das senhoras, para ver os espetáculos e apreciar a música. Esta última ouvia-se bem, porque os músicos estavam animados com grandes quantidades de cerveja tibetana.

Minha mãe tinha-se vestido com particular esmero para essa ocasião especial. Trazia uma saia de lã de iaque, de um tom de vermelho vivo, que lhe chegava quase até aos tornozelos, e uma espécie de bolero de um amarelo-avermelhado, cor semelhante à opa de monge de meu pai. Mais tarde, nos meus dias de estudante de medicina, teria descrito essa cor como um tom de tintura de iodo numa ligadura! Por baixo disso, trazia uma blusa de seda púrpura. As cores harmonizavam-se bem e tinham sido escolhidas para representar as várias espécies de vestuário dos monges. As botinas altas de feltro eram do branco mais puro,

com solas vermelho-sangue e delicados ornamentos também vermelhos.

À volta do ombro direito, trazia uma faixa de brocado de seda apanhado do lado esquerdo da cintura com um anel de ouro. Do ombro ao nó da cintura, a faixa era de um vermelho vivo, mas daí em diante ia-se esbatendo e matizando desde um amarelo-limão muito pálido até um tom rico de açafrão quando chegava perto da fímbria da saia.

À volta do pescoço, trazia um cordão de ouro, onde estavam pendurados os três saquinhos de amuletos que sempre trazia consigo. Estes lhe tinham sido oferecidos no dia do casamento: um pela sua família, outro pela família do pai, e o terceiro, honra rara, fora presente do Dalai-Lama. Trazia muitas jóias, porque as mulheres no Tibete usam jóias de acordo com a sua posição na vida. O marido tem de comprar novos ornamentos e jóias todas as vezes que se eleva na escala social.

Durante os últimos dias, minha mãe tinha andado atarefada a arranjar o cabelo em cento e oito trancas, cada uma da grossura de uma ponta de chicote. Cento e oito é um número sagrado no Tibete e as senhoras que têm suficiente cabelo para conseguir obter esse número de trancas são consideradas pessoas afortunadas. O cabelo, apartado ao meio, no estilo Madona, era suportado numa armação de madeira assentada sobre a cabeça como um chapéu; esta armação era feita de madeira coberta de laça vermelha e incrustada de diamantes, jade e discos de ouro, e sobre ela as trancas entrelaçavam-se como rosas trepadeiras numa pérgula.

Pendente de uma orelha, minha mãe usava uma espécie de colar de corais de feitios variados. O peso era tal que, para evitar que o lobo da orelha fosse arrancado, tinha de usar um cordão vermelho passado à volta da orelha. Este brinco chegava-lhe quase à cintura; eu observava-a, fascinado, ansioso por ver se ela seria capaz de virar a cabeça para a esquerda!

Os convidados andavam por todos os lados, admirando os jardins, ou sentados em grupos discutindo os tópicos do dia. As senhoras, especialmente, estavam atarefadíssimas com as suas

conversas. Mas toda a gente estava realmente à espera do grande acontecimento do dia. Tudo aquilo era simples cenário para preparar o ambiente para o momento esperado, em que os lamas-astrólogos haviam de prever o meu futuro e indicar o caminho que eu havia de seguir na vida. Deles dependia a carreira que eu seguiria.

Conforme o dia ia decorrendo e as sombras se alongavam mais e com maior rapidez sobre o chão do jardim, as atividades dos convidados iam-se tornando menos animadas. Estavam todos saciados com o banquete e portanto num estado de grande passividade. À medida que os pratos de comida se esvaziavam, os criados, já cansados, traziam novos pratos, que por sua vez também eram esvaziados pouco a pouco. Os acrobatas iam-se fatigando e um após outro iam escapulindo para as cozinhas, para descansar um pouco e refrescarem-se com mais cerveja.

Os músicos continuavam em grande forma, soprando nas suas trombetas, batendo os pratos e martelando os tambores com jovial abandono. Com toda aquela barulheira e confusão até os pássaros tinham abandonado os seus habituais pousos nas árvores do jardim. Os gatos, esses tinham mergulhado precipitadamente nos seus seguros refúgios logo após a chegada dos primeiros convivas. Até os enormes mastins negros que guardavam a casa estavam em silêncio; tinham-se fartado de comida até a absoluta saciedade.

Nos jardins murados, à medida que o crepúsculo descia mais e mais, os rapazes saltitavam por entre as árvores, balançando candeias de manteiga acesas, acendendo turíbulos de incenso, e saltando por vezes para os galhos mais baixos como para trapézios.

Espalhados aqui e ali pelo jardim havia braseiros de ouro onde se queimava incenso cujas colunas de espessa fumaça subiam nos ares e enchiam tudo com a sua fragrância. Velando pelos braseiros estavam velhas, que ao mesmo tempo iam rodando os moinhos de oração; cada volta do moinho mandava para o céu milhares de orações.

O meu pai estava num estado de constante preocupação! Os seus jardins murados eram famosos em todo o país pelas plantas e arbustos dispendiosos que tinha importado. Agora, na sua opinião, aquilo parecia um jardim zoológico sem guardas. Vagueava por entre as plantas torcendo as mãos e murmurando angustiosamente todas as vezes que um visitante parava e apalpava uma flor. A sua maior preocupação eram as pereiras e pessegueiros e as pequenas macieiras anãs. As árvores maiores e mais altas — choupos, salgueiros, juníperos, vidoeiros e ciprestes — estavam ornamentadas com festões de bandeiras de orações que esvoaçavam suavemente na branda brisa da noite.

Por fim, o dia morreu quando o sol se pôs para além dos picos distantes do Himalaia. Dos mosteiros chegava o soar das trombetas que anunciavam o fim de mais um dia, enquanto, ao mesmo tempo, centenas de candeias se acendiam por toda parte: penduradas nos ramos das árvores, nos beirais das casas, e até a flutuar nas águas plácidas do lago ornamental. Ali se iam chocar, como barcos sem governo, com as folhas largas dos nenúfares, para depois se aproximarem dos cisnes, que buscavam refúgio na pequena ilha.

Ao soar sonoro de um gongo, toda a gente se virou para ver a chegada da procissão. Nos jardins tinha sido montada uma enorme tenda, aberta completamente num dos lados. Lá dentro, havia uma espécie de trono no alto de uma plataforma, e aí se encontravam quatro dos nossos assentos tibetanos. Para ali se dirigia a procissão. Quatro criados traziam mastros compridos no cimo dos quais ardiam grandes archotes. Depois, vinham quatro trombeteiros que tocavam uma fanfarra. Atrás destes, meu pai e minha mãe. Depois, dois homens muito velhos do mosteiro do Oráculo do Estado. Estes dois velhos de Nechung eram os astrólogos mais experientes do país. Os seus horóscopos tinham sido confirmados em inúmeras ocasiões. Na semana anterior haviam sido chamados para preparar uma profecia para o Dalai-Lama. Agora iam fazer o mesmo serviço para um menino de sete anos. Durante dias, tinham estado azafamados à volta das suas cartas e cálculos; haviam discutido longamente

acerca de trinos, aclípticas, sesquiquadraturas e a influência oposta disto ou daquilo. Num capítulo mais adiante, discutirei alguns aspectos de astrologia.

Dois lamas transportavam os apontamentos e cartas dos astrólogos. Outros dois adiantaram-se e ajudaram os velhos videntes a subir à plataforma. Ficavam eretos, lado a lado, como duas velhas estatuetas de marfim; as vestes vistosas de brocado chinês amarelo sublinhavam o seu ar de velhice. Traziam nas cabeças os altos chapéus de sacerdotes, e os pescoços engelhados pareciam vergados pelo peso.

Os convidados aproximaram-se e sentaram-se nas almofadas trazidas pelos criados. Todas as conversações se interromperam, e as pessoas apuraram os ouvidos para apanhar as vozes baixas e em falsete do astrólogo-chefe. *"Lha dre mi cho-nangchig"*, dizia ele (Os deuses, os demônios e as pessoas comportavam-se todos da mesma maneira), de forma que o futuro provável podia ser previsto. Continuou perorando durante uma hora, e depois parou para descansar durante dez minutos. Depois, continuou durante mais uma hora a esboçar o que me reservava o futuro. *"Ha-le! Ha-le!"* (Extraordinário! Extraordinário!), exclamava a audiência num transe.

E assim foi feita a profecia. Que o rapazinho de sete anos devia entrar para um lamastério, depois de dar provas de grande resistência, e que devia ser ali treinado como sacerdote-cirurgião. Que havia de sofrer grandes provações, deixar a pátria e visitar terras estranhas. Que havia de perder todos os seus bens e recomeçaria a vida novamente até que acabaria por ser bem sucedido.

Pouco a pouco, a multidão foi-se dispersando. Aqueles que tinham vindo de longe ficavam durante a noite e partiriam na manhã seguinte. Outros partiriam imediatamente com as suas comitivas, levando archotes para lhes alumiar o caminho. Estes começavam a juntar-se no pátio, no meio de muita gritaria dos homens e do tropear de cavalos. Mais uma vez o pesado portão se abriu com estrondo e a cavalgada lançou-se na noite. O *clop-clop* das patas dos cavalos e o vozear dos cavaleiros iam-se

tornando cada vez mais indistintos, até que do exterior mais nada se ouviu e a noite mergulhou no silêncio.

Capítulo três

ÚLTIMOS DIAS NA CASA PATERNA

Dentro de casa havia ainda grande atividade. Continuava a consumir-se chá em grande quantidade, e a comida continuava a desaparecer enquanto alguns retardatários se fortificavam para a noite. Todos os quartos estavam ocupados e não havia espaço para mim. Por ali andei desconsolado, a dar pontapés preguiçosos nas pedras e em tudo o que encontrava à minha frente, mas mesmo isso não me consolava. Ninguém me ligava a menor atenção: os convidados estavam fatigados e felizes e os criados estavam cansados e impacientes. "Os cavalos têm mais sentimentos", resmunguei comigo mesmo. "Vou dormir com eles."

As cocheiras estavam quentes e o feno era macio, mas durante muito tempo não consegui adormecer. Todas as vezes que dormitava, um cavalo movia-se, ou da casa chegava uma explosão súbita de ruído. Pouco a pouco os ruídos acabaram. Apoiei-me num cotovelo e olhei para fora: as luzes, uma a uma, apagavam-se. Em breve a única luminosidade era a reverberação fria do luar a refletir-se, azulada, nos cumes gelados das montanhas. Os cavalos dormiam, alguns de pé, outros deitados. Dormi também. Na manhã seguinte fui acordado por uma sacudidela e uma voz que gritava: "Vamos, Terça-Feira Lobsang. Tenho de preparar os cavalos e você está me atrapalhando". Levantei-me e dirigi-me para casa à procura de comida. A atividade era já enorme. Os convidados preparavam-se para partir e a minha mãe corria de um grupo para outro para mais umas palavrinhas de última hora. Meu pai discutia obras que pensava fazer na casa e nos jardins; dizia a um velho amigo

que ia importar vidro da índia para poder pôr vidraças nas janelas. No Tibete não há vidro (não se fabrica no país) e quando se importa da Índia o seu custo é muito elevado. As janelas no Tibete consistem em caixilhos cobertos de papel esticado, impregnado de cera, o que o torna translúcido, mas não transparente. Estas janelas têm portas de madeira exteriores, não tanto como prevenção contra ladrões, mas para evitar a entrada de cisco trazido pelo vento. Esse cisco, que às vezes chega a ter o tamanho de seixos, acabaria por quebrar as janelas todas se não fossem assim protegidas. Provoca também cortes fundos na cara e nas mãos quando expostas ao vento, e durante a estação dos vendavais as viagens são muito perigosas. A população de Lhasa costumava olhar para o Pico, e sempre que este se encobria subitamente com uma névoa escura toda a gente se abrigava antes que a ventania trágica os apanhasse. Nem só os seres humanos estavam alerta: os animais mantinham-se constantemente atentos, e não era raro ver os cavalos e os cães à frente dos seres humanos na fuga para os abrigos. Os gatos, esses *nunca* eram apanhados numa tempestade, e os iaques eram perfeitamente imunes.

Com a partida dos últimos convidados fui chamado à presença de meu pai, que me disse: "Vá às lojas e compre as coisas necessárias. Tzu sabe o que é preciso". Pensei nas coisas de que precisava: uma tigela para a *tsampa*, de madeira, a xícara e o rosário. A xícara era constituída por três partes — o pires, a xícara propriamente dita e a tampa. A xícara seria de prata. O rosário seria de madeira, com as cento e oito contas muito polidas. Cento e oito, o número sagrado, indica também o número de regras a que um monge tem de obedecer.

Partimos. Tzu no seu cavalo, eu no meu pônei. Ao sair do pátio voltamos à direita, e à direita outra vez quando deixamos a estrada de contorno depois da Potala, e penetramos no centro comercial. Olhei à minha volta como se visse a cidade pela primeira vez. Receava bem que a estivesse vendo pela última vez! As lojas estavam apinhadas de mercadores tagarelas que acabavam de chegar a Lhasa. Alguns traziam chá da China,

outros, tecidos da índia. Lá íamos abrindo caminho por entre a gente, em busca das lojas que queríamos; de vez em quando Tzu gritava um cumprimento a qualquer dos seus amigos dos tempos idos.

Tinha de comprar um manto vermelho-vivo bastante folgado, não só porque eu estava crescendo, mas também por outra razão igualmente prática. No Tibete os homens vestem mantos volumosos atados firmemente na cintura. A parte de cima é puxada e forma uma espécie de bolsa onde se guardam os objetos que todo o tibetano tem permanentemente consigo. O monge vulgar, por exemplo, traz sempre nessa bolsa a sua tigela para a *tsampa*, a xícara, uma faca, vários amuletos, um rosário, um saquinho com cevada torrada, e, com freqüência, uma reserva de *tsampa*. Mas, não esqueçam, um monge leva sobre si todas as suas posses terrenas.

As minhas pequenas e patéticas posses foram rigorosamente fiscalizadas por Tzu, que só me permitiu que comprasse o essencial mais escasso, e mesmo esse só de qualidade medíocre, como competia a um "pobre acólito". Sandálias com solas de couro de iaque, uma pequena saca de couro para a cevada torrada, uma tigela de madeira, uma xícara também de madeira — e não de prata, como eu tinha sonhado! — e uma faca. Isso, além de um rosário dos mais baratos, que eu teria de polir por mim próprio, seriam as minhas únicas posses. O meu pai era algumas vezes milionário, dono de enormes propriedades espalhadas por todo o país e de grandes coleções de jóias e muito ouro. Mas eu, durante a minha educação e enquanto o meu pai vivesse, seria simplesmente um pobre monge.

Olhei novamente para aquela rua e para todos aqueles edifícios de dois andares de beirais salientes. Voltei a olhar para as lojas, com as barbatanas de tubarão e mantas de montar expostas nos tabuleiros à entrada das portas. Escutei mais uma vez o vozerio animado dos feirantes a discutir com os clientes, regateando com bonomia os preços das mercadorias. A rua nunca me parecera mais atraente e pensei nas pessoas felizes,

que a viam todos os dias e que a continuariam a ver quando quisessem.

Cães vadios andavam por toda a parte a farejar aqui e ali, rosnando uns com os outros; os cavalos relinchavam enquanto esperavam a volta dos donos. Os iaques mugiam roucamente enquanto passeavam pelo meio dos peões. Que mistérios espreitavam por trás de todas aquelas janelas cobertas de papel! Que maravilhosas coleções de mercadorias, vindas de todos os pontos do globo, tinham passado para além daquelas pesadas portas de madeira, e que histórias aqueles postigos poderiam contar se falassem!

Pousava os olhos em tudo aquilo como se olhasse um velho amigo. Não me passava pela cabeça que havia de ver aquelas mesmas ruas outra vez, ainda que raramente. Pensei nas coisas que gostaria de fazer, nos artigos que gostaria de comprar. Mas o meu devaneio foi em breve interrompido. Uma mão enorme e ameaçadora desceu sobre mim, agarrou-me uma orelha, retorceu-a com ferocidade, enquanto a voz de Tzu trovejava para toda a gente ouvir: "Vamos, Terça-Feira Lobsang, será que está morto em pé? Não sei o que têm os meninos de hoje em dia. Nós não éramos assim quando eu era menino". Tzu não parecia importar-se se eu ficava para trás sem a minha orelha, ou se a conservava seguindo-o. Não havia remédio senão segui-lo. Até a casa, Tzu cavalgou à minha frente, resmungando acerca da "presente geração, rebanho de inúteis, mandriões e preguiçosos, que vivem numa névoa permanente".

Chegando a casa, minha mãe inspecionou as coisas que eu tinha comprado. Com grande pena minha, concordou que serviam perfeitamente. Tinha tido a esperança de que ela discordasse de Tzu e dissesse que eu devia comprar artigos de melhor qualidade, de forma que mais uma vez as minhas esperanças de possuir uma xícara de prata foram aniquiladas e tive de me contentar com uma de madeira, feita num torno manual, num dos bazares de Lhasa.

Não me deixaram em paz durante a minha última semana. A minha mãe arrastava-me com ela numa série de visitas às outras

grandes casas de Lhasa, de forma a que pudesse "pagar os meus respeitos", ainda que eu não me sentisse nada respeitoso! A mãe adorava essas visitas, deliciada com as conversas de sociedade, e as bagatelas delicadas que as constituíam. Eu estava aborrecido até não poder mais; para mim aquilo era um autêntico tormento, porque não há dúvida de que não nasci com paciência para aturar palermas. Queria andar por fora e divertir-me durante os poucos dias que me restavam. Preferia soltar os meus papagaios, saltar com vara, praticar com o arco e flecha, em vez de ser arrastado pelas casas dos outros, para ser mostrado como um iaque de luxo a velhas rabugentas que não fazem mais que se sentar todo o dia em almofadas de seda e que chamavam uma criada sempre que necessitavam da menor coisa.

Mas não era só a minha mãe que me causava tantas canseiras. Meu pai teve de visitar o Lamastério de Drebung e levou-me com ele. Drebung é o maior lamastério do mundo, com. os seus dez mil monges, os seus altos templos, pequenas casas de pedra e edifícios construídos em terraços sucessivos, degrau após degrau. Esta comunidade era como uma cidade murada, e, como qualquer boa cidade, tinha provisões para bastar-se a si própria. Drebung quer dizer "monte de arroz", e, a distância, parecia de fato um monte de arroz, com as suas torres e cúpulas brilhando ao sol. Mas naquela altura não estava com disposição para admirar belezas arquitetônicas: sentia-me, pelo contrário, perfeitamente cabisbaixo por ter de perder assim um tempo precioso.

Meu pai estava ocupado com o abade e os seus assistentes, e eu, abandonado, andava por ali desconsoladamente. Estremecia de medo ao ver como alguns dos noviços mais novos eram tratados. O Drebung era de fato um conjunto de sete lamastérios reunidos; coabitavam ali sete ordens distintas e sete colégios separados formavam o conjunto. Era tão vasto que não havia um abade geral responsável. O conjunto era administrado por catorze abades, e todos eram estritos disciplinadores. Fiquei muito contente quando aquele "agradável passeio pela planície luminosa" — para usar a frase de meu pai — chegou ao fim, e

ainda mais contente ao saber que *não* me mandariam para Drebung, nem para Será, cinco quilômetros ao norte de Lhasa.

Por fim chegou o fim da semana. Tiraram-me os papagaios, que foram dados a outros rapazes; os meus arcos e as flechas adornadas com lindas penas foram quebrados para simbolizar que eu deixara de ser uma criança e já não precisava de tais divertimentos. Ninguém parecia ligar a menor importância ao fato de o meu coração se quebrar com eles.

Ao anoitecer, meu pai mandou-me chamar e fui até o seu escritório, uma sala magnificamente decorada e com as paredes cobertas de livros antigos e valiosos. Estava sentado ao lado do altar principal e disse-me que me ajoelhasse à frente dele. Aquilo era a cerimônia da abertura do livro. Nesse grande volume, com cerca de um metro de largura e uns trinta centímetros de altura, estavam registradas todas as particularidades relativas à família desde há muitos séculos. Ali estavam os nomes dos primeiros da nossa linhagem, com pormenores dos feitos com que tinham conquistado a nobreza. Registravam-se ali os serviços prestados ao país e ao governante. Naquelas velhas páginas amareladas havia história. Agora o livro era aberto para mim pela segunda vez. Primeiro, tinha sido aberto para registrar a minha concepção e o meu nascimento. Ali estavam os pormenores sobre os quais os astrólogos haviam baseado as suas previsões. Ali se encontravam as cartas preparadas na própria ocasião. Agora eu próprio teria de assinar o livro, porque no dia seguinte começaria para mim uma nova vida com a minha entrada para o mosteiro.

Lentamente, o meu pai voltou a colocar no seu lugar as pesadas capas de madeira lavrada. Ajustou nas suas posições os fechos de ouro que seguravam as espessas folhas de papel de junípero fabricadas a mão. O livro era pesado, e até o meu pai cambaleou um pouco com o peso ao levantar-se para o colocar no estojo de ouro que o protegia. Com reverência, guardou-o no nicho de pedra sob o altar. Aqueceu cera no pequeno braseiro de prata e cobriu de cera derretida a junta da tampa de pedras;

depois marcou a cera com o seu sinete pessoal para que o livro não fosse perturbado.

Voltou-se para mim e sentou-se confortavelmente nas suas almofadas. Tocou o gongo que tinha ao lado e um criado trouxe-lhe chá amanteigado. Fez-se um longo silêncio, e depois ele começou a contar-me a história secreta do Tibete; história que se estendia milhares e milhares de anos pelo passado, história que já era velha antes do Dilúvio. Contou-me dos tempos em que o Tibete era banhado por um mar desaparecido e das provas desse fato que tinham sido descobertas por escavações. Mesmo hoje, disse ele, qualquer pessoa que cavasse perto de Lhasa encontraria fósseis de animais marinhos e conchas de feitios estranhos. Encontravam-se também artefatos feitos de um metal estranho e com finalidades desconhecidas. Era freqüente monges que visitavam certas grutas espalhadas pelo distrito descobrirem-nos e trazerem-lhos. Mostrou-me alguns desses objetos. Depois o tom das suas palavras mudou!

"De acordo com a lei, seremos severos para com os bem-nascidos, enquanto aos pobres mostraremos compaixão", disse ele. "Antes que lhe seja permitido entrar no lamastério terá de passar por uma prova severa." Sublinhou a necessidade de obedecer a todas as ordens de molde a provocar uma noite bem dormida. "Meu filho, talvez pense que sou duro ou cruel, mas é minha obrigação velar pelo bom nome da família. Aqui lhe digo: se falhar nesta prova de entrada, não volte aqui. Será um estranho nesta casa." Com essas palavras, sem mais nada, despediu-me.

Pouco tempo antes, tinha-me despedido da minha irmã Yaso. Ela ficara comovida, porque tínhamos sempre brincado juntos, e ela tinha só nove anos de idade, enquanto eu faria sete no dia seguinte. A minha mãe, não a consegui encontrar. Já tinha ido para a cama e por isso não lhe podia dizer adeus. Só, dirigi-me pela última vez para o meu quarto, e arranjei as almofadas que me serviam de cama. Deitei-me, mas não dormi. Durante muito tempo, ali fiquei a pensar nas coisas que meu pai me dissera naquela noite, no pouco que o meu pai gostava de crianças, no

amanhã temido em que pela primeira vez iria dormir fora de casa. Pouco a pouco, a lua ia movendo-se pelo céu. Lá fora, um pássaro noturno esvoaçava no parapeito da janela. No telhado, as bandeiras de oração adejavam nos postes de madeira. Adormeci, mas logo que os primeiros raios de sol começaram a substituir a luz da lua fui acordado por um criado que me trouxe uma tigela de *tsampa* e uma xícara de chá com manteiga. Enquanto comia a minha parca refeição, Tzu entrou no quarto. "Bom rapaz", disse ele, "aqui as. nossas vidas se separam. E já era tempo. Agora posso voltar a dar a minha atenção aos cavalos. Mas porte-se bem; lembre-se de tudo o que lhe ensinei." Com essas palavras, deu meia-volta e partiu.

Ainda que eu não o percebesse então, aquela era a maneira mais suave: despedidas cheias de emoções teriam tornado a minha partida ainda mais difícil. Se minha mãe se tivesse ido despedir de mim não tenho dúvida de que a teria tentado persuadir a deixar-me ficar em casa. Muitas crianças no Tibete têm vidas bastante suaves, mas a minha era bem dura, sob todos os pontos de vista, e a ausência de despedidas tinha sido ordem de meu pai, que queria que eu me acostumasse à disciplina e à firmeza desde tenra idade.

Acabei o café da manhã, pus a tigela e a xícara na bolsa do manto e enrolei um manto sobressalente e um par de botas de feltro numa trouxa. Enquanto atravessava o quarto, um criado disse-me que andasse nas pontas dos pés para não acordar o resto da casa, que ainda dormia. Lá fui pelo corredor. A falsa aurora fora substituída pela escuridão completa que precede a aurora verdadeira; no escuro, desci as escadas e saí para a estrada. Assim deixei a casa paterna. Só, assustado, com o coração opresso.

Capítulo quatro

AS PORTAS DO TEMPLO

A estrada conduzia diretamente ao Lamastério de Chakpori, o templo da medicina tibetana. Uma escola dura! Andei aqueles quilômetros enquanto o dia clareava e junto das portas da entrada da cerca encontrei mais dois que também solicitavam admissão. Olhamos suspeitosos uns para os outros, e parece-me que nenhum de nós ficou muito impressionado com o que via nos outros. Mas decidimos que o melhor era sermos sociáveis, pois íamos ter de suportar juntos o mesmo gênero de treino.

Durante algum tempo batemos timidamente à porta, mas ninguém respondeu. Depois, um dos outros abaixou-se, apanhou uma pedra grande e, batendo na porta, fez barulho suficiente para chamar a atenção. Apareceu um monge empunhando um pau que, aos nossos olhos amedrontados, parecia do tamanho de uma pequena árvore.

— Que querem vocês? — exclamou. — Pensam que não tenho mais que fazer que abrir a porta a sujeitos como vocês?

— Queremos ser monges — respondi eu.

— Para mim vocês parecem mais é macacos — respondeu ele. — Esperem aí e não se mexam, o mestre dos acólitos virá vê-los logo que puder.

A porta fechou-se com estrondo, e um dos rapazes, que se aproximara demais, foi quase atirado ao solo. Sentamo-nos no chão, porque as pernas estavam cansadas. No lamastério entrava e saía gente. O cheiro agradável da comida saía de uma pequena janela a atormentar-nos com a idéia de satisfazer o nosso apetite crescente. Comida ali tão perto e no entanto tão inacessível.

Por fim, a porta abriu-se com violência e apareceu um homem alto e magro.

— Bom! — berrou. — Que querem vocês?

— Queremos ser monges — respondemos.

— Deus me valha! — exclamou ele. — Que lixo me aparece hoje em dia no lamastério! — Fez-nos sinal para que entrássemos na vasta cerca que rodeava o perímetro do mosteiro propriamente dito. Perguntou-nos o que éramos, quem éramos e até *por que* éramos. Percebemos, sem grande dificuldade, que não estava lá muito impressionado com o que via. A um, o filho

de um vaqueiro, disse: — Entre depressa; se puder passar nos exames pode ficar. — Ao outro: — *Que* me diz? Filho de carniceiro? Um cortador de carne? Um transgressor das leis de Buda? E atreve-se a vir aqui? Desapareça, e depressa, se não quer que o mande açoitar pela estrada!

O pobre rapaz esqueceu-se do seu cansaço e partiu numa arrancada súbita quando o monge deu um passo para ele.

Agora estava eu sozinho naquele dia do meu sétimo aniversário. O monge voltou os olhos ferozes para mim e quase me fez derreter de medo. Acenou com a bengala em sinal de ameaça.

— E você? Que temos nós aqui? Oh! Um jovem príncipe que quer tornar-se religioso. Temos de ver de que massa você é feito, meu fedelho. Ver que espécie de recheio tem aí por dentro; isto não é lugar para principezinhos delicados e mimados. Dê quarenta passos para a retaguarda e sente-se na atitude de contemplação até eu dar novas ordens, e *não mexa nem uma pálpebra!*

Com tais palavras, deu meia-volta e retirou-se. Tristemente peguei na minha miserável trouxa e dei os quarenta passos à retaguarda. Tombei de joelhos e depois sentei-me de pernas cruzadas como me tinha sido ordenado. Assim fiquei todo o dia. Sem um movimento. A poeira soprava contra mim, formava pequenos montículos nas palmas das minhas mãos viradas para cima, amontoando-se nos meus ombros, entranhando-se nos meus cabelos. Quando o sol começou a desaparecer a minha fome aumentou e a minha garganta parecia estalar com o tormento da sede, pois não tinha comido ou bebido coisa alguma desde os primeiros raios da madrugada. Monges passavam, e em grande quantidade, mas não se importavam comigo. Passavam cães vadios, paravam um momento a farejar com curiosidade, mas também partiam. Um grupo de meninos passou. Um deles atirou uma pedra na minha direção. A pedra apanhou-me no lado da cabeça e fez o sangue correr. Mas não me mexi. Tinha medo de o fazer. Se falhasse na minha prova de resistência, meu pai não me consentiria que voltasse à casa que tinha sido minha.

Não teria para onde ir. Nada podia fazer. Tudo o que me restava era ficar ali imóvel, com um ardor em cada músculo, uma dor em cada articulação.

O sol escondeu-se para além das montanhas e o céu escureceu. As estrelas brilhavam na negrura da noite. Nas janelas do mosteiro acendiam-se milhares de candeias de manteiga. Desceu um vento frio, as folhas dos choupos farfalharam e à minha volta aumentavam os sons suaves cujo conjunto constitui a voz estranha da noite.

Mantinha-me imóvel também por outra razão poderosa. Estava tão amedrontado que mal me conseguiria mexer, além de ter o corpo enregelado. De súbito, apercebi-me do ruído arrastado das sandálias de um monge que se aproximava; os passos de um velho que tateava o caminho na escuridão. Depois, uma figura desenhou-se à minha frente, a figura de um velho lama curvado e amarfanhado pela passagem de anos de vida austera. As mãos tremiam-lhe com a velhice, o que me causava sérias apreensões, uma vez que estava a desperdiçar parte da xícara de chá que trazia numa das mãos; na outra trazia uma pequena tigela de *tsampa.* Estendeu-as para mim. A princípio não me mexi. Adivinhando-me os pensamentos, disse:

"Toma, meu filho, podes mexer-te durante as horas da noite".

Então bebi o chá e transferi a *tsampa* para a minha tigela. Depois, o velho monge disse-me:

"Agora dorme, mas logo que romper o dia toma aqui o teu lugar na mesma posição, pois trata-se de uma prova, e não de uma forma de crueldade inútil, como poderás supor. Só aqueles que passam esta prova podem aspirar a atingir os escalões mais altos da nossa ordem".

Com estas palavras, voltou a pegar na tigela e na xícara e retirou-se. Levantei-me, estendi as pernas, depois deitei-me de lado e acabei o resto da *tsampa.* Agora sentia-me na verdade cansado; escavei uma ligeira depressão no solo para acomodar o osso do quadril com mais conforto e coloquei a trouxa a servir de travesseiro, após o que me deitei.

Os meus sete anos não tinham sido mimados. O meu pai sempre fora severo, terrivelmente severo, mas mesmo assim aquela era a primeira noite que dormia fora de casa e tinha passado o dia inteiro na mesma posição; esfaimado, sedento e imóvel. Não fazia a menor idéia do que me reservaria o dia seguinte, nem do que mais seria exigido de mim. Mas tinha de dormir só, debaixo do céu gelado, sozinho com o meu terror do escuro, entregue aos temores do que os dias seguintes me reservavam.

Parecia-me que mal tinha cerrado os olhos quando fui acordado pelo som de uma trombeta. Abri-os e vi que era a falsa aurora, com os primeiros raios do dia que se aproximava refletidos no céu para além das montanhas. Sentei-me apressadamente e voltei à minha posição de contemplação. O lamastério à minha frente ia acordando gradualmente. Primeiro, parecia ter o ar de uma cidade adormecida, uma casca morta e inerte. Depois ouviu-se como que um suspirar mansinho, como de uma pessoa adormecida que acorda. Foi crescendo até se tornar um murmúrio e depois um sussurrar cavo, como o zumbido de abelhas num dia quente de verão. De vez em quando, ouvia-se o soar de uma trombeta como o pipilar distante e surdo de um pássaro ao longe, o mugir profundo das conchas, ou o coaxar de uma rã num charco. À medida que a luz aumentava, pequenos grupos de cabeças raspadas passavam e repassavam por trás das janelas abertas, janelas que antes da aurora tinham parecido órbitas vazias numa caveira descarnada pelos abutres.

O dia ia passando e o meu corpo tornava-se mais rígido, mas não me atrevia a mexer-me; estava com medo de adormecer, porque se me movesse e ficasse desclassificado na prova não teria para onde ir. O meu pai tinha sido perfeitamente claro: se o lamastério não me aceitasse, ele também não me queria ver mais. Pequenos grupos de monges saíam dos vários edifícios para se dirigirem às suas atividades misteriosas. Rapazes pequenos vadiavam por ali, às vezes atirando pontapés às pedras e à poeira na minha direção, outras vezes dizendo-me dichotes.

Como não obtivessem de mim qualquer resposta, depressa se cansaram e afastaram-se em busca de vítimas que mais lhes interessassem. Gradualmente, conforme a luz crepuscular descia, as pequenas candeias de manteiga começaram outra vez a acender-se nos edifícios do lamastério. Em breve a única luz a combater a escuridão era o pálido cintilar das estrelas, pois estávamos na época do ano em que a lua nasce tarde. Como costumávamos dizer, a lua ainda era nova e não podia viajar muito depressa.

Começava a estar aflito e cheio de apreensão: ter-se-iam esquecido de mim? Seria isto outra prova por que eu teria de passar sem um bocadinho sequer de sustento? Durante todo p dia não tinha movido um músculo sequer e agora começava a sentir-me desmaiar de fome. Mas de repente voltei a ter esperança e apareceu um vulto negro. Depois vi que se tratava de um grande mastim que arrastava qualquer coisa. Não me ligou importância e continuou na sua missão noturna completamente indiferente à minha situação. As minhas esperanças desapareceram; estava em tal estado que quase poderia chorar. Para evitar tal desgraça ia dizendo a mim mesmo que só as mulheres eram estúpidas a esse ponto.

Por fim ouvi a aproximação do velhote. Dessa vez, olhou para mim com um ar bondoso e disse:

"De comer e de beber, meu filho, mas ainda não chegaste ao fim. Tens ainda o dia de amanhã, por isso tem cuidado e não te mexas, porque há muitos que falham na última hora".

Com essas palavras, voltou-se e desapareceu. Enquanto ele falava eu tinha bebido o chá e transferido a *tsampa* para a minha tigela. Voltei a deitar-me, sem me sentir certamente mais feliz que na noite anterior. Enquanto ali jazia, pensava na injustiça de tudo aquilo; não queria ser monge de qualquer seita, feitio ou tamanho. Ali não tinha mais escolha que um animal de carga conduzido através de um caminho de montanha. E assim adormeci.

No dia seguinte, o terceiro, enquanto estava sentado na minha atitude de contemplação, comecei a sentir as forças faltarem-me,

a cabeça a andar-me à roda. O lamastério parecia nadar num nevoeiro de edifícios diversos, a que se misturavam cores brilhantes, manchas purpúreas, com montanhas e monges misturados em enormes quantidades. Com grande esforço consegui libertar-me desse ataque de vertigem. Estava de fato assustado com a idéia de falhar depois de ter sofrido tanto. As pedras debaixo de mim pareciam ter gumes afiados que me cortavam nos sítios mais inconvenientes. Num dos momentos de menor desânimo, cheguei a pensar como me sentia feliz por não ser uma galinha a chocar ovos, obrigada a ficar na posição própria ainda mais tempo.

O sol parecia ter parado; o dia parecia não ter fim, mas finalmente a luz começou a apagar-se e a brisa da noite a brincar com uma pena que um pássaro deixara cair. Mais uma vez, as luzinhas apareceram nas janelas, uma atrás de outra. "Só espero morrer esta noite", pensei, "já não posso agüentar mais isto." Nesse momento a figura esguia do mestre dos acólitos apareceu na porta distante.

— Venha cá, menino! — chamou ele.

Tentei levantar-me, mas as pernas estavam rígidas e caí com a cara no chão.

— Se quer descansar pode ficar aí mais uma noite. Não posso esperar mais tempo.

Peguei na trouxa apressadamente e lá fui cambaleando até junto dele.

— Entre e vá assistir ao serviço da noite e depois procure-me de manhã.

Lá dentro estava quente e sentia-se no ar o cheiro confortante do incenso. Os meus sentidos apurados pela fome diziam-me que havia comida ali perto, e por isso pus-me a seguir a multidão que se dirigia para a direita. Comida — *tsampa* e chá com manteiga. Esgueirei-me como pude até a primeira fila como se tivesse uma vida inteira de prática. Os monges procuravam agarrar-me pelo rabicho quando eu tentava esgueirar-me por entre as pernas deles, mas eu sentia o cheiro de *comida* e nada me poderia deter.

Sentindo-me um pouco melhor, agora que tinha o estômago cheio, segui a multidão até o templo anterior para assistir ao serviço da noite. Estava cansado demais para seguir o serviço com atenção, mas também ninguém reparou em mim. Conforme os monges iam saindo escondi-me atrás de um dos pilares gigantes, estendi-me no chão de pedra com a minha trouxa debaixo da cabeça e adormeci.

Uma pancada — que me fez pensar que me rachavam a cabeça — e o som de vozes.

— Um calouro. É um dos bem-nascidos. Vamos enforcá-lo!

Um dos acólitos acenava com o meu manto sobressalente, que tinha puxado de sob a minha cabeça; outro tinha as minhas botas de feltro. Uma massa macia e úmida de *tsampa* apanhou-me na cara. Choviam sobre mim os murros e pontapés, mas não resisti, pensando que talvez fosse parte da prova, para ver se eu obedecia à décima sexta lei, que manda: "Sofre as penas e as provações com paciência e humildade". De repente ouviu-se uma voz gritar:

— Que barulheira é essa? Depois um murmúrio amedrontado:

— Oh! O velho *Chalé-de-Ossos!*

Enquanto limpava a *tsampa* dos olhos, o mestre dos acólitos abaixou-se e levantou-me pelo rabicho.

— Molengão! Fracalhote! Você, um dos futuros dirigentes? Caramba! Toma lá; toma lá! — E fez chover sobre mim murros, dados com vontade. — Fracalhote inútil, nem sequer sabe defender-se.

As pancadas pareciam nunca acabar. Pareceu-se ouvir as últimas palavras de Tzu: "Porte-se bem: *lembre-se de tudo o que lhe ensinei"*. Sem pensar, voltei-me e, ao fazê-lo, exerci uma ligeira pressão como Tzu me ensinara. O mestre, apanhado de surpresa, soltou uma gemido de dor e voou sobre a minha cabeça, bateu no chão de pedra e foi escorregando sobre o nariz, que ficou completamente esfolado, até parar quando a cabeça embateu num pilar. "Desta vez mata-me", pensei eu, " é aqui

que se acabam todas as minhas provações." O mundo parecia ter parado.

Os outros rapazes tinham suspendido a respiração. Com um enorme barulho, o monge esquelético levantou-se com o sangue a escorrer-lhe do nariz e explodiu, explodiu numa enorme gargalhada.

— Com que então, um galinho lutador, hem? Ou um rato apanhado num canto? Qual? Ah! É isso que vamos ver! — voltou-se e apontou para um rapaz de uns catorze anos, alto e possante. — Ngawang, você que é o maior fanfarrão deste lamastério. Vamos ver se quando se trata de lutar o filho do carreiro é melhor que o filho do príncipe.

Pela primeira vez senti gratidão por Tzu, o velho monge-polícia. Nos seus dias de rapaz tinha sido campeão da especialidade de *jiu-jitsu*[1]. Ensinara-me — como costumava dizer — "tudo o que sabia". Tinha tido de lutar contra homens adultos, e naquela ciência, em que a força ou a idade não contam, era de fato muito proficiente. Agora, que sabia que o meu futuro dependia, em grande parte, do resultado dessa luta, sentia-me quase feliz.

[1] *O sistema tibetano é diferente e mais aperfeiçoado, mas neste livro chamar-lhe-ei "jiu-jitsu" porque o nome tibetano seria incompreensível para o leitor ocidental.*

Ngawang era um rapaz forte e bem-constituído, mas muito desajeitado nos seus movimentos. Podia-se ver que estava habituado a lutar com a força, e nesse estilo de luta tudo era a seu favor. Atirou-se a mim, na intenção de me agarrar e de me impossibilitar os movimentos. Mas agora eu não tinha medo, graças a Tzu e aos seus métodos de treino, por vezes brutais. Quando Ngawang se atirou a mim, desviei-me e torci-lhe ligeiramente o braço. Os pés faltaram-lhe, deu meia-volta e caiu de cabeça. Durante um momento ficou estendido, a gemer, depois levantou-se num salto e atirou-se outra vez a mim. Dessa vez, deu uma reviravolta e foi cair sobre o ombro esquerdo. Mas não se dava por satisfeito. Começou, às voltas, a observar-me

cuidadosamente; depois, deu um salto para o lado e agarrou pelas correntes um pesado turíbulo com que tentou agredir-me. Mas tal arma é necessariamente lenta, desajeitada e fácil de esquivar. Baixei-me, passei-lhe por baixo dos braços e meti-lhe um dedo na base do pescoço, como Tzu me ensinara muitas vezes. Caiu como uma rocha que se desprende do lado de uma montanha; os dedos, sem força, abrandaram a pressão nas correntes do turíbulo, que foi voando, como lançado por uma funda, na direção do grupo de rapazes e de lamas que assistiam à luta.

Ngawang ficou inconsciente durante cerca de meia hora. Aquele golpe especial é utilizado com freqüência para libertar o espírito do corpo, para viagens astrais e finalidades semelhantes.

O mestre dos acólitos deu um passo na minha direção, deu-me uma palmada nas costas que quase me atirou ao chão e pronunciou esta frase um tanto ou quanto contraditória:

— Menino, você é um homem!

A minha resposta, grandemente atrevida, foi a seguinte:

— Nesse caso mereço alguma comida, senhor? Ultimamente não tenho comido grande coisa.

— Rapaz, coma e beba à vontade, e depois diga a um desses rufiões — você é agora o chefe deles — que lhe mostre o caminho até a minha sala.

O monge velho que me tinha levado comida durante a prova disse-me:

— Meu filho, fez muito boa figura; Ngawang era o fanfarrão dos acólitos. Agora, vai tomar o lugar dele e dominar os seus colegas com gentileza e compaixão. Foi bem ensinado, mas esforce-se para que os seus conhecimentos sejam usados para o bem, não os deixe cair em más mãos. Venha comigo, eu lhe darei de comer e de beber.

O mestre dos acólitos saudou-me amigavelmente quando cheguei à sua sala.

— Sente-se, rapaz, sente-se. Vamos ver se as suas proezas educacionais são tão notáveis como as suas proezas físicas. Vou ver se o apanho em falta; portanto, cautela!

Perguntou-me uma quantidade enorme de coisas, algumas das perguntas orais, outras, escritas. Durante seis horas ficamos sentados frente a frente em almofadas, até que acabou dizendo que estava satisfeito. Eu me sentia como uma pele de iaque mal curtida, úmida e mole. Levantou-se:

— Venha comigo. Vou levá-lo à presença do abade superior. Uma honra pouco freqüente, mas em breve saberá por quê. Venha.

Segui-o ao longo dos largos corredores, para além dos escritórios, dos templos interiores e das salas de aula. Subi escadas, percorri mais corredores tortuosos, para além do vestíbulo dos deuses e dos armazéns de ervas medicinais. Subi mais escadas até que por fim chegamos ao telhado plano e dirigimo-nos à residência do abade superior, que estava ali instalada. Atravessamos a portada chapeada de ouro, o Buda de ouro, circundamos o símbolo da medicina e entramos na sala privada do abade superior.

— Faça uma reverência e proceda como eu. Senhor, aqui está o menino Terça-Feira Lobsang Rampa.

Com essas palavras, o mestre dos acólitos curvou-se três vezes e depois prostrou-se por terra. Eu fiz o mesmo, ansioso por fazer as coisas devidas na maneira prescrita. O abade superior olhou para nós, tranqüilo, e disse simplesmente:

— Sentem-se.

Sentamo-nos nas almofadas, de pernas cruzadas, à maneira tibetana.

Durante muito tempo o abade superior ficou a olhar para mim em silêncio. Depois disse:

— Terça-Feira Lobsang Rampa, sei tudo a seu respeito, ouvi tudo o que foi previsto. A prova de resistência a que foi submetido foi dura, mas assim tinha de ser. Mais tarde conhecerá a razão dessa prova. Fiquei sabendo que de mil monges só um é digno de chegar às mais altas posições, de desenvolver-se ao máximo. Os outros simplesmente vegetam e lá vão cumprindo as suas obrigações cotidianas. Esses são os trabalhadores manuais, os que fazem girar os moinhos de oração

sem se perguntarem por quê. Não temos falta desses, mas temos falta daqueles que hão de perpetuar os nossos conhecimentos quando, mais tarde, o nosso país for coberto pela nuvem da ocupação estrangeira. Vai ser especialmente preparado, com grande intensidade, para adquirir, num número relativamente pequeno de anos, mais conhecimentos do que os que um lama geralmente adquire durante uma longa vida. O caminho será espinhoso e por vezes até doloroso. Forçar clarividência é doloroso e viajar nos níveis astrais requer nervos inquebrantáveis e uma persistência dura como as rochas.

Ouvi com muita atenção, tentando apreender aquilo tudo, o que me parecia extraordinariamente difícil. Na minha própria opinião não me parecia que tivesse energias para tanto. Mas ele prosseguiu:

— Aprenderá aqui medicina e astrologia. Receberá de nós todo o auxílio que nos for possível dar. Aprenderá também as artes esotéricas. O seu caminho está traçado, Terça-Feira Lobsang Rampa. Ainda que não tenha mais de sete anos de idade, estou falando com você como se falasse a um homem, porque como um homem você tem sido educado.

Inclinou a cabeça para o mestre dos acólitos e este se levantou e fez uma profunda reverência. Fiz o mesmo e saímos juntos. Só quebrou o silêncio quando estávamos novamente no seu gabinete.

— Rapaz, terá de trabalhar afincadamente e sem descanso. Mas auxiliá-lo-emos tanto quanto possível. Agora tenho de mandar que lhe raspem o cabelo.

No Tibete, quando um jovem entra para a vida eclesiástica, tem a cabeça completamente raspada, exceto uma pequena madeixa. Esta é cortada quando recebe o seu nome de monge e abandona o seu próprio nome.

O mestre dos acólitos levou-me até uma pequena sala, a "barbearia". Ali disseram-me que me sentasse no chão.

— Tan-Chö — disse o mestre —, raspe a cabeça deste menino. Corte também a madeixa do nome, porque ele receberá o seu nome imediatamente.

Tan-Chö aproximou-se, agarrou-me o rabicho com a mão direita e levantou-o ao alto.

— Ah! Bonito rabicho, bem amanteigado e bem tratado. Vai ser um prazer cortá-lo.

Apanhou um par de enormes tesouras — daquelas que os nossos criados usavam para podar as plantas.

— Tishe — berrou. — Venha cá e agarre isto. Tishe, o assistente, acorreu e agarrou-me o rabicho com tanta força que quase me levantou do chão. Com a língua de fora e grunhindo continuamente, Tan-Chö foi manejando as tesouras, deploravelmente mal afiadas, até conseguir cortar o meu rabicho. Mas aquilo foi só o começo. O assistente trouxe uma bacia de água quente, tão quente que saltei angustiado quando a despejaram sobre a minha cabeça.

— Que é, rapaz? Muito quente a água? — Respondi que sim e ele disse: — Não se aborreça, isto torna o cabelo mais fácil de raspar!

Pegou numa lâmina de três gumes, semelhante às que usávamos para raspar os soalhos. Por fim, depois de uma eternidade, ou assim me pareceu, a minha cabeça estava completamente raspada.

— Venha comigo — disse o mestre. Levou-me outra vez para o seu gabinete e foi buscar um livro enorme. — Agora que nome lhe poderemos dar? — foi murmurando para si mesmo até que encontrou: — Ah! já sei. Daqui em diante será chamado Yza-mig-dmar Lah-lu. (No entanto, durante a narrativa deste livro continuarei a usar o nome de Terça-Feira Lobsang Rampa, porque é mais simples para o leitor.)

Sentindo-me tão nu como um ovo que acabasse de ser posto, fui levado a uma classe. Considerando a minha educação em casa excelente, admitiram que eu sabia mais que a média, e por isso ingressei na classe dos acólitos de dezessete anos de idade. Sentia-me como um anão entre gigantes. Os outros tinham visto a maneira como eu tinha tratado Ngawang, de forma que não tive dificuldades, exceto num pequeno incidente com um grandalhão muito estúpido. Aproximou-se por trás de mim e pôs

as mãos enormes e sujas em cima da minha cabeça, que ainda estava dolorida. Foi simplesmente uma questão de levantar as mãos e meter-lhe dois dedos nos cotovelos, para o fazer afastar-se, gritando de dor. Experimentem dar uma pancada com os cotovelos ao mesmo tempo e vejam o resultado! Tzu, na verdade, tinha sido um bom mestre. Todos os instrutores de *jiu-jitsu* que mais tarde vim a encontrar conheciam Tzu, e todos diziam que era o maior especialista em todo o Tibete. Depois disso, não tive mais dificuldades com os outros rapazes. O professor, que estava de costas voltadas quando o rapaz me pôs as mãos na cabeça, depressa se deu conta do que acontecera. Riu-se tanto com o incidente que nos deixou sair mais cedo.

Era perto de oito e meia da noite, de forma que tínhamos cerca de três quartos de hora antes de irmos para o serviço no templo, às nove e um quarto. Mas a minha alegria foi de pouca duração; quando saímos da sala um lama me fez sinal e disse-me que o seguisse. Obedeci, sem saber que mais canseiras me esperavam. Entrou numa sala de música onde se encontravam vinte rapazes que eu sabia serem noviços como eu. Três músicos estavam sentados com os seus instrumentos, um com um tambor, outro com uma concha,, e o terceiro com uma trombeta de prata.

— Vamos cantar juntos para experimentar as vozes para o coro — disse o lama.

Os músicos começaram, tocando uma canção muito popular que todos podiam cantar. Levantamos as nossas vozes. O mestre de música levantou os sobrolhos. O olhar de espanto em breve se transformou numa expressão de real pânico. Ergueu as duas mãos em protesto.

— Parem! Parem! — gritou. — Até os deuses se confrangem com isto. Vamos começar outra vez, mas *cantem como deve ser*.

Recomeçamos, mas mandou-nos calar. Dessa vez, o mestre de música veio diretamente a mim.

— Idiota! — exclamou. — Está fazendo pouco de mim? Os músicos vão recomeçar e você vai cantar sozinho, já que não canta com o coro!

A música recomeçou. Mais uma vez, levantei a voz. Mas por pouco tempo. O mestre de música acenou-me num frenesi.

— Terça-Feira Lobsang! O seu talento *não* inclui a música. Nunca nos meus cinqüenta e cinco anos de mestre ouvi uma voz tão fora de tom. Fora de tom? Sem tom absolutamente algum! Rapaz, não cantará mais. Durante as lições de canto estudará outra coisa qualquer. Nos serviços não vai cantar também, ou a sua desarmonia acabará estragando tudo. Desapareça, vândalo!

Andei pelos corredores até ouvir as trombetas anunciarem o serviço da noite. Na véspera. . . — mas, Deus meu! tinha sido só na véspera que eu tinha entrado para o lamastério? Pareciam anos. Senti-me como se sonhasse e estava mais uma vez com muita fome. Talvez isso fosse bom, porque se estivesse farto, tenho a certeza de que teria adormecido. Alguém me pegou pelo manto e senti-me levantado no ar. Um lama grandalhão e com um ar amigável tinha-me levantado por cima dos seus ombros.

— Vamos, rapaz, ou vai chegar tarde ao serviço, e depois? Fica sem ceia, se chegar tarde, e passará a noite a sentir-se vazio como um tambor.

Entrou no templo ainda comigo às costas e tomou o seu lugar mesmo por trás das almofadas dos rapazes. Colocou-me, cuidadosamente, numa das almofadas.

— Volte-se para mim, rapaz, e faça o que eu fizer, mas quando eu cantar, fique calado.

Fiquei na verdade agradecido à sua ajuda, porque até então muito pouca gente tinha sido gentil para comigo; no passado toda a educação que recebera tinha sido gritada por um lado e metida a bofetada pelo outro.

Devo ter dormitado, porque dei por mim, assustado, ao verificar que o serviço tinha acabado e que o grande lama me tinha transportado, adormecido, até o refeitório, e que me tinha posto à frente chá, *tsampa* e hortaliças cozidas.

— Coma, rapaz, e depois vá para a cama. Eu lhe mostrarei onde vai dormir. Por hoje pode dormir até as cinco da manhã, depois, vá ter comigo.

Essas foram as últimas palavras que ouvi até as cinco da manhã. Um rapaz que já no dia anterior se mostrara mais amigável acordou-me. Vi que estava num quarto grande, estendido em cima de três almofadas.

— O Lama Mingyar Dondup disse-me que o acordasse às cinco.

Levantei-me e empilhei as minhas almofadas contra a parede, como vi que os outros faziam; os outros se mexiam apressadamente, e o rapaz que me acordara disse-me:

— Temos de nos apressar para o café da manhã, depois tenho de levar você ao Lama Mingyar Dondup.

Estava adaptando-me, ainda que não gostasse do lugar, nem tivesse, de fato, grande vontade de ficar. Mas ocorreu-me que, uma vez que não tinha outro remédio, seria melhor que me decidisse a adaptar-me com um mínimo de contrariedades.

Durante o café da manhã, o leitor lia qualquer coisa de um dos cento e doze volumes do *Kan-gyur*, as Escrituras Budistas. Deve ter percebido que eu estava pensando em outra coisa, porque me gritou:

— Noviço pequeno, qual foi a última coisa que eu disse? Depressa!

Como um relâmpago, e quase sem pensar, respondi:

— O mestre disse: "Aquele garoto não está prestando atenção e eu vou pegá-lo".

A minha resposta provocou uma gargalhada e salvou-me de ser punido por falta de atenção. O leitor sorriu — acontecimento raro — e explicou que me tinha perguntado pelo texto das Escrituras, mas que "por esta vez passava".

Durante todas as refeições, os leitores sobem a um púlpito e lêem páginas dos textos sagrados. Os monges não são autorizados a falar durante as refeições nem podem pensar na comida. Devem ingerir, com a comida, os conhecimentos sagrados. Todos nos sentamos no chão, em almofadas, e comemos em uma mesa com cerca de quarenta centímetros de altura. Não nos é permitido fazer o mais ligeiro ruído durante as

refeições e é-nos absolutamente vedado pousar os cotovelos na mesa.

A disciplina em Chakpori era, na verdade, férrea. Chakpori quer dizer "Montanha de Ferro". Na maioria dos lamastérios, há muito pouca disciplina ou rotina organizada. Os monges podem trabalhar ou preguiçar a seu bel-prazer. Talvez um entre mil queira progredir, e este é que será lama, pois lama quer dizer "ser superior" e não se aplica a toda a gente. No nosso mosteiro, a disciplina era rigorosa, ferozmente rigorosa. Estávamos destinados a ser especialistas, dirigentes da nossa classe, e para nós a ordem e o treino eram considerados absolutamente essenciais. Nós, os meninos, não podíamos usar os mantos brancos usuais dos acólitos e vestíamos os mantos vermelhos próprios do monge já aceito. Havia também trabalhadores domésticos, mas esses eram monges-criados que tinham a seu cargo as tarefas domésticas do mosteiro. Fazíamos turnos no trabalho doméstico para garantir que não nos deixaríamos tomar

por idéias exaltadas. Tínhamos de ter presente o velho provérbio budista: "Sede vós próprios o exemplo, fazei só o bem sem nunca causar danos a outrem. É essa a essência dos ensinamentos do Buda". O nosso abade, o Lama Champa La, era tão severo quanto meu pai e exigia uma obediência instantânea. Um dos seus ditados preferidos era: "A leitura e a escritura são os portões de todas as qualidades”, de forma que nunca nos faltava leitura nem escrita.

Capítulo cinco

A VIDA DE UM "CHELA[1]"

[1] Chela — *Noviço de um mosteiro budista. (N. do T.)*

Em Chakpori o nosso dia começava à meia-noite. A essa hora, quando a trombeta soava, ecoando ao longo dos corredores mal iluminados, rolávamos estremunhados dos almofadões de dormir e, às apalpadelas, procurávamos as nossas roupas. Todos dormíamos nus, que é o sistema habitual no Tibete, onde não temos falsos escrúpulos. Depois de vestidos, metíamos as nossas parcas posses na bolsa formada pela prega do manto. Seguíamos pelo corredor; àquela hora estávamos sempre de mau humor. Um dos nossos ensinamentos dizia: "É melhor descansar com a mente em paz do que rezar quando se está zangado". Pensava com freqüência, um tanto ou quanto irreverentemente: "Bom, então por que não nos deixam descansar com a mente em paz? Esta história de acordar à meia-noite faz-me zangado!" Mas como ninguém me desse uma resposta satisfatória, ia com os outros até a sala das orações. Ali, as inúmeras lamparinas de manteiga esforçavam-se por fazer penetrar os seus fracos raios nas nuvens movediças do incenso. Àquela luz bruxuleante, por entre as sombras movediças, as enormes figuras sagradas pareciam vivas, a fazer reverências e a embalar-se ao ritmo dos nossos cânticos.

As centenas de lamas e de rapazes sentavam-se de pernas cruzadas sobre as almofadas espalhadas pelo chão; as fileiras iam de um lado ao outro da sala. Uma fileira ficava em frente da outra, de forma que a primeira e a segunda fileira enfrentavam-se, a segunda e a terceira fileira ficavam costas com costas, e assim por diante. Entoávamos

os nossos cânticos sagrados, que utilizam escalas especiais. No Oriente, acreditamos que os sons têm poderes especiais: assim como certas notas podem estilhaçar vidro, certas combinações de sons desenvolvem capacidades metafísicas. Além dos cânticos, havia também leituras do *Kan-gyur*. Era um espetáculo impressionante ver aquelas centenas de homens, de

mantos vermelhos e estolas douradas, cantando em uníssono, acompanhados pelo tilintar argentino de pequenas campainhas e pelo rufar de tambores. Nuvens azuladas de incenso enovelavam-se e coleavam por entre os joelhos das divindades, e, de vez em quando, àquela luz incerta, parecia que uma das figuras olhava diretamente para nós.

O serviço durava cerca de uma hora, finda a qual voltávamos aos nossos almofadões para dormir até as quatro e um quarto. Às cinco comíamos a nossa primeira refeição de *tsampa* e chá amanteigado. Mesmo nessa refeição matinal, o leitor lá estava murmurando, enquanto o zelador de disciplina se perfilava atento ao seu lado. Era durante esta refeição que eram dadas ordens ou informações especiais.

Às seis horas, dávamos entrada nas salas de aula prontos para as primeiras sessões dos nossos estudos. A segunda das nossas leis tibetanas diz: "Cumprirás os teus deveres religiosos e estudarás". Na minha ignorância de sete anos, não percebia por que havíamos de obedecer a essa lei, quando outra lei, a quinta, estava sempre a ser desobedecida: "Honrarás sempre os mais velhos e os *bem-nascidos".* Toda a minha experiência me ensinava que havia algo de vergonhoso em ser "bem-nascido". Eu, pelo menos, não havia dúvida de que fora uma vítima dessa circunstância. Não me ocorrera até então que o que importava não era o nascimento, mas o caráter da pessoa.

Tínhamos outro serviço às nove da manhã, para o que interrompíamos os nossos estudos durante quarenta minutos. Às vezes era um intervalo bem desejado, mas tínhamos de recomeçar as aulas às dez menos um quarto. Começávamos então outra disciplina, na qual trabalhávamos até a uma. Mesmo então não íamos ainda comer; primeiro havia um serviço de meia hora, seguido finalmente por mais chá amanteigado e *tsampa.* Seguia-se uma hora de trabalho manual, para nos servir de exercício e para nos ensinar humildade. A maioria das vezes parecia caber-me a mim o serviço mais porco ou mais desagradável.

Às três horas tínhamos de nos retirar para uma hora de repouso forçado; não nos era permitido falar, ou fazer qualquer movimento; tínhamos de permanecer perfeitamente imóveis. Essa hora era pouco popular, uma vez que o período não era suficientemente longo para um sono e era-o demais para ficar imóvel. Se nos dessem a escolha encontraríamos ocupações muito mais interessantes! Às quatro, depois do repouso, voltávamos aos nossos estudos. Era esse o período mais temido de todo o dia; cinco horas de intervalo, cinco horas em que não podíamos sair da sala, sob pretexto algum, sem incorrer nas penalidades mais severas. Os nossos mestres usavam livremente as bengalas reforçadas e alguns se entregavam aos castigos dos infratores com verdadeiro entusiasmo. Só em casos de grande necessidade algum aluno se atrevia a pedir "para ir lá fora", mas sabia que à volta o esperava a punição mais severa.

Só ficávamos livres às nove da noite, quando tomávamos a última refeição do dia. Mais uma vez chá amanteigado e *tsampa.* Às vezes — mas só às vezes — tínhamos hortaliças; quase sempre nabos cortados em fatias ou uns feijões muito pequeninos. Essas hortaliças eram cruas, mas, para rapazes esfaimados, passavam por acepipes. Certa ocasião, que nunca hei de esquecer, tinha eu oito anos, serviram nozes em conserva, um dos meus petiscos favoritos e habituais em minha casa. Nessa ocasião, imprudentemente, tentei fazer uma troca com um dos outros garotos: eu lhe daria o meu manto sobressalente em troca das nozes que lhe cabiam. O zelador da disciplina ouviu a história, e fui chamado ao meio da sala para confessar publicamente a minha falta. Para castigo da minha "gula" tive de passar vinte e quatro horas sem comer nem beber e o manto foi-me tirado, uma vez que era evidente que eu não precisava dele, "pois tinha tido a intenção de o trocar por bens que não eram essenciais".

Às nove e meia, retirávamo-nos para dormir. Ninguém se atrasava em ir para a cama! Eu sempre pensara que as longas horas acabariam por matar-me, que a todo o mo-

mento iria tombar morto de cansaço ou que um dia adormeceria para nunca mais acordar. Nos primeiros tempos, tanto eu como outros dos mais novatos nos escondíamos pelos cantos para tirar uma soneca. Mas pouco tempo foi preciso para me habituar à longa vigília, e deixei de pensar na enormidade dos dias.

Pouco faltava para as seis da manhã quando, com o auxílio do garoto que me tinha acordado, me encontrei em frente da porta do Lama Mingyar Dondup. Ainda que eu não tivesse batido à porta, disse-me de dentro que entrasse. A sua cela era muito agradável, com pinturas maravilhosas nas paredes, algumas pintadas diretamente no estuque, outras pintadas sobre seda. Em mesinhas baixas havia pequenas estatuetas de jade, ouro e *cloisonné*[1], representando divindades. Também, pendurada na parede, havia uma grande Roda da Vida. O lama estava sentado na postura de lótus, sobre uma almofada, em frente de uma pequena mesa, sobre a qual havia uma quantidade de livros, um dos quais ele estudava quando entrei.

[1] *Em francês no original: metal esmaltado. (N. do E.)*

— Sente-se aqui comigo, Lobsang — disse ele. — Temos muito que conversar, mas primeiro tenho de fazer-lhe uma pergunta importante para um homem que está crescendo: comeu e bebeu bastante?

Respondi-lhe que sim.

— O abade superior disse-me que podíamos trabalhar juntos. Temos feito investigações sobra a sua encarnação anterior e descobrimos que foi bastante boa. O que queremos agora fazer é voltar a desenvolver certos poderes e aptidões que você revelou nessa vida anterior. Dentro de um período de poucos anos queremos que adquira mais conhecimentos que os que um lama vulgar adquire durante uma longa vida.

Fez uma pausa e olhou para mim com atenção durante muito tempo. Tinha uns olhos imensamente penetrantes.

— Todos os homens devem ter a liberdade de escolher o seu caminho — prosseguiu. — O seu será bem árduo durante

quarenta anos se escolher o caminho justo, mas trar-lhe-á grandes benefícios na vida futura. Se escolher agora o caminho errado, encontrará, *nesta* vida, confortos, descanso e riqueza, mas não se desenvolverá espiritualmente. A você e só a você compete fazer a escolha. Calou-se e voltou a olhar-me.

— Mestre — respondi —, o meu pai disse-me que se falhasse no lamastério não pensasse em voltar para casa. Como poderia ter conforto e descanso sem um lar para onde ir? E quem me mostraria como seguir o caminho justo se decidisse escolhê-lo?

Sorriu-me e respondeu:

— Já se esqueceu? Averiguamos a sua encarnação anterior. Se escolher o caminho errado, o dos confortos, será instalado num mosteiro na qualidade de encarnação viva, e dentro de poucos anos será abade. Seu pai não consideraria tal carreira um fracasso!

Algo no tom da sua voz me levou a perguntar-lhe:

— E o mestre consideraria?

— Sem dúvida — respondeu. — Sabendo o que sei, consideraria tal vida um fracasso.

— E quem me mostrará o caminho?

— Serei eu o seu guia se você escolher o caminho justo, mas só a você compete a escolha, ninguém deve influenciar a sua decisão.

Olhei para ele, fitando-o atentamente, e gostei daquilo que vi: um homem corpulento, de olhos negros e vivos; um rosto largo e aberto, e uma testa alta. Sem dúvida, gostei do que vi. Ainda que a minha idade não fosse além dos sete anos, tinha vivido uma vida dura, tinha encontrado muita gente, e poderia, na verdade, julgar um homem.

— Mestre — prossegui —, gostaria de ser seu discípulo e de seguir o caminho justo. — E acrescentei com certa tristeza: — Mas, seja como for, continuo a não gostar de muito trabalho!

Ele riu-se, e o seu riso era rico e quente.

— Lobsang, Lobsang, a falar verdade, nenhum de nós gosta realmente de trabalhar, mas poucos são suficientemente sinceros para o admitir. — Folheou uns papéis e depois disse: — Em

breve teremos de fazer uma pequena operação na sua cabeça, para aumentar a sua clarividência, e depois apressaremos os seus estudos por processos hipnóticos. Havemos de levá-lo longe, tanto em metafísica como em medicina!

A idéia de ter ainda mais trabalho fez-me cabisbaixo. Queria parecer-me que sempre trabalhara demais durante os meus sete anos de vida e brincara ou soltara papagaios bem pouco. O lama pareceu adivinhar os meus pensamentos. — Não se aflija. Terá muitas ocasiões de soltar papagaios, daqueles a sério, dos que levam homens lá dentro. Mas primeiro precisamos organizar um esquema para conduzir os seus estudos. — E voltou a folhear e consultar os seus papéis. — Vejamos, das nove à uma. Isso dá para começar. Venha ter comigo todos os dias às nove horas, em vez de ir ao serviço religioso, e veremos as coisas interessantes que havemos de discutir. A partir de amanhã. Tem alguma mensagem para seu pai e para sua mãe? Vou hoje visitá-los, para lhes entregar o seu rabicho.

Senti-me comovido. Quando um garoto é aceito num mosteiro, cortam-lhe o rabicho, que é enviado aos pais, por um acólito, como símbolo da aceitação de seu filho. Mas, no meu caso, era o próprio Lama Mingyar Dondup que iria fazer a entrega! Isso queria dizer que me tinha aceito como seu discípulo pessoal, seu "filho espiritual". Ora, esse lama era uma pessoa muitíssimo importante, que gozava de uma reputação invejável em todo o Tibete. Sabia que, entregue a tal homem, não poderia falhar.

Nessa manhã, durante as aulas, a minha atenção não foi grande. Os meus pensamentos andavam por outras paragens, e o mestre teve tempo e oportunidades de sobra para satisfazer o seu gosto pelo castigo.

Aquilo me parecia injusto, toda aquela severidade dos mestres. Mas pensava, para me consolar, que para isso estava ali, para aprender. Para isso fora reencarnado, ainda que então não pudesse recordar-me das coisas que teria de reaprender. No Tibete cremos firmemente na doutrina da reencarnação. Acreditamos que quando uma pessoa morre, depois de atingir

uma etapa muito avançada da sua evolução pode escolher, ou ir viver em outro plano de existência, ou voltar à Terra para aprender ainda mais, ou para ajudar os outros. Pode ser que um sábio que tenha dedicado a sua vida a certa missão morra antes de completar a tarefa que se impôs. Nesse caso, segundo cremos, é-lhe permitido voltar para completar o seu trabalho, desde que deste possa resultar benefício para outros. Poucos são os que podem ter as suas prévias encarnações investigadas; primeiro, é preciso que haja certos sinais; depois, o custo e o tempo necessários para tais investigações as tornam por vezes proibitivas. Mas os que apresentam tais sinais, como eu, são chamados "encarnações vivas". Estes são sujeitos a um tratamento ultra-severo durante a infância — como no meu caso — mas tornam-se mais tarde objeto de grande veneração. No meu caso, ia ser sujeito a tratamentos especiais para "alimentar à força" os meus conhecimentos ocultos. Por quê? Nessa altura ainda não sabia!

Uma chuva de murros sobre a cabeça e os ombros chamou-me, de repelão, à realidade da sala de aula. "Palerma, basbaque, imbecil! Os demônios da mente penetraram nesse crânio duro? É mais do que sou capaz de fazer. Tem sorte de ter chegado a hora de ir para o serviço." Deu-me mais um murro e saiu da sala a largas passadas. O garoto que estava ao meu lado disse-me: "Não se esqueça, esta tarde é a nossa vez de trabalhar nas cozinhas. Tomara que tenhamos oportunidade de encher os sacos de *tsampa"*. O trabalho na cozinha era violento, e os "regulares" tratavam os noviços como escravos, e depois do trabalho na cozinha não tínhamos sequer um período de descanso. Duas horas completas de trabalhos forçados, e voltávamos diretamente às aulas. Às vezes, conservavam-nos na cozinha até mais tarde e por isso chegávamos tarde às aulas. Um professor enraivecido esperava-nos com a sua bengala e não nos dava oportunidade sequer para explicar as nossas razões.

O meu primeiro dia de trabalho nas cozinhas ia-se tornando quase o meu último dia de vida. À porta das cozinhas esperava-nos um monge colérico: "Despachem-se, fedelhos preguiçosos e

inúteis", berrava. "Os dez primeiros vão para ali e alimentam as fornalhas." Eu era o décimo. Descemos um lance de escadas. O calor era insuportável.

À nossa frente víamos uma luz sangrenta, o brilho das fogueiras aterradoras. O combustível para as fornalhas estava espalhado à nossa volta: pilhas enormes de estrume de iaque. "Peguem as pás e andem com isso", berrou o monge. Eu era um garotinho de sete anos entre os grandalhões da minha classe, onde não havia ninguém com menos de dezessete. Mal podia levantar a pá, e ao esforçar-me por levá-la à altura da fornalha despejei-a sobre os pés do monge. Com um berro de raiva, agarrou-me pelo pescoço, fez-me dar uma volta — e tropeçou. Fui atirado de costas. Senti uma dor horrível e o cheiro enjoativo de carne queimada. Tinha caído contra a extremidade esbraseada de uma barra que saía da fornalha. Com um grito caí para o chão, no meio das cinzas quentes. No topo da coxa, quase na junta da perna, a barra tinha aberto caminho, queimando a carne, até ser detida pelo osso. Conservo uma cicatriz muito branca que ainda, às vezes, me causa certo incômodo. Anos mais tarde, seria por essa cicatriz que os japoneses me haveriam de reconhecer.

Pandemônio. Apareceram monges a correr de todos os lados. Eu continuava deitado no meio das cinzas esbraseadas, mas depressa me levantaram dali. Tinha queimaduras por quase todo o corpo; eram queimaduras superficiais, mas o ferimento na perna era realmente uma coisa séria. Levaram-me depressa ao andar superior, à cela de um lama-médico que se dedicou imediatamente à tarefa de me salvar a perna. O ferro estava enferrujado e ao entrar-me na perna tinha deixado a ferida cheia de resíduos de ferrugem. Teve de raspar o interior da ferida para a limpar. Depois encheu a cavidade com uma compressa de plantas medicinais pulverizadas e o resto do meu corpo foi besuntado com uma loção, também feita de plantas, que, não há dúvida, minorou bastante o ardor das queimaduras. A perna latejava terrivelmente e eu tinha a certeza de que nunca mais poderia andar. Quando acabou, chamou um monge para me

levar para um pequeno quarto onde me colocaram numa cama de almofadões. Um velho monge veio sentar-se no chão ao meu lado e começou a murmurar orações por mim. Pensei comigo mesmo: "Bonito serviço, oferecer orações pela minha segurança *depois*de ter tido o acidente!" Ali mesmo, decidi levar uma vida virtuosa, pois agora tinha experiência direta dos sofrimentos que teria se os demônios do inferno me atormentassem com fogo. Lembrei-me de uma pintura que tinha visto, onde um demônio espicaçava um desgraçado mais ou menos no mesmo lugar onde eu tinha me queimado.

Talvez depois disto o leitor pense que os monges eram gente terrível, bem diferentes do que seria, de esperar. Mas "monges", que significa tal palavra? Compreendemos nessa designação todos os indivíduos, do sexo masculino, que vivem e prestam serviços numa lamastério. Não são, portanto, necessariamente, pessoas religiosas. No Tibete quase toda a gente pode ser monge. Qualquer rapazinho pode ser mandado pelos pais "para se fazer monge", sem ter nenhum voto na matéria. Ou um homem pode decidir que está farto de ser pastor e quer assegurar-se de um telhado para o cobrir quando a temperatura desce a quarenta graus abaixo de zero. Torna-se monge, não porque tenha alguma vocação religiosa, mas unicamente para obter conforto pessoal. Os lamastérios empregam "monges" para serviço doméstico, como construtores, trabalhadores dos campos e homens de limpeza. Noutros países, seriam simplesmente chamados "criados", ou "serventes", ou outro nome equivalente. A maioria desses homens tinha levado uma vida dura; a existência à altitude entre quatro e sete mil metros pode ser bem difícil, e às vezes eram duros para nós, noviços, unicamente por falta de inteligência ou de sensibilidade. Para nós o termo "monge" é quase o equivalente de "homem". Os membros do sacerdócio têm designações diferentes. A um estudante novo, um noviço, um acólito, chamamos *cheia.* O mais próximo daquilo a que no Ocidente se chama um monge é o nosso *trappa.* Estes constituem o grupo mais numeroso em qualquer lamastério. E depois chegamos ao termo de que mais se tem

abusado: "lama". Se os *trappas* correspondem, digamos, aos soldados, os lamas correspondem aos oficiais. A julgar pela maneira como os ocidentais falam e escrevem acerca do Tibete, haveria mais oficiais que soldados! Os lamas são mestres, gurus, como nós dizemos. O Lama Mingyar Dondup ia ser o meu guru, e eu seria o seu *cheia.* Depois dos lamas, vêm os abades. Nem todos têm lamastérios a seu cargo; muitos se entregam a tarefas gerais de alta administração, ou a viajar de lamastério em lamastério. Em certos casos, um lama especial pode ter uma posição mais elevada que um abade, dependendo do serviço que tem a seu cargo. Estes são encarnações vivas, e podem ser feitos abades aos catorze anos, dependendo da sua aptidão para passar em exames extremamente severos. Todas essas pessoas são estritas e severas, mas não são cruéis; sobretudo, são sempre justas. Outro exemplo do uso do termo "monge" pode ser visto na expressão "monge-polícia". A sua única função é manter a ordem, e nada tem a ver com o cerimonial dos templos, exceto que a sua presença é necessária para que a ordem seja mantida. Os monges-polícias são às vezes cruéis, e bem assim, como se viu, o pessoal doméstico. Seria impossível condenar um bispo só porque o seu jardineiro se porta mal! Ou esperar que o jardineiro seja um santo só porque trabalha para um bispo!

No lamastério havia uma prisão. Lugar pouco agradável para se viver, mas as personagens que para lá iam, por outro lado, também não eram muito agradáveis. A minha única experiência das condições da prisão ocorreu quando me chamaram para ir ver um preso que tinha adoecido. (Então, eu já estava quase pronto para deixar o lamastério.) No pátio dos fundos, havia uma série de parapeitos circulares de cerca de um metro de altura, construídos com grandes blocos de pedra; os topos eram cobertos com barras de pedra tão grossas como as coxas de um homem; estas barras cobriam aberturas circulares com cerca de três metros de diâmetro. Quatro monges-polícias agarraram a barra central e puxaram-na para o lado. Um deles debruçou-se e agarrou uma corda de pêlo de iaque, no fim da qual havia um lado de aparência frágil. Olhei para o laço cheio de inquietação;

arriscar-me *naquilo?* "Agora, ilustre lama-médico", disse o homem, "se fizer a fineza de enfiar aí o seu pé, nós o baixaremos." Obedeci cheio de maus presságios. "Vai precisar de uma luz", disse-me o monge-polícia, e passou-me um archote feito de corda ensopada em manteiga. Ainda fiquei mais inquieto; tinha de me agarrar à corda, segurar o archote, evitar atear fogo às minhas roupas ou à frágil corda que me sustentava. Mas fiz uma descida de oito metros, entre paredes que escorriam água, até o fundo, o chão sujíssimo de pedra. À luz do archote vi um ser miserável acocorado contra a parede. Um olhar foi o bastante: não havia aura à sua volta, portanto a vida se extinguira. Rezei uma oração pela alma que vagava agora entre os planos da existência e cerrei os olhos selvagens que me fitavam sem vida; depois gritei para que me içassem. A minha missão estava cumprida e seria agora o momento de os cortadores de cadáveres intervirem. Perguntei qual fora o seu crime e disseram-me que aquele homem fora em tempo um mendigo itinerante que aparecera no lamastério pedindo comida e abrigo e que depois, durante a noite, matara um monge para lhe roubar as parcas posses. Mas fora apanhado e levado ao local do seu crime.

Mas tudo isto é, de certo modo, uma digressão longa que me afasta do incidente que sofri durante a minha primeira sessão de trabalho na cozinha.

Os efeitos das loções começavam a desvanecer-se, e eu me sentia como se me tivessem esfolado com fogo vivo. O pulsar da perna aumentava, parecia que a todo o momento ia explodir; na minha imaginação febril era como se tivesse dentro da ferida um archote aceso. O tempo arrastava-se; chegavam-me aos ouvidos os sons do lamastério: uns meus conhecidos, outros que ignorava ainda. As dores consumiam-me o corpo como uma labareda. Deitei-me de bruços, mas também tinha queimaduras na frente do corpo. Depois ouvi um ligeiro rumor e alguém se sentou ao meu lado. Ouvi a voz gentil e compassiva do Lama Mingyar Dondup: "Meu pequeno amigo, as dores são muitas

para você; durma". Dedos suaves percorreram-me a espinha, uma vez, duas vezes, e adormeci.

Um sol pálido feria-me os olhos. Enquanto acordava e a consciência me voltava pouco a pouco, pensei que alguém me dava pontapés — que tinha dormido demais. Tentei levantar-me com um salto, para ir correndo para o serviço, mas voltei a tombar numa agonia. A minha perna! Mas uma voz suave falou-me: — Fique quieto, Lobsang, este dia é para você um dia de repouso. — Voltei a cabeça com dificuldade e vi com grande espanto que me encontrava no quarto do lama e que ele estava sentado ao meu lado. Viu-me a olhar e sorriu.

— Para que tanto espanto? Não é natural que dois amigos estejam juntos quando um deles está doente?

Respondi frouxamente:

— Mas o mestre é um lama superior e eu não passo de um garotinho.

— Lobsang, noutras vidas as nossas existências foram muito próximas. Nesta, por enquanto, você ainda não se lembra. Mas eu me lembro e na nossa anterior encarnação fomos grandes amigos. Mas agora precisa de descansar e de recuperar as forças. Vamos salvar-lhe a perna, por isso não se preocupe.

Pensei na Roda da Existência e no preceito da nossa Escritura Budista.

"Ao homem generoso nunca faltam amigos, enquanto o avaro não encontra jamais quem o conforte."

"Que o poderoso mostre a sua generosidade ao suplicante. Que olhe e medite no longo caminho da vida. Porque as riquezas giram como as rodas de um carro, chegando ora a uns ora a outros. O mendigo de hoje é o príncipe de amanhã, e o príncipe pode voltar a esta terra nos andrajos de um mendigo ..."

Era evidente para mim que o lama, agora meu guia, era um homem justo, um homem que eu seguiria com o melhor da minha boa vontade. Era evidente que ele sabia muitas coisas a meu respeito, muito mais, de fato, do que eu próprio. Olhava com ansiedade para os dias em que estudaria com ele e resolvi que ninguém teria um discípulo mais aplicado. Havia, sentia-o

bem, uma grande afinidade entre nós, e maravilhava-me perante a providência do destino que assim me tinha colocado à sua guarda.

Voltei a cabeça para olhar pela janela. Os meus al-mofadões tinham sido colocados sobre uma mesa de forma a que eu pudesse olhar para o exterior. Era estranho estar assim deitado longe do chão, a cerca de um metro de altura. Na minha fantasia de criança comparava-me a um pássaro pousado nos ramos de uma árvore! Mas havia muito que ver. A distância, por cima dos telhados baixos que ficavam sob a janela, podia ver Lhasa espraiada ao sol. Casas pequenas, tornadas minúsculas pela distância, todas pintadas de cores delicadas. Os meandros do rio Kyi serpenteavam pelo vale plano, ladeado por prados verdíssimos. A distância, as montanhas pareciam púrpura, encimadas por coroas brancas de neve que cintilavam. As encostas das montanhas salpicavam-se com os telhados dourados dos mosteiros. Para a esquerda ficava a Potala, e a sua mole imensa formava uma pequena montanha. Ligeiramente à direita, havia um pequeno bosque de onde surgiam os telhados de templos e colégios. Era ali a sede do oráculo de Estado do Tibete, um cavalheiro de importância, cuja única missão na vida é fazer a ligação entre o mundo material e o imaterial. Mais abaixo, no pátio fronteiro, os monges afadigavam-se em todas as direções. Alguns vestiam mantos de um castanho tristonho; eram os monges trabalhadores. Um pequeno grupo de rapazes vestia mantos brancos, monges estudantes de qualquer mosteiro distante. Também ali se viam outros de escalões mais elevados, vestidos de vermelho-vivo, e alguns de púrpura. Alguns desses últimos traziam estolas douradas, indicando a sua posição nos escalões mais altos da administração. Alguns montavam cavalos ou póneis. Os leigos montavam cavalos de todas as cores, mas os sacerdotes usavam sempre cavalos brancos. Mas tudo isso me está levando para longe do presente imediato. O que me preocupava no momento era o pensamento de ficar melhor para ser capaz de recomeçar a minha atividade.

Depois de três dias, consideraram que era melhor para mim levantar-me e começar a mexer-me um pouco. A perna estava muito rígida e doía-me muito. Toda a área do ferimento estava inflamada e a ferida supurava em consequência das partículas de ferrugem que por lá tinham ficado. Como não podia andar sem ajuda, fizeram-me uma muleta, e eu caminhava saltitando como um pássaro ferido. Ainda havia pelo meu corpo um grande número de ferimentos e ampolas, mas todos juntos não me doíam tanto quanto a perna. Não me podia sentar e tinha sempre de deitar-me sobre o lado direito, ou de bruços. Evidentemente, era-me impossível frequentar os serviços ou as

aulas, de forma que o meu guia, o Lama Mingyar Dondup, tinha de me ensinar todo o tempo. Mostrou-se muito satisfeito com a quantidade de conhecimentos que eu tinha adquirido durante os anos anteriores, e disse: — Mas, claro, uma grande quantidade dos seus conhecimentos são recordações inconscientes da sua última encarnação.

Capítulo seis

VIDA NO MOSTEIRO

Duas semanas depois, as queimaduras que me cobriam o corpo tinham melhorado consideravelmente. A perna continuava a incomodar-me, mas pelo menos fazia progresso, por isso perguntei se podia voltar à rotina normal, ansioso por me mexer um pouco mais. Acederam e deram-me permissão para me sentar como melhor pudesse, ou até para me deitar de bruços. Os tibetanos sentam-se sempre de pernas cruzadas, o que nós chamamos a "atitude de lótus", mas a condição da minha perna impedia em absoluto tal posição.

Na tarde do primeiro dia da minha volta à rotina normal, havia trabalho nas cozinhas. Coube-me a tarefa de marcar numa ardósia o número de sacos de cevada que se ia torrando. Espalhava-se a cevada no chão de pedra esbraseado (sob esta

superfície ficava a fornalha onde me tinha queimado), distribuía-se o mais regularmente possível e depois fechava-se a porta. Enquanto ela torrava, nós íamos para outra sala onde a nossa ocupação consistia em partir os grãos já torrados; havia uma espécie de tina de pedra bruta, em forma de um cone grosseiro, com cerca de dois metros e meio de diâmetro na boca; a superfície interior era estriada para segurar os grãos de cevada; uma pedra enorme, também em forma de cone, ajustava-se deixando uma folga no interior da tina; uma trave enorme, que o tempo polira, atravessava esta mó e servia-lhe de eixo; deste eixo partiam várias traves menores, dispostas como os raios de uma roda sem aro. Despejava-se a cevada torrada dentro da tina, e monges e rapazes retesavam-se de encontro aos raios para fazer girar a mó, que pesava muitas toneladas. Uma vez que a mó se punha em movimento, as coisas não iam mal; íamos dando as nossas voltas a cantar as nossas cantigas (aqui eu podia cantar sem ser repreendido!). Mas para pôr a mó em movimento, vencer a inércia, era terrível. Toda a gente tinha de vir dar uma ajuda para o primeiro impulso; depois, uma vez o movimento começado, a maior preocupação era não a deixar parar. Ia-se sempre despejando mais cevada torrada conforme o grão partido ia tombando pela abertura no vértice do cone. Essa cevada partida era levada e espalhada noutra superfície de pedras aquecidas para torrar novamente. Isso constituía a base da *tsampa*. Cada um de nós trazia consigo reservas de *tsampa* para uma semana; ou, melhor, reservas de cevada torrada e partida. Às horas das refeições, despejávamos a quantidade necessária nas nossas tigelas, acrescentávamos-lhe o chá amanteigado e misturávamos com os dedos até obter uma massa com a consistência da massa de pão; era isso a *tsampa*.

No dia seguinte, tivemos de ajudar a fazer o chá. Isso se fazia noutra seção das cozinhas onde havia enormes caldeirões com uma capacidade de centenas de litros. Um caldeirão tinha sido previamente esfregado com areia e brilhava como metal polido. De manhã cedo, tinha sido cheio até metade com água, que fervia agora. Tínhamos de ir buscar blocos de chá e esmigalhá-

los; cada um desses blocos pesava entre sete e oito quilos e tinha sido trazido, a grande custo, da China e da Índia, pelos caminhos das montanhas; atirávamos os pedaços esmigalhados para dentro da água fervente. Um monge temperava com um grande bloco de sal, enquanto outro acrescentava uma certa porção de soda; quando a mistura voltava a ferver, atiravam-se dentro pás de manteiga clarificada e deixava-se ferver durante horas. O valor alimentar dessa bebida é muito grande, e, juntamente com a *tsampa,* constitui uma alimentação perfeitamente adequada para manter o corpo bem alimentado. Conserva-se sempre esse chá quente, e, à medida que um dos caldeirões se vai despejando, enche-se e prepara-se outro. O pior dessa preparação é a manutenção do fogo. O estrume de iaque que usamos como combustível é seco em blocos e as reservas existentes são quase inesgotáveis. Quando se lançam ao fogo atiram para o ar nuvens de fumaça acre e malcheirosa.

Tínhamos de ajudar em todo esse trabalho mesquinho, não que houvesse falta de braços, mas para evitar que se desenvolvessem distinções de classe. Na nossa opinião os únicos inimigos são os homens que não conhecemos; trabalhe-se ao lado de um homem, fale-se com ele, trave-se conhecimento com ele, e ele deixa de ser um inimigo. No Tibete, um dia em cada ano, as pessoas que exercem cargos de autoridade põem de lado os seus poderes, e nesse dia qualquer-dos seus subordinados lhes pode dizer exata-mente o que pensa deles. Se durante o ano um abade foi duro, isso lhe será dito, e se a crítica é justa nenhuma espécie de ação pode ser tomada contra o subordinado. Esse sistema funciona satisfatoriamente, e raramente se cometem abusos à sua sombra. Garante meios de obter justiça contra os poderosos e dá às classes inferiores a sensação de que no fim de contas a sua opinião também conta.

Nas aulas continuava a haver grande quantidade de coisas para estudar. Sentávamo-nos em fileiras no chão; quando o professor estava expondo uma lição ou escrevendo no quadro, colocava-se à nossa frente; quando estávamos fazendo exercícios, ele passeava atrás de nós e tínhamos de trabalhar

com afinco, pois nunca sabíamos qual de nós estava sendo vigiado! O mestre trazia sempre uma forte varinha e não tinha hesitações em usá-la no local da nossa anatomia que lhe estivesse mais a jeito: ombros, braços, costas, ou o sítio mais ortodoxo — na opinião do professor tanto fazia.

Estudávamos muita matemática, pois é uma disciplina indispensável aos estudos de astrologia. A nossa astrologia não é uma questão de palpites vagos, mas estudada de acordo com princípios científicos. Eu recebia instrução especial em astrologia uma vez que isso me seria necessário na minha atividade como médico. É melhor tratar uma pessoa de acordo com o seu tipo astrológico que prescrever ao acaso na esperança de que a droga que uma vez deu bons resultados num indivíduo talvez dê também resultado em outro. Tínhamos vários mapas mostrando princípios astrológicos, e outros com pinturas das várias plantas medicinais. Esses mapas eram mudados semanalmente, e requeria-se de nós que nos familiarizássemos intimamente com o aspecto de todas as plantas usadas. Mais tarde, seríamos levados em excursões para colher e preparar essas plantas, mas isso só nos seria permitido depois de termos adquirido conhecimentos mais profundos, de forma a oferecer-nos garantias de colher só as espécies desejáveis. Estas expedições para colher plantas, que tinham lugar no outono, eram muito desejadas por oferecerem uma oportunidade de quebrar a monotonia da vida no mosteiro. Às vezes tais excursões duravam três meses, levando-nos às terras altas, às áreas de neves eternas, entre seis e oito mil metros de altitude, onde os vastos lençóis de gelo eram cortados por vales verdejantes, aquecidos por nascentes de água quente. Ali, viviam-se experiências que não podem talvez ser igualadas em nenhuma outra parte do mundo. Em cinquenta metros, podia passar-se de uma temperatura de dez ou quinze graus abaixo de zero para uma temperatura de quarenta ou mais acima de zero. Toda essa área está praticamente inexplorada, exceto por alguns monges tibetanos.

A nossa instrução religiosa era muito intensa; todas as manhãs tínhamos de recitar as "Leis e Passos do Caminho Médio". Essas leis dizem:

1. Tem fé nos dirigentes do mosteiro e da nação.
2. Cumpre os teus deveres religiosos e estuda com afinco.
3. Honra os teus pais.
4. Respeita os virtuosos.
5. Honra os mais velhos e os bem-nascidos.
6. Ajuda a tua pátria.
7. Sê honesto e verdadeiro em todas as circunstâncias.
8. Ouve os conselhos dos teus amigos e parentes.
9. Faz o melhor uso possível da comida e da riqueza.
10. Segue os exemplos dos bons.
11. Mostra gratidão e paga bondade com bondade.
12. Sê justo em todas as transações.
13. Liberta-te do ciúme ou da inveja.
14. Abstém-te de escândalos.
15. Sê suave na fala e nos gestos e não causes dano a outrem.
16. Suporta os sofrimentos e desgostos com paciência e humildade.

Constantemente nos relembravam que se todos cumprissem essas leis.não haveria discórdias ou desarmonias. O nosso lamastério era famoso pela sua austeridade e treino rigoroso. Muitos monges vindos de outros mosteiros em breve partiam em busca de condições mais suaves. A esses considerávamos falhados, tendo-nos a nós próprios na conta de um corpo de elite. Muitos lamastérios não tinham serviços no turnos; os monges iam para a cama ao anoitecer e dormiam até o romper do sol. Para nós, tais hábitos pareciam efeminados, e ainda que, entre nós, resmungássemos, ainda mais resmungaríamos se o nosso horário fosse alterado para nos trazer ao mesmo nível de ineficiência dos outros. O primeiro ano era particularmente difícil. Era durante esse ano que se selecionavam os candidatos e se eliminavam os que estavam condenados a falhar. Só os mais fortes poderiam sobreviver às visitas às geladas terras em busca

de plantas, e nós, os de Chakpori, éramos as únicas pessoas que lá íamos. Com sensatez, os nossos dirigentes eliminavam os menos resistentes antes que a sua presença pudesse fazer perigar as vidas dos outros. Durante o primeiro ano, não tínhamos praticamente descanso, nem divertimentos, nem jogos. O estudo e o trabalho ocupavam praticamente todas as horas em que estávamos acordados.

Uma das coisas por que ainda hoje sinto gratidão é a maneira como nos ensinaram a educar a memória. A maioria dos tibetanos tem boa memória, mas nós, que nos preparávamos para a profissão médica, tínhamos de saber de cor os nomes e as descrições exatas de uma infinidade de plantas, assim como as proporções e processos de as combinar e usar. Tínhamos de saber muito de astrologia e ser capazes de recitar, de memória, os textos completos dos nossos livros sagrados. Durante os longos séculos tinha-se desenvolvido entre nós um método de treinar a memória. Imaginávamos que nos encontrávamos numa sala revestida de milhares e milhares de pequenas gavetas; cada gaveta tinha uma etiqueta, e de onde nos encontrávamos podíamos ler todas as etiquetas; cada fato que aprendíamos tinha de ser classificado, e era-nos dito que imaginássemos que tínhamos aberto a gaveta apropriada para ali guardar o novo conhecimento; éramos forçados a visualizar tudo isto, visualizar em termos concretos o "fato" e a "posição" exata da gaveta. Com um pouco de prática era extraordinariamente fácil — em imaginação — entrar na sala, abrir a gaveta apropriada e extrair o fato desejado, assim como os que com ele se relacionavam.

Os nossos mestres não poupavam esforços para nos convencer da necessidade de ter boa memória. As perguntas nunca eram relacionadas umas com as outras, de forma que nos era impossível seguir o caminho fácil da associação de ideias. Muitas vezes eram perguntas acerca de passagens menos vulgares das Escrituras, entremeadas com outras acerca de plantas. A punição para os esquecimentos era severíssima; esquecer era um crime imperdoável, e a punição era uma tremenda sova. Nem nos davam muito tempo para tentar

recordar. O professor diria, por exemplo: "Quero que me diga a quinta linha da página dezoito do sétimo volume do *Kan-gyur;* abra a gaveta agora, que diz a linha?" A menos que o aluno pudesse responder dentro de dez segundos mais valia não responder, porque a punição seria ainda mais severa se houvesse engano, por mais ligeiro. O sistema é bom, apesar de tudo, e não há dúvida de que treina a memória. É-nos impossível andar com livros, uma vez que os nossos livros têm, em média, um metro de largura por meio metro de comprimento, e consistem em folhas soltas, entaladas entre duas tábuas. E não há dúvida de que, anos mais tarde, vim a achar a minha boa memória de um valor inestimável.

Durante os primeiros doze meses não podíamos sair dos limites do mosteiro. Aqueles que saíam não podiam voltar. Essa regra era especial em Chakpori, porque a disciplina era tão severa que se receava que, uma vez saídos, tivéssemos pouca vontade de voltar! Devo admitir que eu próprio talvez tivesse tentado fugir se tivesse para onde ir. Mas depois do primeiro ano habituávamo-nos e o perigo desaparecia.

No primeiro ano não nos era permitida qualquer espécie de jogo; trabalhávamos todos os minutos do dia, e esse sistema eliminava eficazmente os que eram fracos e incapazes de aguentar o esforço prolongado. Depois desses meses de vida dura quase nos esquecíamos de como se brincava. Os nossos esportes e exercícios eram todos tendentes a endurecer-nos e a oferecer-nos alguma vantagem para a nossa vida. Mantive sempre a predileção da minha infância por caminhar em andas, e agora tinha oportunidade de dedicar algum tempo a esse exercício. Começamos com andas que levantavam os nossos pés à nossa própria altura. Conforme nos tornávamos mais peritos usávamos andas mais altas, com cerca de três metros de altura. Com elas passeávamos nos pátios, espreitando às janelas e, de uma maneira geral, fazendo as diabruras que nos vinham à cabeça. Não usávamos varas para nos apoiarmos; quando queríamos ficar parados no mesmo lugar balanceávamos uma perna e outra perna alternadamente, como quem marca passo;

assim mantínhamos o equilíbrio. Desde que andássemos com precaução não havia perigo de cair. Fazíamos batalhas em andas; dois grupos, de dez cada, alinhavam-se nas duas extremidades do pátio, a cerca de dez metros uns dos outros; a um sinal dado lançávamo-nos na direção dos adversários soltando gritos selvagens, na intenção de amedrontar os demónios do ar. Como tive ocasião de dizer, eu estava numa classe em que todos eram muito mais velhos e maiores que eu. Nessas lutas, a minha pequenez era de grande vantagem. Os outros se deslocavam pesadamente; eu podia esgueirar-me por entre eles puxando aqui uma anda, empurrando outra além, e vendo-os dar cambalhotas no ar e estatelar-se embaixo. A cavalo nunca fui muito hábil, mas quando se tratava de me aguentar nas minhas próprias pernas isso não me atrapalhava.

Uma das aplicações úteis das andas era a travessia de correntes de água, poupando-nos voltas longas em busca de vaus. Lembro-me de uma vez em que passeava com andas de dois metros, e chegamos às margens de um ribeiro. Este era fundo logo a partir das margens e não havia uma única parte que desse pé. Sentei-me na margem e montei as andas cuidadosamente. A água chegava-me aos joelhos e quando ia a meio da corrente dava-me quase pela cintura. Nessa altura ouvi passos que se aproximavam. Um homem vinha a correr da outra margem e olhou-me de relance. Ao que parece, vendo que a meio da corrente a água não me passava da cintura, deve ter pensado: "Ah! cá está um vau". Ouviu-se um baque na água e o homem desapareceu completamente; depois a água espadanou, a cabeça do homem veio à superfície, as mãos en-clavinhadas agarraram-se à margem e o homem içou-se para a terra firme.

A linguagem que ele usou não se pode reproduzir e as ameaças que me lançou fizeram-me gelar o sangue. Apressei-me na direção da margem oposta e não me parece que tenha alguma vez corrido tanto.

Um dos maiores perigos desse exercício provinha do vento que sopra permanentemente no Tibete. Ao brincar em andas no pátio, com a excitação do jogo esquecíamo-nos do vento e

afastávamo-nos para além do abrigo pro-tetor da parede. Um golpe de vento abria-nos os mantos como velas de barcos e lá íamos numa misturada de braços, pernas e andas. Os desastres não eram graves. No nosso treino de *jiu-jitsu* aprendíamos a cair sem nos machucarmos. Equimoses e joelhos esfolados eram bastante frequentes, mas quem se importa com tais ninharias? É claro, havia alguns que até tropeçavam nas próprias sombras, rapazes desajeitados que nunca tinham aprendido a amortecer as quedas; esses, às vezes, saíam com um braço ou uma perna partida.

Um dos garotos era capaz de dar um salto mortal entre os varais das andas. Segurava-se às extremidades superiores das andas, tirava os pés dos calços, dava uma volta completa, e os seus pés vinham sempre encontrar os calços, sem nunca falhar. Executava a sua habilidade vezes sem conta, sem perder uma passada ou quebrar o ritmo da marcha. Eu dava saltos, mas da primeira vez que os tentei tombei pesadamente sobre os calços, de forma que ambos se soltaram e desci até o chão depressa demais. Desde esse dia, tive sempre o cuidado de me certificar de que os calços estavam bem firmes.

Pouco antes do meu oitavo aniversário, o Lama Mingyar Dondup disse-me que os astrólogos haviam previsto para o dia seguinte ao meu natalício o momento apropriado para a abertura da "terceira visão". A notícia não me causou apreensão alguma, pois sabia que ele estaria presente e tinha nele uma confiança absoluta. Como me dissera várias vezes, com a terceira visão aberta seria capaz de ver as pessoas como na verdade são. Para nós, o corpo humano é uma mera concha, ativada pelo ente maior, o Super-Eu, que se liberta durante o sono ou depois da morte; acreditamos que o homem é colocado dentro de um corpo físico e enfermiço de forma a poder aprender e progredir; durante o sono, o homem volta a viver num plano diferente de existência; quando uma pessoa se deita para dormir, o espírito liberta-se da carcaça física e flutua no espaço. O espírito continua em contato com o corpo através do "cordão de prata", que se mantém preso até o momento da morte. Os sonhos são

experiências vividas no plano espiritual do sono. Quando o espírito volta ao corpo, o choque do acordar deforma a memória do sonho, a menos que se tenha recebido treino especial, de forma a que o "sonho" pareça altamente improvável para a pessoa acordada. Mas tudo isto será tratado mais particularmente quando relatar as minhas experiências nesse campo.

A aura que circunda o corpo, e que qualquer pessoa pode aprender a ver em determinadas condições, não passa de um reflexo da força vital que arde dentro de nós. Acreditamos que tal força é de natureza elétrica. Ora, no Ocidente, os cientistas podem medir e registrar as "ondas elé-tricas do cérebro". As pessoas que se riem das nossas crenças deviam lembrar-se disso e da coroa solar. Ali as chamas projetam-se a milhões de quilómetros do disco solar. A maioria das pessoas é incapaz de ver essa coroa, mas em momentos de eclipse total a coroa é visível a quem quiser olhar. Na verdade, tanto faz que as pessoas acreditem ou não. A descrença não pode eliminar a coroa solar. Ela está lá. O mesmo se passa com a aura humana. Essa aura era uma das coisas que eu seria capaz de ver depois da abertura da terceira visão.

Capítulo sete

A ABERTURA DA TERCEIRA VISÃO

Quando chegou o dia do meu oitavo aniversário, fui dispensado de lições e serviços. De manhã cedo, o Lama Mingyar Dondup disse-me: "Divirta-se, Lobsang, viremos visitá-lo ao anoitecer". Passar um dia de papo para o ar, a preguiçar ao sol, foi muito agradável. Ligeiramente abaixo de mim podia ver a Potala com os seus telhados a brilhar. Atrás de mim as águas azuis do Norbu Linga, o Parque das Jóias, chamavam-me, inspiravam-me desejos de pegar num barco de couro de iaque e deixar-me vogar. Para o sul uma caravana de

mercadores atravessava o Kyi Chu. Mas o dia passou depressa demais!

Com a morte do dia, nasceu a noite e dirigi-me para o pequeno quarto onde iria ser submetido à operação. Em breve, ouvi o rumor de botas de feltro no lajedo do corredor, e entraram no quarto três lamas de alta hierarquia. Colocaram-me na cabeça uma compressa de ervas que apertaram fortemente. Mais tarde os três voltaram, acompanhados do Lama Mingyar Dondup. A compressa foi retirada cuidadosamente e a minha testa foi muito bem limpa a seco. Um lama muito forte sentou-se atrás de mim e segurou-me a cabeça entre os joelhos. O segundo lama abriu uma caixa e tirou um instrumento feito de aço brilhante. Parecia um furador, mas em vez de ser cilíndrico tinha a forma de U, e em vez de uma ponta aguçada pequenos dentes rodeavam o bordo do U. O lama examinou o instrumento com atenção e depois passou-o pela chama da lamparina para o esterilizar. O Lama Mingyar Dondup se-guiou-me as mãos e disse-me: "Isto vai ser doloroso, Lobsang, e só pode ser feito enquanto estiver consciente. Mas não leva muito tempo, por isso tente manter-se tão imóvel quanto possível". Podia ver vários instrumentos dispostos sobre uma mesa, e uma grande coleção de loções feitas de plantas medicinais, e pensei comigo: "Bem, Lobsang, vão acabar com você de uma maneira ou de outra e você nada pode fazer para evitar — portanto, fique quieto!"

O lama que tinha os instrumentos olhou em volta e perguntou: "Todos prontos? Vamos começar, o sol acaba de pôr-se". Premiu a extremidade do instrumento bem no meio da minha testa e começou a rodá-lo. Durante um momento a sensação era como se alguém me estivesse a furar com espinhos. Parecia-me que o tempo tinha parado. Enquanto o instrumento penetrava na pele e na carne não doía particularmente, mas senti um choque agudo quando o gume do instrumento tocou o osso. O lama aplicou um pouco mais de pressão, fazendo oscilar o instrumento quase imperceptivelmente, de forma a que os pequenos dentes fossem mordendo e penetrando o osso frontal. A dor não era aguda. Sentia simplesmente uma pressão e um

sofrimento como que afastados. Não me mexi porque o Lama Mingyar Dondup tinha os olhos postos em mim; antes quereria morrer que fazer o mais ligeiro movimento ou soltar o mais ligeiro gemido. Ele tinha fé em mim, assim como eu tinha fé nele, e eu sabia que tudo aquilo que ele dizia ou fazia tinha de estar certo. Ele observava a operação com grande cuidado, enquanto os músculos aos cantos de sua boca se contraíam. De repente como que se ouviu um ligeiro "esmagar" e o instrumento penetrou no osso. O operador, atentíssimo, suspendeu imediatamente a pressão. Segurou o instrumento com firmeza enquanto o Lama Mingyar Dondup lhe passava uma palheta de madeira muito fina, muito polida e extremamente dura, que fora tratada pelo fogo e com certas plantas especiais para a tornar tão dura quanto o aço. Esta palheta foi introduzida no U do instrumento e o lama que operava fê-la escorregar de forma a penetrar no orifício da minha cabeça. Depois retirou-se um pouco para o lado de forma que o Lama Mingyar Dondup pudesse ficar também à minha frente. Depois, quando este fez um aceno, o lama operador, com cautela infinita, foi empurrando a palheta mais e mais para dentro.

De repente senti uma sensação de intensa comichão e ardor que parecia localizada no cavalete do nariz. A sensação começou a desvanecer-se e tomei consciência de uma série de perfumes sutis que não conseguia identificar. Isso também desapareceu para dar lugar a uma sensação estranha, como se estivesse a empurrar ou a ser empurrado contra um véu de grande elasticidade. Depois, subitamente, um clarão quase me cegou, e nesse mesmo instante o Lama Mingyar Dondup disse: "Pare!" Durante um momento a dor foi intensíssima, como se uma chama branca me consumisse. Foi desaparecendo, morrendo, para ser substituída por espirais de cor, glóbulos de fumo incandescente. O instrumento de metal foi cuidadosamente retirado. A palheta de madeira ficou, e permaneceria em posição durante duas ou três semanas; até ser removida eu teria de ficar naquele pequeno quarto em escuridão quase completa. Ninguém me veria senão esses três lamas, que se encarregariam dia-

riamente da continuação do meu ensino. Até a palheta de madeira ser retirada só poderia comer e beber as mínimas quantidades necessárias para me manter vivo. Enquanto ligavam a palheta de madeira de forma a que não saísse do lugar, o Lama Mingyar Dondup voltou-se para mim e disse: "Agora é um de nós, Lobsang. Durante o resto da sua vida poderá ver as pessoas tal como são e não como pretendem ser". Era uma experiência estranha ver aqueles homens como envoltos numa chama dourada. Só mais tarde viria a aprender que as suas auras eram douradas em virtude das vidas puras que viviam, e que as auras da maioria das pessoas tinham uma aparência bem diferente.

Conforme o meu novo sentido que se ia desenvolvendo sob as sábias instruções dos lamas, fui aprendendo a observar que havia outras emanações que se estendiam para além dos limites da aura interior. Com o tempo viria a ser capaz de determinar o estado de saúde de uma pessoa pela cor e intensidade da sua aura. Era-me também possível saber quando falavam verdade ou mentira pela maneira como as cores variavam. Mas não era só o corpo humano que era objeto da minha recém-adquirida clarividência. Foi-me também dado um cristal, que ainda hoje conservo, e tive muita ocasião de adquirir prática no seu uso. A leitura de cristais não é uma questão de mágica. Os cristais são simples instrumentos. Assim como um microscópio, ou um telescópio, torna visíveis objetos invisíveis à vista desarmada, pelo uso de leis naturais, o mesmo se passa com um cristal de vidente. Serve unicamente de foco para a terceira visão, com que se pode penetrar no subconsciente das pessoas e reter a memória dos fatos observados. Os cristais devem ser apropriados para a pessoa que os usa. Algumas pessoas trabalham melhor com um cristal de rocha, outras preferem uma bola de vidro. Outras ainda preferem uma tigela com água, ou mesmo um disco negro. Usem o que usarem, os princípios são os mesmos.

Durante a primeira semana, o quarto foi mantido em escuridão quase completa. Na semana seguinte admitiu-se uma frestazinha de luz, que foi aumentando conforme a semana

avançava. No décimo sétimo dia, a janela foi aberta de par em par e os três lamas vieram juntos para retirar a palheta de madeira. Foi muito simples. Na noite anterior, a minha testa tinha sido pintada com uma loção de plantas medicinais. De manhã, os lamas chegaram e, como durante a operação, um deles segurou-me a cabeça entre os joelhos. O operador segurou com um instrumento a ponta da palheta que se projetava da testa. Um puxão súbito e enérgico foi suficiente. O Lama Mingyar Dondup colocou um penso vegetal sobre a pequenina ferida e mostrou-me a palheta de madeira. Enquanto estivera inserta na minha cabeça tornara-se tão negra como ébano. O lama operador voltou-se para um pequeno braseiro que trouxera e nele colocou a palheta juntamente com várias espécies de incenso. Enquanto o fumo se evolava no ar, completava-se a primeira fase da minha iniciação. Nessa noite, adormeci com a cabeça num turbilhão; que aparência teria Tzu, agora que a minha visão se modificara? O meu pai, a minha mãe, que aparência teriam? Mas, por enquanto, ainda não tinha respostas para essas perguntas.

Na manhã seguinte, os lamas voltaram e examinaram-me cuidadosamente. Disseram-me que me podia ir juntar aos outros, mas que metade do tempo o passaria com o Lama Mingyar Dondup, que ia começar a ensinar-me por métodos intensivos. A outra metade do tempo assistiria às aulas e serviços, não tanto pelo lado educacional, mas para me dar uma perspectiva mais equilibrada pelas oportunidades de estar em contato com outras pessoas. Mas naquela altura o que mais me interessava era a comida. Durante os últimos dezoito dias tinha vivido de rações mínimas e queria desforrar-me. Escapuli pela porta afora sem outra ideia na cabeça. Em sentido contrário, aproximava-se um vulto todo envolto num fumo azulado com chispas avermelhadas. Soltei um grito de alarma e reentrei no quarto apressadamente. Os lamas notaram a minha expressão horrorizada. "Um homem em chamas ali no corredor", exclamei. O Lama Mingyar Dondup saiu apressadamente do quarto mas em breve voltou a sorrir. "Lob-sang, é simplesmente um dos

monges da limpeza, de mau humor. A sua aura é de um azul de fumo porque é uma pessoa pouco desenvolvida espiritualmente, e as chispas vermelhas indicam os impulsos coléricos. Agora vá à procura da comida que você tanto deseja."

Era uma experiência fascinante encontrar-me com os rapazes que eu conhecia tão bem e que, no entanto, nunca realmente conhecera! Agora podia olhar para eles e colher uma impressão imediata dos seus verdadeiros pensamentos, daqueles que sinceramente gostavam de mim, dos que me invejavam, dos que me eram indiferentes. Mas isto não era só uma questão de ver cores e ficar sabendo tudo; tinha de ser treinado para compreender o que aquelas cores significavam. O meu guia e eu sentávamo-nos por vezes numa alcova discreta de onde podíamos ver todos os que entravam pelo portão principal. O Lama Mingyar Dondup dizia: "O que vem entrando agora, Lobsang. Vê aquela estria colorida a vibrar por cima do coração? Aquele tom e aquela vibração indicam que ele sofre de uma doença pulmonar". Ou, talvez, quando se aproximava um mercador: "Olhe para aquele, olhe para aquelas barras movediças e aqueles penachos intermitentes. O nosso irmão negociante está pensando que talvez possa iludir os monges estúpidos, Lobsang, está-se lembrando de que nos enganou uma vez". Quando se aproximava um monge idoso o lama continuava: "Observe este cuidadosamente, Lobsang. Ali vai um homem verdadeiramente virtuoso, mas que acredita literalmente em cada palavrinha das nossas Escrituras. Está vendo aqui as manchas descoradas no amarelo da aura cerebral? Mostram que não está suficientemente evoluído para raciocinar por si próprio". E assim por diante, dia após dia. Usávamos os poderes da terceira visão particularmente para julgar os doentes, tanto os do corpo como os do espírito. Uma noite o lama disse-me: "Mais tarde havemos de ensinar-lhe a neutralizar a terceira visão quando lhe aprouver, pois não poderia observar o caráter das pessoas constantemente; seria para você uma tortura intolerável. Agora, use-a constantemente como os olhos normais. Depois lhe

ensinaremos a abri-la e fechá-la voluntariamente, como faz com os outros olhos".

Há muitos, muitos anos, de acordo com as nossas lendas, toda gente podia usar a terceira visão. Nesses dias, os deuses passeavam pela terra e misturavam-se com os comuns mortais. A humanidade concebeu a ideia de tomar o lugar dos deuses e matá-los, esquecendo-se de que os deuses viam melhor aquilo que os homens podiam ver. Como castigo, foi-lhes retirada a faculdade da terceira visão. Mas através das gerações alguns têm nascido com a faculdade da clarividência; aqueles que têm esse dom natural podem ter esse poder aumentado mil vezes por meio de tratamento apropriado, como sucedeu a mim. Como todos os dons especiais, tinha de ser tratado com cuidado e respeito. O abade superior um dia mandou-me chamar à sua presença e disse-me: "Meu filho, você agora possui essa faculdade, uma aptidão negada à maioria dos homens. Use-a só para o bem, e nunca em proveito próprio. Quando viajar por outros países, encontrará gente que há de querer que você proceda como um vidente de feira. 'Prove lá isto, prove aquilo', pedir-lhe-ão. Mas saiba, meu filho, que não deve satisfazê-los. Esse talento lhe foi conferido para que você melhor possa ajudar os seus semelhantes, e não para você enriquecer. Tudo o que vir com a sua clarividência — e verá muitas coisas! —, não o revele se com essas revelações puder causar dano a alguém ou afetar o seu caminho na vida. Porque o homem deve escolher o seu próprio caminho. Ajude-os na doença e no sofrimento, mas não pronuncie as palavras que possam alterar o caminho de um homem". O abade superior era um homem de grandes conhecimentos e médico-assistente do Dalai-Lama. Antes de concluir a entrevista, disse-me que dentro de dias eu seria chamado à presença do Dalai-Lama, que me queria ver. Ia ser um visitante da Potala, um convidado, durante algumas semanas, na companhia do Lama Mingyar Dondup.

Capítulo oito

A POTALA

Numa manhã de segunda-feira o Lama Mingyar Don-dup comunicou-me que fora já fixada a data para a nossa visita à Potala: seria no fim daquela semana. "Temos de ensaiar, Lobsang, temos de apurar até à perfeição a maneira de nos apresentarmos." Ia ser apresentado ao Dalai-Lama e a maneira de me "introduzir" tinha de ser periei-tamente correta. Num pequeno templo em desuso, próximo da sala de aula, havia uma estátua do Dalai-Lama em tamanho natural. Para ali fomos, admitindo a suposição de que estávamos em audiência na Potala. "Veja primeiro como eu faço, Lobsang. Entre assim na sala, com os olhos baixos. Avance até aqui, a pouco menos de dois metros do Dalai-Lama. Ponha a língua de fora em saudação e caia de joelhos. Agora, observe cuidadosamente: coloque os braços assim e faça uma reverência para a frente. Uma vez, duas vezes, três vezes. Ajoelhe-se, com a cabeça inclinada para a frente, depois coloque o lenço de seda sobre os seus pés, assim. Volte à posição normal, sempre de cabeça baixa, de forma que ele possa colocar o lenço sobre o seu pescoço. Conte até dez para si, de forma a não mostrar demasiada pressa, depois levante-se e recue até a almofada mais próxima." Eu ia seguindo o que o lama me ia demonstrando com a facilidade resultante de longa prática. Ele continuou: "Agora um aviso: antes de começar a recuar, dê um olhar rápido e disfarçado para a posição da próxima almofada. Não queremos que você chegue lá e tropece e tenha de pôr em prática o recurso de uma das suas quedas amortecidas para não partir a cabeça. Na excitação do momento, pode muito bem tropeçar. Agora experimente, e mostre que é capaz de fazer tão bem quanto eu". Saí da sala e o lama bateu palmas, a dar-me o sinal de entrar. Entrei depressa, mas fez-me parar imediatamente: "Lobsang! Lobsang! Está

fazendo uma corrida. Vamos entrar mais devagar; marque o ritmo das passadas com as palavras *'Om! ma-ni pad-me Hum!'* Isso fará você entrar com a dignidade própria de um jovem sacerdote e não como um cavalo de corrida nas planícies de Tsang-po". Voltei a sair, e dessa vez fiz a minha entrada com a maior das circunspeções e aproximei-me da estátua. Tombei de joelhos com a língua de fora na saudação tibetana. As minhas três reverências devem ter sido modelos de perfeição; fiquei muito orgulhoso com a minha proficiência. Mas, meu Deus, tinha-me esquecido do lenço. Voltei a sair outra vez, para mais uma vez fazer a minha entrada. Dessa vez tudo saiu bem, e coloquei o lenço ritual aos pés da estátua. Depois afastei-me, de costas, e consegui sentar-me na posição de lótus, sem tropeçar.

"Agora chegamos à fase seguinte. Terá de ocultar a sua tigela de madeira na manga esquerda, uma vez que terá de tomar chá depois de estar sentado. A tigela segura-se assim, entalada entre a manga e o antebraço. Se tiver o cuidado necessário, não há perigo de que ela caia. Vamos praticar outra vez, com a tigela na manga, e sem se esquecer do lenço." Durante aquela semana, praticávamos todas as manhãs até eu ser capaz de fazer tudo automaticamente. A princípio, a tigela às vezes caía quando eu fazia a reverência, e rolava pelas lajes com grande ruído, mas depressa aprendi a conservá-la em posição. Na sexta-feira, tive de ir à presença do abade para lhe demonstrar que estava treinado com perfeição. As suas palavras foram que a minha atuação era "um grande tributo aos ensinamentos do irmão Mingyar Dondup".

Na manhã seguinte, sábado, descemos a pé a nossa colina para nos dirigirmos à Potala. O nosso lamastério fazia parte da organização da Potala, ainda que estivesse instalado numa colina à parte, não muito longe dos edifícios principais. O nosso estabelecimento era conhecido como o "Templo da Medicina e Escola Médica". O nosso abade era o médico exclusivo do Dalai-Lama, uma posição

muito pouco a invejar, uma vez que a sua obrigação não era a de o curar, quando doente, mas a de conservá-lo em boa saúde.

Quaisquer dores ou incómodos eram portanto considerados como falhas de sua parte, e no entanto o abade não podia ir examinar o Dalai-Lama quando desejava, mas tinha de esperar até ser chamado, o que só acontecia quando o Dalai-Lama estava doente!

Mas naquela manhã de sábado eu não estava pensando nas preocupações do médico, pois tinha as minhas próprias, que me chegavam. Ao chegar ao fundo da colina, voltamo-nos para a Potala e fomos abrindo caminho por entre as multidões de turistas e peregrinos ansiosos. Toda aquela gente se deslocara desde os mais longínquos confins do Tibete para ver a residência d'O Mais Alto, como chamávamos ao Dalai-Lama. Se lhes fosse apenas possível antever a sua figura voltariam para suas casas, considerando-se mais que pagos da longa viagem e das grandes dificuldades. Muitos dos peregrinos tinham andado a pé meses para fazer a visita a'O Mais Sagrado dos Lugares Sagrados. Havia ali lavradores, nobres de províncias distantes, criadores de gado, mercadores e todos os doentes que esperavam obter uma cura em Lhasa. A multidão enchia completamente a estrada, andando o circuito de cerca de dez quilómetros à volta do sopé da Potala. Alguns se deslocavam de gatas, outros se estendiam no chão a todo o comprimento, levantavam-se e estendiam-se novamente. Outros ainda, os doentes e aleijados, arrastavam-se amparados por amigos ou com a ajuda de dois paus. E por toda parte havia mercadores: uns vendiam chá quente com manteiga, aquecido sobre braseiros oscilantes; outros, alimentos de todas as espécies; outros, amuletos e bentinhos "benzidos por uma encarnação sagrada"; velhos impingiam aos crédulos horóscopos impressos. Mais adiante, um grupo de homens joviais tentava vender moinhos de oração como recordação da Potala. Havia também escribas que, a troco de uma certa quantia, escreviam bilhetes para atestar que o portador tinha visitado Lhasa e todos os lugares santos. Mas nós não podíamos demorar: o nosso destino era a Potala.

A residência privada do Dalai-Lama fica mesmo no topo do edifício, pois ninguém pode viver mais alto do que ele. Pelo

exterior do edifício sobe até ao alto uma imensa escadaria de pedra. É mais uma rua com degraus que uma escadaria; muitos dos oficiais de posição mais elevada sobem a cavalo. Durante a nossa ascensão, encontramos muitos deles. Quando chegamos a certo ponto, já bastante alto, o Lama Mingyar Dondup parou e disse-me: "Ali está a sua antiga casa, Lobsang, e os criad parecem estar todos aza-famados no pátio". Olhei para onde ele me apontava, e talvez seja melhor não contar aquilo que senti. Minha mãe ia naquele momento sair a cavalo com a sua comitiva de criados. Tzu também ali estava. Não, os meus pensamentos desse momeato devem permanecer comigo.

A Potala é, por assim dizer, uma pequena cidade que se basta a si própria, construída numa colina. Ali se centralizam todos os serviços da administração eclesiástica e civil do Tibete. Esse edifício, ou grupo de edifícios, é o coração vivo do país, o foco de todos os pensamentos e de todas as esperanças da nação. Dentro daqueles muros, nas salas do tesouro, guardam-se blocos e blocos de ouro, sacos e sacos de pedras preciosas, e relíquias que datam de épocas remotíssimas. Os edifícios atuais têm pouco mais de trezentos e cinquenta anos, mas estão construídos sobre as fundações de um palácio muito mais antigo. E numa época ainda mais remota havia no alto da colina um forte. Nas profundezas ocas da montanha, que é de origem vulcânica, há uma caverna enorme, com passagens irradiando em todas as direções, e ao fim de uma destas passagens fica um lago. Poucas são as pessoas, privilegiadíssimas, que aí estiveram, ou mesmo que sabem da sua existência.

Nós continuávamos cá fora, ao sol matinal, a escalar a longa escadaria. Ouvia-se por toda a parte o ruído monótono dos moinhos de oração — a única forma de roda permitida no Tibete, por causa de uma antiga profecia que diz que a paz se extinguira no dia em que a roda penetrar no Tibete. Acabamos por chegar ao topo, e os guardas gigantescos abriram o portão dourado logo que viram o Lama Mingyar Dondup, que conheciam bem. Prosseguimos até mesmo ao fim do terraço onde se encontram os túmulos das encarnações anteriores do

Dalai-Lama e a sua residência particular. A entrada estava coberta por um reposteiro enorme de lã de iaque, tingida de castanho. Entramos num grande vestíbulo guardado por dragões de porcelana verde. Unia grande quantidade de tapeçarias riquíssimas recobria as paredes, representando cenas religiosas e lendas antigas. Sobre pequenas mesas havia uma profusão de artigos que deleitariam o coração de um colecionador: estatuetas de várias divindades e toda espécie de ornamentos. Junto de uma porta encoberta por um reposteiro, sobre uma prateleira, encontrava-se o Livro dos Nobres; só desejava poder abri-lo para lá ver o meu nome e animar-me, pois nesse dia, naquele lugar, sentia-me muito pequeno e insignificante. Aos oito anos de idade já tinha poucas ilusões e perguntava a mim mesmo para que me queria ver O Mais Alto Sacerdote e Dirigente da Nação. Sabia que aquilo era uma exceção aos hábitos e na minha opinião não me poderia trazer senão mais trabalheira; ou trabalheira ou sacrifícios.

Um lama com um manto vermelho-cereja e uma estola dourada à volta do pescoço estava conversando com o Lama Mingyar Dondup. Este último parecia conhecer toda a gente por ali, assim como em todos os outros sítios onde tinha ido com ele. Consegui ouvir: "Sua Santidade está muito interessado e quer ter com ele uma curta conversa particular". O meu guia voltou-se para mim e disse: "É tempo de você entrar, Lobsang, e eu lhe mostrarei a porta e você vai entrar sozinho e supor que estamos mais uma vez a ensaiar, tal como fizemos toda esta semana". Passou-me um braço sobre o ombro e conduziu-me até perto da porta, sussurrando-me ao ouvido: "Não há necessidade de ficar nervoso — vá". Deu-me um pequeno empurrão nas costas. Entrei, e ali, ao fundo da longa sala, estava O Mais Alto, o Décimo Terceiro Dalai-Lama.

Estava sentado numa almofada de seda cor de açafrão; vestia-se como qualquer outro lama, mas tinha na cabeça um chapéu amarelo com umas abas caídas que lhe desciam até o pescoço. Acabava de pousar um livro. Baixando a cabeça, avancei até chegar a metro e meio, depois tombei de joelhos e fiz as três

reverências. O Lama Mingyar Dondup tinha-me passado o lenço de seda antes de eu entrar, e agora coloquei-o aos pés d'O Mais Alto. Ele inclinou-se e colocou o seu lenço sobre os meus punhos, e não no pescoço, como eu teria esperado. Agora sentia-me preocupado, pois teria de ir recuando até a almofada mais próxima, que estava a uma distância considerável, junto da parede. O Dalai-Lama falou pela primeira vez: "As almofadas estão longe demais para recuar, volte-se e traga uma até aqui, de forma a podermos conversar". Assim fiz. "Coloque-a aqui, à minha frente, e sente-se." Quando tinha obedecido ele continuou: "Muito bem, jovem, ouvi coisas notáveis a seu respeito. É dotado de clarividência natural e acaba de ter os seus poderes aumentados pela abertura da terceira visão. Vi os relatórios da sua encarnação anterior e as predições dos astrólogos. A princípio, vai ter muito que trabalhar, mas acabará por ser bem sucedido. Terá de visitar muitos países estrangeiros, por todo o mundo, países de que nem sequer ainda ouviu falar. Verá morte e destruição e crueldade maiores que tudo o que lhe seja possível imaginar. A estrada a percorrer será longa e espinhosa, mas o êxito chegará tal como foi previsto". Não percebia por que me estaria a dizer tudo aquilo, uma vez que aquilo eu já sabia, tintim por tintim, desde o meu sétimo aniversário. Sabia que havia de aprender medicina e cirurgia no Tibete e que depois iria para a China para voltar a estudar as mesmas matérias. Mas O Mais Alto continuava a falar, a prevenir-me que não desse mostras de poderes excepcionais, e para não falar no Eu, ou na alma, quando estivesse no mundo ocidental. "Estive na Índia e na China, e nesses países podem discutir-se as Realidades Maiores; mas encontrei muitos ocidentais: eles acreditam em valores diferentes dos nossos, adoram o comércio e o ouro. Os cientistas do Ocidente dirão: 'Mostre-nos a alma. Apresente-a, deixe que a apalpe, que a pese, que a experimente com ácidos. Diga-nos qual a sua estrutura molecular, quais as suas reações químicas. Prove, precisamos de provas', dir-lhe-ão, sem se lembrarem de que a própria atitude de

suspeita mata a menor possibilidade de obter a prova que procuram. Mas. . . precisamos tomar chá."

Tocou ligeiramente um gongo e deu as suas instruções ao lama que acorrera ao seu chamado; este voltou pouco depois com chá e comidas especiais importadas da Índia. Enquanto comíamos, o Dalai-Lama falava, contando-me o que tinha visto na índia e na China. Disse-me que queria que eu estudasse com grande afinco e que havia de me escolher professores especiais. Nessa altura, não me consegui conter e interrompi: "Oh, não pode haver melhor mestre que o meu guia, o Lama Mingyar Dondup!" O Dalai-Lama olhou para mim, depois inclinou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Era muito provável que jamais alguém lhe tivesse falado daquela maneira, e muito menos um garotinho de oito anos. Mas pareceu satisfeito.

"Então você acha que Mingyar Dondup é bom, hem? Diga lá o que pensa dele, galinho da índia!"

"Santidade!", respondi. "Há pouco disse-me que os meus dons de clarividência são excepcionais. Pois direi que o Lama Mingyar Dondup é a melhor pessoa que encontrei até hoje." O Dalai-Lama riu-se mais uma vez e bateu no gongo que tinha ao lado. "Diga a Mingyar que entre", ordenou ao lama que lhe servia de assistente.

O Lama Mingyar Dondup entrou e fez as suas reverências a'0 Mais Alto.

"Traga uma almofada e sente-se, Mingyar", disse o Dalai-Lama. "Este discípulo seu tem-me estado a fazer revelações acerca do seu caráter, e eu estou plenamente de acordo com a opinião dele." O Lama Mingyar Dondup sentou-se ao meu lado e o Dalai-Lama prosseguiu: "Assumiu inteira responsabilidade pelo treino de Lobsang Rampa. Organize o seu esquema de educação como quiser e venha ter comigo quando precisar de quaisquer documentos para justificar a sua autoridade na matéria. Eu o irei vendo de tempo a tempo". Depois, voltando-se para mim, disse: "Rapaz, escolheu bem. O seu guia é um velho amigo meu, de outros tempos, e é um verdadeiro mestre do oculto". Trocaram-se mais umas palavras, então levantamo-nos,

fizemos as nossas reverências e saímos. Podia ver que o Lama Mingyar • Dondup estava intimamente satisfeito comigo e com a impressão que eu tinha causado. "Vamos passar aqui alguns dias e explorar algumas das seções menos conhecidas do edifício", disse ele. "Alguns dos corredores e salas lá de baixo não foram abertos durante os últimos duzentos anos. Nessas salas terá ocasião de estudar muito a história tibetana."

Um dos lamas-assistentes — ninguém havia abaixo de lama na residência do Dalai-Lama — aproximou-se e disse-nos que tínhamos os nossos quartos preparados na parte alta do edifício. Indicou-nos o caminho para os nossos aposentos e eu me senti muito satisfeito com a vista que se estendia através de Lhasa e por cima da planície distante. O lama acrescentou: "Sua Santidade deu instruções para circularem livremente; todas as portas lhes serão abertas".

O Lama Mingyar Dondup disse-me que me deitasse e descansasse um pouco. A cicatriz na perna esquerda ainda me causava grande incómodo e eu tinha de andar coxeando. Durante algum tempo chegou-se a recear que eu permanecesse aleijado para o resto da vida. Descansei durante uma hora, depois o meu guia entrou trazendo chá e comida. "Está na hora de comer, Lobsang, e aqui se come bem, portanto é aproveitar." Nunca precisei de muitas exortações da parte dos outros para comer, e assim fiz. Finda a refeição, passamos para outra sala na extremidade do telhado plano. Ali, com grande espanto meu, as janelas não estavam cobertas com tecido oleado, mas revestidas de "qualquer coisa", mas uma "coisa qualquer" que era vagamente "visível". Estendi a mão, e cuidadosamente toquei aquele "nada visível". Com espanto cada vez maior verifiquei que era frio, quase frio como gelo, e escorregadio. Então apercebi-me de que aquilo devia ser o tal vidro! Nunca tinha visto vidro em placas. Nos cordéis dos nossos papagaios usávamos vidro em pó, mas esse vidro era grosso e não era transparente; além disso, era colorido, e aquele era como água!

Mas não era tudo. O Lama Mingyar Dondup abriu a janela e pegou num tubo de latão que parecia fazer parte de uma

trombeta coberta de couro. Puxou pelo tubo e apareceram mais quatro, cada um saindo de dentro do anterior. Riu-se da minha expressão, depois estendeu uma das extremidades do tubo para fora da janela e colou a outra junto da cara. "Ah!", pensei eu, "vai tocar música naquele instrumento." Mas ele colocou a extremidade não na boca mas num olho. Manipulou o tubo durante um momento, depois disse: "Olhe por isto aqui, Lobsang. Olhe com o olho direito e com o outro fechado". Olhei, e quase desmaiei de espanto. Um homem a cavalo aproximava-se por dentro do tubo. Saltei para o lado e olhei em volta. Não havia mais ninguém na sala além do Lama Mingyar Dondup, que se ria a bom rir. Olhei desconfiado para ele, pensando que me tinha enfeitiçado. "Sua Santidade disse que o meu guia era um mestre do oculto mas não precisava fazer pouco do seu discípulo!" Riu-se ainda mais e pediu-me que olhasse outra vez. Com grande relutância assim fiz, e o meu guia moveu o tubo ligeiramente para que a vista mudasse. Um telescópio! Nunca na minha vida tinha visto um. Nunca na minha vida esquecerei aquela primeira impressão de ver um homem a cavalo aproximar-se de mim por dentro do tubo. Lembro-me disso algumas vezes quando algum ocidental exclama "impossível!" perante qualquer afirmação acerca do oculto. Para mim, aquilo também parecia "impossível". O Dalai-Lama tinha trazido consigo uma quantidade de telescópios, quando voltara da Índia, e era um dos seus passatempos favoritos observar através deles a paisagem que circunda Lhasa. Ali também vi pela primeira vez um espelho, e não há dúvida de que não reconheci a criatura horrível que vi ali: um garotinho pálido com uma grande cicatriz muito vermelha no meio da testa e um nariz que era sem dúvida volumoso. Claro, tinha visto, por vezes, a minha imagem refletida na água, mas aquilo era claro demais. Desde então nunca mais tive um espelho. Poderão pensar que o Tibete é um estranho país sem vidro, sem telescópios nem espelhos, mas as pessoas não desejam sequer tais coisas. Assim como não desejam rodas. As rodas servem para acelerar o movimento das coisas e para aquilo que se

chama civilização. Mas há muito que descobrimos que na pressa da vida comercializada não há tempo para as coisas do espírito. O nosso mundo material fora progredindo a passo lento, de forma a permitir que os nossos conhecimentos esotéricos pudessem desenvolver-se e expandir-se. Há milhares de anos que sabemos da verdade da clarividência, da telepatia e de outros ramos da metafísica. Ainda que seja veraade que muitos lamas podem sentar-se, nus, na neve, derretê-la à sua volta pela simples força do pensamento, tais coisas não são demonstradas para o prazer dos meros buscadores de sensações. Alguns lamas, que são mestres do oculto, podem indubitavelmente ficar suspensos no ar, mas não põem em ação os seus poderes para divertimento de incrédulos. O mestre, no Tibete, tem sempre a preocupação de se certificar da integridade moral do discípulo antes de o treinar no uso de tais aptidões. Daqui se segue que, como o mestre tem de estar seguro quanto à integridade moral do estudante, os poderes metafísicos nunca são esbanjados, porque só são ensinados aos que merecem sê-lo. Tais poderes não são de forma alguma mágicos, são simplesmente o resultado do conhecimento e da aplicação de certas leis naturais.

No Tibete, alguns parecem evoluir melhor acompanhados, enquanto outros precisam se retirar e viver em solidão. Estes vão para lamastérios distantes e entram numa cela de eremita. Trata-se de pequenos quartos, geralmente construídos nas vertentes das montanhas. As paredes de pedra são espessas, cerca de dois metros de espessura, para que nenhum som ali possa penetrar. O eremita entra, e, a seu pedido, a abertura é emparedada. Ali n^o penetra a mais ligeira nesga de luz e não há espécie alguma de mobiliário. Nada mais que uma caixa de pedra vazia. A comida é introduzida uma vez por dia através de uma escotilha construída de forma a ser a prova de luz e a prova de som. Ali vive o eremita, da primeira vez, durante três anos, três meses e três dias. Ali medita na natureza da vida e na natureza do homem. O seu corpo físico não pode abandonar a cela sob pretexto algum. Durante o último mês da sua estada faz-se no teto um orifício muito pequeno que permita a entrada de um

raiozinho de luz; este orifício é alargado dia a dia de forma a que o eremita vá, pouco a pouco, reabituando-se à luz; de outra forma, cegaria logo que saísse da cela. Muitas vezes, esses homens pedem para voltar às celas poucas semanas depois de saírem e ali permanecem o resto das suas vidas. Essa existência não é tão inútil nem tão estéril como se possa supor. O homem é um espírito, uma criatura de outro mundo, e uma vez liberto das cadeias que o ligam à carne pode vaguear pelo mundo como espírito e ajudar a outros pelo pensamento. Os pensamentos, como nós no Tibete bem sabemos, são ondas de energia. A matéria é energia condensada. É o pensamento, cuidadosamente dirigido e parcialmente condensado, que pode fazer mover um objeto "por meio do pensamento". O pensamento, controlado de uma maneira diferente, pode ser usado em telepatia, e levar uma pessoa, a distância, a efetuar determinados atos. Será isto tão difícil de acreditar num mundo que considera banal o fato de um homem com o recurso de um microfone levar um avião a aterrar no meio de nevoeiro denso, em que o piloto não tem a menor visibilidade do terreno? Com um pouco de treino, e sem ceticismo, os homens podiam fazer o mesmo por meio de telepatia sem ter de recorrer a uma máquina falível.

O meu próprio desenvolvimento esotérico não reque-reu essa prolongada reclusão na escuridão completa. Tomou outra forma que não está ao alcance da maioria dos homens. O meu treino tinha em vista uma finalidade específica e fora ordenado diretamente pelo Dalai-Lama. Os conhecimentos foram-me transmitidos por outros métodos, assim como por meio de hipnotismo, que não pode ser discutido dentro dos limites deste livro. Basta que diga que adquiri mais conhecimentos do que um eremita pode adquirir numa vida inteira. A minha visita à Potala relacionava-se com os primeiros estágios desse treino, mas desse assunto falaremos mais adiante.

Aquele telescópio fascinava-me, e fiz dele largo uso para examinar os locais que conhecia tão bem. O Lama Mingyar Dondup explicou-me pormenorizadamente os princípios ópticos em que o telescópio se fundava, de forma a que eu

compreendesse que não havia ali qualquer espécie de mágica mas simples leis naturais.

Tudo me era explicado, não simplesmente o funcionamento do telescópio, mas os porquês de todas as leis. Sempre que eu exclamava perante qualquer fenómeno "Oh! é mágico!", lá vinha a explicação das leis respectivas. Uma vez, durante essa visita à Potala, levaram-me para uma sala muito escura. O Lama Mingyar Dondup disse-me: "Fique aqui quieto, Lobsang, e observe aquela parede fronteira . Apagou a lamparina e fez não sei quê às persianas da janela. Na parede à minha frente apareceu imediatamente uma imagem de Lhasa, mas de pernas para o ar! Gritei de espanto ao ver homens, mulheres e iaques, todos a andar de pernas para o ar. A imagem de repente estremeceu e tudo apareceu na posição normal. A explicação acerca de "raios luminosos curvados" perturbou-me mais que qualquer outra coisa; como poderia curvar-se a luz? Já me tinha sido demonstrado o método de partir jarros e bilhas com um apito silencioso; isso era simples e nem valia a pena pensar nisso, mas *curvar a luz!* Só percebi quando me trouxeram um aparelho especial que consistia numa lâmpada cuja origem luminosa estava escondida atrás de várias fendas. Então vi os raios curvarem-se e toda a surpresa desapareceu.

Os depósitos da Potala estavam cheios até ao teto de estátuas maravilhosas, livros antigos e pinturas magníficas de assuntos religiosos. Os pouquíssimos, raríssimos ocidentais a quem já foi dado vê-las consideram tais pinturas indecentes. Representam um espírito masculino e um espírito feminino presos num estreito abraço, mas a intenção dessas pinturas está longe de ser obscena, e pela cabeça de nenhum tibetano passaria considerá-las como tal. Essas duas figuras nuas e abraçadas representam o êxtase que resulta da união do Saber com a Virtude. Devo admitir que eu próprio fiquei horrorizado sem limites quando vi pela primeira vez que os cristãos adoravam um homem torturado pregado numa cruz! É uma pena que todos nós tenhamos esta tendência para julgar outros povos usando os nossos próprios padrões!

Há muitos séculos que gente de muitos países vem mandando para a Potala oferendas dirigidas ao Dalai-Lama da época. Quase todos esses presentes são armazenados nesses depósitos, e diverti-me imenso a observar e a obter impressões psicométricas acerca das razões dessas oferendas. Altamente educativo quanto à análise dos motivos que movem os seres humanos! Então, depois de eu ter comunicado a impressão que recebera do objetivo, o meu guia lia num livro a história exata do presente e coisas com ele relacionadas. Fiquei muito satisfeito porque o meu mestre dizia cada vez com mais frequência: "Tem razão, Lobsang, está indo muito bem".

Antes de abandonar a Potala visitamos uma das galerias subterrâneas. Tinham-me dito que só poderia visitar uma, pois havia de ver as outras mais tarde. Pegamos em archotes e começamos a descer cautelosamente uma escadaria que me parecia interminável.

Esses túneis, segundo me disseram, foram formados pela ação dos vulcões, que os tinham escavado muitos e muitos séculos antes. As paredes estavam cobertas com estranhos diagramas e desenhos que representavam cenas fantasmagóricas. Interessava-me mais ver o lago que, segundo ouvira, do fim de um dos corredores se estendia por quilómetros. Entramos por fim num túnel que se alargava cada vez mais, até que de repente o teto desapareceu muito para além do alcance do poder iluminante dos nossos archotes. Uns cem metros mais adiante chegamos à beira da água, uma água como eu nunca vira. Negra e parada, com uma negrura que a fazia parecer quase invisível, mais como um poço sem fundo do que como um lago. Nem a mais ligeira ruga perturbava aquela superfície, nem o mais ligeiro som quebrava o silêncio. A rocha onde estávamos era também negra e rebrilhava com a luz dos archotes, mas um pouco mais ao lado via-se na parede qualquer coisa que cintilava. Aproximei-me e vi que, embebido na rocha, havia um largo filão de ouro, talvez com uns cinco a sete metros de comprimento e uma largura como do meu pescoço aos joelhos. Um calor enorme, numa data distante, tinha começado a fundi-

lo, e, ao esfriar, "gelara" em grandes glóbulos como pingos de tocha. O Lama Mingyar Dondup quebrou o silêncio: "Este lago desemboca no rio Tsang-po a uns sessenta quilómetros daqui. Há muitos anos um grupo de monges aventurosos construiu uma jangada de madeira, forneceu-se bem de archotes e navegou pelo lago. Remaram muitos quilómetros em exploração, até chegarem a um ponto ainda mais largo onde não podiam divisar nem o teto nem as paredes. Deixaram-se ir avançando ao acaso, remando sempre, sem saber que rumo tomar".

Eu escutava, imaginando a cena ao vivo. O lama continuou: "Perderam-se, sem saber para que lado se aproximavam ou para que lado se afastavam. De repente a jangada deu um balanço, um golpe de vento apagou-lhes os archotes e mergulhou-os em escuridão completa; sentiram a frágil embarcação possuída pelos demónios das águas. A jangada rodopiava, deixando-os tontos e enjoados. Agarraram-se às cordas que atavam as traves. Com um movimento violento a água passava sobre a jangada e encharcava-os completamente. A velocidade aumentava, sentiam-se como se estivessem nas mãos de um gigante impiedoso que assim os arrastava para a morte. Durante quanto tempo viajaram não o poderiam dizer. Depois ouviram um ruído de coisa a ser rasgada, sentiram pancadas e empurrões. Foram atirados da jangada e sentiram-se impelidos para debaixo da água. Alguns tiveram tempo de tomar fôlego. Outros foram menos felizes. Apareceu uma vaga luminosidade esverdeada que se ia tornando mais clara. Sentiam-se rodopiar e repuxar até serem atirados à luz brilhante do sol.

"Dois deles conseguiram chegar à margem, meio afogados, contundidos e ensanguentados. Dos três restantes, nunca mais apareceram vestígios. Durante horas ali ficaram estendidos entre a vida e a morte. Ao fim de certo tempo um deles adquiriu suficiente consciência para olhar em volta. Ia quase desmaiando outra vez com o espanto. A distância via-se a Potala: à sua volta havia prados verdejantes onde pastavam iaques. Primeiro pensaram que tinham morrido e que aquilo era um paraíso tibetano. Depois, ouviram pessoas atrás de si e viram um pastor

que os observava; tinha visto os restos flutuantes da jangada e viera ver se os pescava para uso próprio. Os dois monges acabaram por convencê-lo da sua identificação, uma vez que os seus mantos tinham desaparecido no naufrágio, e o homem concordou em ir à Potala buscar socorro e macas. Desde esse dia pouco se tem feito para explorar o lago, mas sabe-se que há ilhas um pouco para além do alcance dos nossos archotes. Uma delas já foi explorada, e você poderá saber o que lá foi encontrado depois da sua iniciação."

Enquanto escutava, pensava como seria bom ter uma jangada e ir explorar o lago. O meu guia tinha estado a observar-me o rosto; de repente soltou uma gargalhada. "Pois seria bom explorá-lo, mas para que arriscar os nossos corpos quando podemos fazer as nossas investigações no plano astral? Você será capaz de o fazer, Lobsang; dentro de muito poucos anos terá competência para explorar este lago comigo e contribuir para o aumento de conhecimentos que já possuímos. Mas por agora estude, rapaz, estude. Estude para nosso bem."

Os nossos archotes começavam a bruxulear, e eu receei que tivéssemos de voltar às apalpadelas pelos corredores negros. Mas o Lama Mingyar Dondup virou-se para a parede do fundo e apalpou; de um nicho semi-oculto retirou mais dois archotes e acendeu-os.

"Temos sempre reservas escondidas aqui, Lobsang; na escuridão seria quase impossível encontrar o caminho. Agora vamos."

Enquanto subíamos as íngremes passagens, parávamos de vez em quando para retomar o fôlego e para admirar os desenhos que ornavam as paredes. Quanto a mim, não conseguia compreendê-los: pareciam representar gigantes e havia maquinarias tão complicadas que eu não tinha maneira de as interpretar. Olhando para o meu guia via-se bem que tanto os desenhos como os túneis lhe eram familiares. Esperava com ansiedade ter outras oportunidades de visitar aquele local, porque havia ali um mistério qualquer e eu não podia ouvir falar de mistérios sem sentir uma vontade imediata de os explorar até

o fim. Era-me insuportável a ideia de passar anos a pensar na solução quando me seria possível encontrar a resposta exata, mesmo que para o fazer tivesse de correr riscos consideráveis. Os meus pensamentos foram interrompidos pela voz do meu guia: "Lobsang! Deixe de murmurar como um velho tonto! Agora são só mais uns passos e estaremos novamente ao ar livre. Vamos ao telhado usar o telescópio para você ver o sítio onde aqueles monges vieram à superfície".

Quando chegamos ao telhado eu perguntava a mim mesmo por que não poderíamos antes cavalgar aqueles sessenta quilómetros e visitar pessoalmente o local. O Lama Mingyar Dondup disse-me que não havia lá muito que ver, nada que o telescópio não nos mostrasse. A saída do lago, ao que parece, estava muito abaixo do nível do rio e nada havia a marcar o lugar, exceto um grupo de árvores plantadas ali por ordem da precedente encarnação do Dalai-Lama.

Capítulo nove

NA SEBE DAS ROSAS BRAVAS

Na manhã seguinte preparamo-nos paulatinamente para voltar a Chakpori. Para nós a visita à Potala tinha sido quase como umas pequenas férias. Antes de partir, ainda fui numa corrida ao telhado para olhar mais uma vez a paisagem através do telescópio. Num dos telhados de Chakpori um pequeno acólito estava lendo deitado de costas e de vez em quando atirava seixos para cima das cabeças carecas dos monges que passavam no pátio. Pelo óculo podia ver o riso endiabrado que lhe contraía as feições ao recuar para se furtar à vista dos monges espantados. Fiquei pensativo e preocupado ao pensar que o Dalai-Lama, sem dúvida, me teria visto muitas vezes entregue a brincadeiras semelhantes. Resolvi que no futuro limitaria as minhas travessuras ao lado do edifício que não podia ser observado da Potala.

Mas eram horas de partir, de nos despedirmos e de agradecermos aos lamas que se tinham esforçado por tornar a nossa curta estada tão agradável quanto possível. Tinha de ser particularmente atencioso para com o despenseiro do Dalai-Lama, o lama feliz que tinha a seu cargo as "comidas vindas da índia". Devo ter-lhe agradado, pois deu-me um presente que comi sem mais perda de tempo. Assim fortificado, começamos a descer as escadarias no caminho de volta à Montanha de Ferro. Iríamos talvez a meio caminho quando ouvimos gritos e chamamentos, enquanto monges que passavam apontavam para trás de nós. Paramos e um monge ofegante recitou uma mensagem para o Lama Mingyar Dondup. Meu guia parou.

"Espere aqui por mim, Lobsang, não me demoro."

Voltou-se e recomeçou a subir rapidamente os degraus. Ali fiquei a admirar a paisagem e a observar de longe a minha antiga casa. A pensar nesses tempos, voltei-me e quase caí de costas ao ver meu pai que vinha descendo as escadarias a cavalo. Olhei para ele, ele deu com os olhos em mim e abriu a boca ligeiramente ao reconhecer-me. Então, com grande espanto e dor da minha parte, ignorou a minha presença e continuou no seu caminho. Olhei para as costas que se afastavam e chamei: "Pai!" Não ligou a menor importância. Senti os olhos quentes e comecei a tremer, receando passar por uma vergonha em público, e logo ali, nos degraus da Potala. Com mais autodomínio do que julgaria possível, endireitei as costas e fitei os olhos em Lhasa.

Cerca de meia hora mais tarde o Lama Mingyar Don-dup apareceu a cavalo, trazendo outro cavalo pela rédea.

"Monte, Lobsang, temos de ir depressa a Será; um dos abades sofreu um acidente grave."

Vi uma mala atada a cada sela e calculei que devia tratar-se do equipamento do meu guia. Galopamos ao longo da estrada de Lingkhor, passamos pela minha antiga casa, fazendo afastar peregrinos e mendigos à nossa frente. A viagem até o lamastério de Será não nos levou muito tempo, e os monges já ali nos esperavam. Saltamos dos cavalos, cada um de nós levando uma

das malas, e um dos abades conduziu-nos ao local onde um velho estava deitado.

O seu rosto tinha um tom de chumbo e a força vital limitava-se a um bruxulear quase extinto. O Lama Mingyar Dondup pediu que lhe trouxessem água a ferver. Enquanto eu me encarregava de mexer a infusão, o lama examinava o velho, que tinha fraturado o crânio numa queda. Um pedaço de osso estava metido para dentro e exercia pressão sobre o cérebro. Quando a infusão arrefeceu suficientemente lavamos com ela a cabeça do velho e o meu guia lavou com ela as mãos. Com uma faca afiada fez rapidamente uma incisão em forma de U na carne, mesmo até o osso. A hemorragia foi pequeníssima, porque as plantas atua-vam como agente anti-hemorrágico. Aplicou mais loção vegetal e a aba de carne foi levantada deixando o osso a descoberto. O Lama Mingyar Dondup examinou com ex-traordinária delicadeza toda a área até descobrir o ponto onde o osso tinha sido fraturado e formava uma depressão no nível normal da caixa craniana. Antes de começar tinha mergulhado uma quantidade de instrumentos na loção de-sinfetante e retirou da bacia duas varetas de prata com extremidades achatadas e serrilhadas. Com extraordinária perícia inseriu o gume mais fino na fratura mais larga do osso e, enquanto assim o mantinha firme, com a outra vareta segurava o osso com firmeza. Lentamente, muito lentamente, foi levantando a porção deprimida até trazê-la um pouco acima do nível normal. Segurou-a em posição com uma das varetas e pediu-me: "Passe-me a bacia, Lobsang". Pegou numa cunha minúscula de prata, de forma triangular, muito fina, que inseriu na fratura entre o osso e o rebordo da fratura, que agora se encontrava acima do seu nível normal. Depois, lentamente, cautelosamente, premiu o osso até levá-lo ao nível normal. "Agora a fratura soldará e a prata, como é um metal inerte, não nos dará preocupação." Limpou a área com mais loção vegetal e recolocou em posição a área da carne cortada, presa por um dos lados. Coseu esta aba com crina de cavalo esterilizada e cobriu toda a área operada com uma pasta vegetal atada firmemente com uma ligadura.

A força do velho abade tinha aumentado de intensidade progressivamente desde que desaparecera a pressão sobre o cérebro. Levantamo-lo cuidadosamente, recostado em almofadas, de forma a deixá-lo numa posição entre deitado e sentado. Lavei os instrumentos em mais loção, limpei-os com um pano esterilizado e arrumei tudo cuidadosamente nas duas malas. Enquanto limpava as mãos, os olhos do velho abriram-se; sorriu frouxamente ao ver o Lama Mingyar Dondup inclinado sobre ele.

"Sabia que só você me podia salvar, e foi por isso que mandei uma mensagem mental para a Potala. A minha tarefa ainda não está cumprida e não estou ainda pronto a abandonar este corpo."

O meu guia observou-o cuidadosamente e respondeu:

"Vai ficar bom desta. Uns dias de incómodo, umas dores de cabeça, mas quando elas passarem pode voltar ao seu trabalho. Durante uns dias, deve ter sempre alguém consigo enquanto dorme, para não o deixar dormir estendido. Mas dentro de três ou quatro dias não terá mais preocupações."

Eu tinha ido à janela observar a vista. Era muito interessante observar as condições de vida em outro lamas-tério. O Lama Mingyar Dondup veio até junto de mim e disse-me: "Trabalhou bem, Lobsang, havemos de formar *equipe*. Agora vou mostrar-lhe esta comunidade, que é muito diferente da nossa".

Deixamos o velho abade aos cuidados de um lama e saímos para o corredor. O edifício não era tão limpo como Chakpori, nem me parecia que a disciplina fosse tão severa. Os monges pareciam entrar e sair quando queriam. Os templos estavam pouco limpos e arrumados, comparados com os nossos, e até o próprio incenso parecia ser mais acre. Grupos de rapazes brincavam nos pátios — em Chakpori, àquela hora, estariam trabalhando. Os moinhos de oração estavam quase todos parados. Aqui e ali um monge velho, sentado, fazia rodar os moinhos, mas faltava aquela ordem, limpeza e disciplina que me tinha habituado a considerar normais. O meu guia perguntou-me:

"Bom, Lobsang, gostaria de ficar aqui e levar esta vida fácil?"

"Nem penso nisso: parecem uma coleção de selvagens."

Ele riu:

"Sete mil! São sempre as minorias barulhentas que trazem mau nome à maioria silenciosa".

"Talvez", respondi, "mas, ainda que eles chamem a isto a Sebe das Rosas, acho que podiam encontrar um nome mais apropriado."

Olhou para mim com um sorriso.

Era um fato que o nosso lamastério tinha a disciplina mais severa entre todos; na maioria dos outros era, na verdade, bastante frouxa, e quando os monges queriam ficar parados, bom, ficavam e não se falava mais nisso. Será, ou a Sebe das Rosas Bravas, fica a uns cinco quilómetros da Potala e é um dos lamastérios que constituem o grupo chamado dos "Três Assentos". O maior dos três é Drebung, com nada menos de dez mil monges. Será vem a seguir, com os seus sete mil e quinhentos; Ganden é o menos importante, com seis mil. Cada um é como uma pequena cidade, com ruas, colégios, templos e todos os edifícios habituais de uma cidade. As ruas eram patrulhadas pelos homens de Khan. (Hoje, sem dúvida, são pa-trulhadas por soldados comunistas!) O Chakpori é uma comunidade pequena, mas muito importante. Como templo da medicina está bem representado no conselho do governo.

No Chakpori tínhamos lições de *jiu-jitsu.* É esta a palavra conhecida no Ocidente que melhor dará a ideia, uma vez que "me é impossível traduzir a designação tibe-tana: *sung-thru kyõm-pa tu de-po le-la-po,* e que não existe noção equivalente ao nosso termo técnico: *amarêe.* O *jiu-jitsu* não passa de uma forma muito elementar do nosso sistema. Nem em todos os lamastérios havia esse treino, mas no Chakpori nós o aprendíamos com o fim de adquirir autodomínio e para sermos capazes de tornar as pessoas inconscientes para fins médicos, e ainda para podermos viajar em segurança nas partes mais

isoladas e selváticas do país. Na nossa qualidade de lamas-médicos tínhamos de viajar muito.

O velho Tzu tinha sido um mestre da arte, talvez o seu melhor expoente no Tibete, e ele tinha-me ensinado tudo o que sabia — pelo gosto próprio de bem cumprir a sua missão. A maioria dos homens e rapazes conhecia a maioria dos "golpes" mais elementares, mas eu estava em contato com eles desde os quatro anos de idade. Esta arte, na nossa opinião, devia ser empregada em defesa própria, ou como exercício em autodomínio, mas nunca como um meio de lutador profissional. Na nossa opinião o homem forte pode dar-se ao luxo de ser suave e deixar aos fracos o privilégio de fanfarronar.

O nosso *jiu-jitsu* era usado para tornar pessoas inconscientes quando, por exemplo, se tratava de ajustar ossos fraturados, ou extrair dentes. Neste processo não há dores nem riscos. Pode tornar-se uma pessoa inscons-ciente antes mesmo de ela se dar conta do que lhe vai acontecer, e pode-se fazê-la voltar à consciência horas ou

segundos depois, sem quaisquer efeitos nocivos. Por mais estranho que pareça, uma pessoa tornada inconsciente no meio de uma frase completará automaticamente a frase ao acordar. Em vista dos perigos evidentes, inerentes ao abuso desse sistema, tanto os seus segredos como os do hipnotismo "instantâneo" só são ensinados àqueles que prestam as provas mais severas de caráter íntegro. E mesmo assim impõem-se-lhes "blocos" mentais hipnóticos de forma a não poderem abusar dos poderes adquiridos.

No Tibete os lamastérios não são unicamente lugares onde vivem pessoas com inclinações religiosas, mas cidades que se bastam a si mesmas e que contêm todas as amenidades e conveniências usuais. Tínhamos os nossos teatros, onde podíamos ver peças religiosas e tradicionais. Havia músicos de serviço permanente. Os monges com dinheiro próprio podiam comprar em lojas comida, vestuário e outros luxos, assim como livros. Os que queriam economizar podiam depositar o dinheiro que recebiam em estabelecimentos mais ou menos equivalentes

a bancos. Todas as comunidades, em qualquer parte do mundo, têm os seus criminosos. Os nossos eram presos por monges-polícias e julgados imparcialmente em tribunais. Se eram culpados cumpriam as suas sentenças nas prisões do mosteiro. Havia escolas de todos os géneros para os diversos níveis de mentalidade. Os mais brilhantes eram incitados e ajudados no prosseguimento de estudos mais elevados, mas nos outros mosteiros que não em Chakpori os preguiçosos podiam dormir e nada fazer pelo resto da vida. A nossa ideia é que é impossível influenciar a vida de outrem, portanto tudo o que há a fazer é deixar as pessoas em paz para recuperar o tempo perdido na sua encarnação seguinte. No Chakpori as coisas eram diferentes, e se um acólito não fazia progresso era intimado a sair e a ir procurar outro lugar onde a disciplina não fosse tão rigorosa.

Os monges que adoeciam eram bem tratados; havia em todos os mosteiros um hospital onde os doentes eram tratados por monges treinados em medicina e cirurgia elementar. Os casos mais graves eram tratados por especialistas como o Lama Mingyar Dondup. Muitas vezes, desde a minha partida do Tibete, tenho rido das histórias que correm no Ocidente acerca de os tibetanos acreditarem que o coração dos homens é do lado esquerdo e o das mulheres do lado direito. Todos nós vimos número suficiente de corpos humanos abertos para *conhecer a verdade.* Outra das histórias que me divertem é a dos "imundos tibetanos, crivados de doenças venéreas". Aqueles que fazem tais afirmações, ao que parece, nunca entraram em mictórios tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos, para ver os cartazes que oferecem aos cidadãos locais "tratamento gratuito e confidencial" para tais doenças. Nós somos imundos: algumas das nossas mulheres, por exemplo, besuntam a cara toda, depois têm que marcar, com pomada vermelha, o local da boca para não nos enganarmos. Algumas até põem pomadas nos cabelos para os fazer brilhar e alé lhes mudar a cor. Algumas até depilam as sobrancelhas e pintam as unhas, sinais evidentes de que as mulheres tibetanas são "imundas e depravadas"!

Mas voltemos às nossas comunidades religiosas; às vezes, tínhamos visitantes, mercadores ou monges itineran-tes. Eram acomodados numa espécie de hotel e tinham de pagar por essa acomodação! Nem todos os monges eram celibatários. Alguns pensavam que o estado de celibato não era apropriado para lhes criar o estado de espírito necessário à vida contemplativa. Estes podiam entrar para a seita especial dos Chapéus Vermelhos, a quem era permitido casar. Mas eram a minoria. Os Chapéus Amarelos, a ordem celibatária, constituía a classe dominante na vida religiosa. Em lamastérios de casados, monges e monjas viviam e trabalhavam lado a lado em comunidades bem ordenadas, e com frequência a "atmosfera" destes não era tão dura quanto em comunidades puramente masculinas.

Depois de ter visitado o Mosteiro da Sebe das Rosas e, no meu caso, de o ter comparado desfavoravelmente com o nosso, voltamos a visitar o velho abade. Durante as duas horas da nossa ausência, tinha melhorado muito e já estava em condições de dar mais atenção ao que se passava à sua volta. Especialmente dava grande atenção ao Lama Mingyar Dondup, a quem parecia muito afeiçoado. O meu guia disse-lhe: "Temos de partir, mas aqui estão umas plantas pulverizadas para você. Vou deixar instruções pormenorizadas ao monge encarregado, antes de partir". Entregou-lhe três saquinhos de couro, que ajudariam a curar o velho abade.

À entrada do pátio encontramos um monge que segurava dois póneis impacientes; tinham sido alimentados e, agora descansados, estavam ansiosos para galopar. Mas eu não estava ansioso! Felizmente para mim, o Lama Mingyar Dondup estava com disposição para ir devagar. A Sebe das Rosas fica a cerca de três mil e quinhentos metros do ponto mais próximo da estrada de Lingkhor, e eu não estava muito interessado em passar perto de casa. O meu guia, evidentemente, interceptou-me os pensamentos porque me disse: "Atravessamos a estrada na direção da Rua das Lojas. Não temos muita pressa; amanhã também é dia, um dia que ainda não vimos".

Para mim era uma fascinação ver as lojas dos mercadores chineses, escutar as vozes guinchadas que regateavam os preços. Do lado oposto da rua havia um *chorten*[1], que simboliza a imortalidade da alma, e por trás elevava-se um templo brilhante para onde se dirigiam numerosos monges do próximo Shede Gompa. Dentro de mais alguns minutos, com os póneis a passo, entrávamos nas vielas apinhadas que se abrigavam à sombra do Jo-kang. "Ah!", pensei eu, "a última vez que estive aqui ainda era um homem livre, e não um aprendiz de monge. Só queria que tudo isto fosse um sonho de que em pouco pudesse acordar!" Fomos lentamente rua abaixo e voltamos à direita pela estrada que conduzia à Ponte da Turquesa. O Lama Mingyar Dondup virou-se para mim e disse: "Então continua a não querer ser monge? Olhe que não é má vida. No fim desta semana, vai realizar-se a expedição anual às montanhas para colher plantas medicinais. Desta vez não quero que você vá. Em vez disso vamos estudar juntos para você poder fazer o seu exame para *trappa* quando tiver doze anos. Mas faz parte dos meus planos uma. expedição com você às terras altas para colher certas plantas raríssimas". Por essa altura, tínhamos atingido o fim da aldeia de Shõ e aproximávamo-nos de Pargo Ka ling, a porta ocidental do vale de Lhasa. Um mendigo coseu-se de encontro à parede: "Oh! Reverendo e sagrado lama-médico, não me cure dos meus males ou fico sem modo de vida". O meu guia parecia triste enquanto passávamos através do *chorten* que formava a porta. "Tantos desses mendigos, Lobsang, tão desnecessariamente. São eles que dão ao nosso país uma má reputação entre os estrangeiros. Quando estive na Índia e na China, na companhia d'0 Mais Precioso, toda a gente falava dos mendigos de Lhasa sem saber que muitos deles são bem ricos. Enfim, talvez depois de se cumprir a profecia do ano do Tigre de Ferro (1959 — invasão do Tibete pelos comunistas) os mendigos sejam obrigados a trabalhar. Nem você nem eu estaremos aqui para ver, Lobsang. Para você, as terras estrangeiras. Para mim, a volta aos campos celestes."

[1] ***O termo e explicado no capítulo seguinte. (N. do T.)***

Entristeci ao pensar que o meu amado lama me havia de deixar, de deixar esta vida. Ainda então não me compenetrara de que a vida na Terra não passava de uma ilusão, um lugar de passagem, uma escola. O conhecimento do comportamento dos homens perseguidos pela adversidade estava ainda para além da minha compreensão. Mas hoje não é assim!

Viramos à esquerda, para a estrada de Lingkhor, para além do Kindu Ling, e, outra vez à esquerda, começamos a subir para a Montanha de Ferro. Nunca me cansava de olhar para as esculturas na rocha, coloridas, que ocupavam todo um dos flancos da montanha. Todo aquele lado estava coberto de esculturas e pinturas representando divindades. Mas o dia ia avançando e não tínhamos mais tempo a perder. Enquanto subíamos, pensava nos que iriam colher plantas. Todos os anos partia do Chakpori um grupo para fazer a colheita nas montanhas, pô-las a secar e guardar em sacos herméticos. Ali, nas montanhas, estava um dos maiores armazéns dos remédios da natureza. Muito poucos homens tinham visitado as terras altas, onde se encontravam coisas estranhas demais para serem discutidas. Pois bem, decidi, este ano desistiria da visita às montanhas, de forma a poder estudar e preparar-me para acompanhar a expedição às terras altas quando o Lama Mingyar Dondup achasse oportuno. Os astrólogos tinham dito que passaria no exame à primeira tentativa, mas eu sabia que para isso precisava estudar muito; sabia que a profecia implicava essa condição! A minha idade mental era equivalente, pelo menos, a dezoito anos, e eu sempre tinha convivido com pessoas muito mais velhas que eu e fora obrigado a olhar por mim próprio.

Capítulo dez

CRENÇAS TIBETANAS

Talvez,seja interessante, nesta altura da minha narrativa, fornecer alguns pormenores acerca do nosso estilo de vida. A nossa religião é uma variante do budismo, mas não existe nas línguas ocidentais qualquer palavra pela qual se possa traduzi-la literalmente. Referimo-nos a ela como "A Religião", e aos que praticam a nossa fé chamamos "internos", enquanto a todos os outros chamamos "externos". A palavra mais aproximada existente no Ocidente é "lamaísmo". Difere do budismo por ser uma religião de esperança e de crença no futuro. Para nós, o budismo parece uma doutrina negativa, uma religião de desespero. Não faz parte das nossas crenças que um pai onisciente observe e guarde toda a gente por toda a parte.

Muita gente culta tem tecido comentários eruditos sobre a nossa religião. Muitos nos condenam simplesmente por estarem cegos pela sua própria fé e serem incapazes de ver de outra maneira. Outros vão ao ponto de nos chamarem "satânicos" simplesmente porque os nossos costumes lhes são estranhos. A maioria desses comentadores baseia as suas opiniões em informações ou nos escritos de outros. É possível que alguns, bem poucos, tenham estudado as nossas crenças durante uns dias, e assim se julguem na posse de conhecimentos que os tornem suficientemente habilitados para escrever livros e para interpretar e divulgar o que os nossos sábios mais argutos levam vidas inteiras para descobrir.

Imaginem-se os ensinamentos colhidos por um budista ou um hindu que folheasse durante uma ou duas horas as páginas da Bíblia e depois se atrevesse a explicar as sutilezas da doutrina cristã! Nenhum desses escritores que se têm ocupado do lamaísmo viveu como monge num la-mastério a estudar os nossos livros sagrados. Tais livros são secretos; secretos na medida em que não estão ao alcance daqueles que querem obter a salvação rápida, sem esforço. Aqueles que querem a consolação de um ritual, uma forma de auto-hipnotismo, que a procurem, se isso os faz mais felizes. Mas isso não corresponde à Realidade Última, não passa de uma forma de se enganarem a si próprios como crianças. Para alguns talvez seja reconfortante

poder pensar que podem cometer pecado atrás de pecado, e que depois, quando a consciência começa a tornar-se incómoda, basta uma oferenda aos deuses no templo mais próximo para obter perdão imediato, completo e certo, de forma a poderem recomeçar a sua nova série de pecados. *Existe* um Deus, um Ente Supremo. Que importância tem o nome que se lhe dá? Deus é um fato.

Os tibetanos que estudaram os verdadeiros ensinamentos de Buda nunca oram a pedir mercês ou favores; limitam-se a pedir que lhes seja dado contar com a justiça dos homens. Um Ente Supremo, por natureza a própria essência da justiça, não pode mostrar compaixão por um e negá-la a outro, porque tal seria a negação da justiça. Orar a pedir mercês ou favores, com promessas de ouro ou de incenso se o pedido for atendido, é inferir que a salvação está ao alcance do que mais puder pagar, que Deus está precisando de dinheiro e pode ser "comprado". O homem pode mostrar compaixão pelo homem, mas só raramente o faz; o Ente Supremo só pode mostrar justiça. Nós somos almas imortais. A nossa oração: *Om! ma-ni pad-me Hum!* — adiante transcrita — tem sido por vezes traduzida literalmente como: "Salve, ó Jóia no Lótus!" Mas os que conhecem melhor os textos sabem que o verdadeiro significado é: "Salve, ó Ser Intimo e Superior no Homem!" Não existe a morte. Assim como ao fim do dia um homem despe as suas roupas, assim a alma se desfaz do corpo quando este dorme. Assim como um terno é posto de lado quando está surrado, assim a alma se desembaraça do corpo quando este está gasto e velho. A

morte é nascimento. Morrer é simplesmente o ato de nascer num outro plano de existência. O homem, ou melhor, o espírito do homem é eterno. O corpo é um mero invólucro temporário que cobre o espírito, que é escolhido de acordo com a missão a cumprir na Terra. A aparência exterior é, portanto, de pouquíssima importância. O que importa é a alma que está lá dentro. Um grande profeta pode aparecer nas vestes de um mendigo, enquanto um homem que muito pecou na sua vida

anterior pode desta vez nascer em riqueza, para a experimentar e ver se continua a pecar quando não tem a desculpa da pobreza para o tentar.

Om! ma-ni pad-me Hum!

"A Roda da Vida" — é assim que designamos o ato de nascer, viver, voltar à condição espiritual e, em devido tempo, renascer em condições e circunstâncias diferentes. Um homem pode sofrer muito durante a sua existência, e isso não significa necessariamente que na sua vida anterior foi um pecador: talvez essa seja a melhor maneira de aprender certas coisas. A experiência pessoal é o melhor mestre! Uma pessoa que se suicida pode renascer para viver os anos cortados prematuramente, mas não se segue que todos os que morrem novos ou quando bebés foram suicidas em vidas anteriores. A Roda da Vida aplica-se a todos, mendigos e reis, homens e mulheres, brancos e negros. A Roda, é claro, não passa de um símbolo, que serve para tornar a ideia mais simples para aqueles que não têm tempo suficiente para estudar o assunto mais a fundo. É impossível explicar as crenças tibetanas em um ou dois parágrafos; o *Kan-gyur,* as Escrituras tibetanas, consiste em mais de cem volumes sobre o assunto, e mesmo esses não o tratam exaustivamente. Há muitos outros livros guardados em lamastérios remotos e que só aos iniciados é dado ler.

Os povos orientais conhecem de há muitos séculos a existência de forças e leis ocultas e sabem que se trata de leis naturais. Em vez de tentar demonstrar a não existência de tais forças, só porque não podem ser pesadas ou medidas, os homens de ciência do Oriente têm-se esforçado por aumentar o seu domínio sobre essas leis da natureza. A mecânica da clarividência, por exemplo, nunca nos preocupou demasiadamente;, o que nos interessa são os resultados da

clarividência. Alguns duvidam da sua existência: esses são como os cegos de nascença, que dizem que a visão é impossível porque não têm dela qualquer noção, porque não podem compreender que um objeto possa ser visto a distância sem haver com ele contato direto!

As pessoas têm auras, perfis coloridos que circundam o corpo, e pela intensidade dessas cores as pessoas experimentadas nesta arte podem deduzir o estado de saúde, o caráter e o estado geral do desenvolvimento espiritual da pessoa. Essa aura é a radiação da força vital íntima, do eu, ou da alma. À volta da cabeça existe uma espécie de halo, que faz parte da mesma força. No momento da morte essa luz diminui um pouco, quando a alma abandona o corpo na sua viagem para o estágio seguinte da sua existência. Vagueia um pouco, perturbada talvez pelo choque da sua libertação do corpo. É possível, por vezes, que não tenha perfeito conhecimento do que se passa. É por isso que há sempre lamas à cabeceira dos moribundos, para ir informando os espíritos dos estágios sucessivos por que a alma vai passando. Se tal não se fizer, o espírito pode ficar preso à Terra pelos desejos da carne; é dever dos sacerdotes quebrar essas ligações.

Rezam-se serviços para guiar os espíritos a intervalos frequentes. A morte, para os tibetanos, não encerra terror algum, pois acreditam que se tomarem certas precauções a passagem de uma vida para a outra pode ser grandemente facilitada. Mas para isso é necessário seguir caminhos perfeitamente definidos, pensar segundo certos princípios. Esses serviços religiosos são conduzidos num templo com a presença de cerca de trezentos monges. No centro do templo fica um grupo de cinco lamas telepáticos sentados num círculo, virados para dentro. Enquanto os monges, dirigidos pelo abade, entoam os seus cânticos, os lamas tentam manter contato telepático com almas errantes. É impossível fazer uma tradução das orações tibetanas que lhes faça inteira justiça, mas aí fica uma tentativa:

"Escutai as vozes das nossas almas, todos vós que andais perdidos nas regiões marginais. Os vivos e os mortos vivem em

mundos separados. Onde poderemos ver as vossas caras e ouvir as vossas vozes? Acendemos agora o primeiro pau de incenso para atrair uma alma errante e guiá-la ao seu caminho.

"Escutai as vozes das nossas almas, todos vós que andais perdidos. As montanhas erguem-se para o céu, mas nenhum som se ouve. As águas são encrespadas pelas brisas suaves e as flores continuam a florir. As aves não voam quando vos aproximais porque não vos podem ver nem pressentir. Acendemos um segundo pau de incenso para atrair uma alma errante e guiá-la ao seu caminho.

"Escutai as vozes das nossas almas, todos vós que andais perdidos. Este é o mundo ilusório. A vida não passa de um sonho. Todos os que nascem morrem. Só o caminho de Buda conduz à vida eterna. Acendemos agora o terceiro pau de incenso para atrair uma alma errante e guiá-la ao seu caminho.

"Escutai as vozes das nossas almas, ó seres poderosos, vós que estais entronizados nas montanhas e comandais os cursos dos rios. Os vossos reinos não duraram mais que um momento e as queixas dos vossos súditos jamais cessaram de se ouvir. A terra está regada de sangue e as folhas das árvores estremecem com os ais dos oprimidos. Acendemos agora o quarto pau de incenso para atrair as almas de reis e tiranos e guiá-las ao seu caminho.

"Escutai as vozes das nossas almas, todos vós, guerreiros e invasores que feriram e mataram. Onde estão agora as vossas hostes? A terra geme e as ervas daninhas crescem nos campos de batalha. Acendemos agora o quinto pau de incenso para atrair as almas solitárias de generais e senhores para que seiam guiadas.

"Escutai as vozes das nossas almas, artistas e escritores, todos os que trabalham a pintar e a escrever. Foi em vão que esforçastes as vossas vistas e gastastes as placas de escrever. Nada é lembrado do vosso esforço e as vossas almas continuam. Acendemos agora o sexto pau de incenso para atrair e guiar as almas de artistas e escritores.

"Escutai as vozes das nossas almas, virgens belas e damas suntuosas, cuja juventude podia ser comparada à frescura das manhãs de primavera. Depois das carícias dos amantes vem o quebrar dos corações. O outono, depois o inverno, chegam, as árvores e as flores murcham, assim como a beleza, e tornam-se meros esqueletos. Acendemos agora o sétimo pau de incenso para atrair as almas das virgens e das damas e guiá-las, libertando-as das ligações deste mundo.

"Escutai as vozes das nossas almas, mendigos e ladrões, todos os que cometeram crimes contra os seus semelhantes e não podem agora descansar. As vossas almas vagueiam sem amigos pelo mundo e não encontrais justiça dentro do próprio peito. Acendemos agora o oitavo pau de incenso para atrair todas as almas pecadoras que agora vagueiam sozinhas.

"Escutai as vozes das nossas almas, prostitutas, mulheres da noite e todos aqueles sobre quem se cometeram pecados e que vagueiam agora sozinhos nos reinos espectrais. Acendemos agora o nono pau de incenso para os atrair e guiar, libertando-os das prisões deste mundo."

Na penumbra do templo, impregnado de incenso, as luzes bruxuleantes das lamparinas de manteiga faziam as sombras dançar, como vivas, por trás das imagens douradas. A atmosfera tornava-se tensa com a concentração dos monges telepáticos que se esforçavam por manter contato com os que tinham deixado este mundo, mas que no entanto a ele ainda se encontravam ligados.

Monges de mantos vermelhos, sentados em linhas, frente a frente, entoavam a litania dos mortos; tambores ocultos batiam os ritmos do coração humano; de outras partes do templo, como de um corpo vivo, ouvia-se o murmurar de vísceras humanas, o correr dos fluidos do corpo humano, o suspirar do ar nos pulmões. Conforme a cerimónia avançava e se davam direções às almas dos mortos, o ritmo desses sons corporais transformava-se, tornava-se mais lento, até que por fim se ouvia o som do espírito a abandonar o corpo. Um estertor ofegante e tremente — e silêncio. O silêncio que vem com a morte.

Naquele silêncio, mesmo o menos psíquico dos indivíduos podia sentir que havia outros seres à volta esperando, escutando. Gradualmente, à medida que as instruções telepáticas continuavam, a tensão diminuía quando os espíritos errantes seguiam para o estágio seguinte da sua jornada.

Nós acreditamos firmemente que o espírito renasce vezes consecutivas. Mas a sua volta pode não se processar neste planeta. Há milhões de mundos, e nós sabemos que a maioria deles é habitada. Esses habitantes podem ser de formas muito diferentes das que nós conhecemos, podem até ser superiores a seres humanos. Nós, no Tibete, nunca aceitamos a doutrina de que o homem constitui a mais elevada e a mais nobre de todas as formas de vida. Acreditamos que em outros mundos se encontram formas vivas muito mais aperfeiçoadas, e que essas não se divertem a lançar bombas atómicas. No Tibete ouvi relatos de objetos estranhos que tinham sido vistos no céu, "os carros dos deuses", como a maioria das pessoas lhes chamaram. O Lama Mingyar Dondup contou-me que um grupo de lamas tinha estabelecido comunicação telepática com esses "deuses", que disseram que estavam a observar a Terra, ao que parece exatamente com o mesmo espírito com que os humanos visitam um jardim zoológico para observar animais selvagens e perigosos.

Muito se tem escrito acerca da levitação. A levitação é possível, vi-a praticada muitas vezes, mas requer imensa prática. Não há vantagem alguma em praticar a levitação, uma vez que existe um sistema muito mais simples. As viagens astrais são mais práticas e certas. A maioria dos lamas entrega-se à sua prática, e qualquer pessoa com a paciência preparada pode entregar-se a essa arte útil e agradável.

Durante as horas em que estamos acordados a nossa alma encontra-se encerrada no corpo físico, e a menos que se tenha grande treino é impossível separar as duas entidades. Quando dormimos, só o corpo físico necessita de repouso, o espírito liberta-se e geralmente vai para o reino do espírito exatamente como uma criança volta ao seu lar ao fim de um dia na escola. A

alma e o corpo mantêm-se em contato por meio do "cordão de prata", cuja capacidade de extensão é infinita. O corpo mantém-se vivo desde que o cordão de prata se mantenha intato; por ocasião da morte, o cordão quebra-se quando o espírito renasce para a outra vida, exatamente como a um bebé o cordão umbilical é cortado para o separar do corpo materno: o nascimento, para um bebé, representa o fim da vida abrigada que viveu no útero materno. A morte, para o espírito, é um novo nascimento no mundo mais livre do espírito. Enquanto o cordão de prata está intato, a alma tem liberdade para vaguear durante o sono, ou, no caso de indivíduos especialmente treinados, mesmo durante os períodos de consciência. Esse vaguear do espírito dá origem a sonhos, que não são mais que impressões transmitidas ao longo do cordão de prata. Quanto ao cérebro físico, recebe estas impressões, racionaliza-as para as fazer compreensíveis à luz da sua experiência terrena. No mundo do espírito não existe tempo — "tempo" é um conceito puramente físico —, e por isso temos os casos frequentes de sonhos longos e complexos que parecem ocorrer durante uma fração de segundo. Provavelmente todos conhecem a experiência de sonhar com uma pessoa distante, um amigo que vive para além dos mares, que se encontra e com quem se fala. Recebe-se nesse sonho uma mensagem, e ao acordar tem-se geralmente a sensação de qualquer coisa de que é preciso recordar. Com frequência fica-nos na memória esse encontro com um amigo ou parente distante e não nos surpreendemos ao receber notícias dessa pessoa dentro de pouco tempo. Naqueles que não são treinados, essa memória é por vezes deformada e o resultado é um sonho ilógico ou um pesadelo.

No Tibete viajamos muito por meio de projeção astral — e não por levitação — e o processo é perfeitamente submissível ao nosso domínio voluntário. A alma é forçada a abandonar o corpo, ainda que a este se mantenha ligada pelo cordão de prata. Assim se pode viajar para onde se quiser, e com a rapidez do pensamento. A maioria das pessoas possui a capacidade potencial para se entregar a viagens astrais. Muitas pessoas a

têm experimentado, mas, por falta de treino, sofrem choques severos. Com certeza toda a gente já teve a sensação de começar a adormecer e depois, sem razão aparente, ser violentamente acordada por um safanão poderoso. Isto é causado por uma exteriorização demasiadamente rápida da alma, um separar precipitado e brusco da alma e do corpo. Isso dá origem a que o cordão de prata se contraia e que a alma seja puxada violentamente para dentro do veículo físico. A sensação é ainda mais desagradável quando, depois da viagem, a alma volta ao corpo. A alma flutua muitos metros acima do corpo, como um balão preso por uma corda; qualquer coisa, talvez um ruído exterior, pode levar a alma a voltar com rapidez demasiada ao corpo; este acorda subitamente com aquela sensação horrível de se ter precipitado num abismo e de ter acordado no último minuto.

Viagens astrais, perfeitamente controladas e durante períodos de consciência, estão ao alcance praticamente de toda a gente. Mas requerem prática, e acima de tudo, nos primeiros tempos, requerem isolamento, a possibilidade de se retirar sem receio de interrupções. Isto não é um tratado de metafísica, portanto não é aqui o lugar para dar instruções quanto a viagens astrais, mas devo aqui sublinhar que pode ser uma experiência desagradável a menos que se tenha um mestre competente. Não há qualquer perigo, mas há um certo risco de choques e perturbações emocionais se a alma abandona o corpo ou volta a ele em fases incoincidentes. Pessoas que sofram do coração nunca devem praticar projeções astrais. Ainda que não haja perigo na projeção em si, existe um perigo enorme — para os corações fracos — se outra pessoa entra no quarto e perturba o corpo ou o cordão. O choque resultante poderia resultar fatal, o que seria muito inconveniente, uma vez que a alma teria de ser reencarnada para completar aquele ciclo de vida antes de poder passar ao estágio seguinte.

Nós, tibetanos, acreditámos que antes do pecado original todos os homens possuíam os dons da clarividência, da projeção astral, da telepatia e da levitação. A nossa versão do pecado

original é exatamente a de que o homem abusou desses poderes ocultos e usou-os para interesse próprio em vez de os usar para o benefício geral. Em dias remotos, toda a humanidade podia comunicar-se por meio de telepatia. Tribos locais tinham linguagens orais diferentes de que se serviam para uso próprio. Mas a comunicação telepática, é claro, era puramente em pensamento e podia ser compreendida por todos, sem recorrer a linguagens orais. Quando se perdeu o poder de telepatia, em consequência do abuso, resultou a Babel!

Nós não temos um domingo tal como no Ocidente: os nossos dias sagrados são observados no oitavo e décimo quinto dias de cada mês. Nesses dias há serviços religiosos especiais e, como são considerados sagrados, são geralmente dias de descanso. As nossas festas anuais, segundo me dizem, correspondem mais ou menos às festas cristãs, mas o meu conhecimento destas últimas é muito incompleto e não posso, portanto, pronunciar-me. As nossas festas são:

No primeiro mês, que corresponde aproximadamente ao mês de fevereiro, celebra-se o Logsar, do primeiro ao terceiro dia. No mundo ocidental equivaleria, mais ou menos, ao Ano Novo. É uma festa de folguedos e também de cerimónias religiosas. A maior cerimónia religiosa do Tibete tem lugar desde o quarto ao décimo quinto dia: os "dias da suplicação", ou, em tibetano, *Mon-lam.* Esta cerimónia é a culminação do ano religioso e secular. No décimo quinto dia ainda do mesmo mês comemoramos o Aniversário da Concepção de Buda. Isto não é ocasião para folguedos, mas para solenes ações de graças. Para completar o mês, no dia vinte e sete temos uma celebração, que é em parte religiosa e em parte mítica: a procissão do Punhal Sagrado. Com esta, acabam-se os acontecimentos do primeiro mês.

O segundo mês, que corresponde, mais ou menos, a março, é um mês de poucas cerimónias. No dia vinte e nove há a Perseguição e Expulsão dos Demónios da Má Sorte. No terceiro mês, abril, há também muito poucas cerimónias. No dia quinze há o Aniversário da Revelação.

No oitavo dia do quarto mês, maio no calendário ocidental, celebramos o aniversário da Renúncia do Mundo por Buda. Segundo posso depreender, é semelhante à Quaresma dos cristãos. «Durante os dias da Renúncia a nossa vida torna-se ainda mais austera. O décimo quinto dia é o Aniversário da Morte de Buda. Consideramos este dia como o aniversário de todos os mortos, um Dia de Todos os Santos. Nesse dia queimamos os paus de incenso para chamar os espíritos errantes ainda presos à Terra.

É preciso notar que estas são apenas as festas mais importantes; há muitas outras de menor significado, em que temos serviços especiais, mas que não são suficientemente importantes para descrever aqui.

Durante junho, no quinto dia, os lamas-médicos têm de atender cerimónias especiais em outros lamasté-rios. Essas celebrações são de agradecimento pelo Ministério dos Monges-Médicos, de que o próprio Buda foi o fundador. Nesse dia, não podemos cometer o mais ligeiro erro, mas no dia seguinte somos sempre chamados à pedra pelos nossos superiores por aquilo que eles imaginam que tenhamos feito!

O Aniversário do Nascimento de Buda é no quarto dia do sexto mês, julho. É também nessa altura que celebramos a Primeira Pregação da Lei.

No oitavo dia do oitavo mês, outubro, fazemos a Festa da Colheita. Como o Tibete é um país árido, sequíssimo, dependemos dos rios muito mais que outras nações. No Tibete a pluviosidade é muito baixa, de forma que combinamos a Festa das Colheitas com a Festa das Águas, porque sem a água dos rios não poderia haver colheitas nos campos.

No vigésimo segundo dia do nono mês, novembro, comemoramos o aniversário da Descida Miraculosa de Buda do Céu. No mês seguinte, o décimo, celebramos, a vinte e cinco, a Festa das Lâmpadas.

Os últimos acontecimentos religiosos do ano passam-se nos dias vinte e nove e trinta do décimo segundo mês, que é a transição de janeiro para fevereiro no calendário ocidental.

Nessa altura fazemos a Expulsão do Ano Velho e preparamo-nos para o Ano Novo.

O nosso calendário é muitíssimo diferente do ocidental; usamos um ciclo de sessenta anos, em que cada ano é designado por uma combinação diferente de doze animais e cinco elementos. O Ano Novo, como se disse, é em fevereiro. Aqui está o calendário para o ciclo atual, que começou em 1927:

1927 o ano da Lebre de Fogo;
1928 o ano do Dragão de Terra;
1929 o ano da Serpente de Terra;
1930 o ano do Cavalo de Ferro;
1931 o ano do Carneiro de Ferro;
1932 o ano do Macaco de Água;
1933 o ano da Ave de Água;
1934 o ano do Cão de Madeira;
1935 o ano do Porco de Madeira;
1936 o ano do Rato de Fogo;
1937 o ano do Boi de Fogo;
1938 o ano do Tigre de Terra;
1939 o ano da Lebre de Terra;
1940 o ano do Dragão de Ferro;
1941 o ano da Serpente de Ferro;
1942 o ano do Cavalo de Água;
1943 o ano do Carneiro de Água;
1944 o ano do Macaco de Madeira;
1945 o ano da Ave de Madeira;
1946 o ano do Cão de Fogo;
1947 o ano do Porco de Fogo;
1948 o ano do Rato de Terra;
1949 o ano do Boi de Terra;
1950 o ano do Tigre de Ferro;
1951 o ano da Lebre de Ferro;
1952 o ano do Dragão de Água;
1953 o ano da Serpente de Água;
1954 o ano do Cavalo de Madeira;
1955 o ano do Carneiro de Madeira;

1956 o ano do Macaco de Fogo;
1957 o ano da Ave de Fogo;
1958 o ano do Cão de Terra;
1959 o ano do Porco de Terra;
1960 o ano do Rato de Ferro;
1961 o ano do Boi de Ferro; e assim por diante.

É parte da nossa crença ser possível prever o futuro. Para nós, profetizar, por vários meios, é uma ciência, e uma ciência rigorosa. Acreditamos firmemente na astrologia. Para nós, "influências astrológicas" não passam de raios cósmicos "coloridos" ou alterados pelos corpos que os refletem para a Terra. Toda a gente concorda que é possível, com uma câmara e luz branca, obter uma fotografia de um objeto. Antepondo à lente da câmara filtros — ou colocando esses filtros na trajetória da fonte luminosa — podemos obter certos efeitos especiais na fotografia. As pessoas são afetadas da mesma maneira pelas radiações químicas e elétricas.

Desde 1027 todas as decisões mais importantes do Tibete têm sido tomadas com o auxílio de astrólogos. A invasão do meu país pelos ingleses em 1904 tinha sido minuciosamente prevista. Na página 142 reproduz-se o texto tibetano dessa profecia. Ali se lê: "No ano do Dragão de Madeira. A primeira parte do ano protege o Dalai-Lama, mas depois disso dar-se-ão lutas e a terra será assolada por invasores barulhentos. Haverá muitos inimigos, dar-se-ão tragédias inumeráveis e o povo lutará. No fim do ano um árbitro conciliatório acabará a guerra". Isto fora escrito no ano de 1850, e refere-se ao ano de 1904, o ano do Dragão de Madeira. Younghusband, que comandou a força expedicionária inglesa, viu a profecia em Lhasa. Um tal Sr. L. A. Waddell, também do exército britânico, viu a profecia impressa em 1902; Charles Bell, que mais tarde visitou Lhasa, também a viu. Outros acontecimentos que também foram corretamente previstos incluem: 1910, invasão do Tibete pelos chineses; 1911, Revolução Chinesa e formação do governo nacionalista; também em 1911, expulsão dos chineses do Tibete; 1914, Grande Guerra; 1933, passagem do Dalai- Lama para outra vida;

1935, volta de uma nova encarnação do Dalai-Lama; 1950, as forças do mal invadem o Tibete. Os comunistas invadiram o Tibete em outubro de 1950. O Sr. Bell, mais tarde *Sir* Charles Bell, viu e leu todos esses prognósticos em Lhasa. No meu próprio caso, tudo o que fora previsto se passou. Especialmente as dificuldades.

A PROFECIA

༎ དབང་ཐང་བསྟན་སྲིད་གཉིས་ལོ་ཉིང་མོ་འབྱུག

།ལོ་སྙིང་རྒྱལ་པོ་ཀ་ཤོར་ཀྱུའི་སྐྱོང་།

།ཆོས་ཀྱན་ཞེན་ཚེ་རྟོད་འབྱུག་རོང་།

།དགྲ་རྒྱུན་ལ་སོགས་འཚེར་པ་མང་།

།མཆོད་གྱི་ཕྱག་བསྐལ་སྣ་ཚོགས་འབྱུང་།

།ཆར་བབས་སྐྱ་རྒྱལ་ལ་བུ་འཕྱུག

།ལོ་སྨད་ཀ་ཡུལ་རྒྱལ་སྨན་དགའ་མཁན།།

A ciência — pois de ciência se trata — de preparar um horóscopo não é de natureza a poder ser explicada em meia dúzia de páginas num livro desta natureza. Consiste, sucintamente, em preparar mapas do céu tal como se apresentava na altura da concepção e do nascimento. É preciso conhecer a hora exata do nascimento, e essa hora tem de ser traduzida em "tempo estelar", que é muito diferente do tempo de

qualquer das áreas do mundo. Como a velocidade da Terra na sua órbita é de cerca de trinta quilómetros por segundo, é fácil conceber que a menor incorreção faz uma diferença tremenda. No equador a velocidade rotacional da Terra é de cerca de mil seiscentos e sessenta quilómetros por hora; o mundo é inclinado sobre o seu eixo, de forma que o pólo norte está a cerca de cinco mil quilómetros à frente do pólo sul no outono, enquanto na primavera a posição é inversa. A longitude do local de nascimento é portanto de importância vital.

Quando os mapas estão preparados não é difícil, àqueles que têm a necessária sabedoria, interpretar o seu significado. É preciso determinar as inter-relações entre cada um dos vários planetas e calcular o efeito dessas inter-relações naquele mapa particular. Prepara-se uma carta da concepção para conhecer as influências em jogo durante os primeiros momentos da existência do indivíduo; o mapa do nascimento indica as influências atuantes no momento em que o indivíduo aparece no mundo. Para prognosticar o futuro preparamos um mapa do momento que se deseja conhecer e compara-se este com o mapa do nascimento. Algumas pessoas têm-se perguntado: "Mas é-lhes de fato possível saber quem vai ganhar a corrida das duas e meia?" A resposta é: *"Não!"*, a menos que se preparem horóscopos para cada homem, cada cavalo, cada jóquei que toma parte na corrida. Nestes casos, o melhor método é fechar os olhos e espetar a lista com um alfinete. Mas podemos saber se uma pessoa se restabelecerá de uma doença, ou se Tom casa com Mary e vivem muito felizes; mas nestes casos trata-se de indivíduos.

Outro problema que às vezes parece mistificar os ocidentais é o de conhecer o passado das pessoas. Aqueles que não têm as necessárias aptidões dizem que tal coisa é impossível, assim como uma pessoa completamente surda de nascença poderá dizer: "Não ouço som algum, portanto o som não existe". É possível determinar as encarnações prévias. Leva tempo, são precisos muitos mapas e muitos cálculos. Uma pessoa pode estar num aeroporto a imaginar de onde virá e onde parou o avião

prestes a aterrar. Pode, talvez, fazer um palpite, mas o pessoal da torre de controle, com o seu conhecimento especializado, pode dizer com certeza. Se um visitante qualquer tem uma lista dos aviões e um bom horário, será capaz, por si só, de calcular em que aeroporto o avião que chegou parou. Assim fazemos com as vidas passadas. Seria necessário, pelo menos, um livro inteiro para explicar o processo, portanto é inútil ir mais longe nesta narrativa. Talvez tenha interesse, no entanto, dizer quais os pontos que a astrologia tibetana cobre. Usamos dezenove símbolos nas doze casas de astrologia. Esses símbolos indicam:

Personalidade e interesse pessoal;

Finanças: como pode o indivíduo ganhar e perder dinheiro;

Relações, pequenas viagens, aptidões intelectuais;

Propriedades e condições no fim da vida;

Crianças, prazeres e especulações;

Doenças, trabalho e animais domésticos;

Sociedades, casamentos, inimigos e questões legais;

Heranças;

Viagens longas e questões psíquicas;

Profissão e honrarias;

Amizades e ambições;

Dificuldades, constrangimentos e desgostos ocultos.

Podemos também prever a data aproximada, ou as condições em que os incidentes seguintes ocorrerão:

Amor: tipo de pessoa e data do encontro; Casamento: quando e como decorrerá; Paixão, da espécie "furiosa";

Catástrofe: como ocorrerá, ou *se* ocorrerá;

Fatalidade;

Morte: quando e como;

Prisão, ou outras formas de limitação de liberdade;

Discórdias: especialmente familiares e de negócios;

Espírito: o estado de evolução atingido.

Ainda que me entregue a uma grande quantidade de trabalho astrológico, acho que a psicometria e a leitura de cristais são muito mais rápidas e de nenhuma forma menos rigorosas. Torna-se também mais fácil quando, como eu, não se tem

grandes aptidões matemáticas! A psicometria é a arte de induzir a partir de um objeto ligeiras impressões acerca de acontecimentos passados. Toda a gente tem, até certo ponto, essa aptidão. Uma pessoa entra muna igreja ou templo antigo, santificado pela passagem dos anos, e dirá: "Que atmosfera tão calma e repousante!" Mas essa mesma pessoa visitará o local onde se passou um assassínio horrível, mesmo sem o saber, e exclamará: "Não gosto disto aqui, faz-me nervoso, vamo-nos embora".

A leitura de cristais é muito diferente. O "vidro" — como anteriormente se disse — serve simplesmente para focar os raios na terceira visão, exatamente como se focam sobre um *écran* os raios X: esta focagem revela uma imagem fluorescente. Não há nisto qualquer mágica, trata-se simplesmente de uma utilização de leis naturais.

SIMBOLISMO DO CHORTEN TIBETANO

No Tibete temos monumentos a "leis naturais". São os chamados *chortens*, que variam em tamanho de metro e meio a vinte metros de altura, e que são símbolos comparáveis ao crucifixo ou ao ícone. Esses *chortens* podem ser vistos por todo o Tibete. No esboço do mapa de Lhasa indicam-se as

localizações de cinco, dos quais o Pargo Kaling é o maior e constitui uma das estradas da cidade. Os *chortens* têm sempre a forma ilustrada na página seguinte. O bloco cúbico indica a sólida fundação da Terra; sobre este cubo equilibra-se um Globo de Água, corado por um Cone de Fogo. Sobre este equilibra-se um Pires de Ar e, no topo, o Espírito (Éter) aguarda o momento de abandonar o mundo material. Cada um dos elementos é atingido por meio dos Degraus da Realização. O conjunto simboliza as crenças tibetanas. Chegamos à Terra quando nascemos. Durante a vida vamos escalando, ou tentando escalar, cada vez mais alto, por meio dos Degraus da Realização. Até que por fim o nosso alento nos falta e entramos no espírito. Depois, passado um intervalo maior ou menor, renascemos para aprender outra lição. A Roda da Vida simboliza o rolar infindável: nascimento-vida-morte-espírito-nascimento-vida... etc. Muitos estudantes das nossas crenças cometem o erro grave de pensar que nós *acreditamos* naqueles infernos horrorosos por vezes representados na Roda. Talvez alguns camponeses analfa-betos acreditem, mas de forma nenhuma as pessoas educadas na religião. Ou será possível que os cristãos acreditem a sério que, quando morrem, Satanás e os demónios começam a sua tarefa de assar e torturar? Acreditam realmente que, se forem para o Outro Lugar (sendo um dos

da minoria!), vão ficar sentados numa nuvem, em roupa de dormir, a receber lições de harpa? Nós acreditamos que estamos *na Terra* para aprender, e que é *na Terra* que sofremos o "assar e torturar". O Outro Lugar, para nós, é o local para onde o nosso espírito vai quando sai do corpo, onde podemos encontrar outros espíritos também libertos dos seus corpos. Isto não é espiritualismo. É uma crença de que durante o sono, ou depois da morte, temos a liberdade de passear pelos planos astrais. O nosso termo para as camadas mais altas desse «plano é o "País da Luz Dourada". Temos *& certeza* de que quando nos encontramos, nos planos astrais, depois da morte, ou durante o sono, podemos encontrar-nos com aqueles que amamos, porque estamos em harmonia com eles. Não nos podemos encontrar

com aqueles de quem não gostamos, porque isso daria origem a uma situação de desarmonia, inconcebível, por definição, no País da Luz Dourada.

Todas essas coisas têm sido provadas durante séculos, e é de fato uma pena que o materialismo e o ceticismo do Ocidente tenham impedido a ciência de ser *propriamente* investigada. Grandes coisas que no passado foram objeto de escárnio a passagem dos anos acabou por demonstrar serem possíveis e verdadeiras: o telefone, o rádio,' a televisão, a aviação e muitas mais.

Capítulo onze

"TRAPPA"

Resolvera, no meu entusiasmo juvenil, passar nos meus exames à primeira tentativa. Conforme a data do meu décimo segundo aniversário se aproximava, fui gradualmente abrandando o ritmo dos meus estudos, porque o exame devia começar no dia seguinte ao meu aniversário. Os últimos anos tinham sido preenchidos com trabalho intenso: astrologia, medicina herbal, anatomia, ética religiosa, e até a composição correta do incenso; línguas ti-betana e chinesa, com especial referência a uma boa caligrafia, e matemática. Pouco tempo tinha havido para jogos; o único "jogo" permitido era *jiu-jitsu*, acerca do qual tinha de fazer um exame rigoroso. Cerca de três meses antes, o Lama Mingyar Dondup tinha-me dito: "Não faça muitas revisões, Lobsang; só servem para sobrecarregar a memória. Mantenha-se calmo, como está agora, e os conhecimentos não lhe falharão".

E assim chegou o dia. Às seis da manhã apresentei-me, com mais quinze candidatos, na sala dos exames. Assistimos a um pequeno serviço religioso destinado a pôr-nos no estado mental adequado e depois, para se certificarem de que nenhum de nós

tinha se rendido a tentações impróprias de sacerdotes, tivemos de nos despir e submeter a uma busca, e de vestir mantos lavados. O exa-minador-chefe conduziu-nos do pequeno templo aos cubículos individuais. Esses cubículos eram caixas de pedra com cerca de dois metros por três e meio e cerca de dois e meio de altura. Cá fora monges-polícias mantinham patrulha permanente. Cada um de nós ocupava um cubículo; uma vèz entrados, a porta era fechada a chave e selada.

Quando estávamos todos encerrados e selados, monges traziam-nos materiais para escrever e o primeiro questionário, que nos entregavam por um pequeno postigo. Traziam-nos também chá amanteigado e *tsampa*. Ser-nos-ia servida *tsampa* três vezes por dia, mas chá podíamos pedir, quando nos aprouvesse. Depois deixavam-nos sós. Havia um assunto por dia durante seis dias, e tínhamos de trabalhar desde os primeiros alvores da manhã até ser escuro demais para poder continuar. Os cubículos não tinham teto, portanto recebíamos toda a luz que entrava na sala de exames.

Vivíamos aqueles seis dias dentro das nossas caixas sem poder sair sob nenhum pretexto. Quando a luz se extinguia, à noite, um monge vinha ao postigo buscar as nossas provas. Dormíamos então até a manhã seguinte. Posso dizer, por experiência própria, que um questionário sobre uma única matéria que leva catorze horas a responder é um bom teste de conhecimento e nervos. Na noite do sexto dia acabavam-se as provas escritas. Ficávamos nos cubículos até a manhã seguinte, pois, antes de os abandonar, tínhamos de os limpar e deixar como os tínhamos encontrado. No resto desse dia fazíamos o que queríamos, para descansar. Três dias depois, quando os nossos papéis tinham sido examinados, éramos chamados, um de cada vez, para prestar provas orais; as perguntas eram baseadas exclusivamente nos pontos onde tínhamos mostrado fraqueza, e os interrogatórios ocupavam o dia inteiro.

Na manhã seguinte, íamos para a sala de *jiu-jitsu* para sermos submetidos a um exame. Cada um de nós tinha de lutar contra três dos outros candidatos. Os menos aptos eram depressa

eliminados. Gradualmente todos foram sendo eliminados, e, por fim, devido unicamente à instrução inicial que recebera de Tzu, só eu ficara. Em *jiu-jitsu,* pelo menos, tinha ficado em primeiro lugar!

No dia seguinte descansamos das canseiras daquela série de exames e só no outro dia fomos informados dos resultados. Eu e mais quatro tínhamos passado: éramos agora *trappas,* ou sacerdotes-médicos. O Lama Mingyar Dondup, que eu não vira durante a duração dos exames, mandou-me chamar ao seu quarto. Quando entrei saudou-me com um sorriso de satisfação. "Saiu-se muito bem, Lobsang. É o primeiro da lista. O abade superior mandou um relatório especial ao Dalai-Lama. Ele queria sugerir que você fosse imediatamente nomeado lama, mas eu me opus." Viu o meu ar um pouco cabisbaixo e explicou: "É melhor para você estudar e ser admitido a lama pelos seus próprios méritos. Receber o grau como uma dádiva fá-lo-ia perder imensa instrução, instrução que mais tarde lhe será muitíssimo útil. Contudo, pode mudar-se já para o quarto ao lado do meu, pois sei que *passará* nos exames quando a hora chegar".

A sugestão parecia-me razoável e estava perfeitamente disposto a seguir o caminho que o meu guia me aconselhasse. Deu-me grande satisfação saber que o meu êxito seria o seu êxito, que ele receberia o devido crédito por eu ter ficado em primeiro lugar em todas as matérias.

Dias depois, chegou-nos da Potala um mensageiro, ofegante, com a língua de fora e quase moribundo — na aparência! — com um recado d'O Mais Alto. Os mensageiros entregavam-se sempre, como já foi dito, a estas manifestações teatrais, mas neste caso, como a Potala era só a quilómetro e meio de distância, achei que a representação era um pouco exagerada.

O Mais Alto dava-me os parabéns pelo meu êxito e comunicava-me que a partir daquela data seria considerado lama; deveria usar o manto de lama e ficava admitido a todos os direitos e privilégios daquele grau. No entanto, concordava com o meu guia em que eu devia apresentar-me a exame quando

atingisse os dezesseis anos, "pois dessa maneira teria o estímulo para estudar as matérias que de outra forma não teria ocasião de tratar, e aumentaria assim os meus conhecimentos".

Agora que era um lama teria muito maior liberdade para estudar sem ser detido pelo nível geral de uma classe. Isso significava também que todos os que possuíssem conhecimentos especializados me podiam ensinar, de forma que me era possível aprender com tanta rapidez quanto possível.

Uma das primeiras coisas que tinha de aprender era a arte da descontração, sem a qual é impossível um indivíduo dedicar-se a sério a estudos de metafísica. Um dia, o Lama Mingyar Dondup entrou no quarto onde eu estudava. Olhou para mim e disse: "Lobsang, está todo contraído. Ser-lhe-á impossível progredir na contemplação pacífica, a menos que se descontraia. Vou mostrar-lhe como se faz".

Para começar disse-me que me deitasse, pois embora seja possível uma pessoa descontrair-se sentada, e até de pé, é melhor começar pela posição horizontal. "Imagine que você caiu do alto de uma ribanceira, e que está por terra, uma figura quebrada, com todos os músculos soltos, com as pernas e braços dobrados tal como tombaram e a boca ligeiramente aberta, pois só assim os músculos faciais se descontraem." Contorci-me até me colocar na posição desejada. "Agora imagine que os seus braços e pernas estão cheios de homúnculos que o fazem trabalhar puxando-lhe os músculos. Diga a esses homúnculos que abandonem os seus pés até você não sentir neles sensação alguma, nem movimento, nem tensão. Explore os seus pés com a mente até ter certeza de que nenhum músculo está trabalhando." Ali fiquei deitado, tentando imaginar cís homúnculos. "Agora faça o mesmo com as pernas. A barriga das pernas; deve haver uma quantidade de homúnculos aí, Lobsang. Deu-lhes trabalho bastante esta manhã quando saltava. Deixe-os agora descansar. Faça-os subir na direção da cabeça. Saíram todos? Tem certeza? Apalpe a mente. Faça-os sair e deixar os músculos sem guarda, de forma a senti-los soltos e flácidos." De repente calou-se e apontou: "Olhe! esqueceu-se de alguém na

sua perna. Há aí um homúnculo a repuxar um dos músculos da coxa. Mande-o embora, Lobsang, mande-o embora". Por fim as minhas pernas estavam descontraídas a seu contento.

"Agora faça o mesmo com os braços, a partir dos dedos. Faça-os sair, faça-os subir pelos punhos, até os cotovelos, emaranhar até os ombros. Imagine que está chamando os homúnculos todos até não haver mais tensão ou sensação." Quando ficou satisfeito continuou: "Agora faça o mesmo com o corpo. Finja que o seu corpo é um lamastério. Pense nos monges todos que lá vivem dentro a fazê-lo trabalhar. Mande-os sair. Comece pelo abdómen, relaxe os músculos todos. Faça-os deixar o que estão fazendo e partir. Faça que abandonem todos os seus músculos de modo a que o seu corpo mantenha a forma unicamente à custa da pele, e que assim cada músculo e órgão tombe e se relaxe no nível que melhor lhe convier. Só nessa altura o seu corpo estará perfeitamente descontraído".

Aparentemente ele ficou satisfeito com o meu progresso, porque continuou: "A cabeça é talvez a parte mais importante durante â descontração. Vamos a ver o que pode fazer-se aí. Repare na sua boca: há um músculo contraído a repuxar cada um dos cantos. Descontraia-os, Lobsang, descontraia um de cada vez. Não vai falar nem comer, portanto não precisa deles. Está com os olhos também contraídos. Aqui não há luz para os perturbar, portanto, deixe cair as pálpebras levemente, levemente, sem nenhuma força". Voltou-se e olhou para fora da janela. "O nosso melhor expoente da arte de descontrair está ali fora a gozar o sol. Você podia aprender muito com a maneira por que um gato se descontrai; não há homem algum que o faça tão bem como ele."

Escrever tudo isto leva muito tempo, e pela leitura parece difícil, mas com um pouco de prática é muito simples a qualquer pessoa descontrair-se num segundo. Esse sistema de descontração nunca falha. As pessoas que vivem na tensão permanente dos cuidados da civilização se beneficiariam grandemente se praticassem esse sistema e passassem depois ao sistema mental que se segue. Para isto as instruções são

ligeiramente diferentes. O Lama Mingyar Dondup disse-me: "Pouco se ganha com a descontração física quando se mantém a tensão mental. Enquanto está assim deitado e descontraído, deixe o seu espírito ocupar-se durante um momento com os seus pensamentos. Siga esses pensamentos paulatinamente e veja o que são, veja como são triviais. Agora pare-os, não permita o fluir de mais qualquer pensamento. Imagine um quadrado negro de nada, com os pensamentos a tentarem saltar de um lado para outro. De princípio alguns tentarão atravessar o quadrado. Vá atrás deles, faça-os voltar à primeira forma, obrigue-os a saltar outra vez esse espaço negro. Imagine esse espaço de fato, torne-o definitivamente visual e dentro em pouco você 'verá' realmente a negrura sem esforço e gozará da descontração mental e física perfeita".

Também neste caso é muito mais difícil explicar que fazer. Com um pouco de prática é na realidade muito simples, e é essencial às pessoas descontraírem-se. Muita gente nunca fechou o espírito e os pensamentos são como alguém que tentasse trabalhar fisicamente dia e noite sem repouso. Alguém que tentasse marchar sem descanso, durante alguns dias e noites, em breve tombaria de fadiga, e no entanto o cérebro nunca recebe o descanso devido. Entre nós não se poupam esforços para treinar o espírito.

Em dias alternados, antes de iniciar as nossas práticas de *jiu-jitsu*, tínhamos de recitar os Degraus do Caminho Médico, as pedras basilares do budismo, que dizem:

Vistas justas — que são vistas e opiniões livres de ilusões e de egoísmo;

Aspirações justas — pelas quais todas as intenções e opiniões devem ser elevadas e dignas;

Palavras justas — que tornam o indivíduo pacífico, honesto e desinteressado;

Vida justa — para obedecer a esse princípio é preciso evitar magoar pessoas ou animais, e tem de se conferir a estes últimos os seus direitos como seres vivos;

Esforços justos — em que é preciso exercer autodomínio e submeter-se a treino constante;

Atenção justa — em ter sempre pensamentos justos e esforçar-se por fazer só aquilo que se sabe ser correto;

Êxtase justo — o prazer que deriva da meditação nas realidades da vida e no Ser Superior.

Se algum de nós cometia uma ofensa contra estes princípios tinha de se deitar de bruços na entrada do templo, de forma que todos os que entravam tinham de lhe passar por cima do corpo. Ali tinha de ficar desde o romper da aurora até o anoitecer sem se mover, sem comida ou bebida. Tal punição era considerada uma das maiores desgraças.

Mas agora eu era um lama. Um dos da *elite*. Um dos seres superiores. Excelente. Mas havia inconvenientes: antes eu tinha de obedecer ao número atemorizante de trinta e duas regras de conduta sacerdotal. Como lama verifiquei, com horror e desânimo, que o total das regras a que estava sujeito era de duzentas e trinta e três, e em Chakpori o lama sensato *não* se atrevia a quebrar uma única regra! Parecia-me que o mundo estava tão cheio de coisas a aprender que receei que a minha cabeça estourasse. Mas era agradável sentar-me no telhado a ver o Dalai-Lama chegar ao Norbu Linga, o Parque das Jóias, mesmo ali embaixo. Tinha de conservar-me escondido enquanto observava O Mais Alto, porque ninguém pode olhá-lo de cima. Lá embaixo também, mas do outro lado da nossa Montanha de Ferro, podia ver os parques lindíssimos, o Khati Linga, e, mesmo do outro lado da ribeira chamada Kaling Chu, o Dodpal Linga. *"Linga"* significa "parque", e é a ortografia que mais se aproxima da pronúncia da palavra tibetana. Mais para o norte podia ver a Porta Ocidental, o Pargo Kaling. Esse enorme *chorten* assentava de um lado ao outro da estrada que vem de Drepung, através da aldeia de Shõ, e penetrava no coração da cidade. Mais perto, quase na base do Chakpori, havia um *chorten* que comemorava um dos nossos heróis históricos, o Rei Kesar, que viveu nos dias belicosos antes da introdução no Tibete do budismo e da paz.

Trabalho? Tínhamos bastante, mas em compensação também gozávamos os nossos prazeres. Era uma compensação, e bem grande, viver com homens como o Lama Mingyar Dondup, homens cujos únicos pensamentos eram a paz e a ajuda aos seus semelhantes. Era uma compensação também poder olhar para aquele lindíssimo vale, tão verde e semeado de árvores amadas; ver as águas azuis colear por entre as montanhas, os *chortens* brilhantes, os pitorescos lamastérios e os eremitérios alcandorados em rochedos inacessíveis. Olhar com reverência para as cúpulas douradas da Potala, ali tão perto, e para os telhados brilhantes do Jo-kang, um pouco mais para o oriente. A camaradagem dos outros, o respeito um pouco acanhado dos monges menores, o perfume familiar do incenso que se evolava nos templos — estas coisas constituíam a nossa vida, uma vida que valia a pena viver. Dificuldades? Imensas. Mas valia a pena; há em todas as comunidades ovelhas negras, pessoas de menor compreensão e menos fé; mas em Chakpori eram uma minoria insignificante.

Capítulo doze

PLANTAS E "PAPAGAIOS"

As semajias voavam. Havia tanto trabalho, tanto estudo, tantos planos a fazer! Estava agora em condições de penetrar muito mais profundamente nas ciências ocultas e de receber treino especial. Um dia, no princípio de agosto, o meu guia me disse: "Este ano faremos parte da expedição à escolha das plantas. Com isso adquirirá muita experiência útil sobre as plantas no seu estado natural, e vai pela primeira vez voar em papagaios a sério!" Durante duas semanas toda a gente andou azafamada. Era preciso fazer novos sacos de couro e limpar os velhos; era preciso preparar as tendas e examinar cuidadosamente os animais para ter a certeza de que estavam em condições de fazer a longa viagem. A expedição compor-se-ia

de duzentos monges e a nossa base de operações seria o velho Lamas-tério de Tra Yerpa, de onde partiriam todos os dias grupos para colher as plantas nas imediações. Partimos no fim de agosto no meio de grande ruído e excitação. Os que ficavam amontoavam-se perto da entrada, com inveja dos que partiam para aquelas férias aventurosas. Como lama, eu montava um cavalo branco. Um pequeno grupo, no qual eu estava incluído, partiria à frente, com um mínimo de equipamento, de forma a chegarmos a Tra Yerpa com alguns dias de avanço sobre o grosso da expedição. Os cavalos podiam cobrir entre vinte e quatro e trinta quilómetros por dia, mas os iaques só raramente poderiam exceder doze a quinze quilómetros.

A guarda avançada, num total de vinte e sete, ficou bem contente de chegar ao mosteiro com alguns dias de antecedência. O caminho tinha sido difícil, e eu, pelo menos, nãp gostava muito de andar a cavalo. Agora já me conseguia aguentar na sela, mesmo com o cavalo a galope, mas por aí ficavam as minha proezas. Do 'lamastério, tinham-nos visto quando começávamos a subir a montanha, e os monges que viviam ali permanentemente prepararam grandes quantidades de chá, *tsampa* e hortaliças. Não era só altruística a hospitalidade que nos prestavam; movia-os a ansiedade de receber notícias de Lhasa e os costumados presentes que lhes levávamos. No telhado plano do templo grandes braseiros de incenso atiravam para o céu densas colunas de fumo. Entramos a trote no pátio, com novas energias derivadas da certeza de termos chegado ao nosso destino. A maioria dos outros lamas tinha ali amigos velhos. Toda a gente parecia conhecer o Lama Mingyar Dondup, que foi arrancado do meu lado pelos grupos que nos recebiam; ali fiquei sozinho, mas dentro em pouco ouvi uma voz que me chamava: "Lobsang, Lobsang, onde está você?" Quando respondi, e antes que soubesse o que se passava, a multidão abrira-se à minha volta e engolira-me. O meu guia estava conversando com um abade idoso, que se virou nesse momento para mim e disse: "Então é esse o rapaz? Muito bem, hem, é tão novo!"

Como de costume, a minha maior preocupação era comer, e sem mais perda de tempo toda a gente se dirigiu para o refeitório, onde nos sentamos a comer em silêncio, como se ainda estivéssemos em Chakpori. Ninguém sabia ao certo se o Chakpori era uma ramificação de Tra Yerpa, ou vice-versa; o que era certo é que ambos os lamastérios se contavam entre os mais antigos do Tibete. O Tra Yerpa era famoso pela posse de alguns manuscritos realmente valiosos acerca de medicina vegetal, e eu ia ter a oportunidade de os ler e de coligir os apontamentos que desejasse. Ali se guardava o relatório da primeira expedição às terras altas de Chang Tang, escrito pelos dez monges que tinham empreendido essa estranha viagem. Mas para mim, pelo menos naquela altura, o que mais me interessava era o planalto próximo de onde iríamos lançar os nossos papagaios.

A paisagem era muito estranha. Picos imensos erguiam-se das montanhas, que subiam continuamente. Planaltos chatos, como jardins em terraços, subiam desde a base até os cumes como degraus enormes. Alguns desses degraus mais baixos eram riquíssimos em plantas medicinais. Encontrava-se ali uma variedade de musgo com poderes de absorção muito maiores que as esfagnáceas; havia também uma pequena planta de sementes amarelas com extraordinárias propriedades analgésicas. Os monges e acólitos iriam apanhar essas plantas e estendê-las a secar. Como lama, seria uma das minhas missões superintender esse trabalho; mas nessa expedição iria principalmente' receber instrução prática do Lama Mingyar Dondup e de especialistas em botânica. Mas naquele momento o único pensamento que me ocupava o cérebro eram os papagaios que levantavam homens. Guardavam-se no mosteiro as traves de abeto *(Pinus alvaris),* trazidas de países distantes, pois no Tibete não há tais árvores; a madeira de abeto, talvez do Assam, era considerada ideal para a construção de papagaios: capaz de resistir, sem quebrar, a pancadas violentas, leves e fortes.

Mesmo ali não abrandávamos muito a nossa disciplina; tínhamos também o nosso serviço da meia-noite, e todos os

outros intervalos regulares. Pensando bem, esse era o sistema mais sensato, pois ser-nos-ia mais doloroso cumprir as longas horas em Chakpori se agora nos descuidássemos. Mas durante todo o dia colhíamos plantas e soltávamos papagaios.

Ali, no lamastério agarrado ao lado da montanha, a luz do dia ainda brilhava, enquanto no fundo do vale a terra estava já coberta de sombras purpúreas e podia ouvir-se o vento da noite sussurrar por entre a vegetação rasteira. O sol foi mergulhando para lá dos picos distantes e nós também fomos mergulhados na escuridão. Abaixo de nós a terra parecia um lago negro. Não se via o mais ligeiro cintilar de luz. Tão longe quanto a vista podia alcançar não havia um único ser vivo, exceto naquele grupo de edifícios sagrados. Com o cair da noite o vento levantou-se e começou a tarefa dos deuses de varrer os cantos da Terra. O vento varria o vale abaixo de nós, era aprisionado pela vertente da montanha e canalizado através das fendas das rochas para emergir perto de nós com um som cavo e triste, como uma concha gigantesca a chamar-nos ao serviço. À nossa volta as rochas estalavam e crepitavam ao contrair-se depois do calor do dia. As estrelas por cima de nós brilhavam vivas no céu muito escuro. Os velhos costumavam contar que as legiões de Kesar tinham lançado por terra as suas lanças à chamada do Buda e que as estrelas eram os reflexos das luzes do céu a brilhar através dos buracos.

Subitamente, ouviu-se outro som que se sobrepunha ao do vento: as trombetas do templo que soavam ao findar de mais um dia. No alto do telhado, podia vagamente distinguir as silhuetas dos monges, com os mantos a esvoaçar, entregues aos seus ofícios sacerdotais. Para nós o soar das trombetas significava cama até a meia-noite. Espalhados pelos vários templos e salas, pequenos grupos de monges discutiam os negócios de Lhasa, conversavam acerca do nosso amado Dalai-Lama, a melhor de todas as suas encarnações. Quando as trombetas anunciaram o fim do dia, dispersaram-se lentamente e cada um se dirigiu para a sua cama. Pouco a pouco, foram-se extinguindo os sinais de vida no lamastério e reinou uma atmosfera de enorme paz.

Estendi-me de costas a olhar através da pequena janela. Naquela noite, havia um excesso de pensamentos na minha cabeça para poder, ou querer, dormir. As estrelas brilhavam acima de mim e tinha toda a minha vida pela frente. Conhecia muito do que me estava reservado, todos os pormenores me tinham sido prognosticados, mas havia muitas coisas que não me tinham sido ditas. E aquelas profecias acerca do Tibete: *por que* nos iriam invadir? Que tínhamos nós feito, uma nação amante da paz, sem outra ambição que a de se desenvolver espiritualmente? Por que cobiçariam outras nações a nossa terra? Não desejávamos coisa alguma que não fosse nossa: por que haviam outros povos de nos querer conquistar e escravizar? Tudo o que queríamos era que nos deixassem sozinhos para seguir o nosso modo de vida. E de mim esperava-se que fosse viver entre os que mais tarde haviam de invadir-nos, curar-lhes os doentes, ajudar os seus feridos numa guerra que ainda nem sequer havia começado. Conhecia as profecias, sabia os incidentes e marcos salientes da minha vida, e no entanto tinha de avançar no meu caminho como um iaque a seguir uma trilha, conhecendo de antemão as paragens e lugares de descanso, sabendo os locais onde o pasto era escasso, e no entanto forçado a arrastar os pés até o local preestabelecido do meu destino. Mas talvez um iaque arrastando-se com esforço para atravessar o Cume da Prostração Reverente achasse o esforço compensador ao ver pela primeira vez a cidade sagrada, e. . .

O rufar dos tambores do templo acordou-me sobressaltado. Nem sequer sabia que tinha chegado a adormecer! Com pensamentos pouco sacerdotais a ocupar-me o cérebro, levantei-me a cambalear, procurando com as mãos amolecidas pelo sono um manto que me fugia. Como aquele lamastério era frio! E como lama tinha as minhas duzentas e Cinquenta e três regras a que obedecer! Bem, naquele mesmo momento estava quebrando uma delas ao entregar-me a pensamentos violentos por ter sido acordado tão abruptamente. Cambaleante, juntei-me aos outros, tão sonolentos como eu, que tinham chegado naquele dia.

Fomos todos para o templo a fim de juntar as nossas vozes aos cantos e contracantos do serviço.

Têm-me feito algumas vezes a seguinte pergunta: "Se conhecia de antemão todos os inconvenientes e dificuldades que haviam sido previstos, não lhe teria sido possível evitá-los?" A resposta mais evidente é a seguinte: "Se me tivesse sido possível evitar os vaticínios, o simples fato de os evitar teria provado que eram falsos!" Vaticínios indicam probabilidades, mas não significam que um homem seja destituído de livre arbítrio. Muito longe disso. Uma pessoa pode querer ir de Darjeeling a Washington. Sabe de onde parte e sabe o seu destino. Se se der ao trabalho de consultar um mapa verificará que há certos lugares pelos quais deverá passar para atingir o seu fim. Ainda que lhe seja possível evitar esses "certos lugares", nem sempre será aconselhável fazê-lo, pois o resultado poderá ser que a sua viagem se torne ou mais longa ou mais dispendiosa. Nem sempre vale a pena escolher o caminho mais fácil ou mais aconselhável. Na minha qualidade de budista, acredito na reencarnação; acredito que nós viemos a este planeta para aprender. Quando estamos na escola, tudo nos parece difícil e irritante. As lições de história, geografia, matemática, seja o que for, parecem-nos enfadonhas, desnecessárias, inúteis. Mas quando acabamos o curso, às vezes suspiramos com saudade da nossa velha escola. Chegamos a sentir tanto orgulho por ela que usamos emblemas, gravatas especiais, ou uma cor como distintivo da escola que frequentamos. O mesmo se passa com a vida. Também a vida é dura e dificultosa, e as lições que temos de aprender são destinadas unicamente a experimentar-nos. Mas quando abandonamos essa outra escola, a vida, talvez também usemos na outra um emblema como distintivo com o mesmo orgulho. Quanto a mim, mais tarde, espero usar o meu halo com garbo! Escandalizados? Nenhum budista se escandalizaria com tal afirmação. A morte é simplesmente o abandonar de uma casca velha e vazia para renascer num mundo melhor.

Aos primeiros alvores da manhã estávamos em pé, ansiosos por começar as nossas explorações. Quanto a mim, a minha

maior expectativa era ver os enormes papagaios, capazes de levantar um homem, de que tanto ouvira falar. Mas primeiro era preciso visitarmos todo o lamas-tério, de forma a podermos andar à vontade sem nos perdermos. Do alto do telhado olhamos os picos altíssimos e as profundas ravinas que se abriam aos nossos pés. A distância podia ver uma torrente tumultuosa, tinta de amarelo pelos barros arrancados às encostas. Mais perto, as correntes eram cristalinas e refletiam o azul puríssimo do céu. O sol elevava-se acima das montanhas e a frialdade do ar ia desaparecendo rapidamente. Ao meu lado um lama apontava-me respeitosamente alguns acidentes da paisagem. "Respeitosamente", porque eu era o discípulo do estimado Mingyar Dondup, e também porque eu possuía a terceira visão e era uma encarnação provada, um *triilku,* como nós dizemos.

Talvez alguns leitores estejam interessados em conhecer alguns pormenores do processo seguido para reconhecer uma encarnação. Os pais de um rapaz são levados a pensar, pela maneira como o filho se comporta, que a criança mostra mais conhecimentos .que os usuais para a sua idade, ou que possui certas "memórias" que não podem ser explicadas por meios normais. Procuram então o abade do lamastério local, que nomeia uma comissão para examinar o menino. Organizam-se horóscopos preliminares do período pré-natal e a criança é examinada para ver se apresenta certos sinais físicos. Deve ter, por exemplo, certas marcas peculiares nas mãos, nas espáduas e nas pernas. Se tais sinais se verificam inicia-se uma pesquisa de indícios da sua identidade prévia. Em certos casos, como aconteceu comigo, um grupo de lamas reconhece-a, e quando tal se verifica é possível colecionar um número de objetos que lhe pertenceram na vida anterior. Esses objetos são-lhe apresentados, juntamente com os outros de aparência idêntica, e o jovem tem de reconhecer *todos* os objetos, talvez uns nove, que lhe pertenceram na anterior encarnação. Tem de ser capaz de o fazer com a idade de três anos.

O respeitoso lama que se encontrava ao meu lado ia-me apontando as particularidades mais notáveis do distrito. Além, à

direita da queda-d'água, havia um lugar ótimo para colher *noli-me-tangere*[1], cujo suco se usa para extirpar calos e cravos e para aliviar casos de hidropisia e de icterícia. Mais além, naquele pequeno lago, podia colher-se o *Polygonum,* uma planta aquática cujas folhas usávamos para curar dores reumáticas e aliviar pacientes com cólera. Como há muita gente interessada em curas herbais dão-se a seguir alguns pormenores dos tipos mais comuns de plantas que usamos. Como desconheço as designações vernáculas dar-lhes-ei sempre os nomes latinos.

[1] *O* Nupaticos noli-me-tangere, *da família dos bálsamos. (N. do T.)*

O *Alium sativum* é um anti-séptico excelente e é também muito usado na cura da asma e de outras afecções do sistema respiratório. Outro anti-séptico poderoso, mas usado em doses pequeníssimas, é o *Balsamodendrum myrrha,* que se usa especialmente para as gengivas e membranas mucosas; usado interiormente acalma casos de histeria.

Uma planta muito alta, com flores cor de creme, produz um suco que evita as mordeduras de insetos; o seu nome é *Becconia cordata.* Talvez os insetos o soubessem e fosse o nome que os afugentasse! Tínhamos, também, uma planta que serve para dilatar as pupilas dos olhos, *Ephedra sinica,* que tem uma ação semelhante à da atropina, que é também muito útil em casos de baixa tensão arterial, além de ser um dos melhores remédios tibetanos contra a asma. Usávamos para esse fim os ramos e raízes secos e pulverizados.

Um dos aspectos desagradáveis da cólera, tanto para o paciente como para o médico, é o cheiro nauseabundo das partes ulceradas. O *Ligusticum levisticum* elimina o cheiro por completo. Aqui uma nota especial para as senhoras: os chineses usam as pétalas do *Hibiscus rosa-si-nensis* para enegrecer as sobrancelhas, assim como os sapatos de couro! Usamos uma loção feita das folhas fervidas desta planta para arrefecer o corpo de um doente febril. Outra nota para as senhoras: o *Lilium trigrinum* cura, sem sombra de dúvida, as nevralgias ovarianas,

e a *Flacourtia indica* ajuda as senhoras a libertar-se da maioria das suas condições especiais.

Do grupo *Sumachs rhus,* os chineses e japoneses usam a *vernicifera* para extrair laca; nós usamos a *glabra* para alívio de diabéticos, e a *aromática* em doenças de pele e afecções das vias urinárias e cistites. Outro adstringente poderoso que usamos em úlceras da bexiga extrai-se das folhas do *Arctestaphylos uva ursi.* Os chineses preferem *Bignonia grandiflora,* de cujas flores extraem um adstringente para uso geral. Mais tarde, em campos de prisioneiros, verifiquei a eficácia do *Polygonum bistorta* no tratamento de disenteria crónica.

As senhoras que se entregam a amores criminosos, mas bem sucedidos, podem usar um adstringente preparado com o *Polygonum erectum,* um dos métodos mais úteis para conseguir abortos. Para os que sofrem de queimaduras, podemos aplicar uma "pele nova": *Siegesbeckia orientalis,* uma planta alta, com cerca de um metro e trinta de altura, de flores amarelas; o suco, quando aplicado em feridas e queimaduras, forma uma pele nova, semelhante ao que sucede com o colódio; tomado interiormente, este suco tem uma ação semelhante à da camomila. Para coagular o sangue em feridas usamos o *Piter augustifolium.* Todas essas plantas são bastante comuns; mas a maioria das outras não têm nomes latinos, porque são inteiramente desconhecidas no Ocidente, onde esses nomes se originaram.

No nosso posto de observação, que abrangia toda a paisagem circundante, podia ver, no dia claro e cheio de sol, os vales e socalcos abrigados onde cresciam aquelas plantas. Mais longe, podia ver-se que o terreno se tornava cada vez mais desolado. Diziam-me que do outro lado da montanha, em cuja vertente ficava o mosteiro, se estendia uma região verdadeiramente árida. Poderia verificar tudo isso'por mim próprio, no fim da semana, quando me elevasse acima dos picos montado no meu papagaio.

Nessa mesma manhã, mais tarde, o Lama Mingyar Dondup mandou chamar-me e disse-me: "Vamos, Lobsang, vamos com os outros inspecionar o local para o lançamento dos papagaios.

Este vai ser o seu grande dia!" De nada mais precisava para apressar-me. Um grupo de monges, de mantos vermelhos, esperava por nós no portão principal; juntos descemos a escadaria e caminhamos ao longo do planalto batido pelos ventos.

Ali havia muito pouca vegetação; o terreno era de terra batida sobre o tabuleiro de rocha. Alguns arbustos raquíticos agarravam-se à parede rochosa como se receassem despenhar-se na ravina temerosa. Dirigimo-nos para a borda rochosa do planalto, do lado onde o pico se elevava numa vertente suave. Os nossos mantos colavam-se às costas e enfunavam-se à nossa frente, empurrando-nos com tal força que era difícil manter o passo e impedir-nos de correr. A uns sete ou dez metros da beira havia no chão uma fenda. Dali o vento soprava com velocidade ciclônica, projetando no ar, como flechas, pequenas pedras ou pedaços de liquens. O vento que soprava no fundo do vale era encurralado pelas formações rochosas, amontoava-se sem saída, comprimia-se sob grande pressão na fenda da rocha, para emergir no planalto com um rugido poderoso, alegre por se ver novamente liberto. Segundo me contaram, durante a estação dos vendavais o barulho era como o de demónios escapando das profundezas do inferno, berrando em busca de vítimas. As variações da pressão do vento no fundo da ravina alteravam a pressão na fresta e o som subia e descia de tom.

Mas nessa manhã a corrente de ar era constante. Era-me perfeitamente possível acreditar que rapazes pequenos que, por incúria, caminhavam sobre a fenda eram atirados ao ar para irem se despenhar setecentos metros mais abaixo nas rochas do fundo da ravina. Para o lançamento de papagaios era um lugar ideal, pois que a força do vento era tal que podia levantar o papagaio verticalmente.

Examinamos toda a área, conduzidos por monges experientes que iam mostrando os perigos a evitar: picos onde se sabia que havia correntes traiçoeiras que nos arrastariam para baixo, outros onde as correntes nos levariam lateralmente de eneontro às rochas. Cada monge que voava levava uma pedra à qual se

atava uma *khata* de seda onde estavam escritas orações aos deuses do ar para que abençoassem aquele intruso nos seus domínios. Quando se chegava suficientemente alto atirava-se a pedra aos ventos; e, conforme o lenço se ia desenrolando, os deuses dos ventos liam a oração e protegiam o voador.

No lamastério, ia grande atividade enquanto levávamos os materiais necessários para montar os papagaios. Cada elemento era cuidadosamente inspecionado. Os varais de abeto eram examinados centímetro a centímetro para nos assegurarmos de que não tinham defeitos de espécie alguma. Desenrolavam-se sobre um chão muito limpo as peças de seda que serviam para revestir o papagaio, e os monges inspecionavam o tecido minuciosamente. Quando a inspeção terminava, a armação era montada e segura com pequenas cunhas bem apertadas. O papagaio era em forma de caixa, com cerca de dois metros e meio de lado por dois metros e meio de altura e quase três metros e meio de comprimento. De cada lado estendiam-se asas com uns três metros de comprimento. Sob a armação fixava-se uma espécie de aduelas de bambu, que serviam de travões e protegiam as asas ao levantar e aterrar. O "chão" do papagaio, reforçado, tinha uma peça de bambu mais comprida, curvada na frente como as nossas botas tibetanas. Esse bambu tinha a grossura do meu pulso e estava montado de maneira que mesmo com o papagaio em repouso nenhuma porção de seda tocava o chão. Não fiquei muito satisfeito com a primeira vista da corda de pêlo de iaque; parecia frágil em excesso. Essa corda bifurcava-se em V, e cada ponta do V estava atada à base de uma das asas; o vértice ficava mesmo em frente das aduelas de bambu. Dois monges pegaram no papagaio e transportaram-no para a outra extremidade do planalto. Para o levar sobre a corrente de ar foi preciso a ajuda de todos para o segurar.

Para o ,vôo de experiência, sem ninguém lá dentro, fomos nós que puxamos a corda, sem ser necessário atrelar os cavalos; enquanto um grupo de monges puxava a corda, o mestre dos papagaios observava a manobra com toda a atenção. A um sinal dado os monges aceleraram; o papagaio chegou à fenda da rocha

e elevou-se no ar como um pássaro enorme. Os monges que manobravam a corda eram homens muito experientes e iam largando a corda progressivamente de forma a que o papagaio ganhasse altura. Enquanto seguravam a corda com firmeza, outro monge, enrolando o manto em volta da cintura, trepou pela corda até cerca de três metros para verificar a força do vento. Seguiu-se-lhe outro e mais outro. Verificou-se que a força da corrente de ar era bastante para elevar dois adultos e um garoto, mas não suficiente para três adultos. O mestre dos papagaios não se deu por satisfeito; os monges começaram a puxar a corda, evitando que o aparelho se aproximasse da corrente de ar, e fizeram o papagaio aterrar.

Seguindo as instruções do mestre, esticamos mais a seda, prendendo-a bem com cunhas metidas nas ranhuras da armação. Tiramos as asas e voltamos a colocá-las, mas com um ângulo diferente, e o papagaio subiu outra vez para nova experiência. Dessa vez, suportava à vontade o peso de três adultos e quase levantava o garoto também. Então o mestre deu-se por satisfeito e mandou experimentar o aparelho levando a bordo uma pedra com o peso de um homem!

O papagaio oscilava e tremia na turbulência do ar. Só o fato de o observar e pensar que ia voar nele dava-

me voltas ao estômago. Os monges entretanto fizeram-no descer e, mais uma vez, o aparelho foi transportado para o ponto de partida. Um lama experimentado disse-me: "Eu vou subir primeiro e depois será a sua vez. Observe-me com atenção. Veja bem como ponho os pés nestas travessas de madeira. Agarre-se com ambos os braços a esta trave atrás de você. . . assim. Quando estiver bem alto deixe-se escorregar até ao vértice do V e sente-se na parte mais grossa e reforçada da corda. Quando descer, salte quando chegar a uns dois metros e meio ou três metros do chão. É a maneira mais segura. Agora, observe-me".

Dessa vez, seriam os cavalos a puxar a corda. Quando o lama deu o sinal, os cavalos lançaram-se a galope, o papagaio deslizou, chegou à corrente de ar e pulou para o alto. Ao chegar a uns trinta e poucos metros acima de nós, e a uns oitocentos ou

mil metros acima das rochas, o lama deixou-se escorregar até ao vértice do V e ali se sentou a balouçar. Enquanto os monges iam largando a corda e regulando a velocidade da ascensão, o papagaio foi subindo cada vez mais. Depois, o lama, lá do alto, deu um pontapé na corda, que era o sinal combinado, e os homens começaram a puxá-lo para a terra. Veio descendo gradualmente, e quando estava a uns quatro metros o lama deixou-se pendurar pelas mãos. Saltou, e, ao tocar o chão, deu uma cambalhota e ficou de pé.

"É agora a sua vez, Lobsang. Mostre-nos de que é capaz."

Nesse momento em que o papagaio chegara não sentia já grande entusiasmo pela ideia de voar. "Que ideia tão estúpida", pensava eu, "e perigosa." Que maneira de terminar uma carreira tão promissora! Mas ia-me consolando, ainda que pouco convencido, com a recordação das previsões que haviam sido feitas a meu respeito. Se eu morresse era sinal de que os astrólogos se tinham enganado, e eles nunca se enganavam! O papagaio estava outra vez no ponto de partida e para ele me dirigi com pernas que não marchavam com a firmeza que seria para desejar. Para falar com sinceridade, marchavam sem firmeza nenhuma! E a minha voz também não soava muito convincente quando me empoleirei nas travessas e disse: "Estou pronto!" Nunca tinha estado tão pouco pronto. O tempo parecia ter parado. A corda foi-se retesando com uma lentidão de agonia quando os cavalos começaram a galopar. A armação estremeceu ligeiramente, depois senti um solavanco brusco que quase me atirou ao chão. "O meu derradeiro momento sobre a Terra", pensei e fechei os olhos. Oscilações e balanços horríveis causavam-me sensações estranhas e desagradáveis nas entranhas. "Ah! Péssima partida para a outra vida!", disse comigo. Abri os olhos cautelosamente. O susto levou-me a fechá-los outra vez. Estava a uns trinta metros ou mais do chão. Novos protestos estomacais fizeram-me abrir os olhos para saber exatamente onde havia de vomitar em caso de necessidade. Mas ao abrir os olhos a vista era tão soberba que me esqueci dos meus padecimentos e desde então nunca mais me

voltaram a importunar! O papagaio ia subindo cada vez mais alto, oscilando suavemente. A distância, por sobre a crista da montanha, podia ver a terra caqui marcada pelas feridas abertas pelo tempo. Mais perto, as cordilheiras mostravam as cicatrizes abertas pelas avalanchas, algumas meio encobertas pelos liquens. Muito, muito longe, o sol tocava um lago distante e transformava-lhe as águas em ouro derretido.

Uma elevação brusca e violenta, imediatamente seguida de um bordo pronunciado, fez-me pensar que deixara o estômago lá no alto. Olhei para baixo pela primeira vez. Os monges eram pequeninos pontos vermelhos e castanhos, que iam crescendo, crescendo. Estava a ser puxado para a terra. A muitas centenas de metros abaixo de mim, o ribeirinho seguia borbulhando. Estivera, pela primeira vez, uns trezentos ou quatrocentos metros acima da terra. Mas o ribeirinho era ainda mais importante que eu; seguiria o seu caminho, engrossando sempre, até ir ajudar a encher a baía de Bengala, a muitos quilómetros de distância. Peregrinos beberiam as suas águas sagradas, mas agora eu voava por cima da sua nascente e sentia-me como se fosse um dos deuses.

O papagaio oscilava desesperadamente, porque os monges estavam a puxar mais depressa para o equilibrar.

Lembrei-me de repente de que me tinha esquecido de deslizar até ao V! Sentei-me, cruzei as pernas à volta da corda e deixei-me escorregar pela corda. Atingi o V com um repelão que quase me partiu ao meio. Então já o chão se encontrava a pouco mais de uns seis metros de altura; sem perder mais tempo agarrei-me à corda, e quando ela chegou a uns dois metros e meio do chão deixei-me cair com uma cambalhota. "Ótimo", disse-me o mestre, "saiu-se bem. Mas ainda bem que se lembrou a tempo de descer para o V, caso contrário o esquecimento ter-lhe-ia custado as duas pernas partidas. Agora vamos deixar que outros experimentem, e depois poderá subir outra vez."

O monge que subiu depois, um rapaz muito novo, portou-se melhor do que eu, e lembrou-se de descer para o V sem mais delongas. Ao aterrar, o pobre rapaz saltou do aparelho na

perfeição e só depois tombou de bruços, a agatanhar o chão, com o rosto de um tom esverdeado, a vomitar as tripas. O terceiro monge a voar foi um sujeito arrogante, geralmente pouco estimado em virtude das suas constantes gabolices. Há três anos consecutivos que fazia parte daquelas expedições e considerava-se o melhor "aeronauta" que jamais voara. O papagaio subiu de repente, talvez a uns cento e cinquenta metros de altura. Em vez de deslizar para o V, endireitou o aparelho e içou-se para a caixa do papagaio; mas faltou-lhe um pé e veio cair pela extremidade da cauda: uma das mãos ainda apanhou a travessa traseira. Vimo-lo no alto a esbracejar com o outro braço numa tentativa vã de se agarrar; depois o papagaio oscilou e a mão fugiu-lhe e lá tombou aos trambolhões, acabando por despenhar-se nas rochas a uns mil e quinhentos metros mais abaixo, com o hábito a esvoaçar como uma nuvenzinha vermelha.

A ocorrência contribuiu para esfriar ligeiramente os ânimos, mas não o suficiente para fazer parar as ativida-des. Puxou-se o papagaio para o examinar e ver se teria sofrido qualquer dano, e lá subi eu outra vez. Dessa vez, deixei-me deslizar até ao V logo que o aparelho atirtgiu uma altitude de cerca de trinta metros. Embaixo, podia ver um grupo de monges a descer a vertente para ir buscar o corpo esparramado sobre as rochas numa informe massa vermelha. Olhei para cima e pensei que um homem de pé na caixa do papagaio devia ser capaz de mudar a posição e alterar ligeiramente a subida. Lembrei-me do incidente do telhado do camponês, do estrume de iaque e de como tinha tomado altura puxando pela corda do papagaio. "Tenho de discutir esse problema com o meu guia", pensei.

Nesse momento, senti uma enjoativa sensação de queda, tão rápida e inesperada que quase me soltei. Lá embaixo os monges puxavam pela corda freneticamente. Com o entardecer, e o consequente arrefecimento das rochas, o vento no vale enfraquecera, e o sopro vertical através do funil parara quase completamente. Pouca ascensão havia agora e quando, a uns três metros, saltei, o papagaio deu um derradeiro esticão e veio

tombar de esguelha sobre a minha cabeça. Fiquei sentado no chão rochoso com a cabeça enfiada pela seda do fundo da caixa. Fiquei tão quieto, tão mergulhado em pensamentos, que os outros imaginaram que me tivesse machucado. O Lama Mingyar Dondup veio a correr. "Se tivéssemos uma travessa aqui", disse eu, "seria possível agiientarmo-nos ali, alterar ligeiramente o ângulo da caixa, e dessa maneira teríamos um pouco de controle durante a ascensão." O mestre dos papagaios tinha-me ouvido.

"Tem razão, rapaz, mas quem se atreveria a fazer a experiência?"

"Atrevo-me eu", respondi logo, "se o meu guia mo permitir."

Outro lama virou-se para mim com um sorriso.

"Lobsang, é agora um lama por direito próprio, não tem de pedir autorização seja a quem for."

"Tenho, sim, senhor. Tudo o que sei devo-o ao Lama Mingyar Dondup, e ainda hoje é com ele que aprendo todos os dias, portanto é a ele que compete decidir."

O mestre de papagaios dirigiu a operação de transporte do aparelho danificado e depois levou-nos aos seus aposentos, onde guardava pequenos modelos de vários papagaios. Um deles era uma coisa alongada, que se parecia vagamente com um pássaro.

"Há muitos anos empurramos uma destas, maior, da beira do abismo, com um homem lá dentro. Voou cerca de trinta quilómetros e depois foi bater na vertente de uma montanha. Desde então nunca mais trabalhamos com esse tipo. Ora, aqui está um papagaio como o que imaginou. Cá está a travessa e um corrimão. Até fizemos um, a estrutura de madeira está toda montada, guardada no armazém ao fundo do edifício, mas ainda não consegui arranjar ninguém que o quisesse experimentar, e eu sou um pouco pesado."

Como ele pesava cerca de cento e trinta quilos esta última frase pode considerar-se uma afirmação modesta!

Durante esta conversa o Lama Mingyar Dondup entrou na sala e disse-me:

"Esta noite vamos fazer um horóscopo, Lobsang, e vamos ver o que as estrelas pensam do projeto".

O rufar dos tambores acordou-nos para o serviço da meia-noite. Quando estava a tomar o meu lugar um vulto enorme aproximou-se, materializando-se como uma pequena montanha surgida da nuvem de incenso: era o mestre de papagaios.

"Fizeram o horóscopo?", sussurrou.

"Fizemos", murmurei em resposta. "Posso voar depois de amanhã."

"Ótimo, o papagaio estará pronto."

Aqui no templo, no meio das lamparinas de manteiga bruxuleantes e das imagens sagradas que revestiam as paredes, era difícil pensar no monge insensato que partira desta vida. Se ele não tivesse querido salientar-se, talvez eu nunca tivesse pensado na possibilidade de me segurar dentro da caixa de papagaio e dali tentar orientar a ascensão.

Ali, dentro do corpo do templo, com as patedes tão brilhantemente ornamentadas com pinturas sagradas, ficamos sentados na posição de lótus, cada um uma^estátua viva do Buda Divino. Os nossos assentos eram duas almofadas quadradas, uma em cima da outra, que nos mantinham a uns vinte ou vinte e quatro centímetros do chão. Sentávamo-nos em filas duplas, cada duas filas face a face. Primeiro, rezamos o serviço normal, em que o condutor de cânticos, escolhido especialmente pelos seus conhecimentos de música e voz profunda, entoava as primeiras passagens; ao fim de cada uma a sua voz ia baixando cada vez mais até esvaziar os pulmões completamente. Nós entoávamos então os responsos, certas passagens dos quais eram sublinhadas pelo rufar de tambores ou pelos sons delicados das nossas pequenas campainhas. Tínhamos de tomar grande cuidado com a dicção, pois entre nós acreditamos que a disciplina de um lamastério pode ser medida pela clareza dos seus cantos e a exatidão da música. Um ocidental teria certamente grande dificuldade em ler a música escrita do Tibete: a nossa notação consiste numa série de curvas; desenhamos, por assim dizer, o subir e descer das vozes. Esta é a *curva básica.* Aqueles que querem improvisar adicionam os seus "adornos" inscrevendo curvas menores dentro da curva básica.

Quando o serviço normal terminou foi-nos permitido um pequeno descanso de dez minutos antes de começar o serviço dos mortos pela morte do monge que naquele dia tinha partido desta vida. Voltamos a reunir-nos ao soar do sinal respectivo. O guia, do seu elevado trono, entoou uma passagem do bardo Thõdol, o *Livro tibetano dos mortos.* "Ó alma errante do Monge Kum-phel-la, aqui acendemos este pau de incenso para que te guie e te mostre o caminho através das Terras Perdidas na direção da Realidade Maior." Nós entoávamos convites para que a alma viesse receber iluminação e conselho, nós, os mais novos, nas nossas vozes mais altas, enquanto os monges idosos regougavam as respostas em tons de baixo-profundo. Monges e lamas, sentados na parte central do templo em filas cerradas, enfrentando-se, levantavam e baixavam símbolos religiosos segundo um ritual antiquíssimo. "Ó alma errante, vem até nós, para que te guiemos. Não vês as nossas caras, não cheiras o nosso incenso, e portanto estás morto. Vem, para que te possamos guiar!" A orquestra de instrumentos de sopro de madeira, tambores, conchas e címbalos preenchia as nossas pausas. Um crânio humano, invertido e cheio de água vermelha, para simular sangue, circulava de mão em mão para que todos os monges o tocassem. "O teu sangue espalhou-se sobre a terra, ó monge que não és mais que uma alma errante, vem até nós para que te guiemos." Bagos de arroz, brilhantemente tintos com aça-

frão, eram atirados para o nascente, o poente, o norte e o sul. "Onde erra a alma errante? No nascente? Ou no norte? No poente? Ou no sul? O alimento dos deuses é atirado para os cantos da terra, e tu não o comes, e portanto estás morto. Vem, ó alma errante, para que sejas liberto e guiado."

O tambor de som mais grave pulsava com o ritmo da própria vida, com o pulsar ordinário e profundo do corpo humano. Outros instrumentos interpunham-se imitando todos os sons do corpo humano. O circular delicado do sangue através de veias e artérias, o ciciar baixinho do ar nos pulmões, o gorgolejar de sucos vitais em movimento e os vários rangidos, chiados e

murmúrios que constituem a música da própria vida. Todos os ligeiros ruídos da Humanidade. A começar num ritmo ordinário, depois um grito assustado de um trompete e o acelerar do ritmo cardíaco; uma pancada surda e a interrupção súbita de qualquer ruído: o fim da vida, uma vida terminada em violência. "Ó monge que foste, alma errante que és, a nossa telepatia te guiará. Não temas, mas desnuda a tua alma. Recebe os nossos ensinamentos para que assim possamos libertar-te. Não há morte, alma errante, mas só a vida infindável. A morte é o nascimento, e aqui te chamamos para libertar-te para a tua nova vida."

Há séculos que nós, os tibetanos, temos vindo a desenvolver e aperfeiçoar uma ciência dos sons. Conhecemos perfeitamente todos os sons do corpo humano e podemos reproduzi-los com grande exatidão. Uma vez ouvidos, tais sons jamais se esquecem.

No Lamastério do Oráculo do Estado induzem o transe necessário no médium usando alguns desses sons, e o médium é então possuído por um espírito. O Coronel Younghusband, que comandava as forças britânicas que invadiram Lhasa em 1904, foi testemunha do poder de tais sons e do fato de o Oráculo ter na realidade mudado de aparência durante o transe.

Quando o serviço terminou, voltamos imediatamente ao nosso sono. Depois da excitação do vôo e do ar muito diferente dessa altitude, eu estava quase dormindo em pé. Com o romper da manhã, o mestre de papagaios mandou-me um recado comunicando que estavam trabalhando no papagaio controlável e convidando-me a comparecer. Dirigi-me, acompanhado do meu guia, à oficina que se instalara no velho armazém. Pilhas de madeiras importadas cobriam o chão e as paredes estavam cobertas de diagramas de vários tipos de papagaio. O tipo especial que eu ia experimentar estava suspenso do teto abobadado. Com grande espanto meu, o mestre de papagaios puxou uma corda e o aparelho desceu até o nível do solo — devia estar suspenso com qualquer sistema de roldanas. Diante de tal convite trepei para o aparelho. O fundo da caixa tinha

muitas travessas sobre as quais era possível estar de pé, e outra travessa à altura da cintura constituía um corrimão satisfatório onde era possível uma pessoa agarrar-se bem. Examinamos minuciosamente o papagaio sem deixar um único centímetro por inspecionar. Retirou-se toda a seda, e o mestre de papagaios disse que ele próprio o ia recobrir com seda nova. As asas laterais não eram planas, como no outro aparelho, mas curvas, como uma mão em concha virada de palma para baixo: tinham cerca de três metros de comprimento cada uma e davam-me a impressão de ter um poder ascensional considerável.

No dia seguinte, levamos o aparelho para o ar livre, e os monges só com grande dificuldade o seguraram ao atravessá-lo sobre a fenda onde o ar soprava verticalmente com muita força. Por fim, conseguiram colocá-lo em posição e eu, imensamente cônscio da minha importância, trepei para dentro da caixa. Dessa vez, seriam os próprios monges a lançar o papagaio, em vez de usar cavalos, como era habitual, por considerar-se que os monges podiam exercer melhor domínio sobre o aparelho. Satisfeito com as condições, gritei: *"Tra-dri, thempa"* (Pronto, puxem). Depois, enquanto a estrutura dava o primeiro estremeção, gritei ainda: *"Ona òd-a!"* (Adeus!). Um arranco súbito e o aparelho atirou-se para o ar como uma flecha. "Ainda bem que me tinha agarrado bem", pensei eu, "ou nessa noite teriam andado à procura da *minha* alma errante, e ainda estou perfeitamente satisfeito com o meu presente corpo para mais alguns anos." Os monges, lá embaixo, largavam a corda, e o papagaio ia subindo cada vez mais alto. Atirei fora a pedra com a oração aos deuses do vento, que quase acertou um dos monges lá embaixo. No chão, o mestre de papagaios pulava de impaciência, ansioso por me ver iniciar as minhas experiências, de forma que pensei que o melhor era começar imediatamente. Movendo-me com cautela verifiquei que me era possível alterar consideravelmente o comportamento do aparelho, tanto no que respeitava à "ascensão" como à "altitude".

Fui perdendo cautela e ganhando excessiva confiança. Aproximei-me da parte traseira da caixa e o papagaio tombou

como uma pedra; os pés fugiram da barra e fiquei pendurado pelas mãos, com os braços esticados. Com grande esforço e o hábito a esvoaçar à volta da cabeça, consegui içar-me e voltar à posição normal. A queda interrompeu-se e o papagaio começou outra vez a subir. Nessa altura, tinha desembaraçado a cabeça do hábito e olhei para baixo. Se eu não fosse um lama de cabeça raspada o meu cabelo ter-se-ia posto de pé: estava a menos de setenta metros do chão. Mais tarde, ao aterrar, disseram-me que chegara a estar a uns dezoito metros do solo antes de fazer parar a queda e recomeçar a subir.

Durante algum tempo, fiquei agarrado à travessa, a ofegar, exausto pelo susto e pelo esforço redobrado naquele ar rarefeito. Ao olhar à volta sobre quilómetros e quilómetros de paisagem, vi a distância o que me parecia uma linha pontilhada a mover-se. Durante um momento, fiquei pasmado, sem compreender, e depois reparei o que era. Era o resto do grupo que vinha colher plantas e progredia penosamente através daquele país desolado. Lá estavam pequenos pontos, grandes pontos, e pontos mais compridos: crianças, homens, animais, pensei eu. Moviam-se tão lentamente que a sua marcha parecia dolorosamente hesitante. Deu-me grande prazer, ao aterrar, poder dizer que o grupo estaria conosco dentro de um dia ou dois.

Era um espetáculo fascinante olhar por cima do cin-zento-azulado das rochas e do quente ocre-avermelhado da terra e ver os lagos a rebrilhar ao longe. Lá embaixo, na ravina onde era mais quente e se estava ao abrigo dos ventos frios, os musgos, liquens e outra vegetação desenhavam um tapete que me recordava o escritório de meu pai.

Uma pequena corrente atravessava-a, e isso também recor-dava-me o dia distante — e doloroso — em que tinha entornado um jarro de água sobre o tapete paterno! Sem dúvida, a mão do meu pai era bastante pesada!

A região por trás do lamastério era montanhosa, erguendo-se pico sobre pico em filas cerradas até que no horizonte distante ficavam desenhadas a preto contra o brilho do sol. O céu do Tibete é o mais límpido do mundo, e é possível vê-lo até onde as

montanhas o permitem, e não há neblinas de calor que causem distorções ópticas. Até onde a minha vista alcançava nada se movia em toda a vastidão das distâncias, exceto os monges lá embaixo e aqueles pontinhos escassamente reconhecíveis que se dirigiam penosamente para nós. Talvez eles me pudessem ver. Mas nessa altura o papagaio começou a oscilar; os monges estavam a puxar-me para baixo. Iam puxando a corda com cuidado infinito para evitar danificar a valiosa máquina experimental.

No solo o mestre de papagaios olhou-me com grande afeto e pôs-me os fortes braços à volta do pescoço com tal entusiasmo que julguei que me ia esmagar os ossos todos do corpo. Não deixava falar mais ninguém: durante anos tinha tido as suas teorias, mas não as pudera experimentar uma vez que o seu volume não lhe permitia voar pessoalmente. Eu ia dizendo-lhe, quando ele era forçado a calar-se para retomar fôlego, que *eu* gostava de voar, que tinha tanto prazer em voar como ele em desenhar, experimentar e observar.

"Pois, Lobsang, se nós mudarmos isto para aqui e pusermos esta travessa ali... E isto, fica melhor. Hum, levemos o aparelho e comecemos imediatamente. Isto oscilava lateralmente, não é, quando fazia assim?"

E assim por diante. Voar e alterar, voar e alterar. E eu adorava todos os momentos de toda aquela operação. Ninguém, senão eu, tinha autorização para voar — ou sequer tocar com um dedo — naquele papagaio especial. Todas as vezes que o usei havia qualquer nova modificação, qualquer ligeiro melhoramento. Mas a melhor inovação, segundo penso, foi uma correia para me segurar pela cintura!

Mas a chegada do resto do grupo fez parar os voos durante um dia ou dois. Tínhamos de organizar os recém-chegados em grupos de colheita e de empacotamento. Os monges menos experimentados só deviam colher três espécies de plantas e foram enviados para áreas onde essas plantas cresciam em abundância. Cada grupo ausentou-se durante sete dias, percorrendo as áreas respectivas. Voltaram no oitavo dia

carregados de plantas que espalhamos no chão devidamente limpo do armazém. Lamas de grande experiência examinaram as plantas, uma a uma, para se certificarem de que estavam livres de defeitos e pertenciam aos tipos convenientes. A umas tiravam-se-lhes as pétalas e faziam-nas secar; a outras moíam-se as raízes; outras ainda eram passadas entre rolos, logo que chegavam, para se lhes extraírem os sucos; sementes, folhas, caules, pétalas, tudo era limpo e guardado em sacos de couro quando devidamente seco.

Depois dos primeiros dias, dividi o meu tempo entre voar no papagaio e colher ervas. O velho mestre de papagaios éra um homem de grande influência e, como ele disse, em vista das predições relativas ao meu futuro, o. conhecimento de aparelhos no céu era tão importante como a minha habilidade de colher e classificar ervas. Por isso, eu voava durante três dias da semana, e o resto da semana passava-o a cavalgar de grupo para grupo de forma a aprender tanto quanto era possível no mais curto espaço de tempo. Frequentemente, do alto do meu papagaio, olhava a paisagem que me era agora tão familiar e via as tendas negras de couro de iaque dos colhedores de plantas. Os iaques pastavam à volta delas, para recuperar e compensar o tempo perdido, o tempo no fim da semana, quando tinham de levar as cargas vegetais. O conhecimento das plantas foi de grande utilidade para mim, mas a minha experiência de vôo não o foi menos.

Sofremos mais um acidente: um dos monges tinha estado a observar-me atentamente, e quando chegou a sua vez de voar, num papagaio normal, pensou que podia executar ò mesmo que me vira fazer. Lá no alto o aparelho parecia comportar-se estranhamente; vimos que o monge esbracejava, esforçando-se por controlar a posição do aparelho. Um movimento particularmente brusco e o papagaio inclinou-se sobre um dos lados. Ouviu-se um ranger de madeira que quebra e o monge tombou pelo lado do aparelho. Uma chuva de artigos tombou sobre nós: xícara de *tsampa,* copo de madeira, rosário, amuletos. Ele não precisaria mais deles. Depois de várias cambalhotas o

monge desapareceu na ravina; mais tarde chegou até nós o ruído da queda.

Tudo o que é bom acaba depressa. Os dias eram trabalhosos, mas o fim daquela visita de três meses depressa chegou. Essa fora a primeira de uma série de agradáveis visitas às montanhas e ao outro Tra Yerpa perto de Lhasa. Empacotamos os nossos parcos haveres com relutância. O mestre de papagaios ofereceu-me um belo modelo de papagaio que fizera especialmente para mim. No dia se-" guinte partimos de volta. Alguns de nós, como na vinda, partiram em marchas forçadas, enquanto o corpo principal de monges, acólitos e animais de carga seguia com mais vagar. Estávamos contentes de voltar à Montanha de Ferro, mas ao mesmo tempo com pena de nos separarmos dos nossos novos amigos e da maior liberdade das montanhas.

Capítulo treze

A PRIMEIRA VISITA A CASA

Voltamos à base a tempo de assistir ao Logsar, as cerimónias do Ano Novo. Tudo tinha de ser limpo e arrumado. No décimo quinto dia, o Dalai-Lama foi à catedral para um certo número de serviços religiosos. Terminados estes, saiu a público para fazer o circuito de Barkhor, a estrada circular que passa fora de Jo-kang e dos Paços do Conselho, circunda o mercado e vai terminar perto das grandes casas de negócios. Nessa altura das celebrações, a solenidade dava lugar aos festejos. Agora, que os deuses estavam pacificados, era a vez dos prazeres e divertimentos. Armações imensas, com cerca de dez ou doze metros de altura, suportavam imagens feitas de manteiga colorida. Algumas das armações tinham "quadros de manteiga", bai-xos-relevos com várias cenas dos nossos livros sagrados. O Dalai-Lama passeava por entre elas e examinava-as todas. O lamastério que apresentava o modelo mais belo conquistava o

título de melhor modelador de manteiga do ano. Nós, em Chakpori, não estávamos interessados nesses carnavais, que nos pareciam infantis e de forma nenhuma divertidos. Nem nos interessava, também, a parte dos festejos em que cavalos sem cavaleiros galopavam em competições pelas planícies de Lhasa. Estávamos mais interessados nas figuras gigantescas que representavam personagens das nossas lendas. Essas figuras eram construídas sobre uma armação de madeira livre, que constituía o corpo, sobrepujada por uma cabeça enorme e realística. Dentro da cabeça instalavam-se lamparinas de manteiga que brilhavam através dos olhos e que, ao bruxulear, pareciam fazer os olhos mover-se de um lado para o outro. Dentro da armação ia um monge em andas, com os olhos a espreitar precariamente através de uma abertura a meio da figura; os infelizes estavam sujeitos a toda a espécie de acidentes: ou metiam uma das andas num buraco do caminho e ficavam equilibrados num pé só, ou uma das andas escorregava em qualquer substância viscosa caída no caminho. Uma das piores coisas que lhes podiam acontecer era as lâmpadas soltarem-se com qualquer safanão — e tocarem fogo na figura.

Uma vez, conseguiram persuadir-me a tomar conta da figura de Buda, Deus da Medicina. A figura tinha cerca de oito metros de altura. As roupagens amplas enrodilhavam-me à volta das andas, e à roda de mim esvoaçavam as traças, porque as roupagens tinham estado guardadas muito tempo. Com os meus movimentos incertos e sacudidos, uma poeirada desprendia-se das dobras, eu espirrava, espirrava, espirrava. A cada novo espirro mais me convencia de que ao próximo ia cair. Cada espirro originava novo safanão e aumentava o meu desconforto fazendo pingar manteiga quente das lamparinas sobre a minha cabeça raspada e sofredora. O calor era terrível. Pilhas de roupas velhas e bolorentas, enxames de traças e manteiga quente! Normalmente a manteiga das lamparinas é sólida, exceto uma pequena porção à volta do pavio; mas com o calor sufocante tinha-se derretido toda. A pequenina fenda a meio da figura não estava bem em frente dos meus olhos, e eu não podia largar as

andas para a corrigir, de forma que não via senão as costas da figura à minha frente, que, pela forma como saltitava e se balançava, devia estar a causar desconfortos semelhantes ao pobre-diabo que lá ia dentro. Mas, com o Dalai-Lama a observar a procissão, não havia outra coisa a fazer senão aguentar, sufocado pelas roupagens e meio assado em manteiga derretida. Com o calor e o esforço, estou convencido de que perdi quilos nesse dia! Um alto lama disse-me nessa noite: "Ó, Lob-sang, representou às maravilhas, dava um excelente *comediante!"* Não lhe disse que as evoluções que tanto o tinham divertido estavam longe de serem voluntárias. E desde esse dia nunca mais ninguém conseguiu fazer com que eu levasse uma figura.

Algum tempo depois das festas, talvez uns cinco ou seis meses mais tarde, levantou-se um vendaval tremendo. Eu estava no telhado de um armazém a aprender a arte de assentar folhas de ouro para calafetagem. O vendaval apanhou-me e atirou-me daquele telhado para outro, sete metros mais abaixo; outro sopro atirou-me sobre o beiral e dali para a vertente da Montanha de Ferro, só vindo a parar cá embaixo, do lado da estrada de Lingkhor, a uns cento e vinte metros. O terreno era pantanoso e caí com a cara na água. Tentei levantar-me, meio atordoado, mas a dor era excessivamente aguda quando tentei mover o braço e o ombro esquerdos. Mas consegui pôr-me de joelhos, depois de pé, e cambaleei ao longo da estrada. A dor me perturbava, não conseguia raciocinar com clareza, e o meu único pensamento era chegar ao alto o mais depressa possível. Cambaleei e tropecei cegamente até, cerca de meio caminho, andando, encontrar um grupo de monges que vinha ver o que me acontecera, a mim e a outro rapaz. O outro caíra em cima das rochas e estava morto. A mim transportaram-me o resto do caminho, até os aposentos do meu guia. Examinou-me rapidamente: "Pobres rapazes, não os deviam ter mandado lá para fora com um vendaval destes". Depois olhou para mim: "Lobsang, quebrou um braço e uma clavícula. Temos de os encaixar, e vai doer um bocado, mas só o indispensável".

Enquanto falava, e quase antes de me dar conta do que ia acontecer, já ele tinha ajustado a clavícula e estava a atar as talas que haviam de levar o osso ao seu lugar. O braço doeu mais, mas também não levou muito tempo para consertar. Fiquei deitado sem fazer coisa alguma durante o resto daquele dia, mas ao romper da manhã seguinte o Lama Mingyar Dondup veio ter comigo e disse-me: "Não podemos deixá-lo atrasar-se nos seus estudos, Lobsang, de forma que vamos ficar ambos aqui e estudar juntos. Como todos nós, você oferece uma certa resistência a aprender novas matérias, de forma que para começar vou eliminar hipnoticamente esse antagonismo ao estudo". Fechou as portadas das janelas de forma que o quarto ficou mergulhado em escuridão, só mitigada pelas luzinhas das lâmpadas do altar. Foi buscar uma caixinha que colocou à minha frente. Julguei ver luzes brilhantes, Jazes coloridas, tiras e barras de cor e depois tudo pareceu terminar numa explosão brilhante e silenciosa.

Só devo ter acordado muitas horas mais tarde. A janela estava outra vez aberta, mas as sombras purpúreas da noite já começavam a encher o vale fronteiro. Dos lados da Potala viam-se cintilar pequenas luzes à volta dos edifícios à medida que a guarda da noite fazia a sua ronda para certificar-se de que tudo estava em ordem. A minha vista estendia-se através da cidade onde, igualmente, a vida noturna começava. Nesse momento, o meu guia entrou no quarto: "Olá! Decidiu então voltar até nós. Chegamos a pensar que tinha achado os campos astrais tão agradáveis que havia decidido ficar por lá um bocado. Mas suponho que está esfomeado como de costume". Agora que ele me lembrava, percebi que, de fato, estava com fome. Em breve me trouxeram comida e ele foi falando enquanto eu comia. "De acordo com a lei das probabilidades, depois de uma queda daquelas, você devia ter deixado esse corpo, mas as estrelas dizem que há de viver mais tempo e vir a morrer no país dos peles-vermelhas (América) daqui a muitos anos. Estão agora rezando um serviço pela alma do que não ficou; o outro morreu instantaneamente."

A mim queria parecer-me que os felizardos eram os que tinham partido. As minhas experiências pessoais de viagens astrais tinham-me parecido sempre muito agradáveis. Mas depois lembrei-me de que poucos dentre nós gostam da escola, mas que temos de frequentá-la, quer gostemos quer não, para aprender; e o que é a vida terrena senão uma escola, e bem severa?! "Aqui estou eu com dois ossos partidos e tendo de continuar a estudar!"

Durante duas semanas, tive de estudar com intensidade ainda maior que a habitual, e explicaram-me que era para evitar que o meu cérebro pensasse demasiadamente nos meus padecimentos. Ao fim das duas semanas os ossos tinham-se solidificado, mas sentia-me rígido, e tanto o ombro como o braço me doíam bastante. Uma manhã, quando entrei no seu quarto, o Lama Mingyar Dondup estava lendo uma carta. Olhou para mim quando entrei e disse:

"Lobsang, temos um pacote com ervas destinado à sua nobre mãe. Você mesmo pode ir entregá-lo e passar lá o dia".

"Tenho a certeza de que meu pai não está muito interessado em ver-me", respondi. "Ignorou-me completamen-te quando cruzei com ele nas escadas da Potala."

"Pois claro que ignorou. Ele sabia que você acabava de sair da presença d'O Mais Precioso, sabia que você tinha sido particularmente favorecido, de forma que *não podia* dirigir-lhe a palavra a menos que eu estivesse na sua companhia uma vez que sou o seu guardião por ordem d'O Próprio Mais Precioso." Olhou para mim e os lábios engelharam-se-lhe num sorriso. "Além disso, seu pai amanhã não estará em casa. Partiu para Yang-tsé, onde se demorará alguns dias."

Na, manhã seguinte o meu guia inspecionou-me e murmurou: "Hum, está um pouco pálido, mas está limpo e bem-arranjado, e isso geralmente impressiona bem as mães! Aqui tem um lenço, e não se esqueça de que é agora um lama e tem de observar todas as regras. Veio para aqui a pé, mas hoje irá até lá montado num dos melhores cavalos brancos. Leve o meu, que precisa de exercício".

O saco de couro com as ervas, que me entregaram à partida, tinha sido embrulhado num lenço de seda em sinal de respeito. Mirei-o com dúvidas, sem saber como havia de manter o lenço limpo até chegar a casa. Por fim decidi guardar o lenço no bolso do hábito até chegar perto dela.

Descemos a vertente, o cavalo branco e eu. No meio da encosta, o cavalo parou e voltou a cabeça para me mirar bem; ao que parece não ficou impressionado com o que viu porque soltou um relincho e apressou-se outra vez estrada abaixo como se não pudesse suportar olhar-me por mais tempo. A minha opinião sobre ele não era muito melhor. No Tibete, os monges mais ortodoxos cavalgam em mulas, uma vez que estas são assexuadas. Os lamas que são rigorosos montam cavalos ou póneis machos. Quanto a mim, preferia andar a pé sempre que possível. Ao fim da encosta voltamos à direita. Suspirei com alívio, porque o cavalo concordou comigo em voltar à direita, provávelmente porque o Lingkhor é sempre atravessado da esquerda para a direita por motivos religiosos. Voltamos então à direita e atravessamos a estrada da cidade de Drepung para continuar ao longo do circuito de Lingkhor; ultrapassamos a Potala ao longo da estrada da Índia, deixando à nossa esquerda o Kaling Chu e à nossa direita o Templo da Serpente. Da entrada da minha velha casa, um pouco mais adiante, os criados viram aproximar-me e correram a abrir os portões. Entrei a cavalo no pátio, muito senhor de mim e ansioso por não cair do cavalo, mas, felizmente, um criado segurou o animal enquanto eu desmontava.

O despenseiro e eu trocamos, com gravidade, os lenços cerimoniais.

"Abençoada seja esta casa e todos os que nela vivem, nobre lama-médico!", disse o despenseiro.

"Que a bênção de Buda, o Puro, o Onisciente, desça sobre você e o mantenha saudável", respondi.

"Nobre senhor, à minha ama ordenou-me que o conduzisse imediatamente à sua presença."

Lá fomos, ele à frente, eu atrás (como se eu não soubesse o caminho!), enquanto eu tentava o melhor que podia embrulhar o saco de ervas outra vez no lenço. Subimos as escadas até o melhor quarto de minha mãe. "Quando eu era meramente um filho nunca ali fui admitido", pensei eu. O meu segundo pensamento foi virar as costas e correr a bom correr dali para fora: o quarto estava cheio de mulheres!

Ainda não me refizera do susto e já minha mãe se aproximava e fazia a reverência.

"Nobre senhor e meu filho, as minhas amigas estão aqui para ouvir da vossa própria boca o relato da honra que vos foi conferida pel'O Mais Precioso."

"Nobre mãe, as regras da minha ordem proíbem-me revelar o que foi dito pel'O Mais Precioso. O Lama Mingyar Dondup ordenou-me que vos trouxesse este saco de ervas e que vos apresentasse o seu lenço de saudação."

"Nobre lama e filho, estas senhoras viajaram de muito longe para vos ouvir falar sobre o Templo Interno e O Mais Precioso que o habita, Ê verdade que Ele lê revistas indianas? E é verdade que Ele tem um vidro com o auxílio do qual pode ver através das paredes de uma casa?"

"Senhora, não sou mais que um pobre lama-médico recentemente chegado das montanhas. Não me é dado falar das atividades do geral da nossa ordem. Vim aqui simplesmente como mensageiro."

Uma moça aproximou-se de mim e disse:

"Não se lembra de mim? Sou Yaso!"

Para dizer a verdade mal a reconhecia, de tal forma tinha crescido, tornando-se tão... decorativa!... Fiquei apreensivo. Oito, não, nove mulheres constituíam um problema complicado demais para mim. Com homens sabia como havia de comportar-me, mas *mulheres!* Olhavam para mim como se eu fosse um petisco saboroso e elas, lobos famintos da planície. Só havia uma coisa a fazer: bater em retirada.

"Nobre mãe", comecei. "A minha mensagem está entregue e é tempo de voltar aos meus deveres. Estive doente algum tempo e tenho de me recuperar."

Com essas palavras, fiz uma reverência na direção das senhoras, voltei-me e afastei-me tão depressa quanto a decência me permitia. O despenseiro tinha voltado ao meu escritório e um dos criados trouxe-me o cavalo.

"Ajude-me a montar", pedi, "pois parti há pouco um braço e um ombro e mal o posso fazer sozinho."

O rapaz abriu o portão e afastei-me a cavalo no momento em que a minha mãe aparecia ao balcão e me gritava qualquer coisa que não percebi. O cavalo voltou à esquerda de forma a podermos viajar outra vez para a direita ao longo da estrada de Lingkhor. Fui cavalgando lentamente; lentamente porque também não queria voltar cedo *demais.* Passei o Gyii-po Linga, passei o Muru Gom-pa, até fazer o circuito completo.

Uma vez de volta à Montanha de Ferro dirigi-me logo aos aposentos do Lama Mingyar Dondup.

"Que é isso, Lobsang, está com um ar tão assustado como se todas as almas errantes tivessem andado a persegui-lo pelas ruas da cidade?!"

"Assustado? *Assustado?* A minha mãe tinha lá um rebanho de *mulheres* e todas a querer fazer perguntas sobre O Mais Precioso e sobre o que ele me tinha dito. Só lhes disse que as regras da ordem não me consentiam falar nisso. E fugi enquanto ainda estava a salvo, com aquelas mulheres todas a olhar para mim!..."

O meu guia desatou a rir. Quanto mais olhava para ele, espantado, mais ele ria.

"O Mais Precioso queria saber se você estava finalmente integrado aqui ou se ainda tinha pensamentos voltados para o seu velho lar."

A vida religiosa tinha baralhado os meus valores "sociais" e as mulheres, para mim, eram criaturas estranhas (e *ainda* são!) e. . .

"Mas eu *estou* em casa. Ah, não, não sinto qualquer desejo de voltar à casa do meu pai. A visão de todas aquelas mulheres pintadas, com adornos nos cabelos, e a maneira como olhavam para mim como se eu fosse um gordo carneiro e elas carniceiros de Shõ. Às vezes guinchavam, e — aqui a *minha* voz baixou num sussurro — as *cores* astrais! Horríveis! Oh, nobre guia, não falemos mais no assunto!"

Mas durante os dias seguintes não me consentiram que me esquecesse: "Oh, Lobsang a fugir de um grupo de mulheres!", ou então, "Lobsang, gostaria que fosse hoje visitar sua nobre mãe; ela tem visitas e precisa de alguém que as distraia".

Capítulo catorze

USANDO A TERCEIRA VISÃO

Uma manhã, encontrando-me em paz com o mundo e pensando na melhor maneira de preencher meia hora vaga antes do próximo serviço, o Lama Mingyar Dondup veio ter comigo.

"Vamos dar uma volta, Lobsang, tenho um pequeno trabalho para você."

Fiquei satisfeito com a oportunidade de sair com o meu guia. Quando chegamos à estrada, viramos à direita, seguimos ao longo de Pargo Kaling, atravessamos a aldeia de Shõ e a Ponte da Turquesa, e voltamos a virar à direita ao chegar à casa de Doring. Chegamos assim às proximidades da velha missão chinesa. Enquanto nos aproximávamos, o Lama Mingyar Dondup disse-me:

"Como lhe disse, chegou uma missão chinesa. Vamos dar uma vista de olhos para ver como são eles".

A minha primeira impressão foi muito pouco favorável. Dentro da casa, muitos homens azafamavam-se com um ar arrogante a abrir caixas e embalagens, pareciam trazer com eles armamento suficiente para equipar um pequeno exército. Como

eu era ainda um rapaz, podia usar métodos de "investigação" que seriam impróprios num adulto. Caminhei pelo quintal e aproximei-me silenciosamente de uma janela aberta. Fiquei algum tempo a observar, até que um dos homens me viu: praguejou em chinês, sugerindo grandes dúvidas quanto à pureza dos meus ancestrais e deixando poucas dúvidas quanto ao meu futuro, e pegou na primeira coisa que lhe veio à mão; corri antes que tivesse a oportunidade de lançá-la à minha cabeça.

Outra vez na estrada de Lingkhor disse para o meu guia:

"Oh! Como as auras deles se tornaram vermelhas! E as facas com que se adornam!"

Durante todo o percurso dè regresso, o Lama Mingyar Dondup manteve-se pensativo. Depois da ceia, disse-me:

"Tenho estado a pensar nos chineses. Vou sugerir a'O Mais Precioso que utilize os seus dons especiais. Acha que será capaz de os observar através de um biombo se a coisa se puder arranjar?"

"Se acha que posso, é porque posso."

No dia imediato, não vi o meu guia, mas no seguinte ele me deu lições habituais durante a manhã e depois do almoço disse-me:

"Vamos sair outra vez esta tarde, Lobsang; aqui está um lenço da melhor qualidade, de forma que não precisa ser clarividente para adivinhar aonde vamos. Dez minutos para se aprontar e depois venha ter comigo ao meu quarto. Primeiro, tenho de ir falar com o abade".

Mais uma vez descemos o vertiginoso caminho que se precipita pela encosta abaixo. Entramos por um atalho no lado sudoeste do nosso monte e pouco depois chegávamos ao Norbu Linga. O Dalai-Lama gostava muito desse Parque das Jóias e ali passava a maior parte do seu tempo livre, A Potala, vista de fora, é um palácio magnífico, mas lá dentro é abafado porque a ventilação é insuficiente e há lamparinas de manteiga a mais, acesas por um tempo excessivo. Durante o curso dos anos muita manteiga pingou no chão, e não é raro ver um digno lama descer

majestosamente numa das rampas interiores, pisar um pouco de manteiga coberta de pó e chegar ao fundo da rampa com um "oh!" de espanto assim que certa porção da sua anatomia entra em contato com o chão de pedra. O Dalai-Lama não gostava de correr o risco de sujeitar-se a espe-táculo tão pouco edificante, e por isso ficava em Norbu Linga sempre que lhe era possível.

Esse Parque das Jóias é circundado por um muro com uns quatro metros de altura e tem pouco mais de cem anos. O palácio, de torreões dourados, consiste em três edifícios usados para fins oficiais e de Estado. Há ainda uma cerca interna também limitada por um alto muro e usada pelo Dalai-Lama como jardim de recreio pessoal. Alguns autores têm escrito que os funcionários estavam proibidos de penetrar nesse santuário. Ora, isso não é verdade. O que é verdade é que lá dentro estão proibidos de mencionar qualquer assunto oficial. Eu próprio ali estive umas três vezes e conheço bem o jardim. Tem um belíssimo lago artificial com duas ilhas, cada uma delas com o seu pavilhão. No canto nordeste um passadiço de pedras permite que se chegue às ilhas e aos seus respectivos pavilhões. O Dalai-Lama passava muito tempo numa das ilhas e ali gastava muitas horas do dia em meditação. Dentro do parque havia um quartel onde se alojava um corpo de cerca de quinhentos homens, que constituía a guarda pessoal do Dalai-Lama. Foi a esse lugar que o Lama Mingyar Dondup me conduziu, na minha primeira visita. Atravessamos os portões ornamentais que abriam para a cerca interna. Os lagos plácidos pareciam espelhos de metal polido. As pedras do passadiço tinham sido recentemente caiadas, e por elas nos dirigimos à ilha mais distante onde O Mais Precioso se encontrava mergulhado em meditação. Quando nos aproximamos, levantou a cabeça e sorriu. Ajoelhamo-nos e depusemos a seus pés os nossos lenços. Pediu-nos que nos sentássemos à sua frente e tocou a campainha para que nos trouxessem o chá amanteigado, sem o qual nenhum tibetano pode conduzir uma discussão. Enquanto esperávamos, falou-me dos vários animais que tinha no parque e prometeu-me que mais tarde nos havia de mostrá-los.

Com a chegada do chá, e logo que o lama que servia partiu, o Dalai-Lama olhou para mim e começou: "Disse-me o nosso bom amigo Mingyar que não gosta das cores aureolares da delegação chinesa. Disse-me ainda que verificou que trazem muitas armas. Até agora, em todas as provas, tanto secretas quanto não secretas, a que foi submetido para verificar a sua clarividência, nunca falhou. Qual é a sua opinião acerca desses homens?"

Fiquei contrafeito, porque não gosto de dizer a terceiros — exceto ao Lama Mingyar Dondup — o que vejo nas "cores" e o que significam para mim. Se uma pessoa não pode ver por si própria é porque os fados não a destinam a que saiba. Mas como pode dizer-se uma coisa destas a um chefe de Estado? Particularmente um chefe de Estado que não é clarividente!

Ao Dalai-Lama respondi da seguinte maneira:

"Muito Honrado e Precioso Protetor, a minha habilidade para a leitura das auréolas de estrangeiros não é notável. Não sou digno de exprimir uma opinião".

Tal resposta de nada me serviu. O Mais Precioso respondeu simplesmente:

"Alguém que como você possui talentos especiais, aumentados pela aquisição das artes antigas, tem o dever de falar. Para tal fim foi treinado. Diga-me o que viu".

"Muito Honrado e Precioso Protetor, esses homens têm intenções malévolas. As cores das suas auréolas mostram traição."

O Dalai-Lama pareceu satisfeito:

"Bom, repetiu-me o que disse a Mingyar. Amanhã, ficará oculto por trás daquele biombo e observará os chineses enquanto estiverem aqui. Temos de ter a *certeza*. Esconda-se agora, para vermos se ficará suficientemente encoberto".

O meu esconderijo era pouco seguro. Por isso, chamaram-se criados e mudaram-se as posições dos leões chineses de forma que eu ficasse completamente oculto. Entraram alguns lamas, numa espécie de ensaio, como se fossem a delegação visitante. Tentaram o mais que podiam localizar o meu esconderijo. Consegui apanhar um deles a pensar: "Ah! Promoção para mim

se o puder ver!" Mas não teve a sua promoção, porque estava a olhar no sentido oposto. Finalmente, O Mais Precioso deu-se por satisfeito e mandou-me sair do esconderijo. Falou durante alguns momentos e disse-nos que voltássemos no dia seguinte, quando a delegação chinesa o fosse visitar numa tentativa de forçar um tratado com o Tibete. Assim, com tal perspectiva à nossa frente, despedimo-nos d'O Mais Precioso e partimos pela encosta acima.

No dia seguinte, por volta das onze horas, tornamos a descer a encosta rochosa e a entrar na cerca interna. O Dalai-Lama sorriu para mim e disse-me que eu tinha de comer qualquer coisa — e eu bem podia aproveitar um bocado de comida! — antes de me esconder. A uma ordem sua trouxeram-nos manjares bastante apetitosos, víveres enlatados da índia. Não sei como se chamam, só sei que constituíam uma mudança de alimentação bastante bem-vinda, fartos como estávamos de chá, *tsampa* e nabos. Assim fortalecido, já me sentia mais capaz de enfrentar com confiança algumas horas de imobilidade. Para mim, como para qualquer lama, a imobilidade completa não constitui problema: só podemos meditar completamente quietos! Desde tenra idade, desde os sete anos para ser exato, tinha aprendido a ficar sentado, sem mexer um músculo, durante horas a fio. Colocavam-me sobre a cabeça uma lamparina de manteiga, acesa, e eu tinha de ficar quieto na posição de lótus -nté a manteiga acabar. Isso podia durar até umas doze horas. De forma que três ou quatro horas não constituíam qualquer dificuldade.

Exatamente à minha frente, o Dalai-Lama sentou-se na posição de lótus sobre o seu trono a uns dois metros acima do chão. Ficamos imóveis. De lá de fora chegaram até nós gritos e exclamações em chinês. Vim a saber mais tarde que os chineses mostravam saliências suspeitas sob as suas vestes e que tinham sido revistados em busca de armas. Só depois da revista foi-lhes permitida a entrada na cerca interna. Vi-os chegar, conduzidos pela guarda pessoal, atravessar o passadiço e chegar ao pórtico do pavilhão. Um alto lama entoou: *"Om! ma-ni pad-me Humf"*,

e os chineses, em vez de repetir a mesma mantra, como manda a cortesia, usaram a fórmula chinesa: *"0-mi-t'o-fo"*, o que quer dizer: "Ouve-nos, ó Buda Amida!"

Pensei para comigo mesmo: "Bem, Lobsang, o seu trabalho vai ser fácil; eles mostram logo à entrada a sua verdadeira face".

Do meu esconderijo observava o tremeluzir das auréolas, o seu lustre opalescente raiado de vermelho sujo: o turbilhonar túrgido de pensamentos cheios de ódio. Bandas e estrias de cores pouco agradáveis, não as cores puras e claras dos altos pensamentos, mas os tons pouco saudáveis, contaminados, daqueles cujas forças vitais são devotadas ao materialismo e à maldade. Tratava-se evidentemente de pessoas de quem podia dizer-se que ocultavam pensamentos malévolos atrás de falas mansas.

Ao mesmo tempo, ia observando o Dalai-Lama. As suas cores mostravam tristeza, por se lembrar do passado, dos dias vividos na China. Tudo o que via d'O Mais Precioso me agradava, o que não é de surpreender, pois é o melhor chefe que o Tibete jamais teve. Era um homem irritável, com um génio às vezes violento, e nesses momentos as suas cores mostravam relâmpagos vermelhos; mas a história mostrará que nunca o Tibete teve um Dalai-Lama melhor, mais devotado aos interesses do seu povo. É certo que eu lhe tinha grande afeto, um afetp só menor do que o que devotava ao Lama Mingyar Dondup, por quem eu sentia *mais* que afeição.

Mas a entrevista foi-se arrastando até o fim inútil, inútil porque aqueles homens não vinham com amizade, mas com inimizade. O seu único pensamento era obter os resultados que pretendiam sem se preocuparem demasiadamente com os métodos a empregar: queriam territórios, queriam dominar a política do Tibete, e sobretudo *ouro!* De há muito que este último constituía para os chineses uma atração irresistível. No Tibete, há centenas de toneladas de ouro, que nós consideramos um metal sagrado. De acordo com a nossa crença, o solo é profanado sempre que se faz a mineração aurífera, e o resultado é que o deixamos ficar onde está. Em certas torrentes é possível

apanhar pepitas trazidas das montanhas. Na região de Chang Tang, vi ouro nas margens de correntes vertiginosas, amontoado da mesma maneira que a areia se amontoa nas margens de correntes comuns. Essas pepitas, ou areia aurífera, são utilizadas por nós em ornamentos para os templos: metal sagrado para usos sagrados. Até lamparinas de manteiga são feitas de ouro. Infelizmente o metal é tão macio que os objetos se deformam com facilidade.

A superfície do Tibete é de cerca de oito vezes a das Ilhas Britânicas. Áreas enormes estão praticamente inexploradas, mas depois das minhas viagens com o Lama Mingyar Dondup sei onde há ouro, prata e urânio. Nunca permitimos aos povos ocidentais que levassem a cabo uma pesquisa metódica, que eles tão febrilmente desejam. Sabemos da velha lenda: "Onde chega o ocidental chega a guerra!"

Devemos lembrar-nos, quando nos referimos a trombetas de ouro, pratos de ouro, corpos cobertos de ouro, de que o ouro não é, no Tibete, um metal raro, mas sim um metal sagrado. O Tibete podia ser um dos grandes produtores de ouro se o mundo quisesse cooperar em paz em vez de entregar-se a lutas tão vãs pelo poder.

Certa manhã, o Lama Mingyar Dondup veio visitar-me quando eu preparava para os entalhadores um velho manuscrito. -

"Lobsang, você tem de deixar isso imediatamente. O Mais Precioso mandou-nos chamar. Temos de ir ao Norbu Linga e analisar as cores de um estrangeiro do mundo ocidental. Tem de apressar-se, O Mais Precioso quer falar conosco antes da entrevista. Nem lenço nem cerimónia: só rapidez!"

Olhei pasmado para ele durante um momento e depois levantei-me num salto e gritei: "Um hábito limpo, muito honrado lama meu mestre, e estarei pronto".

Quando chegamos à presença do Dalai-Lama, senti-me um pouco contrafeito, porque sem lenço para apresentar não sabia o que fazer. O Mais Precioso olhou para nós e sorriu:

"Sente-se, Mingyar, e você também, Lobsang. Vieram depressa".

Sentamo-nos e esperamos que falasse. Meditou durante algum tempo, como quem põe os pensamentos em ordem.

"Há tempos a nossa terra sagrada foi invadida pelo exército dos bárbaros encarnados (os ingleses). Fugi para a Índia e dali viajei por muitas outras terras. No ano do Cão de Ferro (1910), os chineses invadiram-nos como um resultado direto da invasão britânica. Voltei à índia e ali encontrei o homem que nos vem hoje visitar. Conto-lhe tudo isto, Lobsang, porque o Mingyar estava então comigo. Os ingleses fizeram-nos promessas que não cumpriram. Agora quero que veja se esse homem fala com uma ou duas línguas. Você, Lobsang, não compreenderá a sua linguagem, e portanto não estará sujeito à influência das suas palavras. Desse biombo você e um outro observarão sem serem vistos. Escreverá as impressões que as cores aureolares desse homem lhe sugerirem. Agora, Min-gyar, mostre-lhe o lugar onde deve esconder-se, porque ele está mais habituado com você e, quero crer, considera o Lama Mingyar Dondup o superior do Dalai-Lama."

No meu esconderijo começava a estar cansado de olhar à volta, de observar os pássaros e o ramalhar das árvores. De vez em quando, dava dentadas furtivas num pedaço de *tsampa* que tinha levado. As nuvens passavam através do céu, e eu pensava, como seria bom estar dentro de um papagaio e senti-lo balouçar e estremecer debaixo de mim enquanto o vento assobiasse através do tecido. Subitamente ouvi um grande estrondo que me fez dar um salto. Durante um momento pensei que estava, de fato, num papagaio, e que tinha adormecido e caído dele abaixo. Mas não, eram os portões da cerca interna que tinham sido abertos com estrondo, e lamas de vestes douradas da guarda pessoal escoltavam um homem de aparência extraordinária. Só com dificuldade contive uma gargalhada. O homem era alto, magro, de cabelo e rosto brancos, e quase não tinha sobrancelhas sobre os olhos profundamente enterrados nas órbitas. Mas a maneira de se vestir! Um tecido azul, que eu não

conhecia, com uma fila de maçanetas brilhantes à frente. O alfaiate que tinha cortado a veste devia ser muito mau, porque a gola era tão grande que tinha de ter uma dobra. Tinha também outras dobras em volta. Pensei, então, que os ocidentais deviam ter certos remendos simbólicos, como os que usamos em imitação do Buda. Bolsos, golas ou colarinhos não tinham para mim então qualquer significado. No Tibete, aqueles que não precisam de fazer trabalho manual têm mangas compridas que escondem completamente as mãos. Aquele homem tinha mangas curtas, que não lhe passavam dos punhos. "E, no entanto, não pode ser, com certeza, um trabalhador! As mãos parecem macias demais para isso! Talvez não saiba como vestir-se?" Mas a roupa do sujeito terminava onde as pernas se juntam ao corpo! "Pobre, muito pobre!" As calças eram apertadas demais na perna e também deviam ser excessivamente longas para ele, pois tinha sido preciso dar-lhes uma dobra embaixo. "Deve sentir-se muito mal", pensei eu, "apresentando-se desta maneira à frente d'0 Mais Precioso." "Por que não teria pedido a alguém do seu tamanho para lhe emprestar trajo mais apropriado?" Foi então que olhei para seus pés! Estranho! Muito estranho. Tinha-os cobertos com uns ob-jetos pretos curiosos, uns objetos brilhantes, que não se pareciam com as botas de feltro que usamos. "Acho que nunca voltarei a ver sujeito tão estranho." Automaticamente ia escrevendo as cores que via e tomando nota da minha interpretação das mesmas. O homem por vezes falava em tibetano, e nada mal para um estrangeiro, mas depois voltava a recair na coleção de sons mais extraordinários que jamais me fora dado ouvir. Era inglês, como me explicou mais tarde o Dalai-Lama.

Mas o meu espanto maior foi quando vi o homem levar a mão a um dos remendos que tinha ao lado e retirar de lá de dentro um pedaço de pano branco, e ante os meus olhos atónitos levar esse trapo a cobrir a boca e o nariz e a produzir um som como o de uma pequena corneta. "Deve tratar-se de qualquer espécie de saudação", pensei. Terminada essa cerimónia, voltou a colocar cuidadosamente o trapo por trás do mesmo remendo.

Mexeu noutros remendos de onde tirou alguns papéis de uma espécie que eu nunca tinha visto. Papel branco, fino, liso, e não como o nosso, que é amarelado, espesso e áspero. Como é possível escrever numa coisa daquelas? De outro remendo tirou um pauzinho muito delgado que tinha no meio uma coisa que parecia fuligem. Com esse objeto, fez umas garatujas esquisitas no papel. Pensei que não sabia escrever e que estava simplesmente a fingir. Fuligem? Quem jamais teria pensado em escrever com um pauzinho de fuligem?! Basta o mais ligeiro sopro e todas as garatujas desaparecem! Tratava-se evidentemente de um aleijado, porque tinha de sentar-se numa armação de madeira suportada por quatro paus; sentado naquela armação, as pernas ficavam pendentes. Pensei que devia ter sofrido qualquer acidente que lhe danificara a espinha, porque essa armação tinha mais dois paus que lhe suportavam as costas. Depois de ter observado tudo isso, comecei a ter pena do sujeito: vestuário que mal lhe servia, incapaz de escrever e, pior que tudo, nem sequer podia sentar-se devidamente, pois tinha de ter as costas apoiadas e as pernas pendentes! Movia-se muito, constantemente a cruzar e a descruzar as pernas. De uma vez, com grande horror meu, colocou o pé esquerdo de tal maneira que a sola ficou virada para o Dalai-Lama; um insulto terrível se fosse praticado por um tibetano; mas ele depressa se lembrou e voltou a descruzar as pernas. O Mais Precioso, sem dúvida em homenagem, sentava-se também numa destas armações de madeira, com as pernas penduradas. O visitante tinha um nome estranhíssimo, que em tibetano se traduzia por instrumento musical feminino. Mas referir-me-ei a ele como o Sr. C. A. Bell. Das suas cores aureolares verifiquei que a sua saúde era precária, provavelmente por ser forçado a viver num clima a que não estava habituado. As suas intenções pareciam boas e o seu desejo era ser útil, mas as cores mostravam que tinha medo de desagradar ao seu governo e de com isso afetar a sua vida. Ele queria seguir uma certa orientação, mas o seu governo estava pouco disposto a apoiá-lo, de forma que ele tinha de dizer uma

coisa na esperança de que as suas opiniões e sugestões viessem a ser aceitas.

Sabíamos bastante acerca desse Sr. Bell. Tínhamos todos os dados necessários: a data do seu nascimento e os vários pontos capitais da sua carreira, de forma que podíamos ajuizar da marcha dos acontecimentos. Os astrólogos tinham descoberto que ele tinha vivido no Tibete durante a sua vida anterior e que tinha manifestado o desejo de ser reencarnado no Ocidente na esperança de poder contribuir para uma melhor compreensão entre o Oriente e o Ocidente. (Informaram-me recentemente que num livro que escreveu ele menciona esse fato.) E é certo que nós sentimos que, se ele tivesse podido influenciar o seu governo pela forma como desejava, a invasão comunista do meu país não se teria efetivado. No entanto, as previsões decretavam que tal invasão havia de dar-se, e as previsões nunca falham.

O governo inglês parecia estar cheio de suspeitas: pensava que o Tibete estava negociando um tratado com a Rússia, o que não lhe agradava. A Grã-Bretanha não entraria em tratados com o Tibete, mas também não queria que o Tibete negociasse tratados com mais ninguém. Sikkim, Butão, toda a gente menos o Tibete podia entrar em alianças. De forma que os ingleses começaram a pensar invadir-nos ou estrangular-nos; para eles era indiferente. Esse Sr. Bell conhecia o Tibete e sabia que nós não tínhamos qualquer desejo de nos juntarmos a um lado ou ao outro, e apenas queríamos que nos deixassem, em paz, viver a nossa vida, à parte de todos os tratados com estrangeiros, que no passado nos tinham trazido dissabores, preocupações e prejuízos.

O Mais Precioso ficou satisfeito com as minhas informações acerca desse Sr. Bell. Mas só pensava em dar-me mais trabalho! "Temos de desenvolvê-lo ainda mais, Lob-sang. Vai ver como os seus talentos lhe serão úteis quando partir para países distantes. Temos de dar-lhe mais tratamento hipnótico, temos de meter-lhe na cabeça tantos conhecimentos quantos forem possíveis." Ordenou a um dos seus serviçais: "Chame imediatamente o Mingyar Don-dup". Minutos depois apareceu o

meu guia, sem se apressar, porque aquele lama nunca se apressava para ninguém! O meu guia sentou-se ao meu lado, em frente d'O Mais Precioso. Um assistente trouxe mais chá amanteigado e "coisas da índia" para comer. Quando estávamos instalados o Dalai-Lama disse: "Mingyar, tinha razão, o rapaz tem de fato habilidade. Mas pode aprender ainda mais, e tem de aprender. Decida como achar necessário para que ele receba o treino preciso tão depressa e tão completa-mente quanto possível. Use os recursos que entender, porque se aproxima a hora em que o nosso país vai conhecer grandes catástrofes e temos de. ter alguém que possa manter vivas as artes antigas".

Assim se acelerou o ritmo dos meus dias. Desde então era chamado às pressas, com frequência, para interpretar as cores de algum visitante, talvez um abade de um mosteiro distante, talvez o governador civil de uma província remota. Tornei-me um visitante assíduo da Potala e do Parque das Jóias. Na Potala era-me permitido usar os telescópios de que tanto gostava, particularmente um modelo astronómico enorme colocado sobre um tripé pesadíssimo. Com esse, passei muitas noites a observar a Lua e as estrelas.

O Lama Mingyar Dondup e eu íamos frequentemente à cidade de Lhasa observar visitantes. Os poderes consideráveis de clarividência do meu mestre e o seu vasto conhecimento dos homens habilitavam-no a verificar e a desenvolver as minhas interpretações. Era interessantíssimo entrar nas lojas e ouvir o lojista apregoar alto as virtudes dos seus artigos, e comparar as suas palavras com os seus pensamentos, que para nós não eram tão privados assim. A minha memória foi também desenvolvida por longas horas a ouvir passagens complicadas que tinha de reproduzir quase imediatamente. Durante períodos de tempo que nem eu posso calcular, vivi em transe hipnótico enquanto acólitos me liam passagens das escrituras mais antigas.

Capítulo quinze

O NORTE SECRETO — E O "ABOMINÁVEL HOMEM DAS NEVES"

Foi a essa altura que visitei as terras altas de Chang Tang. Neste livro não tenho espaço para fazer mais do que uma breve menção dessa viagem. Para fazer justiça à expedição seria preciso escrever alguns livros. O Dalai-Lama abençoou os quinze membros do grupo expedicionário, e partimos todos com disposição excelente, montados em mulas: mulas vão onde cavalos não podem ir. Lentamente, seguimos ao longo de Tengri Tso e costeamos os enormes lagos de Zillin Nor — sempre avançando mais para o norte. Escalamos lentamente a cordilheira do Tangia, e daí em diante embrenhamo-nos em território praticamente inexplorado. É difícil dizer quanto tempo levamos, porque o tempo para nós não tinha significado: não havia razão para nos apressarmos e seguimos portanto em marcha confortável, poupando as nossas forças e energias para as provações por que havíamos de passar.

À medida que nos embrenhamos pelas terras altas, em terreno cada vez mais acidentado, ia-me lembrando da face da Lua conforme eu a vira através do grande telescópio da Potala. Cordilheiras imensas e vales profundos. Aqui o aspecto era o mesmo. Montanhas infindáveis e eternas, e fendas que pareciam não ter fundo. As condições tornavam-se cada vez mais difíceis, à medida que íamos avançando através daquela paisagem lunar. Por fim as mulas não podiam ir mais longe. No ar rarefeito em breve se cansavam e eram incapazes de atravessar algumas das gargantas rochosas onde nos balançávamos vertiginosamente na extremidade de cordas de pêlo de iaque. Deixamo-las, portanto, guardadas pelos cinco membros mais fracos da expedição, no local menos desconfortável que pudemos encontrar, ao abrigo de uma rocha enorme que se elevava como um dente de lobo e que os protegia dos açoites mais fortes do vento que varria aquela paisagem bravia; na base desta rocha havia uma gruta onde a erosão criara uma cama mais macia. Dali, por um pequeno carreiro, chegava-se a um vale onde as mulas podiam pastar na

vegetação escassa. Uma pequena corrente atravessava vertiginosamente o planalto próximo e despenhava-se sobre a beira do precipício para tombar, milhares de metros mais abaixo, tão longe que nem o som da sua queda ali chegava.

Ali descansamos dois dias antes de nos lançarmos à escalada da montanha. Doíam-nos as costas devido aos pesos que carregávamos e os pulmões pareciam rebentar. Mas seguimos sobre as fendas e ravinas. Em muitas destas tínhamos de atirar pesados ganchos de ferro ligados a cordas; lançávamos o gancho na esperança de que ficasse preso do outro lado do terreno. Revezávamo-nos jogando a corda com o gancho até que este ficasse preso do outro lado. Quando todo o grupo tinha atravessado a fenda, era possível puxar a corda por uma extremidade. Às vezes o gancho não tinha onde se segurar: nessas alturas úm de nós atava a corda à volta da cintura e, do ponto mais alto onde podíamos subir, atirávamo-nos, balançando como um pêndulo, aumentando constantemente o nosso movimento com cada balanço; quando se chegava ao outro lado, tinha de escalar-se o melhor que se podia até atingir uma posição em que a corda ficasse mais ou menos horizontal. Entregávamo-nos a esse exercício em turnos, porque era trabalho difícil e perigoso. Um dos monges morreu nessa operação: tinha subido bem alto do nosso lado da rocha e deixara-se cair, mas errou nos cálculos e foi bater no paredão oposto com força terrível, deixando nas paredes escabrosas da rocha pedaços do rosto e dos miolos. Voltamos a puxar o corpo e ali mesmo organizamos um serviço dos mortos. Na rocha não havia maneira de o enterrar e assim tivemos de o abandonar ao vento, à chuva e à mercê das aves. O monge a quem cabia tentar a seguir não me parecia suficientemente feliz, de forma que me dispus a agir. Parecia-me óbvio que, em vista das previsões que tinham sido feitas a meu respeito, nada podia acontecer-me, e a minha fé foi recompensada. Atirei-me com cautela — apesar das previsões! — e lá fiquei a esgravatar com as pontas dos dedos no rebordo da rocha mais próxima; mal consegui segurar-me e puxar-me lentamente, com a respiração entrecortada e o coração

batendo como se fosse explodir. Fiquei quieto um momento, exausto, e depois, pouco a pouco, fui subindo dolorosamente pela escarpa acima. Os outros, dos melhores companheiros que alguém jamais teve, atiraram-me com a outra corda para me facilitar tanto ,quanto possível a tarefa. Com as duas pontas da corda na mão, fiquei bem seguro e pedi-lhes que as puxassem para experimentar a firmeza. Atravessaram então, um a um, com as mãos e os pés seguros à corda, os hábitos a esvoaçar na brisa, uma brisa que só nos prejudicava e que não nos ajudava de maneira alguma a respirar. No alto da crista descansamos um pouco e fizemos o nosso chá, ainda que àquela altitude o ponto de ebulição fosse baixo e o chá, portanto, não nos aquecesse. Ligeiramente repousados, voltamos a pôr às costas as nossas cargas e a retomar a subida. Em breve chegamos a uma geleira e aí o nosso progresso tornou-se ainda mais difícil. Não tínhamos botas com grampos, nem alpenstoques, nem equipamento de alpinismo de espécie alguma; o nosso *equipamento* consistia unicamente nas botas de feltro vulgares, com pêlo de iaque enrolado à volta das solas para as tornar mais aderentes.

A propósito, a mitologia tibetana tem um inferno frio. Calor é para nós uma bênção, e daí a ideia do inferno frio. Essa viagem às Terras Altas mostrou-me como o frio pode ser frio!

Depois de três dias dessa subida penosa pela geleira, tremendo ao vento frio e desejando nunca ali ter chegado, a geleira começou a descer entre rochas altíssimas. Fomos descendo, cada vez mais para baixo, escorregando constantemente e precipitando-nos para profundidades desconhecidas. Alguns quilómetros mais abaixo, ao chegar a uma curva da montanha, vimos à nossa frente um nevoeiro branco muito denso. A distância nem sabíamos se se tratava de neve ou de nuvem, de branco e contínuo que era. Mas ao aproximarmo-nos vimos que se tratava, na verdade, de nevoeiro.

O Lama Mingyar Dondup, o único de nós que estivera ali previamente, sorriu com satisfação: "Parecem estar todos descontentes! Mas daqui por diante terão algumas compensações".

Nada víamos à nossa frente que nos compensasse: nevoeiro, frio, gelo sob os pés e céu gelado por cima das cabeças; rochas escabrosas como as dentuças na boca de um lobo, contra as quais nos feríamos constantemente. E o meu guia ainda era capaz de nos dizer que íamos ter "algumas compensações"!

Mas nos embrenhamos pelo nevoeiro frio e úmido ta-teando miseravelmente, sem saber para onde nos dirigíamos. Apertávamos contra os corpos os hábitos umedecidos para criar uma ilusão de calor, mas sempre a ofegar e a tremer com o frio intenso, sempre mais para diante. Depois, subitamente, ficamos petrificados de espanto e medo. O nevoeiro tornava-se *tépido*, o chão, a nossos pés, tornava-se *quente.* Aqueles que vinham atrás, e que ainda não tinham atingido esse ponto, vieram bater nas nossas costas. O riso do Lama Mingyar Dondup acordou-nos da nossa estupefação; recomeçamos a marcha, às cegas, procurando com a mão o homem que ia à frente. Os nossos pés tropeçavam em pedras, seixos rolavam às nossas botas. Pedras? Seixos? Então onde estava a geleira, o gelo? De repente o nevoeiro desvaneceu-se e ficamos libertos. Um a um — ao olhar à minha volta julguei que tinha morrido de frio e que fora transportado aos Campos Celestes — esfreguei os olhos com as mãos *quentes;* belisquei-me, bati com os nós dos dedos na rocha para me certificar de que estava ali, em carne e osso, e não simplesmente em espírito. Depois olhei em volta: lá estavam comigo os meus oito companheiros; poderíamos ter todos morrido e sido transportados tão subitamente? E se assim fora, onde estava o décimo membro da expedição, o que tinha morrido de encontro às rochas? E seríamos *todos* dignos do paraíso que via à minha frente?

Num momento encontrávamo-nos a estremecer de frio

do outro lado daquela cortina de nevoeiro, para logo, trinta pulsações mais tarde, nos encontrarmos naquele mundo novo, cheio de calor! O ar à nossa volta estremecia com a tepidez, do chão a nossos pés erguiam-se nuvens de vapor e uma pequena corrente saía a borbulhar da terra, impelida por jatos de vapor. À nossa volta crescia erva verde. Ficamos espantados e assustados;

aquilo só podia explicar-se por mágica, por algo inteiramente acima da nossa experiência. Foi então que o Lama Mingyar Dondup falou: "Creio que não fiquei com tamanha cara de imbecil a primeira vez que vi isto! Vocês parecem pensar que são os deuses do gelp que estão a querer divertir-se à nossa custa".

Olhamos em volta, demasiadamente tolhidos pelo medo, e o meu guia falou outra vez: "Saltem sobre a corrente; *saltem*, porque a água está a ferver. A poucos quilómetros daqui temos um local realmente bonito onde podemos descansar".

Como sempre, o meu guia tinha razão. Cinco quilómetros mais adiante estendemo-nos sobre o chão musgoso, completamente nus, tanto era o calor que nos esbraseava. As árvores que cresciam à nossa volta eram para mim desconhecidas, e provavelmente nunca tornarei a ver iguais. Flores de cores maravilhosas atapetavam tudo. Lianas trepavam pelos troncos e penduravam-se do alto dos ramos. Um pouco à direita daquela clareira magnífica via-se um pequeno lago; a agitação da sua superfície mostrava-nos que tinha vida. Sentíamo-nos enfeitiçados, certos de que fôramos vítimas do calor e que tínhamos passado a outro plano de existência. Ou talvez tivéssemos sido vítimas do frio? Não sabíamos!

A vegetação era luxuriante, e agora, depois de ter viajado por quase todo o mundo, sei que se tratava de vegetação de caráter tropical. As aves também eram de espécies desconhecidas para mim. O terreno era vulcânico; nascentes quentes borbulhavam por toda a parte e o ar estava saturado de um cheiro ligeiramente sulfuroso. O meu guia disse-nos que havia, que ele soubesse, dois lugares como aquele nas Terras Altas. Explicou-nos que o calor subterrâneo e as correntes quentes derretiam o gelo e que as altas paredes rochosas do vale não deixavam escapar o ar quente. O espesso nevoeiro branco que tínhamos atravessado era o ponto de encontro entre as correntes de ar quente e frio. Explicou-nos ainda que se tinham encontrado ali esqueletos de animais gigantes, esqueletos que, em vida, deviam ter suportado

animais de sete a nove metros de altura. Mais tarde vim a ver tais esqueletos.

Foi também lá que vi pela primeira vez o Abominável Homem das Neves. Eu estava curvado a colher ervas quando algo me fez levantar a cabeça. Ali, a menos de dez metros de distância, estava essa criatura de que tanto ouvira falar. No Tibete é frequente os pais ameaçarem as crianças travessas da seguinte maneira: "Porte-se bem, ou vem aí o homem das neves e leva-o!" "Agora", pensei eu, "o Abominável Homem das Neves veio buscar-me." Olhamos um para o outro, ambos petrificados de medo, durante um período que pareceu infindável. *Aquilo* apontava para mim, soltando um miar estranho, como o de um gatinho! A cabeça parecia não ter lobos frontais, fugindo para a nuca diretamente a partir da pesada arcada supraciliar; o queixo era também fugidio e os dentes eram grandes e proeminentes. No entanto, a capacidade craniana parecia semelhante à do homem moderno. As mãos e os pés eram grandes e oblíquos. As pernas eram curvas e os braços muito mais compridos que o normal. Verifiquei que a criatura caminhava sobre a parte externa dos pés, como fazem os homens. (Os macacos e outros primatas dessa ordem não caminham sobre as superfícies externas.)

Enquanto eu olhava para ele, e talvez porque inconscientemente tivesse pulado com o susto, ou por qualquer outra razão, o Abominável Homem das Neves soltou um grito, virou-se e afastou-se aos pulos. Os pulos pareciam ser dados com uma perna só, dando a impressão de afastar-se com passadas gigantescas. Reagi da mesma maneira e desatei a correr na direção oposta! Mais tarde, ao recordar-me, cheguei à conclusão de que devo ter batido o recorde tibetano de velocidade para altitudes acima dos cinco mil metros.

Mais tarde vimos a distância um grupo de Abomináveis Homens das Neves. Esconderam-se logo que nos viram, e nós, pelo nosso lado, também não tínhamos desejo algum de os provocar. O Lama Mingyar Dondup explicou-nos que essas criaturas eram mutações recessivas da espécie humana, que

tinham seguido um curso diferente na marcha da evolução, e que só podiam viver nos locais mais recônditos. Ouvíamos com frequência histórias de "Abomináveis Homens das Neves" que, abandonando as Terras Altas, tinham sido vistos perto de regiões habitadas; há histórias de mulheres raptadas por essas criaturas; tivemos mais tarde a confirmação dessas histórias quando nos foi contado que uma das "monjas" da nossa ordem fora raptada por um durante a noite. Contudo, não me sinto habilitado para escrever sobre tais coisas; tudo o que posso dizer é que vi Abomináveis Homens das Neves vivos e esqueletos deles. Muita gente tem manifestado dúvidas quanto à veracidade das minhas afirmações acerca desses entes. Aparentemente tem-se escrito muitos livros imaginosos acerca deles, mas jamais autor algum admitiu tê-los visto. Eu vi. Não há muitos anos, as pessoas riram-se de Marconi quando ele disse que ia enviar uma mensagem pelo rádio de um kdo para o outro do Atlântico. Médicos do Ocidente afirmaram solenemente que o homem jamais poderia viajar a mais de oitenta quilómetros por hora, pois morreria em consequência da pressão do ar. Ouviram-se histórias acerca de um peixe que se imaginava ser uma espécie de fóssil vivo: agora os cientistas viram-no, capturaram-no, dissecaram-no. E se os ocidentais lhes pudessem lançar a mão, os nossos pobres Abomináveis Homens das Neves seriam também capturados, dissecados e conservados em álcool... Nós acreditamos que essas criaturas foram sendo perseguidas até se esconderem nas Terras Altas, e que em quaisquer outros sítios a espécie está completamente extinta. A primeira vez que vçmos um, assustamo-nos; mas na segunda vez o sentimento mais evidente é compaixão por essas criaturas de uma idade passada condenadas à extinção completa. Estou perfeitamente preparado, quando os comunistas forem expulsos do Tibete, para acompanhar uma expedição de céticos e mostrar-lhes os Abomináveis Homens das Neves das Terras Altas. Vai ser interessante ver as caras desses importantes homens de negócios quando confrontados com algo para além da sua experiência *comercial.*

Podem usar máscaras de oxigénio e carregadores; quanto a mim, levarei simplesmente o meu velho hábito de lama. Máquinas fotográficas provarão a verdade das minhas afirmações. Nesses dias já distantes nós não tínhamos equipamento fotográfico no Tibete.

As nossas velhas lendas contam que há muitos milhares de anos o Tibete tinha costas banhadas pelos mares, e a verdade é que se encontram fósseis de peixes e de outros seres marinhos na superfície da terra quando esta é ligeiramente escavada. Os chineses têm uma crença semelhante: a pedra de Yii, que costumava ser guardada no pico de Kou-lou do monte Heng, na província de Hu-pei, relata que o grande Yii se encontrava naquele sítio (no ano 2278 a.C.) depois dos seus trabalhos de drenar as "águas do Dilúvio", que por esse tempo submergiam toda a China com exceção dos picos mais altos. Creio que a pedra original foi retirada, mas há cópias em Wu-chang Fu, um sítio próximo de Hankow. Outra cópia encontra-se no templo de Yu-lin, perto de Shao-hsing Ru, no Che-kiang. De acordo com a nossa crença, o Tibete foi em tempos remotos uma terra baixa, próxima do mar, que por motivos além dos nossos conhecimentos atuais sofrera convulsões geológicas terríveis, durante as quais muitas terras foram submersas, enquanto outras se tornaram altas montanhas.

As Terras Altas de Chang Tang são ricas em fósseis, prova evidente de que toda essa área foi em tempos banhada pelo mar; conchas gigantescas, de cores vivas, esponjas petrificadas e bancos de coral. A região é também muito rica em ouro, de que podem colher-se grandes pepitas com a mesma facilidade com que se apanham seixos. As águas que fluíam das profundidades da terra eram de todas as temperaturas, desde correntes de vapor escaldante até fontes de água gelada. Uma região de contrastes gritantes. Aqui estava uma atmosfera úmida e quente, tal como nunca tínhamos experimentado, e a pequena distância, do outro lado da cortina de nevoeiro, um frio capaz de destruir a vida e de tornar o corpo tão quebradiço como vidro. Aqui cresciam as mais raras das ervas raras, e em busca delas tínhamos

empreendido aquela viagem. Medravam ainda frutas desconhecidas para nós; provamo-las; gostamos delas e saciamo-nos... e a penalidade foi bem dura: durante a noite, e todo o dia seguinte, andamos ocupados demais para ter tempo de apanhar ervas.

Carregamo-nos até o limite das nossas forças com ervas e plantas que tínhamos colhido e iniciamos o caminho de regresso. O frio do outro lado da cortina de nevoeiro parecia ainda mais terrível. Provavelmente todos sentiram a mesma vontade que eu: a tentação de virar as costas ao mundo e de ficar para sempre naquele vale luxuriante. Um dos lamas foi incapaz de enfrentar o frio outra vez; poucas horas depois de chegar à geleira caiu e, ainda que acampássemos imediatamente e o tentássemos reanimar, partiu para os Campos Celestes durante a noite. Fizemos tudo que nos foi possível — toda a noite tentamos reaquecê-lo, deitando-nos a seu lado bem apertados contra o seu corpo, mas o frio intenso daquela região era excessivo. Adormeceu e não voltou a acordar. Distribuímos a sua carga entre nós, ainda que à partida tivéssemos considerado que cada qual trazia a carga-limite. Voltamos a atravessar o velhíssimo lençol de gelo da geleira. As nossas forças pareciam ter sido completamente exauridas pelo calor confortável do vale escondido e as nossas reservas de mantimentos começavam a escassear. Durante os últimos dois dias da jornada de retorno ao local onde deixáramos as mulas não comemos coisa alguma — nada nos restava, nem mesmo chá.

Quando ainda nos faltavam alguns quilómetros um dos homens que ia à frente caiu e não mais se levantou. Frio, fome e esforço tinham levado mais um. Quando chegamos ao campo-base só encontramos quatro monges à nossa espera: quatro monges que se haviam posto de pé num salto ao ver-nos e que vieram a correr ajudar-nos a caminhar os poucos metros até o acampamento. Quatro: o quinto, ao aventurar-se durante um vendaval, tinha sido atirado pelo vento sobre a borda dó precipício.

Durante os três dias seguintes descansamos, tentando readquirir parte das nossas forças. Não se tratava simplesmente de cansaço, mas o vento assobiava através das rochas, atirava seixos por todo o lado, e soprava lufadas de ar cheio de poeira para dentro da nossa caverna. Durante toda a noite o vendaval cresceu à nossa volta, como demónios enlouquecidos em busca das nossas almas. Ouvimos um reboar apressado, seguido de um baque que fez tremer a terra: mais um rochedo imenso da encosta da montanha sucumbira à ação combinada do vento e da água e causara uma avalancha. Na manhã do segundo dia, antes de o sol nascer, enquanto a montanha ainda estava mergulhada na luminosidade que precede a aurora, outro rochedo imenso rolou do pico por cima de nós. Ouvimo-lo aproximar-se e fizemo-nos pequeninos de encontro à parede rochosa. Lá se foi encosta abaixo como se os demónios se aproximassem a galope, acompanhado por um chuveiro de pedras. Um baque horrível fez vibrar o planalto à nossa frente, o bordo da ravina estremeceu e uns três ou quatro metros de solo deslocaram-se e sumiram-se no abismo. De lá de baixo, passado algum tempo, chegou-nos o eco e a reverberação dos detritos que caíam.

O tempo piorara e decidimos levantar acampamento na manhã seguinte, antes que impedisse por completo a nossa partida. O nosso equipamento — se tal pode chamar-se aos nossos parcos haveres — foi cuidadosamente vistoriado: experimentamos as cordas, examinamos meticulosamente as mulas. Na madrugada do dia seguinte, o vento parecia ter amainado um pouco. A ideia de voltar a casa dava-nos uma sensação de prazer, mas agora o nosso grupo estava reduzido a onze, em vez dos quinze que tinham partido. O nosso progresso era lento; o tempo para nós continuava a não ter significado; marchávamos constantemente •esfomeados, reduzidos agora a meia ração.

Avistamos por fim novamente os lagos e, com grande alegria, verificamos que os iaques de uma caravana pastavam perto. Os mercadores agasalharam-nos, insistiram para que comêssemos e tomássemos chá com eles e fizeram tudo o que puderam para

minorar a nossa fadiga. Todos nós estávamos esfarrapados e cobertos de equimoses; os nossos hábitos, em tiras, os nossos pés a sangrar das grandes bolhas abertas, mas tínhamos estado nas Terras Altas de Chang Tang e, tínhamos voltado — alguns de nós! —, no caso do meu guia, duas vezes: talvez o único homem do mundo a poder gabar-se de ter cometido duas vezes tal proeza.

Os mercadores trataram-nos magnificamente e depois, agachados à volta do fogo de estrume de iaque, passaram a noite a abanar as cabeças de espanto quando lhes relatávamos os nossos trabalhos. Nós, pelo nosso lado, também gostamos de ouvir as suas histórias de viagens na índia e de encontros com outros mercadores do Hindu Kush. Tivemos pena de os deixar, pois desejávamos ter a sua companhia no resto da nossa viagem; mas nós voltávamos a Lhasa e eles acabavam de partir dali. Assim, na manhã seguinte, despedimo-nos.

Muitos monges não conversam com mercadores, mas o Lama Mingyar Dondup sempre nos ensinara que todos os homens são iguais: a raça, a cor, a crença nada significam; só interessam as intenções e os atos do homem.

Agora, novamente refeitos, voltamos a casa. A paisagem ia-se tornando cada vez mais verde, mais fértil, até que por fim chegamos à vista da cúpula dourada da Potala e do nosso amado Chakpori. As mulas são animais sensatos — e as nossas estavam com pressa de voltar direta-mente às suas cocheiras, na aldeia de Shõ, e andavam com tanta energia que só a custo as conseguíamos conter. Pensar-se-ia que eram *elas,* e não nós, que tinham ido a Chang Tang!

Tomamos com alegria a estrada pedregosa da Montanha de Ferro, a alegria de ter ido à Chambala, como nós chamamos ao norte gelado.

Começava agora o momento das recepções, mas, primeiro que tudo, tínhamos de visitar o Dalai-Lama. A sua reação foi típica: "Ah, vocês fizeram aquilo que eu tanto gostaria de fazer. Viram aquilo que tão ardentemente desejava ver. Mas aqui, apesar de todo o meu poder, e apesar de tudo, sou um

prisioneiro do meu povo. Quanto maior o poder, menor a liberdade; quanto mais alta a categoria mais se é servidor. E eu daria tudo isso para ver o que vocês viram".

O Lama Mingyar Dondup, como chefe da expedição, recebeu um lenço de honra com os nós vermelhos triplos; eu, como membro mais jovem, fui honrado da mesma maneira. Todos nós sabíamos que uma recompensa em "ambas as extremidades" incluía tudo!

Durante as semanas seguintes visitamos outros lamas-térios, com o fim de fazer palestras, de distribuir ervas especiais e de ter a oportunidade de ver outros distritos. Primeiro, visitamos os Três Assentos: Drepung, Será e Ganden. Daí fomos ainda mais longe, ao Dorje-Thang e Samye, ambos no rio Tsang-po, a uns sessenta quilómetros de distância. Visitamos também o lamastério de Sanden, entre o Dii-me e os lagos Yamdok, a uns quatro mil e quinhentos metros acima do nível do mar. Mas era com grande alívio que seguíamos o curso do nosso próprio rio, o Kyi Chu, porque para nós o seu nome era na verdade apro-priado, o rio da Felicidade.

Durante todo esse tempo, eu continuava a receber instrução, não só enquanto cavalgávamos mas também quando parávamos e quando descansávamos. Aproximava-se o momento do meu exame para o grau de lama e assim voltamos outra vez a Chakpori para que eu pudesse trabalhar sem distrações.

Capítulo dezesseis

LAMAISMO

Foi então que comecei a receber treino intensificado na arte de viagens astrais, em que o espírito, ou ego, abandona o corpo e se mantém ligado à vida terrena simplesmente por meio do cordão de prata. Há muitas pessoas que acham difícil acreditar que viajamos desta maneira. No entanto, *toda a gente* assim viaja durante o sono. No Ocidente tais ocorrências são sempre involuntárias; no Oriente, nós, os lamas, podemos empreender

tais viagens quando inteiramente conscientes. É por isso que no fim dessas viagens temos *memória* integral de tudo o que fizemos, de tudo o que vimos e dos lugares que visitamos. No Ocidente as pessoas perderam essa arte, e assim, quando voltam ao estado de acordados, pensam que "sonharam".

Todos os povos conhecem intuitivamente esse viajar astral. Na Inglaterra, e por quase toda a Europa, alega-se que as' bruxas voam. Os paus de vassoura não são realmente necessários, a não ser como meios de racionalizar aquilo em que as pessoas *não querem* acreditar! Nos Estados Unidos, os *espíritos* dos peles-vermelhas também voam. Em todos os países, por toda a parte, existe o conhecimento subconsciente de tais fenómenos. A mim ensinaram-me a fazê-lo e, como eu, todos o podiam fazer.

A telepatia é outra arte fácil de dominar mas não para a usar como truque de palco. Felizmente esta arte começa agora a ganhar uma certa aura no Ocidente. O hipnotismo é ainda outra das artes orientais. Eu próprio efetuei operações em pacientes hipnotizados, tais como amputações de pernas e outras de natureza igualmente séria. O paciente não sente coisa alguma, não sofre absolutamente nada, e acorda em melhores condições uma vez que não sofre os efeitos secundários das formas ortodoxas de anestesia. Hoje em dia, segundo me dizem, o hipnotismo começa a ser utilizado, ainda que de forma moderada, na Grã-Bretanha.

A invisibilidade é uma questão diferente. Ainda bem que a invisibilidade está além da capacidade de quase todos, e que só poucos, muito poucos, a conseguem atingir. O princípio é fácil e a prática muito difícil. Pensem nas coisas que nos atraem a atenção. Ruídos e ações súbitas atraem-nos para as pessoas, fazem-nos reparar nelas. É mais difícil ver uma pessoa imóvel, e ainda mais difícil ver um tipo ou classe de pessoa demasiadamente familiar. O homem que traz a correspondência passa quase sempre despercebido; as pessoas dirão: "Não esteve aqui ninguém?", e no entanto a correspondência chegou. Como? Um homem invisível? Ou uma pessoa que é tão familiar que ninguém dela se apercebe? (Toda a gente vê a polícia nas ruas

porque quase toda a gente tem a consciência vagamente culpada!) Para atingir um estado de invisibilidade é preciso suspender toda a ação, e *também suspender as ondas cerebrais!* Se se consente que o cérebro físico funcione (pense), qualquer pessoa próxima pode tornar-se telepa-ticamente cônscia da sua presença (ver) e assim se perde o estado de invisibilidade. Há homens no Tibete capazes de se tornarem invisíveis à vontade, que são capazes de ocultar as suas ondas mentais. É talvez uma circunstância feliz que sejam tão poucos.

A levitação pode ser praticada, e às vezes o é, simplesmente pelo prazer do exercício. Mas é um método desajeitado de viajar; o esforço necessário é considerável. As pessoas realmente eficientes usam a viagem astral, que é de fato uma questão da maior simplicidade... desde que se tenha tido um bom professor. Eu o tive e podia (posso) viajar astralmente. Mas não me posso tornar invisível apesar de todos os meus esforços. Teria sido muito conveniente poder desaparecer sempre que exigissem de mim qualquer coisa desagradável, mas tal capacidade foi-me negada.

Praticamos também muito daquilo a que no Ocidente se chama "ioga". Trata-se, é claro, de uma grande ciência, que pode levar ao aperfeiçoamento humano. Na minha opinião, a ioga não é apropriada para os povos ocidentais, sem sofrer previamente grandes modificações. Conhecemos essa ciência há séculos; as posições fundamentais são-nos ensinadas desde a mais tenra idade. Os nossos membros, esqueletos e músculos são todos treinados com vista à prática da ioga. Ocidentais, sobretudo de idade madura, que tentam algumas dessas posições, podem sofrer danos sérios. Isso é simplesmente a minha opinião como tibetano; mas parece-me, de fato, que, a menos que se estude um conjunto de exercícios modificados, é preciso cautela na prática desses exercícios. Além disso, é preciso ter um excelente professor, que conheça perfeitamente a anatomia tanto masculina como feminina, para que os resultados sejam satisfatórios. Porque não são só as posições que podem prejudicar!

Respirar de acordo com um padrão predeterminado é o segredo principal de muitos dos fenómenos tibetanos. Mas, mais uma vez, a menos que se tenha um professor experiente e sensato, tais exercícios podem ser extraordinariamente danosos, quando não fatais. Muitos viajantes têm escrito acerca dos "corredores", lamas que podem controlar de tal forma o peso do seu corpo *(não* se trata de levitação) e que correm a altas velocidades durante horas a fio, mal tocando o chão sobre que passam. Tal exercício requer imensa prática, e o corredor tem de encontrar-se num estado de semitranse. O anoitecer é a melhor hora para o praticar, quando há estrelas sobre as quais se podem fixar os olhos, e o terreno não deve ser acidentado, nada devendo quebrar esse estado de semitranse. O homem que assim corre tem de estar numa condição semelhante à dos sonâmbulos. Visualiza o seu destino, mantém-no constantemente em frente da sua terceira visão, e recita sem cessar a mantra apropriada. Assim correrá hora após hora, chegando ao seu destino sem a mais ligeira fadiga. Esse sistema só tem uma vantagem sobre as viagens astrais. Nestas, uma pessoa move-se no estado espiritual, e portanto não pode mover objetos materiais; não pode, por exeinplo, levar os seus pertences. O *arjopa*, como nós chamamos ao corredor, pode transportar a sua carga normal, mas neste caso tem maiores dificuldades.

A respiração correta possibilita ao tibetano instruído sentar-se sobre gelo, a cinco mil metros de altitude, e conservar-se quente, tão quente que derrete o gelo à sua volta, e a suar profusamente.

Permitam-me uma pequena digressão: há tempos contei a alguém que eu próprio tinha feito isto a seis mil metros acima do nível do mar; o meu interlocutor, com toda a seriedade, perguntou-me: "Com a maré alta, ou baixa?"

Experimentaram alguma vez levantar um objeto pesado com os pulmões vazios de ar? Experimentem e descobrirão que é quase impossível. Encham agora os pulmões o mais possível, contenham a expiração e levantarão o mesmo objeto com toda a facilidade. Ou, quando estiverem assustados, ou coléricos, respirem fundo, tão fundo quanto puderem, e contenham a

respiração durante dez segundos; depois expirem lentamente; repitam o exercício três vezes, pelo menos, e verificarão que o ritmo cardíaco diminui e que se sentem perfeitamente calmos. Essas pequenas experiências podem ser tentadas por qualquer pessoa sem o menor perigo. O conhecimento do controle da respiração ajudou-me a suportar as torturas japonesas sem o sofrimento e a dificuldade que seriam de esperar.

Chegara a época de me apresentar a exames finais do lamaísmo. Antes, porém, tinha de ser abençoado pelo Dalai-Lama. Todos os anos, ele abençoa individualmente todos os monges do Tibete, e não em conjunto, como faz, por exemplo, o Papa de Roma. O Mais Precioso toca a maioria çom uma borla atada na ponta de um pau. Mas naqueles a quem favorece, ou que são de alta estirpe, ele toca diretamente na cabeça com uma das mãos. Os altamente favorecidos são abençoados colocando ambas as mãos sobre as suas cabeças. Pela primeira vez ele colocou ambas as mãos sobre a minha e disse em voz baixa: "Está indo muito bem, rapaz, porte-se ainda melhor no seu exame. Justifique a fé que em você depositamos".

Três dias antes do meu décimo sexto aniversário apresentei-me a exame, juntamente com cerca de catorze candidatos. Os cubículos de exame pareciam menores (talvez porque eu tivesse crescido!); quando me estendi no chão, com os pés de encontro a uma das paredes, podia tocar na outra parede de mãos estendidas acima da cabeça, mas ficava assim com os braços dobrados nos cotovelos. Esses cubículos eram quadrados, e a parede da frente era tal que eu chegava ao alto com as mãos bem estendidas acima da cabeça; a parede do fundo tinha quase o dobro da altura. Não havia teto, portanto tínhamos ar em abundância! Mais uma vez, fomos revistados antes de entrar, e só nos foi permitido conservar a nossa tigela de madeira, o rosário e o material de escrita. Satisfeitos os vigilantes, cada um de nós foi conduzido ao seu cubículo e as portas foram fechadas pelo lado de fora com uma pesada barra; estas barras eram seladas pelo abade, acompanhado do exami-nador-chefe, de forma a que a porta não pudesse ser aberta sem o seu

conhecimento. Um pequeno postigo com uns quinze centímetros de lado também só podia ser aberto pelo lado de fora. Através deste passavam-nos os questionários no princípio de cada dia, e por ele os retiravam ao anoitecer. Uma vez por dia, recebíamos a nossa ração de *tsampa;* mas chá amanteigado podíamos beber quanto quiséssemos, para o que bastava gritar: *"Põ-cha kespo"* ("Tragam chá"). Como não nos era permitido sair dos cubículos fosse para o que fosse, nenhum de nós bebia demasiado!

A minha estada naquele cubículo durou dez dias. Exame de ervas, anatomia, um assunto de que já tinha um conhecimento muito razoável, e teologia. Estas matérias ocuparam-me desde o amanhecer ao anoitecer de cinco dias aparentemente infindáveis. O questionário do sexto dia consistia em metafísica e ioga: nove variedades de ioga'. E eu tinha de passar em todas. Cinco variedades são ligeiramente conhecidas do mundo ocidental: *hata ioga,* que ensina o domínio sobre o corpo físico, ou veículo; *kunda-lini ioga,* que confere ao praticante forças psíquicas, clarividência etc; *laya ioga,* que ensina o domínio sobre a mente, por exemplo, a recordação permanente de qualquer. coisa lida e ouvida; *raja ioga,* que prepara o praticante para a consciência e sapiência transcendentais; *samadi ioga,* que leva à iluminação suprema e permite ao praticante vislumbrar as finalidades e os planos para além da vida terrena. É esta a variedade que dá ao praticante o poder de, no instante de sair da vida terrena, entrar na Realidade Maior e de abandonar o Círculo de Renascimento, a menos que tenha decidido voltar à Terra para fins especiais, tais como ajudar os outros em qualquer problema particular. As outras formas de ioga não podem ser discutidas num livro desta natureza, e o meu conhecimento das línguas ocidentais é inadequado para tratar com proficiência de assuntos tão profundos.

Esses assuntos ocuparam-me outros cinco dias, em que fiquei no meu cubículo como uma galinha choca. Mas mesmo exames de dez dias têm de terminar, e quando um lama veio buscar o último questionário, na décima noite, recebi-o com sorrisos de prazer. Nesta noite tivemos hortaliças com a nossa *tsampa,* a

primeira mudança de alimentação em dez dias, e não tive a menor dificuldade em adormecer. Nunca duvidara do resultado, mas preocupava-me ligeiramente a classificação; tinha-me sido ordenado que fosse um dos primeiros da lista. Na manhã seguinte, quebraram os selos que fechavam as portas, levantaram as barras, e nós tivemos de limpar os nossos cubículos antes de nos ser autorizado abandoná-los. Deram-nos então férias de uma semana para recuperar as forças daquela prova tão exaustiva. Seguiram-se dois dias de judo em que tínhamos de usar todos os golpes conhecidos e de tornar o adversário inconsciente com os nossos golpes anestésicos. Mais dois dias foram dedicados a exames orais sobre matérias das provas escritas, em que os examinadores nos interrogaram somente sobre os nossos pontos fracos. Outra semana, durante « qual cada um de nós reagiu de acordo com o seu temperamento e ao fim da qual os resultados foram anunciados. Para minha grande alegria o meu nome encabeçava a lista. A minha alegria tinha duas razões: porque provava que o Lama Mingyar Dondup era o melhor professor e porque sabia que o Dalai-Lama ficaria contente tanto com o meu professor quanto comigo.

Dias mais tarde, quando estava trabalhando com o Lama Mingyar Dondup nos seus aposentos, a porta se abriu e um mensageiro afogueado entrou. Trazia nas mãos uma mensagem: "D'O Mais Precioso para o muito honrado lama-médico Terça-Feira Lobsang Rampa". Uma mensagem: não, não queria abri-la. Não havia dúvida, no entanto, de que me era dirigida; mas... que conteria? Mais estudos? Mais trabalho? Parecia enorme e muitíssimo oficial. Enquanto não a abrisse não saberia o que continha e portanto ninguém poderia censurar-me por não fazer o que nela se me ordenasse. Foram esses os meus primeiros pensamentos. O meu guia ria-se, de forma que lhe entreguei a carta. Abriu-a, levando muito tempo nisso, para me irritar ainda mais. Por fim, quando a minha febre de impaciência atingia o auge, disse: "Está bem, pode respirar outra vez. Temos de ir à Potala ver o Dalai-Lama sem demora. Diz aqui que devo ir também". Tocou no gongo a seu lado e ordenou ao seu acólito

que nos aprontasse imediatamente os cavalos brancos. Mudamos rapidamente de hábito e escolhemos os nossos dois melhores lenços brancos. Fomos juntos ver o abade e comunicar-lhe que tínhamos de ir à Potala ver O Mais Precioso.

Acólitos esperavam-nos no pátio com os nossos cavalos. Montamos e descemos a montanha. Logo que chegamos, outros acólitos levaram os nossos cavalos e fomos conduzidos imediatamente aos aposentos d'O Mais Precioso. Entrei sozinho, fiz as minhas prostrações e apresentei o lenço.

"Sente-se, Lobsang, estou muito satisfeito com os resultados dos seus exames. Estou também muito contente com o Mingyar pela parte que lhe cabe no seu sucesso. Eu próprio li todas as suas provas de exame."

Essa informação deu-me calafrios. Um dos meus defeitos, tinha-me sido dito com frequência, é ter um senso de humor um tanto ou quanto deslocado. Esse senso de humor aparecia de vez em quando nas minhas respostas a perguntas de exame, porque algumas delas, francamente, pedem essa espécie de resposta! O Dalai-Lama leu os meus pensamentos e riu-se: "Pois é, às vezes, uma ironia um bocadinho deslocada, mas..." Uma pausa longa durante a qual temi os piores resultados: "Mas achei imensa graça".

Fiquei com ele umas duas horas; durante a segunda, o Dalai-Lama mandou chamar o meu guia e deu-lhe instruções a respeito do meu treino futuro. Tinha de submeter-me à Cerimónia da Pequena Morte, tinha de visitar, com o Lama Mingyar Dondup, outros lamastérios e tinha de estudar com os quebradores de corpos. Como estes últimos eram de casta baixa, e o seu trabalho era da mesma natureza, o Dalai-Lama deu-me uma ordem escrita de forma a poder conservar a minha casta durante a estada entre eles. Pedia nessa ordem aos quebradores de corpos que me prestassem "toda e qualquer assistência", de forma a que os segredos dos corpos me pudessem ser revelados. "Fica ainda autorizado a guardar qualquer corpo, ou parte de um corpo, de que possa necessitar para os seus estudos."

Antes de descrever os nossos métodos para dispor dos corpos dos mortos talvez seja aconselhável explicar mais pormenorizadamente o ponto de vista tibetano acerca da morte. A nossa atitude é muito diferente da dos povos ocidentais. Para nós um corpo não é mais que uma "casca", uma cobertura material para o espírito imortal. Para nós um corpo morto vale menos que um trajo velho que se abandona. No caso de uma pessoa que morre de morte natural, isto é, não de forma violenta e súbita, consideramos que o processo se passa assim: o corpo está doente, falhado, e tornou-se tão desconfortável para o espírito que este é incapaz de aprender quaisquer lições mais. Chegou portanto a hora de jogar fora o corpo. Pouco a pouco, o espírito retira-se e exterioriza-se; a forma espiritual tem exatamente o mesmo contorno que o invólucro carnal e pode ser vista nitidamente por um clarividente. No momento da morte, o cordão que junta os corpos físicos e espiritual (o cordão de prata da Bíblia cristã) adelgaça-se, quebra-se e o espírito afasta-se. É nessa ocasião que ocorre a morte, que não é mais que o nascimento numa nova vida, pois esse cordão é semelhante ao cordão umbilical que é cortado para permitir ao recém-nascido uma experiência independente. No momento da morte o resplendor da força vital extingue-se à volta da cabeça. Esse resplendor também pode ser visto por um clarividente.

Na nossa opinião, um corpo leva três dias a morrer; é esse o tempo necessário para a cessação de toda a atividade física e para o espírito, a alma, ou o ego, libertar-se completamente do seu invólucro carnal. Acreditamos que durante a vida de um corpo se forma um duplo etéreo; esse duplo pode tornar-se um fantasma. Provavelmente toda a gente já sentiu a seguinte sensação: depois de olhar para uma luz forte, virar-se e, aparentemente, continuar a ver a luz. Nós consideramos a vida um fenómeno elétrico, um campo de força, e esse duplo etéreo que fica para além da morte é semelhante à luz que se vê *depois* de olhar para um forte foco luminoso, ou, em termos de eletricidade, como um forte campo magnético residual. Se o corpo tem razões *fortes* para se agarrar à vida cria uma forte

força etérea, e esta forma é um fantasma que fica a habitar os cenários familiares.

Há três corpos básicos: o carnal, por intermédio do qual o espírito aprende as árduas lições da vida; o etéreo, ou magnético, que é construído por cada um de nós com a nossa lascívia, os nossos apetites, as nossas paixões fortes; e o espiritual, a "alma imortal". Esta é a nossa crença la-maísta, que não corresponde necessariamente à crença budista ortodoxa. Uma pessoa, ao morrer, tem de passar por três estágios: é preciso dispor do seu corpo físico; é preciso dissolver o seu etéreo; e é preciso ajudar o seu espírito a encontrar o caminho no seu plano de existência especial. Os antigos egípcios acreditavam também nesse duplo etéreo, nos guias dos mortos e no mundo do espírito. No Tibete ajudamos as pessoas antes de morrerem. O homem instruído não tem necessidade de tal auxílio, mas o homem comum, ou mesmo o *trappa*, tem de ser guiado através de toda a viagem. Talvez seja interessante descrever o processo. Um dia, o muito honrado mestre dos mortos mandou chamar-me. "É tempo de estudar os métodos práticos de libertar a alma, Lobsang. Hoje, irá comigo." Caminhamos ao longo dos compridos corredores, descemos degraus escorregadios, até os aposentos dos *trappas*. Ali, numa "enfermaria", um velho monge aproximava-se daquela estrada que todos nós havemos um dia de percorrer. Tivera um ataque e estava fraquíssimo. As forças faltavam-lhe e, enquanto o obser-vava, as suas cores aureolares esmoreciam. Tinha de ser mantido consciente a todo o custo até não haver mais vida para manter esse estado. O lama que estava comigo tomou com gentileza entre as suas as mãos do moribundo. "Aproxima-se do momento de se libertar dos sofrimentos da carne. Ouça-me bem para que possa escolher o caminho mais fácil. Os seus pés esfriam. A sua vida esvai-se. Componha os seus pensamentos, pois nada há a temer. A vida abandona os seus membros e a sua visão torna-se indistinta. O frio vem subindo por você, seguindo a vida que lhe foge. Componha os seus pensamentos, pois nada há a temer na libertação da vida para uma realidade maior. As sombras da

noite eterna começam a toldar a sua vista e a sua respiração dificilmente passa pela sua garganta. Aproxima-se o momento para a libertação do seu espírito, para que este goze dos prazeres da vida eterna. Componha os seus pensamentos, a hora da sua libertação aproxima-se."

Enquanto assim falava, o lama passava a mão desde a clavícula ao alto da cabeça do moribundo de uma forma que se provou libertar o espírito com um mínimo de dor. O moribundo ia sendo constantemente avisado dos obstáculos que lhe surgiam no caminho e da melhor maneira de os evitar. Desçrevia-se-lhe com exatidão a estrada, estrada que tinha sido determinada pelos lamas telepáticos já mortos e que continuavam a comunicar-se conosco da vida eterna.

"A sua visão desapareceu completamente e a sua respiração está a parar dentro de você. O seu corpo se esfria e os sons desta vida já não chegam aos seus ouvidos. Componha os seus pensamentos em paz, pois a sua morte chegou. Siga a estrada que lhe indicamos e encontrará paz e alegria."

Os movimentos da mão do lama continuavam enquanto a auréola do velho se desvanecia cada vez mais até desaparecer completamente. O lama soltou um grito súbito e explosivo, um ritual antiquíssimo que ajuda a libertar completamente o espírito. A força vital juntou-se numa massa semelhante a uma nuvem sobre o corpo imóvel agitando-se em grande confusão, até formar-se uma réplica esfumada do corpo a que tinha estado ligada pelo cordão de prata. O cordão adelgaçou-se lentamente e, assim como um bebé renasce quando se corta o cordão umbilical, assim o velho renasceu na vida seguinte. Lentamente, como uma nuvem no céu, ou o fumo de incenso num templo, aquela forma afastou-se. O lama continuou a dar instruções telepáticas durante a primeira fase da jornada. "Está morto. Aqui nada mais há para você. Cortaram-se os nós que o prendiam à carne. Está no *bardo.* Siga o seu caminho e nós seguiremos o nosso. Siga o caminho prescrito. Abandone este mundo de ilusão e entre na Realidade Maior. Está morto. Continue o seu caminho."

As nuvens de incenso elevavam-se no ar. A distância, os tambores rufavam surdamente; dum ponto alto no telhado do lamastério uma trombeta grave lançava sobre a paisagem a sua mensagem de morte; dos corredores, lá fora, chegavam até nós os sons de uma vida vigorosa, o arrastar de botas de feltro e o mugir cavo de um iaque. Mas ali, naquele pequeno quarto, tudo era silêncio: o silêncio da morte. Só as instruções telepáticas do lama agitavam a camada do silêncio. A morte: outro velho partira na sua roda da existência, aproveitando talvez as lições desta vida, mas destinado a continuar até atingir o estado de Buda, ao fim de longo e continuado esforço.

Sentamos o corpo na posição correta de lótus e mandamos chamar os que preparam os corpos. Vieram também outros para continuar a instrução telepática do espírito liberto. Esta instrução continuava durante três dias, durante os quais os lamas se revezavam. Na manhã do quarto dia chegou um dos quebradores de corpos, da colónia que fica onde a estrada de Lingkhor se ramifica para Dechlen Dzong. Com a sua chegada os lamas terminaram as suas instruções e o corpo foi-lhe entregue; apertou-o em círculo e embrulhou-o num pano branco, com um movimento rápido e destro atirou com a trouxa para os ombros e afastou-se; lá fora colocou-o sobre o dorso de um iaque, atou-o bem às costas do animal e partiu.

O lugar onde trabalham os quebradores de corpos encontra-se numa paisagem desolada, semeada de rochas enormes, entre as quais se conta uma grande laje de superfície chata, de tamanho suficiente para se lhe colocar em cima um corpo inteiro. Nos quatro cantos desta laje há quatro orifícios com um poste em cada um. Outra pedra chata está cavada até cerca de metade da sua espessura.

Coloca-se o corpo na primeira laje; atam-se os braços e pernas aos quatro postes; o cortador principal abre o corpo ao meio, com uma faca comprida, fazendo incisões longas e profundas para que os músculos possam ser retirados em longas tiras; depois, cortam-se os braços e as pernas, e, finalmente, decepa-se e abre-se a cabeça.

Logo que o homem que transporta o cadáver se aproxima, os abutres descem do céu e empoleiram-se pacientemente nas rochas circundantes, como espectadores num teatro ao ar livre. Há entre esses pássaros uma hierarquia estrita.

O quebrador principal abre o tórax do cadáver, mergulha as mãos e retira o coração, à vista do qual o abutre-chefe desce para o vir buscar à mão estendida do cortador. A ave que se segue na escala hierárquica desce depois para levar o fígado; os rins, os intestinos, tudo é dividido entre estes pássaros-chefes; aos outros todos cabem as tiras de tecido muscular. Num tempo surpreendentemente curto desaparecem todos os órgãos internos e o tecido muscular, sem deixar mais que os ossos limpos estendidos sobre a laje. Os quebradores partem-nos em pedaços de tamanho conveniente, como quem quebra cavacos, metem-nos na cavidade da outra laje e, por meio de pesadas maças, pulverizam-no. Mais tarde os pássaros comem também esses ossos moídos!

Esses quebradores de corpos são homens altamente especializados. Entregam-se à sua tarefa com orgulho profissional e, para seu próprio governo, examinam todos os órgãos para descobrir a causa da morte. Uma longa experiência permite-lhes fazer tal trabalho com notável facilidade. É claro que não têm qualquer obrigação especial para se interessar pelo assunto, mas é uma questão de tradição descobrir a razão que levou o "espírito a abandonar o seu veículo". Se uma pessoa foi envenenada — ou por acidente ou criminosamente — o fato depressa se descobre. Para mim, o seu saber foi de grande benefício enquanto estudei com eles. Em breve me tornei proficiente na arte difícil de dissecar corpos. O cortador-chefe ficava a meu lado e ia apontando as particularidades mais curiosas: "Este homem, muito honrado lama, morreu em consequência de uma interrupção do fluxo sanguíneo. Veja, vamos abrir esta artéria, aqui, e. . . cá está o coágulo que interrompeu o fluxo sanguíneo". Ou: "Esta mulher, por exemplo, muito honrado lama, tem um aspecto estranho. O defeito deve ter sido glandular. Vamos abri-la e ver". Seguia-se uma pausa

enquanto fazia os cortes apropriados e, depois, acrescentava: "Cá está um núcleo endurecido".

E assim por diante. Os homens orgulhavam-se de ensinar-me o que sabiam, pois sabiam que estava com eles por ordem expressa d'0 Mais Precioso. Se eu não estava presente, e chegava um cadáver particularmente interessante, guardavam-no até eu voltar. Dessa maneira, tive ocasião de examinar centenas de cadáveres, o que muito me ajudou na aquisição de um alto grau de excelência na arte cirúrgica! Esse sistema é evidentemente muito melhor que o ocidental, em que os estudantes de medicina têm de dividir entre si cadáveres na sala anatómica de um hospital escolar. Eu sei por mim que aprendi mais anatomia com os quebradores de cadáveres que, mais tarde, quando frequentei um hospital médico perfeitamente equipado.

No Tibete os cadáveres não podem ser enterrados. Em primeiro lugar, o trabalho seria hercúleo devido à natureza rochosa do terreno e à delgadíssima camada de solo que cobre a rocha. A cremação não é possível por motivos económicos: a madeira é escassa, e para cremar um corpo seria necessário importar madeira da índia e transportá-la através das montanhas no lombo dos iaques. O custo seria simplesmente fantástico. Deitá-los aos rios não seria admissível, pois poluiriam a água que a população utiliza. Não há portanto outro processo ao nosso alcance, além do descrito, em que as aves consomem a carne e os ossos. Só difere do processo ocidental em duas coisas: os ocidentais enterram os cadáveres e, portanto, os vermes tomam o lugar das aves; e a causa da morte é enterrada com o corpo e ninguém sabe se a certidão de óbito mostra a verdadeira causa da morte. Os nossos quebradores de cadáveres *certificam-se* do motivo da morte da pessoa.

É assim que dispomos dos corpos de toda a gente que morre no Tibete, com exceção dos lamas de categoria mais elevada, aqueles que são encarnações prévias. Estes são

embalsamados e colocados em caixões de vidro, onde podem ser examinados num templo, ou embalsamados e cobertos com

folhas de ouro. Esse último processo é interessantíssimo. Eu próprio tomei partes nestes preparativos. Certos americanos que leram as minhas notas sobre o assunto não podem acreditar que usemos realmente ouro; dizem eles que isso estaria além das capacidades técnicas "até dos americanos"!

É verdade que não nos entregamos a esse processo em produção em massa, mas que lidamos com cada indivíduo como só verdadeiros artífices o podem fazer. No Tibete não temos meios de fabricar relógios para vender por um dólar; mas temos possibilidades de cobrir um cadáver com folhas de ouro.

Uma tarde, fui chamado à presença, do abade, que me disse: "Uma encarnação prévia está prestes a abandonar o corpo. Encontra-se neste momento na Sebe das Rosas. Gostaria que lá fosse para observar a Conservação Sagrada".

Quando cheguei ao lamastério, conduziram-me imediatamente ao quarto do velho abade. As suas cores aureolares estavam prestes a se extinguir, e cerca de uma hora mais tarde passou do corpo para o espírito. Como abade e homem erudito, não havia necessidade de lhe mostrar o caminho através do *bardo*. Nem era preciso esperar os três dias usuais. Foi só durante essa noite que o corpo ficou sentado na posição de lótus enquanto os lamas faziam a vigília.

Na manhã seguinte, ao romper do sol, dirigimo-nos em procissão solene através do edifício principal do lamastério; entramos no templo e descemos às passagens secretas subterrâneas. À minha frente dois lamas transportavam o cadáver numa liteira; continuava sentado na posição de lótus; os monges atrás entoavam um cântico sagrado e, nos intervalos do canto, ouvia-se o tilintar de uma campainha de prata. Todos levávamos os nossos hábitos vermelhos cobertos por estolas amarelas. Por fim, a uns quinze ou vinte metros abaixo da superfície da terra, chegamos a uma porta selada. Entramos numa sala geladíssima. Os monges colocaram o corpo cuidadosamente e partiram, ficando apenas três lamas e eu. Centenas de lamparinas de manteiga iluminavam a sala. Despimos o corpo e lavamo-lo cuidadosamente. Pelos orifícios

naturais retiramos os órgãos internos, que foram colocados em jarras cuidadosamente seladas. Depois, a cavidade foi cuidadosamente lavada a seco, despejando-se a seguir lá para dentro uma laca especial. Esta endureceria dentro do corpo de forma a conservar a forma externa. Assim que a laca secou e endureceu, recheou-se o corpo e despejou-se mais laca, com grande cuidado para não deformar o contorno. Pintou-se depois o corpo com a mesma laca e esperou-se que esta secasse. Sobre a superfície agora endurecida besuntou-se uma "solução de casca", de forma a que se pudesse mais tarde descascar sem causar danos ao corpo a fina película de seda de que o íamos agora revestir. Por fim, quando se considerou coberta de seda suficiente, despejou-se mais laca sobre o corpo (uma laca diferente), o qual ficou pronto para a fase seguinte dos preparativos. Deixamo-lo ficar durante um dia e uma noite para que a secagem final e completa fosse um fato. Ao fim desse tempo voltamos à sala e encontramos o corpo duro e rígido, sempre na posição de lótus. Transportamo-lo em procissão até uma sala mais abaixo, a qual era de fato um forno de grossas paredes de pedra onde a temperatura se mantinha regular e muito elevada.

O chão estava coberto de uma camada espessa de um pó especial; no meio deste colocamos o cadáver. Por baixo, os monges já estavam a preparar-se para acender os fogos. Cuidadosamente fomos guarnecendo toda a sala com um sal especial de um distrito do Tibete e uma mistura de ervas e minerais até o interior da sala ficar cheio do chão ao teto dessa mistura, que circundava agora o corpo como um envoltório. Ordenamos então que se acendesse o fogo, depois de fechar a porta e lhe impormos o selo do lamastério. O fogo, começado com madeira e restos de manteiga, foi depois mantido com estrume de iaque. Manteve-se o fogo aceso durante uma semana inteira e ao fim do sétimo dia não se acrescentou mais combustível; o fogo foi baixando gradualmente até se apagar. As espessas paredes de pedra estalavam durante o processo de arrefecimento; uma vez mais o corredor arrefeceu o suficiente

para podermos aproximar-nos; mesmo assim, esperamos três dias até o forno voltar à temperatura normal. No décimo primeiro dia depois da selagem, quebrou-se o grande selo e abriu-se a porta. Turnos de monges escavaram o composto endurecido com as mãos; não podiam usar ferramentas, pois estas poderiam danificar o corpo. O seu trabalho durou dois dias, até a sala ficar esvaziada de tudo, menos do corpo sentado no seu centro. Levantamo-lo cuidadosamente e levamo-lo para a outra sala onde, à luz das lamparinas de manteiga, podíamos examiná-lo melhor. Descascamos as cobertas de seda uma a uma até atingirmos outra vez o corpo nu. A conservação tinha sido perfeita. Se não fora a cor ligeiramente mais escura poder-se-ia pensar que o corpo era o de um homem adormecido, que poderia acordar a qualquer momento. Os contornos estavam precisamente como em vida e não sofreram qualquer contração. Mais uma vez, aplicamos laca ao corpo nu e foi então que os sacerdotes-ourives começaram a sua parte do trabalho. Eram homens de uma habilidade extraordinária, verdadeiros mestres artífices. Homens que podiam cobrir um cadáver com ouro, trabalhando lentamente, camada sobre camada de finíssima e maciíssima folha de ouro, metal que valia uma fortuna fora do Tibete, mas que era aqui considerado apenas como metal sagrado — um metal incorruptível e portanto símbolo do estado espiritual final do homem. Esses sacerdotes-ourives trabalhavam com cuidado minucioso, dando atenção aos pormenores mais insignificantes, de forma que no fim a figura dourada ficava a cópia exata da vida, com cada linha e cada ruga reproduzida com grande fidelidade. Agora o corpo, pesado de ouro, foi transportado para a sala das Encarnações e, ali, como os outros que já lá se encontravam, colocado no seu trono de ouro. Nesta sala encontravam-se figuras desde os tempos mais remotos — sentadas em filas, como juizes, a observar de olhos semicerrados as fraquezas da geração presente. Ali falávamos em surdina e caminhávamos nos bicos dos pés, como se não quiséssemos perturbar os mortos-vivos. Atraía-me particularmente um certo lama — um poder estranho mantinha-me fascinado a olhar para

ele. Este lama parecia mirar-me com um sorriso misterioso. Nesse momento alguém me tocou levemente no braço e, de tão absorvido que estava, quase caí com o susto: "Esse era você, Lobsang, na sua última encarnação. Bem queria parecer-me que o havia de reconhecer!"

O meu guia levou-me à figura seguinte e informou-me: "E este era eu".

Em silêncio, nos bicos dos pés, abandonamos a sala e a porta foi selada após a nossa saída.

Voltei muitas vezes àquela sala para estudar os vultos cobertos de ouro, quase sempre sozinho, para me sentar à sua frente e meditar. Cada um possuía a sua história escrita, que estudei com grande interesse. Ali estava a história do meu atual guia, o Lama Mingyar Dondup, a história do que fizera no passado, um sumário do seu caráter e das suas habilidades, as dignidades e honrarias que lhe haviam sido conferidas e as circunstâncias da sua morte.

Ali estava também a história do *meu* passado, ao estudo da qual devotei também grande atenção. A história do Tibete estava à minha frente. Pelo menos assim pensei. Mas a história mais antiga havia de me ser revelada mais tarde.

Capítulo dezessete

INICIAÇÃO FINAL

Depois de ter assistido, em alguns lamastérios, ao embalsamamento de meia dúzia de pessoas, o abade superior de Chakpori mandou chamar-me. "Meu amigo, por ordem expressa d'O Mais Precioso, chegou a hora de ser iniciado como abade. A seu pedido, pode — como o Mingyar Dondup — continuar a ser tratado como o título de lama."

Assim, como Encarnação Reconhecida, ia ser-me conferido o grau com que tinha deixado a Terra havia uns seiscentos anos. A Roda da Vida descrevera um círculo completo.

Algum tempo mais tarde, um lama idoso veio ao meu quarto e disse-me que tinha de submeter-me à cerimónia da Pequena Morte. Porque, "meu filho, até ter passado os portões da morte e voltado não pode saber com certeza absoluta que *não há de fato morte*. Os seus estudos em viagens astrais têm-no levado longe. Mas esta levá-lo-á mais longe ainda, para além dos reinos da vida, para os confins do passado do nosso país".

O treino preparatório foi duro e prolongado. A minha vida estritamente controlada durante três meses. Rações especiais de erva? de gosto horrível davam um tempero desagradável às mrobãs refeições. Tive de jurar manter os meus pensamentos "só no que há de mais puro e sagrado". Como se num lamastério a escolha fosse muito grande! Até a *tsampa* e o chá tinham de ser tomados em menores quantidades. Rígida austeridade, disciplina estrita, e longas, longas horas de meditação.

Por fim, três meses decorridos, os astrólogos declaravam que chegara o momento, que os portentos eram favoráveis. Jejuei durante vinte e quatro horas até me sentir tão vazio como um tambor. Depois, fui conduzido através daquelas escadarias e corredores escondidos nos subterrâneos do interior da Potala. Embrenhávamo-nos pelas entranhas da terra, enquanto outros alumiavam o caminho com tochas flamejantes. Chegamos por fim ao término desse corredor. Defrontávamos rocha sólida mas, quando nos aproximamos, um penedo enorme deslizou e abriu caminho. Outro corredor abria-se à nossa frente — um corredor estreito e escuro, com um cheiro de ar estagnado, especiarias, incenso. Alguns metros mais adiante, tivemos de parar uns momentos em frente de uma pesada porta chapeada de ouro, que se abriu lentamente com um chiar de protesto que ecoava e reecoava através do espaço imenso. Ali apagaram-se as tochas e acenderam-se lamparinas de manteiga. Entramos num templo escondido cavado na rocha pela ação vulcânica do passado. Esses corredores e passagens tinham em tempo sido os condutos da lava derretida a caminho da boca fumegante de um vulcão ativo. Agora, homens insignificantes palmilhavam o mesmo

caminho e pensavam que eram deuses. Ali era o Templo da Sabedoria Secreta.

Conduziram-me três abades; o resto da procissão tinha desaparecido no escuro, como as memórias fugazes de um sonho. Três abades, idosos, dessecados pelos anos, que esperavam alegremente a chamada aos Campos Celestes. Três velhos, talvez os maiores metafísicos de todo o mundo, prontos a submeterem-me à prova final da iniciação. Cada um transportava na sua mão direita uma lamparina de manteiga e, na esquerda, um grosso pau de incenso fumegante. O frio era intenso: um frio estranho que não parecia deste mundo. O silêncio era profundo: os sons velados que podiam ouvir-se apenas serviam para sublinhar o silêncio. As nossas botas de feltro não faziam qualquer ruído: era como se fôssemos fantasmas. Os hábitos cor de açafrão dos abades faziam um vago farfalhar. Com grande horror meu, senti-me cheio de comichões e de pequenos choques que me percorriam o corpo. As minhas mãos resplandeciam. Os abades, reparei, resplandeciam igualmente. O atrito dos nossos hábitos no ar sequíssimo tinha gerado uma carga elétrica estática. Um abade entregou-me uma pequena vareta de ouro e sussurrou: "Segure isto com a mão esquerda e vá fazendo contato ao longo da parede e o desconforto passa".

Uma a uma, lamparinas de manteiga iluminaram-se, acesas por mãos invisíveis. À medida que a luz amarela ia aumentando, vi as figuras gigantescas, cobertas de ouro, e algumas meio enterradas em pilhas de gemas brutas. No meio da penumbra distinguia-se um Buda, tão grande que a iluminação não lhe passava da cintura. Outras formas surgiram enfurnadas: imagens de demónios, representações de lascívia, eas formas das provações que o homem tem de passar antes de atingir o estado espiritual puro.

Aproximávamo-nos de uma parede onde estava pintada um Roda da Vida com uns cinco metros de diâmetro. A luz bruxuleante parecia girar e fazer os sentidos girarem com ela. Continuamos o nosso caminho e eu julgava ir a todo o momento

bater com a cabeça de encontro às rochas. O abade que me havia conduzido desapareceu: o que eu julgava ser uma sombra mais escura era uma porta escondida. Esta dava para outro corredor que descia cada vez mais — um carreiro estreito, íngreme, coleante, onde a luz fraquíssima das lamparinas dos abades parecia simplesmente intensificar a escuridão. Fomos tateando o nosso caminho, aos tropeções, escorregando às vezes. O ar era pesado e opressivo e parecia que todo o peso da terra estava em cima dos nossos ombros. Uma última curva e abriu-se à nossa frente uma caverna na rocha que brilhava como ouro: veios de ouro, pedras de ouro. Uma camada de rocha, uma camada de ouro, uma camada de rocha — e assim por diante. No alto, lá muito no alto, o ouro brilhava como as estrelas num céu noturno, conforme os veios captavam e refletiam a luz tremeluzente das lamparinas.

No centro da caverna havia uma casa negra, brilhante, que parecia feita de ébano polido. As paredes estavam cobertas de símbolos estranhos — de diagramas como os que vira nas paredes do túnel do lago. Caminhamos na direção desta casa e entramos. Lá dentro havia caixões de pedra preta com esculturas curiosas. Nenhum desses caixões tinha tampa. Espreitei e, ao ver o conteúdo, suspendi

a respiração e quase desmaiei. "Meu filho, olhe para eles. Eram deuses na nossa terra nos dias anteriores à chegada das montanhas. Caminharam pelo nosso país quando os mares banhavam as suas costas e quando as estrelas no céu eram diferentes. Olhe, porque só os iniciados os podem ver."

Olhei outra vez, fascinado e aterrado. Essas figuras de ouro, nuas, jaziam à nossa frente. Dois homens e uma mulher. Cada linha, cada marca, era fielmente reproduzida pelo ouro. Mas o tamanho! A mulher tinha pelo menos três metros e meio e o maior dos homens não tinha com certeza menos de cinco metros. As cabeças eram grandes e ligeiramente cónicas no alto. As mandíbulas eram estreitas, com bocas pequenas de lábios delgados. O nariz era longo e fino e os olhos, direitos e encovados. Mas não pareciam mortos, apenas adormecidos.

Num dos lados de uma tampa de caixão estava gravado um mapa do céu — mas que estranhas as estrelas pareciam! Os meus estudos de astrologia tinham-me familiarizado com o céu noturno, mas aquele era um céu muito diferente.

O abade mais velho voltou-se para mim e disse: "Está prestes a ser iniciado. A ver o passado e a conhecer o futuro. O esforço será enorme. Muitos morrem durante o processo e alguns falham. Mas nenhum sai daqui vivo a não ser que passe na prova. Está preparado?"

Respondi afirmativamente. Levaram-me até uma laje de pedra entre dois caixões e ali, por ordem deles, sentei-me na posição de lótus: as pernas cruzadas, a espinha ereta, as palmas das mãos viradas para cima.

Acenderam quatro paus de incenso, um para cada caixão e um para a minha laje. Cada um dos abades pegou na sua lamparina e abandonou a sala. Quando a pesada porta negra se fechou, fiquei só com aqueles corpos antiquíssimos. O tempo foi passando enquanto eu meditava, sobre a minha laje. A lamparina que trouxera bruxuleou e apagou-se. Durante alguns momentos, o pavio brilhou vermelho, com um ligeiro cheiro de pano queimado, e por fim até esse se extinguiu.

Estendi-me na laje e fiz os exercícios especiais de respiração que aprendera ao longo de muitos anos. O silêncio e a escuridão eram opressivos. Tratava-se na verdade do silêncio do sepulcro.

De repente o meu corpo tornou-se rígido, cataléptico. Os membros adormeceram e adquiriram a temperatura do gelo, Tive a sensação de morrer, de morrer naquele túmulo antiquíssimo a mais de cento e trinta metros de profundidade. Um estremeção percorreu-me o corpo com a impressão inaudível de um roçar e estalar estranho, como de couro velho que se desdobra. Gradualmente o túmulo começou a iluminar-se com uma luz azul estranha, como o luar num caminho de montanha. Senti outro estremeção e um erguer e um tombar. Durante um momento podia imaginar-me mais uma vez num papagaio que se balançava na ponta de uma corda. Foi nesse movimento que tomei consciência de estar a flutuar acima do

meu corpo carnal. Essa consciência foi acompanhada de movimento. Como uma nuvem de fumo velejei à frente de um vento que não sentia. Acima da minha cabeça via uma auréola dourada. Do meio do meu corpo descia um cordão de um azul prateado, que pulsava com vida e brilhava de vitalidade. Olhei para baixo, para o meu corpo estendido, que repousava como um cadáver no meio de cadáveres. As pequenas diferenças entre o meu corpo e o daquelas figuras gigantescas, no entanto, foram-se tornando pouco a pouco aparentes. O estudo era absorvente. Meditei na vaidade insignificante dos homens de hoje e tentei imaginar que explicações apresentariam os materialistas para a presença dessas figuras imensas. Meditei... mas tornei-me então consciente de que *algo* me começava a perturbar os pensamentos. Pareceu-me não estar só. Pedaços de conversas chegavam até mim juntamente com fragmentos de pensamentos inexpres-sos. Imagens isoladas começavam a iluminar-me a visão mental. De muito longe alguém parecia tanger um sino enorme. O som foi aproximando-se até parecer explodir dentro da minha cabeça. O meu corpo astral era agitado e impelido como uma folha num vendaval. Dores agudís-simas fustigavam-me a consciência. Senti-me só, abandonado, isolado no meio de um universo que se desmoronava. Um nevoeiro negro desceu sobre mim, e com ele uma calma que não era deste mundo.

Lentamente, esse negrume imenso que me envolvia foi desaparecendo. De algum ponto, chegava-me o ruído do mar, o chocalhar de seixos sob o impacto das ondas. Cheirava o ar salgado, o perfume acre das algas ao sol. A cena parecia-me familiar: deitei-me preguiçosamente de costas na areia aquecida pelo sol, descansando os olhos nas frondes das palmeiras. Mas uma parte de mim ia-me dizendo que nunca vira o mar, e que nunca sequer *ouvira* falar de palmeiras! De um bosquete próximo chegavam-me os sons de risos, de vozes que cresciam, enquanto um grupo feliz de gente bronzeada me apareceu diante dos olhos. Gigantes todos eles. Olhei para mim mesmo e verifiquei que eu também era um gigante. Das minhas

percepções astrais recebi as seguintes impressões: há uma imensidade enorme de anos a Terra girava mais perto do Sol, num sentido oposto ao do seu movimento atual; os dias eram mais curtos e mais quentes; vastas civilizações nasceram, e os homens sabiam mais do que hoje; das profundezas do espaço infindo um planeta desgarrado passou perto demais da Terra, atirando-a assim para fora da sua órbita, para entrar em outra mais distante do Sol, onde começou a girar no sentido oposto; vendavais levantaram-se e as águas encapeladas, sob forças gravitacionais diferentes, cresceram sobre a Terra, inundaram o mundo todo; terremotos violentíssimos fizeram estremecer todo o planeta; as terras mergulharam debaixo dos mares, enquanto outras se erguiam em outros pontos; a terra quente e agradável que fora o Tibete deixou de ser um paraíso à beira-mar para se elevar a uns quatro mil metros de altitude; à volta do país ergueram-se vastas montanhas que lançavam lava fu-megante, a distância; nas terras, brechas abriram-se na superfície e uma flora e fauna de idades passadas continuou a florescer; mas tudo isso é excessivo para ser descrito num livro só, e algumas das minhas percepções astrais são demasiadamente "sagradas e privadas" para poderem ser impressas.

Algum tempo mais tarde, as visões começaram a desvanecer-se. Gradualmente, a minha consciência, tanto astral como física, abandonou-me. Mais tarde ainda comecei a ficar desagradavelmente cônscio de sentir *frio* — o frio que faz sobre uma laje na escuridão gelada de um túmulo. O meu cérebro sentia dedos tateantes de pensamento. "Está voltando para nós. Aqui estamos!" Minutos passados e uma luminosidade vaga aproximou-se. Lamparinas de manteiga. Os três velhos abades. "Passou a prova, meu filho. Aqui jazeu durante três dias. Agora viu. Morreu e tornou a viver."

Pus-me de pé, inteiriçado, a cambalear de fraqueza e fome. Abandonei aquela câmara inesquecível e arrastei os pés através dos corredores gelados, quase desmaiado de fome e estarrecido por tudo o que vira e experimentara. Comi e bebi o que queria, e naquela noite, quando me deitei para dormir, sabia que em breve

teria de deixar o Tibete, de partir para países estranhos, conforme fora previsto.

Capítulo dezoito

ADEUS, TIBETE!

Alguns dias mais tarde, sentados eu e o meu guia nas margens do rio da Felicidade, um homem aproximou-se a galope. Ao ver o Lama Mingyar Dondup, fez estacar o cavalo de repente e gritou:

"Trago uma mensagem d'O Mais Precioso para o Lama Lobsang Rampa".

Desmontou, entregou a mensagem fazendo uma tríplice prostração, retirou-se de costas, voltou a montar o cavalo e partiu a galope.

Abri a missiva e li a mensagem antes de a passar ao meu guia e amigo, o Lama Mingyar Dondup.

"Tenho de ir de manhã ao Parque das Jóias ver O Mais Precioso, e tem de vir comigo."

"Normalmente não devemos pôr-nos a adivinhar o que quer O Precioso Protetor. Mas parece-me que em breve partirá para a China e eu, bem, como lhe disse, em breve voltarei ao Campos Celestes. Façamos o mais que pudermos deste dia e do pouco tempo que nos resta."

Na manhã seguinte, enquanto o Lama Mingyar Dondup e eu caminhávamos na direção do Parque das Jóias, ambos pensávamos que esta seria talvez a última vez em que faríamos juntos aquela jornada. Talvez essa preocupação se refletisse no meu rosto com demasiada evidência, porque quando cheguei, sozinho, à presença do Dalai-La-ma, este me disse: "A hora de partir, de encetar novos caminhos, é sempre árdua e cheia de desgostos. Aqui, neste pavilhão, tenho meditado durante horas a fio pensando no que será melhor, se ficar, se partir, quando o nosso país for invadido. Qualquer das decisões causará dor a

alguém. O seu caminho é sempre em frente, Lobsang, e não é um caminho fácil para *ninguém.* A família, os amigos, a pátria — tudo tem de abandonar. O caminho à sua frente contém, como lhe foi dito, dificuldades, torturas, incompre-ensões, descrenças — tudo o que é desagradável. Os hábitos dos estrangeiros são estranhos. Como lhe disse, eles só acreditam naquilo que podem fazer, naquilo que podem verificar nos seus laboratórios científicos. E, no entanto, ignoram por completo a maior de todas as ciências, a do oculto. É por aí o seu caminho, caminho que você mesmo escolheu antes de voltar a esta vida. Organizei as coisas de forma a poder partir para a China daqui a cinco dias".

Cinco dias! Cinco *dias!* Contava com cinco semanas. No regresso, nem o meu guia nem eu pronunciamos uma única palavra até estarmos outra vez dentro do templo.

"Tem de ir ver os seus pais, Lobsang. Vou mandar-lhes um recado."

Pais? O Lama Míngyar Dondup tinha sido para mim mais que pai e mãe. E em breve deixaria esta vida; antes de eu voltar ao Tibete. E então dele só poderia ver a figura coberta de ouro, na Sala das Encarnações — como um hábito velho abandonado pelo dono.

Cinco dias! Dias atarefados. Do museu da Potala trouxeram-me um terno ocidental para experimentar. Não que o fosse usar na China, onde o meu hábito de lama seria mais apropriado. Oh, naquele terno! Meteram-me as pernas em tubos de fazenda tão apertados que tinha medo de me dobrar. Agora percebia por que é que os ocidentais não podiam sentar-se na posição de lótus. Puseram à volta do meu tronco uma espécie de lençol branco e à volta do pescoço uma fita espessa tão apertada por um nó como se me quisessem estrangular. Sobre isto vestiram-me um pedaço de fazenda, com uns remendos e uns buracos, nos quais, explicaram-me, os ocidentais guardavam objetos. Enfiaram-me os pés numas "luvas" de couro, pesadas e grossas, atadas por fitas pretas. Com tudo isso em cima de mim, julguei que ia ficar estropiado e que seria depois incapaz de empreender a viagem à

China. Na cabeça enfiaram-me uma espécie de tigela preta, de pernas para o ar, com um rebordo em toda a volta. Disseram-me então que estava vestido como um "cavalheiro ocidental"!

No terceiro dia voltei à casa paterna. Só, a pé, como de lá saíra. Mas dessa vez era um lama, um abade. Meu pai e minha mãe estavam em casa para me receber: era agora um convidado de honra. À noite entrei no escritório do meu pai para assinar o meu nome e o grau no livro da família. Depois parti a pé, de volta ao lamastério que durante tantos anos fora o meu lar.

Os restantes dois dias depressa passaram. Na noite do último dia voltei a visitar o Dalai-Lama, para lhe apresentar as minhas despedidas e receber a sua bênção. Sentia o coração pesado ao despedir-me dele. A próxima vez que o visse, como ambos bem sabíamos, ele estaria morto.

Na manhã seguinte, ao romper da alva, parti. Com lentidão, com relutância. Uma vez mais sem lar, partia para lugares estranhos, para reaprender tudo do princípio. Ao chegar ao alto da montanha voltei-me para olhar pela última vez a cidade santa de Lhasa. No alto da Potala um papagaio solitário pairava.